

**UNIVERSIDADE GAMA FILHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DO CONHECIMENTO SOBRE AS ATIVIDADES
FÍSICAS PARA IDOSOS NO BRASIL**

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

**RIO DE JANEIRO
2/2008**

**UNIVERSIDADE GAMA FILHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

AUTOR: SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

TÍTULO DA TESE:

“A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DO CONHECIMENTO SOBRE AS ATIVIDADES FÍSICAS PARA IDOSOS NO BRASIL”

Tese apresentada como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho

Prof^a. Dr^a. Ludmila Mourão
(orientadora)

Prof^o. Dr^o. Edmundo Drummond Alves Junior
(co-orientador)

RIO DE JANEIRO
2/2008

**A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DO CONHECIMENTO SOBRE AS ATIVIDADES
FÍSICAS PARA IDOSOS NO BRASIL**

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

Apresenta a Tese

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Ludmila Mourão
(orientadora)

Prof^o. Dr^o. Edmundo Drummond Alves Junior
(co-orientador)

Prof^a. Dr^a. Sara Nigri Goldman

Prof^a. Dr^a. Vera Lucia de Meneses Costa

Prof^o. Dr^o. Lamartine Pereira DaCosta

DEDICATÓRIA

Aos meus velhos Silvio, Rosa e
Teresinha(in memoriam)
construtores do meu caráter,
alicerce moral de minha vida,
inspiração constante por serem
para mim representantes dos
idosos desse país.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por tudo e por todos.

A minha esposa, companheira e amiga Patrícia que ajudou, compreendeu e acima de tudo incentivou, tornando a realização desse trabalho realmente possível. Amor dos meus tempos de infância, adolescência e maturidade.

Ao meu filho Gabriel que tanto me esperou dividindo o pai com o “bendito computador”. Meu filho, obrigado.

A Oscar e Renaze pela ajuda e incentivo e acima de tudo por terem cumprido a promessa de permanecer ao nosso lado. A vocês, o meu muito obrigado.

Irmãos não se escolhe. Não tive a felicidade de tê-los. Contudo a vida se encarrega de resolver tal ausência. André Malina, Carlos Carvalho e suas respectivas famílias ao longo desses mais de dez anos suas amizades e exemplos me foram muito importantes.

A minha amiga e orientadora Ludmila, pessoa doce de capacidade ilimitada sabendo conduzir como poucos um estudo.

Ao Professor Edmundo Drummond sem o qual a tese não teria a menor possibilidade de ser concluída.

A Antonio Jorge Soares amigo que deu início e sentido a minha trajetória acadêmica.

À Universidade Gama Filho.

Ao professor Alfredo Gomes de Faria Jr pelas significativas contribuições nos primeiros passos desse estudo.

Aos entrevistados que cederam suas experiências contribuindo para a criação deste legado aos idosos do nosso Brasil.

Aos amigos, Kristine Wagner, Cláudio Paiva, Elen Furtado, Giselle Bernardo, Vera Bernardo, Denise Monte Mór, Gianina do Espírito Santo, Clair, Clotilde, Rosane, Cláudio Stockler e Vitor Marinho pela ajuda e fidelidade nesses anos de estudo.

A Sara Goldman pela contribuição precisa no momento da qualificação.

Aos membros da banca Vera e Lamartine pela disponibilidade e interesse

À memória do meu companheiro de profissão Marcos Avelar promessa interrompida de acadêmico brilhante.

EPÍGRAFE

Prá não dizer que não falei de flores

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...

Pelos campos a fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não...

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...

Geraldo Vandré

TELLES, Silvio de Cassio Costa. (2008) A construção do campo do conhecimento sobre as atividades físicas para idosos no Brasil. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: PPGEF / UGF.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmila Mourão

RESUMO

Com o passar dos anos a relação entre o idoso e a atividade física se tornou extremamente comum na nossa sociedade. A mídia, o saber médico e o Estado propalam a importância de um estilo de vida ativo que potencializa as chances do alcance da longevidade. Esta tese buscou compreender como o campo das práticas de atividades físicas para os idosos se configurou na sociedade brasileira, já que em um passado recente essa relação era de afastamento. O referencial teórico que possibilitou a elucidação do problema do estudo foi a Teoria dos Campos proposta por Pierre Bourdieu (1983), que permitiu analogias e prováveis influências entre diversos campos sociais, primordialmente com o campo do idoso na perspectiva internacional, que por ser precursor serviu de exemplo para a construção do campo do idoso e o da atividade física brasileira. Acredita-se que o período compreendido entre os anos de 1960 e 1980 tenha sido fundamental dentro dessa dinâmica, configurando-se como o recorte temporal utilizado por este estudo. Para o alcance dos objetivos metodologicamente dividimos o campo das práticas de atividades físicas para idosos em dois subcampos: sendo o primeiro o da intervenção que representa as práticas físicas propriamente ditas e o segundo o da teorização/pesquisa que compreende a análise das publicações tais como artigos, livros, periódicos além do conhecimento produzido nos programas de pós-graduação *scripto-sensu* em Educação Física. Também utilizamos a história oral como fonte primária que associada à fundamentação teórica do estudo, possibilitou articular e confrontar as informações obtidas. Através de seis entrevistas não estruturadas, do tipo guiada, com protagonistas elencados a partir da sua relevância na produção do conhecimento na área do idoso e/ou atividade física, construímos uma versão para o processo de gênese das práticas de atividades físicas para idosos no Brasil. As influências dos campos médico, econômico, político e educacional em maior ou menor escala acabaram por forjar o campo do idoso disseminando seus diretos e deveres. Somente a partir dessa construção o campo das atividades físicas para os idosos se constituiu como um apêndice, principalmente para a classe média, deflagrando novas atitudes, condutas, percepções enfim, uma mudança de *habitus*, um novo olhar que transformou o medo em confiança, a dúvida em certeza, o sedentarismo em dinamismo, a eminência da morte em ampliação de vida, enfim o arquétipo do homem moderno dos “novos velhos” brasileiros.

Palavras-Chave: Idosos - Atividade Física - Teoria do Campo

TELLES, Silvio de Cassio Costa. (2008) The construction of the knowledge's field about the physical activities for elderly in Brazil. (Doctorate Thesis) Rio de Janeiro: PPGEF / UGF.

Advisor : Prof^a. Dr^a. Ludmila Mourão

ABSTRACT

Over the years the relationship between the elderly and physical activity has become extremely common in our society. The media, the doctor knowledge and the State spread out the importance of an active lifestyle that increases the chances of longevity. This thesis aims to understand how the scope of physical activities practices for the elderly are set in Brazilian society, since in a recent past that was a distant relationship. The theoretical reference that enabled the elucidation of the study problem was the "Theory of Fields" proposed by Pierre Bourdieu (1983), which enabled analogies and probable influences between various social fields, primarily with the field of the elderly in a international perspective, which as a precursor, served as an example for the construction of the elderly field and Brazilian physical activity. It is believed that the period between the years of 1960 and 1980 has been crucial in this dynamic, reason why it was the time cut used for this study. In order to methodologically reach the goals, the field of elderly physical activities practices was split in two sub-areas: being the first that one with the intervention which represents the physical practice itself and the second the theoretical / research that includes the analysis of publications such as articles, books, journals besides the knowledge produced in master programs on Physical Education. We also use oral history as a primary source, which associated with the theoretical foundation of the study, has gotten to articulate and confront the information obtained. Through six unstructured guided type interviews with characters listed according to their importance in the production of knowledge in the area of the elderly and / or physical activity, we built a version of the genesis process of the practice of elderly physical activities in Brazil. The influences of medical, economic, political and educational fields in a greater or lesser extent ultimately forge the elderly field, disseminating its direct and duties. Only from that construction, the elderly physical activities field has been set as an appendix, mainly for the middle class, triggering new attitudes, conducts, perceptions and finally, a change of habit, a new look that turned fear into confidence, doubt into certainty, the sedentary in dynamism, the imminence of death in extension of life, and finally the archetype of the modern man in the "new old" Brazilians.

Keywords: Elderly - Physical Activity - Field Theory

LISTA DE TABELAS

1	População residente, por situação do domicílio e por sexo - 1940-1996.....	69
2	Analfabetismo no Brasil.....	70

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Termo de consentimento.....	130
ANEXO 2	Entrevista com o professor Antonio Boaventura da Silva.....	131
ANEXO 3	Entrevista com o professor Fernando Telles Ribeiro.....	137
ANEXO 4	Entrevista com a assistente social Helena Bertho da Silva.....	143
ANEXO 5	Entrevista com o professor Lamartine Pereira DaCosta.....	158
ANEXO 6	Entrevista com o gerontólogo Marcelo Salgado.....	165
ANEXO 7	Entrevista com o médico Maurício Leal Rocha.....	182

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

Introdução.....	01
-----------------	----

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

2.0	Sobre a Teoria dos Campos.....	12
2.1	Habitus.....	14
2.2	O Campo e a sua Dinâmica Interna.....	16
2.3	Sobre a Atividade Física e o Esporte.....	26
2.4	Velhice: do reconhecimento a legitimação de um problema social.....	40
2.4.1	O Crescimento Populacional dos Idosos.....	40
2.4.2	Uma Construção e um Problema Social.....	42
2.4.3	A Invenção da Terceira Idade.....	49

CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO DO CAMPO

3.0	Um novo Campo para o Idosos.....	53
3.1	O Uso do Tempo Disponível do Idoso: as influências para a construção do campo das atividades físicas.....	55
3.2	A Construção do Campo do Idoso no Brasil.....	69
3.3	Intervenção e Teorização/Pesquisa: a construção específica do campo das atividades físicas para idosos.....	78
3.3.1	Primórdios da Teorização/Pesquisa.....	80
3.3.2	Atividade Interventiva: o idoso no bojo das preocupações.....	86
3.4	O Campo das Atividades Físicas para Idosos no Brasil: os marcos fundadores.....	92
3.4.1	Rocha , Ribeiro e Boaventura: os precursores.....	94
3.4.2	O SESC, Marcelo Salgado e o Trabalho Social com Idosos.....	103
3.5	A Teorização/Pesquisa Scritto-Sensu: corroborando uma nova tendência.....	111

CAPÍTULO IV

Considerações Finais.....	116
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	122
-------------------------	------------

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

*Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei
TOCANDO EM FRENTE
(Autores: Almir Sater e Renato Teixeira)*

Quando observamos o homem ao longo de sua história, percebemos que no século XX avançamos quanto às possibilidades que se referem ao aumento da expectativa de vida. Certamente, o progresso das ciências médicas atuando na prevenção, tratamento e controle de doenças, as melhorias das condições sociais, políticas, econômicas e a adoção de um estilo de vida mais saudável são fatores importantes para que possamos confirmar que nunca vivemos tanto como agora e por isso começamos a almejar um modo de vida distinto do que até então era buscado, sendo assim, agora não basta envelhecer.

Tais transformações levaram o ser humano a desejar minimizar ao máximo os efeitos do tempo, ampliando as possibilidades de viver mais e melhor. Dentro dessa perspectiva, o número de pessoas idosas cresce em grande parte do mundo e no Brasil isso não é diferente. A atenção a uma parcela da sociedade, os idosos, ganhou *status* no rol das agendas sociais, políticas e científicas.

Nos meios de comunicação, observou-se uma tentativa de sistematizar uma nova perspectiva para a vida da população idosa, destacando-se a importância da qualidade de vida¹ através de uma vida ativa. Como exemplo destas tentativas, destaca-se a reportagem da revista *Época*², em 2006, que mostra a importância de uma nova atitude por parte dos idosos que buscam ampliar sua expectativa de vida com qualidade.

¹ A definição do termo qualidade de vida gera diversas discussões sobre seu processo de conceituação e mensuração. Adotaremos o conceito de FORATTINE (1992) que o define como "Uma resultante do somatório dos fatores decorrentes da interação entre sociedade e ambiente, atingindo a vida no que tange as necessidades biológicas e psíquicas" (p: 354)

² A revista *Época* com periodicidade semanal representa um veículo de comunicação com significativa respeitabilidade dentro do meio jornalístico, tendo segundo a Associação Nacional de Editores de Revista (ANER) uma tiragem superior a quatrocentos e vinte mil exemplares. Na reportagem tópicos desvelam novas pesquisas para prolongar a vida, o segredo das cidades brasileiras com maior longevidade e o impacto econômico do envelhecimento da população. Comenta ainda que o brasileiro vive hoje 71 anos 8 meses e 12 dias e que já há quase 25 mil centenários no país.

Recentemente, um outro segmento da mídia impressa³, veiculou uma matéria sobre “Uma Alternativa de Vida Ativa” para os idosos que valorizava a prática de atividades como yoga, shiatsu, acupuntura e fisioterapia de prevenção, como geradoras de bem estar aos idosos.

Percebe-se que a preocupação com os efeitos da velhice apoiada em preceitos que fornecem subsídios para o alcance da longevidade, aliado a uma vida com qualidade, desenvolveu uma conduta por parte dos idosos que até então nunca foi vista.

Segundo Alves Jr. (2004), o mito da eterna juventude surge no século XX como uma resistência à velhice apoiado por estratégias fundamentadas em pesquisas científicas como fruto de uma política específica da construção de um modo de vida na velhice.

O estilo de vida dos novos aposentados passou então a ser regulado por profissionais da saúde, médicos, gerontólogos, geriatras e professores de educação física, que tal como uma pastoral, passaram a catequizar os idosos para que ficassem ativos o maior tempo possível. Cabe ressaltar que articulações entre diversos setores como os da saúde, social, educacional e político e não somente as atuações dos profissionais das áreas citadas, passam a desencadear a possibilidade de um envelhecimento ativo e acima de tudo saudável.

Convém esclarecermos aqui, qual conceito de atividade física se baseia o nosso trabalho para que a compreensão sobre tal fenômeno seja mais facilmente assimilada.

A atividade física seria qualquer forma de movimento humano, estruturado (organizado), não-utilitário (no sentido ocupacional do termo) ou terapêutico, produzido por músculos esqueléticos resultando em um aumento substancial de dispêndio de energia, usualmente se manifestando em jogos ativos, desporto, dança e ginástica. (Faria Jr.1999:43).

Em outros momentos a concepção sobre a atividade física para idosos era completamente diferente das que vemos hoje.

O estudo de Telles (2006)⁴ acumula pistas sobre a importância das décadas de 1960 e 1970 como um período fértil no processo de legitimação dos estudos e ações destinados as práticas de atividades físicas para os idosos no Brasil. Esta

³ Jornal do Brasil. Retrato de um Brasil Mais Maduro. Sábado 1º de setembro de 2007.

⁴ A discussão sobre os dados desse estudo estão contidas no capítulo III.

revisão feita pelo autor traz algumas evidências sobre a importância do SESC (Serviço Social do Comércio) e suas ações precursoras nesta área, bem como revela as idéias fundadoras de um artigo publicado em 1968.

Desta forma, corroborando com a hipótese da fertilidade deste período histórico para relação entre atividade física e idoso, em nível internacional é criada em 1973 a Universidade da Terceira Idade - em Toulouse na França - dando a entender que acontecimentos que envolviam idosos em diferentes campos começavam a surgir.

Atualmente é reconhecida e aceita a prática de atividade física para o idoso, sendo indicada por profissionais de diversas áreas. Interessa-nos verificar a construção desse comportamento de busca pela prática de atividades físicas por parte dos idosos. Assim como identificar o momento em que a sociedade brasileira percebeu e propalou a importância da atividade física para este grupo social e também observar se mecanismos e tensões sociais, científicas, econômicas e políticas convergiram ou não para a construção de um novo olhar responsável em transformar o medo em confiança, a dúvida em certeza, o sedentarismo em dinamismo, a eminência da morte em ampliação de vida, enfim o arquétipo do homem moderno.

O advento das atividades físicas impulsionado pelos conceitos da promoção da saúde nos últimos vinte e cinco anos tem se tornado recorrente nas discussões que atrelam de forma significativa as condições de vida das populações a sua condição de saúde. Entendendo essa nova dimensão de análise como uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, agora, buscase a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução. (BUSS, 1990)

O que, entretanto, vem caracterizar a promoção da saúde, modernamente, é a constatação do papel protagonista dos determinantes gerais sobre as condições de saúde, em torno da qual se reúnem os conceitos do segundo grupo. Este sustenta-se no entendimento que a saúde é produto de um amplo espectro de fatores relacionados com a qualidade de vida, incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, e de habitação e saneamento; boas condições de trabalho; oportunidades de educação ao longo de toda a vida; ambiente físico limpo; apoio social para famílias e indivíduos; estilo de vida responsável; e um espectro adequado de cuidados de saúde. (BUSS:1990:167)

A interação de processos multifatoriais começava a torna-se fundamental. As relações entre os diversos campos que englobam a vida do ser humano forjam seu *habitus*⁵. Dentro dessa perspectiva, acreditamos que atualmente a sociedade percebe seus idosos e conseqüentemente o seu *habitus* como parte integrante de um processo de normalidade, os mecanismos que possibilitaram uma nova atitude social que demonstra entre os idosos a prática regular de atividades físicas ainda não foram esclarecidos.

A educação física, o desporto e o lazer baseados nesse novo paradigma passaram a ser apontados como importantes veículos para o aprimoramento da qualidade de vida do idoso, ao mesmo tempo em que se reconhecia ser inviável desenvolver estilos de vida saudáveis sem a existência de uma sinergia entre outros fatores relacionados às condições básicas de vida dos indivíduos, como saneamento básico, emprego, moradia, saúde, dentre outros.

Ao longo do século XX, uma transformação possibilitou uma nova atitude por parte dos idosos no tocante à própria concepção de sua existência. Ao acharem que as energias gastas com atividades, que para a época não representavam significância, mantinham-se sedentários no intuito de viver mais. Percebemos que das rupturas e continuidades de um processo de compreensão do que era ou não adequado para uma parcela da sociedade que não figurava significativamente no rol das preocupações sociais, acabaram por reverberar o inexorável avançar das ciências, tanto humanas como médicas.

Acreditamos que a construção do campo das práticas de atividade física para os idosos perpassa pela compreensão de subcampos que interagem e dão contornos ao campo que buscamos elucidar. Os sub-campos que acreditamos possibilitar a compreensão do fenômeno que norteia nosso estudo são os da intervenção e teorização/pesquisa.

O subcampo interventivo caracteriza-se como o local onde as atividades físicas propriamente ditas acontecem. Dessa forma, averigua-se que instituições promoveram atividades físicas para idosos de forma precursora rompendo com uma

⁵Conceito Bourdiano que define *habitus* como uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação. (Bourdieu, 2004a).

tradição de inanição⁶ proposta até então e também contribuíram para a propagação das práticas das atividades físicas.

Entendemos o subcampo da teorização/pesquisa como o processo de produção do conhecimento do campo que envolve a construção literária do saber.

Através de artigos científicos, livros e periódicos compreendemos a teorização, que inegavelmente também contém pesquisa dentro do escopo de seu desenvolvimento, contudo de uma forma geral no âmbito *Stricto-Sensu* a mesma sugere um rigor que lhe confere mais legitimidade, obrigando-nos também uma revisão neste aspecto.

Assim, identificamos as dissertações e teses nos cursos de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em educação física que versavam sobre a relação entre atividade física e idosos.

A compreensão desses subcampos foi uma forma de organização possível e enriquecedora para identificarmos as rupturas e continuidades que geraram transformações decorrentes das quebras paradigmáticas que vão propiciando garimpar os rastros e pistas no sentido de mapear o surgimento do campo das práticas de atividades físicas para idosos no Brasil.

Dentro de um contexto em que a realidade contemporânea apresenta-se cada vez mais polissêmica e complexificada, diante do processo de globalização da sociedade que nos leva a refletir como iremos responder ao tempo, ao espaço e a cultura, desvelar um novo paradigma que rompeu com uma tradição de espera pela morte por parte dos idosos, motivando-os a realizar atividades físicas, levou-nos as seguintes questões:

Como se configurou o campo da prática de atividade física para o idoso no Brasil considerando os subcampos da intervenção e da teorização/pesquisa?, Indaga-se ainda quais foram as representações e práticas que sustentaram as propostas para a construção deste campo?

Como uma das questões do estudo, destaca-se a preocupação em investigar a atividade física e o idoso junto àqueles que protagonizaram a construção do campo. Desta forma interroga-se:

⁶ No decorrer do estudo percebemos através da revisão de literatura, que somente a partir de um dado período histórico, os idosos começaram a praticar atividades físicas. Até então, acreditava-se que o dispêndio de energia com atividades não essenciais potencializaria as chances da morte do idoso.

Quais os intelectuais que se envolveram nesta causa e contribuíram para a construção do campo da prática de atividade física para idosos no Brasil no período em destaque, 1960 a 1980?

O objetivo geral visa compreender como se configurou o campo da prática da atividade física para o idoso no Brasil, a partir dos subcampos da intervenção e da teorização/pesquisa e seus protagonistas.

Acreditando que as associações entre os subcampos e as influências internacionais propiciaram o surgimento do consenso sobre o fenômeno da prática de atividade física para os idosos, destaca-se como objetivos específicos: i) identificar e analisar os motivos que levaram diferentes segmentos da sociedade a estimular e desenvolver pesquisas e intervenções no campo da prática da atividade física para o idoso no Brasil; ii) analisar as representações e práticas que contribuíram para o desencadeamento de um novo paradigma sobre a prática das atividades físicas dos idosos no Brasil, nos anos compreendidos entre 1960 e 1980.

A relevância do estudo proposto reside na afirmação de que apesar da temática do idoso figurar dentro das preocupações acadêmicas, as evidências sobre a gênese das práticas de atividades físicas não foram ainda desveladas. Tal fato evidencia a importância de um trabalho histórico, já que aprender com o passado nos fará compreender melhor o presente e com isso ampliar o conhecimento da sociedade, acreditando que os estudos em última instância, para ela são produzidos.

O processo pelo qual atravessou a construção do campo do conhecimento sobre as práticas de atividades físicas para os idosos é complexo, polissêmico e ainda desconhecido e por isso digno de investigação.

Supondo que a construção de um novo campo é fruto das tensões, rupturas e continuidades de outros campos sociais, o campo das práticas de atividades físicas para idosos também foi forjado dentro desse processo dinâmico. Tendo como essa a primeira hipótese, acreditamos que em nível macro e micros social acontecimentos podem ter influenciado os conceitos de uma nova concepção que futuramente transformar-se-ia em um campo com características individuais.

Entre esses campos, não podemos negar a existência de um mercado exclusivo para os idosos que acaba por englobar intenções de outros campos, apesar do poder

de refração⁷ citado por Bourdieu (1983). Podemos inclusive, concordar com o autor quando afirma que o campo econômico tem em especial o poder de influenciar outros campos, principalmente se levarmos em conta os preceitos capitalistas.

A História Oral, neste estudo, é uma das ferramentas para a incursão no campo das práticas de atividades físicas para o idoso no Brasil, à medida em que parte dos registros da história é proveniente das experiências daqueles que protagonizaram pesquisas, projetos e programas e ações sociais em que a atividade física e o idoso foram alvos de preocupações.

Deve-se perceber a importância da memória e as contribuições que esta daria no campo do conhecimento, principalmente quando entendemos os relatos como fontes importantes para a reconstituição da trama histórica. Após as entrevistas, novas fontes que não surgiriam se não fossem resgatadas da memória passaram a figurar também como obtenção de dados.

Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará também um meio de descobrir documentos escritos, fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados (Thompson, 1992:25)

A memória sendo seletiva registra os dados que possivelmente foram relevantes para quem relata. É importante ressaltar que a memória dos pequenos grupos, além de ser fragmentada, por carecer de registros e ter como meio mais freqüente de divulgação a oralidade, está o tempo inteiro sendo reelaborada.

Concordando com Veyne (1998) que explica que um acontecimento só tem sentido dentro de uma série, o número de séries é indefinido, elas não seguem um padrão geométrico na qual a lógica sirva para esclarecer definitivamente o acontecido. A idéia de história é um limite inacessível, a mesma é subjetiva e reflete a projeção de nossos valores nas respostas às perguntas que decidimos por bem fazer. Descrever a totalidade dos fatos no campo histórico seria uma tarefa das mais difíceis, já que um caminho deve ser escolhido, e o mesmo não pode passar por toda parte. Contudo, nenhum desses caminhos é o único ou verdadeiro e nem muito menos reflete na totalidade a história. A história está no conjunto de informações nos cruzamentos dos itinerários possíveis e principalmente nos objetivos da pesquisa.

Para a obtenção dos dados, optamos por utilizar uma entrevista não estruturada do tipo guiada. Segundo Gay (1976), ao elaboramos um roteiro para as

⁷ Capacidade do um campo de resistir as influências do macrocosmos. Quanto mais autônomo for um campo menos ele é suscetível as influências, ou seja, maior o seu poder de refração.

entrevistas, buscamos as mesmas ou semelhantes informações dos entrevistados. Essa ferramenta permite ao entrevistador ajustar a seqüência e o vocabulário das questões em função do respondente. Com este roteiro, que cobre áreas de interesse da entrevista, é dado ao entrevistador liberdade de explorar, aprofundar, elucidar, o assunto, que é objeto do estudo. Com isso, o entrevistador tem liberdade de orientar a entrevista, como se fosse uma conversação normal, de forma espontânea, mas dentro do assunto pré-determinado, até cobrir todos os tópicos de interesse do roteiro, permitindo que os mesmos temas sejam abordados por diferentes pessoas de forma sistemática e compreensiva.

As entrevistas tiveram roteiros que respeitavam as peculiaridades do entrevistado mediante sua relação com o objeto do estudo. A amostra selecionada foi intencional, ou seja, os entrevistados foram escolhidos a partir da sua história de vida profissional/pessoal e relevância em relação ao fenômeno das práticas das atividades físicas para idosos no Brasil.

Apesar de distintos, os roteiros mantinham entre si itens correlatos como a importância do SESC, instituição apontada como precursora com atividades para idosos; a opinião dos entrevistados sobre o período em que idosos teriam começado a prática de atividades físicas; maiores informações sobre os nomes que iriam ou já teriam sido entrevistados e com isso ratificando ou retificando dados, também a visão da sociedade sobre os idosos na época em que o entrevistado estava atuante foi relevante para o campo do estudo e os motivos que levaram os entrevistados a realizarem suas atividades com os idosos.

Baseado nos fatos e acontecimentos que mantinham relação com o objeto desse estudo elencamos alguns nomes que foram fundamentais dentro do processo de construção do campo dos idosos e ou da atividade física no Brasil, para através de suas histórias conhecer como se deu a sua gênese

Antonio Boaventura da Silva, professor da USP, apontado como precursor no campo interventivo com atividades para idosos no Clube Sírio em São Paulo no final dos anos de 1960 e posteriormente na própria USP com professores catedráticos no início dos anos de 1970. Também atuou na produção do conhecimento escrevendo sobre idosos e fazendo parte do corpo docente do primeiro curso de pós-graduação *Scricto-Sensu* do Brasil e da América Latina.

Fernando Telles Ribeiro, professor de educação física que traduziu e dialogou na produção do artigo que preconizava, na década de 1960 a prática de atividades

físicas específicas para idosos (1968), representando um marco para o sub-campo da teorização/pesquisa.

Lamartine Pereira DaCosta, professor de Educação Física e um dos idealizadores do programa Esporte Para Todos (EPT), na década de 1970. Idealizador de relatórios e projetos que envolvem a prática de atividades físicas, sendo também indicada para os idosos.

Helena Bertho da Silva: Dados históricos obtidos na qualificação deste estudo nos levaram através de um membro da banca avaliadora, especialista e pesquisadora na área dos estudos dos idosos, a Helena Bertho, como uma das protagonistas da legislação dos idosos no Brasil. Atuou como Assistente Social, e coordenou centros sociais, construindo estudos no campo do idoso para o governo. Helena vivenciou o processo de construção do campo do idoso no Brasil atuando como representante do setor previdenciário.

Marcelo Salgado, assistente social, com especialização em gerontologia, foi fundamental dentro do SESC que figura como a instituição mais importante no campo da intervenção, sendo a precursora das atividades físicas para idosos no Brasil.

Maurício Leal Rocha, ex-professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolve trabalhos de pesquisa e a prática de atividades físicas com idosos. Orientou a primeira dissertação sobre idosos no Brasil na área da Educação Física. Verificou-se também que o Dr. Maurício realizou estudos na Suécia, na área da fisiologia do exercício. Em suas investigações sobre a saúde do povo brasileiro, também estudou os idosos em 1956, período em que as preocupações ligadas às atividades físicas para idosos ainda não figuravam no cenário acadêmico brasileiro.

Ressaltamos que os atores sociais envolvidos nestas instituições através da história oral, surgem como fonte primária na obtenção dos dados, aliado ao acervo histórico e documental de cada instituição. Compreendemos também que as intervenções dos entrevistados foram distintas e singulares e não menos importantes entre si, por isso, mesmo as entrevistas tendo sido realizadas em momentos diferentes (Ribeiro, 2002 – Boaventura, 2003 – Rocha, 2006 - Silva, Dacosta e Salgado 2007) suas informações preencheram as lacunas que existiam sobre o assunto no qual o entrevistado tinha participação.

As entrevistas foram autorizadas através do Termo Livre e Esclarecido de Consentimento (anexo 1) como indicam as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da

Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Res. CNS 196/96, II.4. Posteriormente foram transcritas e enviadas aos autores que fizeram a revisão de suas falas.

Nas entrevistas, as reelaborações dos fatos passados, senão analisados minuciosamente, podem representar no presente uma visão que o entrevistado não tinha no período em questão. Cabe ao pesquisador tentar identificar o que dentro da oralidade irá compor com outros documentos, que devem ser analisados em conjunto, para não criar um viés nas conclusões obtidas.

Faz-se relevante entender como se construíram as inter-relações entre os subcampos interventivo e teórico, a partir da sinergia que os mesmos mantêm entre si. Com isso, as nuances que culminaram com a atual situação das atividades físicas para idosos, tornam-se mais visíveis e seus estudos e conclusões dar-se-ão de maneira mais precisa e elucidativa.

O surgimento de um campo é reflexo de diversos fatores que convergem para uma determinada situação que dinamiza um novo mecanismo particular.

Cada vez que se estuda um campo novo, descobrem-se propriedades específicas próprias a um campo particular, e ao mesmo tempo avança-se no conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias. (BOURDIEU, 1983:89)

Neste ponto inserimos a teoria do Campo de Pierre Bourdieu que carrega explicações/definições que possibilitam compreender a dinâmica intra e extra campo social.

Bourdieu quando analisa os campos percebe que existe em todos eles a sua história de construção. “A história da ciência, a história da literatura ou a história da filosofia, em todas elas há os mesmos antagonismos, que comumente são considerados irreduzíveis”. (BOURDIEU, 2004a: 19).

O autor dentro do seu conceito de campo afirma que invariavelmente existe uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo, mas o primeiro dispõe de certa autonomia, que varia de campo para campo. Essa relativa autonomia é que torna as leis internas dos campos ou subcampos distantes do macrocosmo.

Averiguar tal autonomia é um dos problemas na elucidação da construção e funcionamento do campo. Por isso, interessa-nos saber qual a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exerceram e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, ou seja, quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas.

Dessas tensões, podemos identificar como os agentes sociais manifestam-se, disputando, concordando, discutindo as normas que regem o interior dos campos. Esse processo interno reflete-se em todos os campos, dando-lhes a similitude que permite as analogias e identificação de sua construção. À luz dessa teoria, iremos compreender a dinâmica interna do campo das atividades físicas para idosos e sustentar a tese da construção de sua gênese.

O estudo foi dividido em quatro capítulos, buscando com isso apresentar a pesquisa sobre a construção do campo do conhecimento das práticas de atividades físicas para idosos no Brasil. O capítulo I leva aos leitores a problematização do tema, suas questões, objetivos e delimitações assim como apresenta seus pressupostos teórico-metodológicos.

No capítulo II aborda-se a teoria do Campo, o referencial teórico que possibilita através das categorias apresentadas pelo autor desenvolver a trama histórica. Ainda nesse capítulo, apresenta-se uma revisão de literatura a partir de diversos autores, com destaque para Simone de Beauvoir (1970), Eneida Haddad (1986) e Remi Lenoir (1998), que através de suas obras deram subsídios para uma interpretação do universo social do idoso.

No capítulo III foram analisados e discutidos os dados obtidos das relações sinérgicas entre o campo internacional representando os acontecimentos em nível macrosocial e posteriormente sua influência no campo nacional do idoso desencadeando os acontecimentos em nível microsociais dentro dos subcampos da intervenção e da Teorização/pesquisa. Portanto, a partir da teoria do Campo de Pierre Bourdieu foi construída e analisada a trama histórica que originou uma versão para o surgimento do campo do conhecimento das atividades físicas para idosos no Brasil.

Nas considerações finais, capítulo IV, foram sintetizadas as análises desenvolvidas ao longo do estudo e buscou-se esclarecer como se deu tal fenômeno e sua quebra paradigmática, propiciando o surgimento/nascimento de um campo que na atualidade mostra-se dinâmico e fecundo.

CAPÍTULO II REFERENCIAL TEÓRICO

*Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou
Estrada eu sou
TOCANDO EM FRENTE
(Autores: Almir Sater e Renato Teixeira)*

2.0. Sobre a Teoria dos Campos

As produções culturais acontecem em diversas áreas, seja na filosofia, na Ciência, na História, na Arte ou na Educação Física. Em cada uma delas existem objetos de estudos que são alvos de análise com pretensões científicas.

Ao analisarmos os campos, percebemos que existe em todos eles sua história de construção. A história da ciência, a história da literatura ou a história da filosofia, em todas elas há os mesmos antagonismos que comumente são considerados irreduzíveis (BOURDIEU, 2004a: 19). Devido a isso, surge um fetichismo⁸ que para a compreensão do fenômeno, a leitura dos textos que tentam evidenciar seus significados, códigos, enfim suas peculiaridades são suficientes para um real entendimento do campo. Muitas vezes, cria-se uma relação incompleta que reducionista tenta compreender o texto pelo contexto, associando eventos que mantêm relações precariamente estabelecidas por historiadores. Essa se caracteriza como um erro comum aos desavisados que criam relações entre situações que não passam de premissas teóricas feitas por historiadores que se fiam somente no binômio causa e efeito.

Por isso, Pierre Bourdieu (1983) elaborou uma alternativa descrita como “Campo”. Para a compreensão de uma produção cultural, por exemplo, não basta referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. A esse erro de correlação entre o textual e o real, Bourdieu definiu o termo “curto-circuito. A hipótese embasada/discutida pelo autor consiste em supor que, entre esses dois pólos distantes, entre os quais se supõe, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário denominado o campo literário,

⁸ Fetichismo é uma fantasia sobre a idéia que a toma como aparência, por meio do sensível. É uma redução do fenômeno ao empírico. A visualização da fantasia, no entanto, ao mesmo tempo em que vela o conteúdo verdadeiro, revela-o. Para saber mais ler KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. RJ. Paz e Terra, 1996.

artístico, jurídico ou científico. Entendendo-se, então, que se trata do universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência.

Esse universo é um mundo social como os outros, contudo, é regido por leis sociais mais ou menos específicas. Por isso, a noção de campo tenta definir esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas no microcosmo (BOURDIEU, 2004a). Existe invariavelmente uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo, mas o primeiro dispõe de certa autonomia, e essa sim varia de campo para campo. Essa relativa autonomia é que torna as leis internas dos campos ou subcampos distantes do macrocosmo. Averiguar tal autonomia é um dos problemas na elucidação da construção e funcionamento do campo. Saber qual a natureza das pressões externas, a forma sob qual elas se exercem, créditos, ordens, instruções, contratos e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia. Por isso, compreender os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas facilita o reconhecimento das situações que se dão dentro do campo.

O campo científico é um mundo social e como tal, faz imposições e solicitações, que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza for, só se exercem por intermédio do campo e se relacionam internamente pela lógica do campo.

Os campos se apresentam segundo Bourdieu(1983:89)

Como espaços estruturados de posições, cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes.

O estudo dos campos com sua autonomia permite acreditar em uma teoria geral que faz analogias entre os campos se tornarem pertinentes. Por isso, usar o que se aprende em um determinado campo, pode servir para inferir e ou interpretar outros campos⁹.

⁹ Cada vez que se estuda um campo novo, descobrem-se propriedades específicas próprias a um campo particular, e ao mesmo tempo avança-se no conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias. (Bourdieu, 1983)

Em cada campo existem lutas nas quais se devem procurar as formas específicas entre o novo que está entrando e tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. Devemos compreender que um campo, e também o campo científico, são definidos dentre outras coisas, através da especificação dos objetos de disputa e dos interesses peculiares que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos e não são notados por indivíduos não pertencentes ao campo em questão. Por isso, as análises dos “de fora” poderão inviabilizar uma compreensão do que de fato acontece ou aconteceu, caso estas não sejam realizadas nem pautadas por critérios bem definidos em que se leve em consideração a individualidade interna.

As relações internas dos campos diferem, muitas vezes, do que acontece fora dele, pois cada campo sugere um agir e pensar próprio e cabe aos de dentro interpretarem as influências externas e decodificá-las para que as mesmas interajam com as peculiaridades do campo. Os objetivos dos agentes levam a um *habitus* semelhante que serve como uma identidade social. E cada campo terá seus *habitus*.

2.1. O “*Habitus*”

Para que um campo funcione é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem o conhecimento e reconhecimento das leis do jogo e dos objetos de disputa.

Mas o que seria “*habitus*”? Seria uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação. (Bourdieu, 2004b). O autor opera com as idéias a partir das relações construídas socialmente que se reproduzem a partir de diversas questões, como por exemplo, a ação pedagógica. Com isso, o *habitus* está presente em cada um de nós devido a inculcação imposta pelo sistema educacional (mas não só por ele), que reproduz um arbitrário cultural levando o indivíduo a agir e pensar de forma peculiar ao campo que pertence.

O *habitus* mantém com o mundo social que o produz uma autêntica cumplicidade ontológica, origem de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção e de um domínio prático das regularidades do mundo que permite antecipar seu futuro, sem menos precisar colocar a questão nesses termos. (BOURDIEU, 2004b: 24)

Para Bourdieu (2004b), o *habitus* é uma possibilidade viável de construção de uma ciência das práticas isenta de finalismo e mecanicismo. Entende-se o *habitus* como o sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias, que podem ser objetivamente afins aos interesses de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim.

Para o autor, basta deixar o *habitus* funcionar para obedecer à necessidade imanente do campo, e satisfazer às exigências inscritas, pois as atitudes provenientes deste processo tornam as ações dos atores sociais inerentes a sua condição. "Eles têm assim, o lucro suplementar de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados" (BOURDIEU, 1983: 94)

A sociedade está presente em nós através da educação da língua, tudo que somos é produto da incorporação do todo, da totalidade. Podemos citar como exemplo as relações impostas pela língua, quando nos referimos às palavras medianas e medíocres. Ambas apresentam o sentido de média, mas a busca imposta pela luta de classes nos faz ver o medíocre como ruim, banal, opaco, enquanto, o termo único, primeiro, nos trás a impressão de bom, melhor. O bom está sempre sendo associado ao único e o ruim ao lado do comum.

Como vemos diversos sistemas de adjetivos são um sistema de classes¹⁰. Essa estrutura está dentro da nossa cabeça o tempo todo, imprimindo-nos um *habitus* que não necessariamente reflete aquilo que deveria representar. Assim, tem-se um *habitus* como sendo ao mesmo tempo um capital de técnicas, de referências e um conjunto de crenças.

Em muitos momentos o conceito de *habitus* serve para elucidar condutas que sem outras fontes de dados se torna essencial para deduzir atitudes, ou seja, inferir sentido, sendo inversamente proporcional ao conceito positivista.

¹⁰ O subjetivismo predispõe a reduzir as estruturas às interações, o objetivismo tende a deduzir as ações e interações da estrutura. Bourdieu acredita que o erro maior, o erro teoricista encontrado em Marx, consistiria em tratar as classes no papel como classes reais, em concluir, da homogeneidade objetiva das condições dos condicionamentos e, portanto das disposições, que decorre da identidade de posição no espaço social, a existência enquanto grupo unificado, enquanto classe. Por isso, sobre o tratamento dado ao conceito marxista de classes sociais, o autor opera procurando diferenciadamente compreender que a noção de grupos sociais e espaço social é mais apropriada para o estudo das relações existentes no interior da sociedade. Ele discorda da idéia de considerar a classe do papel como real, um grupo efetivamente mobilizado que por isso teoricamente prioriza o economismo (relações de produção econômica) enfim um objetivismo que caminha lado a lado com o intelectualismo e que leva a ignorar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos e nas quais está em jogo a própria representação do mundo social. (Bourdieu, 2004)

Acreditamos que a devida compreensão do conceito de *habitus* irá futuramente no decorrer do estudo, ajudar a inferir novas atitudes, confrontando-se com outras há muito enraizadas em um sistema em processo de construção, no qual a quebra da inércia é lenta e cheia de tensões extra e intra campo, colocando a todo o momento a refração de determinado campo em cheque.

[...] sobretudo nas sociedades em que há muito poucas coisas codificadas de modo que, para saber o que as pessoas fazem, é preciso supor que elas obedecem a uma espécie de “sentido do jogo” como se diz no esporte, e, pra compreender suas práticas é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que lhes permite produzir pensamentos e práticas sensatas e regadas sem a intenção de sensatez e sem a obediência consciente a regras explicitamente colocadas como tal. (BOURDIEU, 2004b:97)

2.2. O Campo e sua Dinâmica Interna

A estrutura de um campo é um estado da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta ou, se optarmos, da distribuição do capital específico que acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores. É interessante pensar que a luta pressupõe um acordo entre os antagonistas sobre minimamente o que será disputado. Cabe ressaltar, que num estado determinado de relação de força, aqueles que monopolizam o capital específico tendem a desenvolver estratégias de conservação, controlando a produção de bens culturais levando com isso a defesa e manutenção da ortodoxa. Já os recém chegados ou os mais novos tendem as estratégias de subversão.

A heterodoxia enquanto ruptura crítica, freqüentemente é ligada à crise e à tentativa da manutenção da doxa. Os dominantes do campo criam um discurso defensivo impondo um pensamento de direita, visando com isso restaurar e ou manter a ortodoxa anteriormente pregada (Bourdieu, 1983).

Quando citamos capital específico devemos nos atentar para o fato de que ele vale para um certo campo e para os limites do mesmo, com isso esse capital específico tenta ser levado para outro campo e sua transformação se dá sob certas condições.

Assim desenvolver estilos de vida com o intuito de minimizar os gastos com os que envelhecem pode ser um exemplo de manutenção da doxa econômica fundamental para os governos em grande parte do mundo.

Os participantes do jogo colaboram para a reprodução do mesmo contribuindo para produção da crença no valor do que está sendo disputado. Os recém-chegados devem pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo, dos princípios e dos mecanismos de funcionamento. Eles são levados à estratégia de subversão, que sob pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites. Podemos ratificar o anteriormente dito, quando vemos as revoluções parciais que em nenhum momento colocam em questão os fundamentos do jogo. Tal atitude visa a uma manutenção do *status quo*, devendo os desfavorecidos manifestarem-se, contudo, dentro das regras impostas pelo jogo, caso contrário, serão expulsos do processo interno.

A produção do senso comum consiste, essencialmente, em reinterpretar ininterruptamente o tesouro comum de discursos institucionalmente encravados no âmago do espaço social (provérbios, ditados, poemas). Ao apropriar-se das palavras em que se acha sedimentado tudo o que o grupo reconhece, é ter a garantia de uma vantagem considerável nas lutas pelo poder.

Uma das estratégias mais universais dos profissionais do poder simbólico – poetas nas sociedades arcaicas, profetas, homens políticos – consiste assim em pôr o senso comum do seu próprio lado apropriando-se das palavras que estão investidas de valor por todo o grupo, porque são depositárias da crença dele (BOURDIEU, 2005:142)

Aos recém-chegados, o conhecimento prático do jogo é silenciosamente exigido, pois toda a história do jogo, todo o seu passado estão presentes em cada ato do mesmo.

A autonomia dos campos é o que torna possível sua compreensão e mais ainda uma analogia com outros campos distintos. Sua autonomia se dá principalmente pelo seu poder de refração. Quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração. A refração de um campo transfigura as imposições externas a ponto das mesmas se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia dos campos tem por indicador principal seu poder de refração.

Uma determinada influência externa ao entrar em contato com os atores sociais que interagem dentro do campo faz com que estes recebam as pressões e as codifiquem para suas especificações levando em consideração as leis internas, seus interesses e acima de tudo os objetivos. Por isso, o poder de refração dá ao campo uma distinção do meio externo que em muitas vezes apesar da insistência,

não consegue transpor integralmente os “muros” da seletividade do campo. Esse poder de refração em maior ou menor escala será responsável pela autonomia do campo.

Todo campo é um campo de forças de lutas para conservar ou transformar a situação vigente. Quando existe a intenção de manutenção ou transformação da forma de poder, aqueles que o detêm utilizam-se de seus instrumentos para tornar o jogo mais vantajoso para si. Bourdieu (cita o exemplo no campo político, ou até mesmo jurídico, pois muitas vezes os responsáveis pelo controle das leis ou manutenção cambial, podem simplesmente utilizar-se do tráfico de influências para alcançar benefícios, tanto para ele como para seus pares.

Bourdieu (2004a) citou o exemplo no campo da física, em que a influência “einsteiniana” influenciou a todos, tanto os físicos ligados a grandes universidades como os ligados às pequenas instituições. Essa afirmação pode ser claramente percebida, visto que ao ensinar ou aplicar à física os conhecimentos propalados por Einstein deformaram o meio e transformaram todos os conhecimentos ao seu redor. As descobertas no campo da física seguiram uma lógica, uma tendência distinta do que se deu fora do campo, realçando a idéia da autonomia pregada na teoria Bourdiana.

Para a constituição do campo, algumas relações entre os agentes sociais influenciam a existência e as atitudes de todos os envolvidos. A estrutura das relações objetivas entre os agentes determina o que eles podem ou não podem fazer. Muitas vezes a posição que eles ocupam nessa estrutura é o que determina ou orienta suas tomadas de decisão. Essa relação de poder faz com que a compreensão do fenômeno do campo possa absorver realmente o que diz ou faz um agente engajado e devemos saber sua posição no campo em estudo para a partir dessa identificação desenvolvermos algum tipo de proposição.

Por isso, as decisões do pesquisador frente ao seu objeto de estudo criam uma relação de dependência, pois a ele cabe perceber as implicações de poder que se vinculam aos entrevistados, e que por isso merecem destaque no momento da análise do conteúdo, pois tornam-se fundamentais para a fidedignidade das conclusões obtidas do campo. O distanciamento do pesquisador na tentativa de manter-se alheio as influências, ao mesmo tempo em que fornece certa imparcialidade, afasta o pesquisador das nuances que só se revelam àqueles que

de fato interagem dentro das tensões de poder provenientes das peculiaridades intrínsecas ao campo.

A distribuição do capital aos agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume/relevância do seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço. Mas, contrariamente, cada agente age sob a pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele, tanto mais brutalmente quanto seu peso relativo seja mais frágil. Assim, quanto mais frágil o agente, mais deve se articular para tentar influenciar os que o cercam, desviando os rumos ou objetivos do campo para assim minimizar a sua fragilidade.

Cabe ressaltar que os interesses e objetivos decididos dentro de um campo podem influenciar outros campos. Bourdieu (2004a) cita que muito do que se pesquisa na ciência, na realidade é um conjunto de proposições impostas pelos agentes que detêm o poder. Muitas vezes, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, reflete interesses daqueles que durante o jogo influenciam os rumos das pesquisas para as áreas que a eles momentaneamente mais importam.

Podemos perceber o binômio influência/interesse quando geriatras e gerontólogos desenvolvem o saber que acaba por definir formas de conduta que são apropriados pelo Estado e assim define uma política de envelhecimento condizente com seus interesses, criando com isso uma espécie de pastoral do envelhecimento.

Apesar de aparentemente ser fácil, sob o ponto de vista dos dominantes, alterar os rumos de um determinado campo, manipular as tensões e as lutas internas, é uma tarefa de extrema dificuldade, ou até mesmo impossível. As oportunidades de um agente singular submeter aos seus desejos as forças do campo são proporcionais à sua força sobre o campo, isto é, a sua posição na estrutura da distribuição do capital. A sua força dentro do campo é diretamente proporcional a possibilidade de manipulação do mesmo.

Logo concluí-se que os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências permanentes e probabilidades objetivas. Por isso, um campo não se orienta totalmente ao acaso.

Um indivíduo que nasce em um determinado campo vale-se dos conhecimentos oriundos do mesmo para o controle das leis não escritas, que são inscritas na realidade em estado de tendências. Aprender a ler nas entrelinhas é

uma arte de sobrevivência tanto para os de dentro, como para os de fora, que buscam alcançar uma posição em um novo campo. Esta espécie de ciência infusa gera um sentido do jogo inerente ao nativo do campo. Por isso, ao adentrarmos em um campo, que não é o nosso, a competição interna gera aos recém-chegados uma necessidade de adequar-se e aceitar as leis impostas pelos dominantes, já que uma tentativa intermitente, desarticulada e acima de tudo pretensiosamente revolucionária, poderá gerar uma exclusão do campo.

Uma peculiaridade relativa a todos os campos são as lutas que acontecem tanto nas questões reais quanto nas questões de representação social. Os agentes sociais que operam no interior dos campos são tão influentes e ou exercem maior ou menor pressão, de acordo com o poder de seu capital (não necessariamente capital monetário), que por meio das relações de poder desenvolvem estratégias que afetam aos que os rodeiam.

É interessante pensar que quanto maior a influência do agente social maior será sua intenção na preservação ou conservação do sistema no qual ele é dominante. Muitas vezes, o arbitrário cultural imposto pela classe dominante que exerce uma pressão invisível nos dominados, mantém intensa ligação com os objetivos ou estratégias inerciais, que obviamente tentam ser repelidos pelos agentes minoritários do capital cultural. Lembra-se ainda que dentro da classe dominante acontece uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização e, geralmente quem define, quem manda, controla o sistema.

Para analisar as relações intra e extra campo devemos primeiramente perceber sua autonomia. Bourdieu explica que para exemplificar as relações dentro do campo e compreender suas nuances, devemos categorizar o que de fato pertence ao campo e o que é estranho, ou não faz relação com ele.

Se você deseja triunfar sobre um matemático, é preciso fazê-lo matematicamente, há sempre a possibilidade de que o soldado romano corte a cabeça de um matemático, mas isso seria um "erro de categoria", diriam os filósofos (BOURDIEU, 2004a: 32)

Como vemos as relações de disputa intra campo devem ser analisadas em virtude de sua correlação com o mesmo. Quanto mais um campo é heterônimo, mais sua concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes fazer intervir forças não-científicas nas lutas científicas. Opostamente, quanto mais autônomo for o campo, mais pura é a concorrência diminuindo ou excluindo as pressões sociais que interferem sobremaneira em campos onde a refração é menor.

Bourdieu (1983) acredita que os campos científicos são os lugares de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico.

De um lado, encontramos o poder temporal (ou político), o poder institucional e institucionalizado que encontra-se ligado à ocupação de posições importantes nas instituições possuidoras dos domínios de produção e reprodução.

De outro lado, temos o poder específico, “prestígio” pessoal, que relativamente independente do precedente é caracterizado pela força que se atrela ao capital científico, cultural, econômico ou àquele que de fato crie pressões muitas vezes invisíveis dentro das relações do campo. Em certas situações as tensões dentro do campo são resolvidas muito mais pela força que se atrela ao capital do que pelo próprio capital.

Para as interpretações sociológicas, antropológicas e históricas (e nessas estão incluídos os campos), Bourdieu (2004b) comenta, utilizando as proposições de Durkheim, que as compreensões oscilam entre dois pontos de vista aparentemente incompatíveis: O objetivismo e o subjetivismo ou com outra denominação, o fisicalismo e o psicologismo.

Levando em consideração a visão fisicalista objetivista, o trato dos fatos sociais é encarado como “coisas” e assim deixam de lado tudo o que eles devem ao fato de serem objetos de conhecimento ou até de desconhecimento, entendendo essa dinâmica dentro de uma existência social.

Do ponto de vista do subjetivismo, existe a possibilidade de um reducionismo do mundo social nas representações que dele fazem os agentes, e então a tarefa da ciência social seria produzir uma explicação das explicações produzidas pelos sujeitos sociais. Raramente essas duas posições se exprimem e, sobretudo se concretizam na prática científica de maneira tão radical e contrastada.

O fisicalismo costuma associar-se à inclinação positivista para conceber as classificações como recortes “operatórios” ou como registros mecânicos de cortes ou descontinuidades “objetivas”. No tocante ao subjetivismo, a realidade social possui um sentido e uma estrutura de pertinência específicos para os seres humanos que nele vivem e interagem. Mediante uma série de construções de senso comum, eles pré-selecionam e pré-interpretam esse mundo que aprendem como realidade da vida cotidiana. Os objetos de pensamento devem se basear nos objetos construídos pelo pensamento do senso comum dos homens que vivem sua vida cotidiana em seu mundo social.

Por isso, as construções das ciências sociais são consideradas construções de segundo grau, porque são construções das construções feitas pelos atores da cena social. Tal compreensão da realidade leva os pesquisadores a pensar na realização de um trabalho etnográfico quando na realidade acabam por responder as perguntas que eles mesmos decidiram desenvolver.

Bourdieu arrisca resumir as relações entre objetivismo e subjetivismo em poucas palavras:

De um lado, as estruturas objetivas que o sociólogo constrói no momento objetivista, descartando as representações subjetivistas dos agentes, são o fundamento das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações; mas de outro lado, essas representações também devem ser retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas individuais ou coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas. (BOURDIEU, 2004b: 152)

Isso posto, compreende-se que as relações entre as duas vertentes devem-se dar através de uma interação dialética, ou seja, os pontos de vista são encarados com suas peculiaridades e relacionados às posições dos respectivos agentes na estrutura. Contudo, para de fato superar tal oposição que se estabelece entre as estruturas e as representações, também é preciso romper com o modo de pensamento substancialista que leva a não reconhecer nenhuma outra realidade além das que se oferecem à intuição direta na experiência cotidiana dos indivíduos e grupos. Pode-se julgar ter-se rompido com o substancialismo e ter-se introduzido um modo de pensamento relacional quando se estudam de fato as interações e as permutas reais.

Segundo Bourdieu (2004b), a maior contribuição da revolução estruturalista consistiu em aplicar ao mundo social um modo de pensamento relacional, que é o modo de pensamento da matemática e da física modernas que identificam o real e não a substância, mas as relações. O autor ainda comenta que a realidade social de que falava Durkheim é um conjunto de relações invisíveis, aquelas mesmas relações que constituem um espaço de posições exteriores umas às outras, definidas não só pela proximidade, vizinhança ou distância, mas também pela posição relativa na realidade em que está inserida.

Entende-se, então, que muitas vezes as relações entre os agentes sociais devem se dar através da proximidade geográfica, ou mesmo pelas relações isoladas do contexto. O espaço geográfico e o espaço social nunca coincidem completamente, no entanto muitas diferenças que geralmente, se associam ao efeito

do espaço geográfico, por exemplo, à oposição entre o centro e a periferia, são efeito da distância no espaço social oriundo da desigualdade das diferentes espécies de capital no espaço geográfico.

O fato de um agente social relacionar-se com outros cria tensões intra campo que se refletem na própria dinâmica e rumos do grupo. Essas relações que são invisíveis são sentidas de forma integral pelos membros que interagem ou sofrem influências delas, tornando-se incompreensíveis para os de fora ou pouco compreensíveis para os recém-chegados.

Por isso, algumas mudanças ou quebra de paradigmas só se fazem sentir anos após o início de sua transformação. As incompreensões por parte dos de fora, que não se dão conta do processo evolutivo (ou mesmo involutivo), conduzem os demais ao ostracismo, segregando os que aderem as mudanças rapidamente, ou por fazerem parte do campo ou por serem recém-chegados. Idosos que tentassem realizar atividades físicas em um momento histórico em que essa conduta não representava um *habitus*, certamente encaixar-se-iam dentro dos que seriam senão segregados, no mínimo tidos como diferentes.

Apesar do poder de refração de cada campo, ao longo do tempo, as mudanças em nível macro acabam por serem absorvidas em nível micro, conduzindo os campos a caminhar rumo aos desígnios históricos da sociedade. Podemos apontar que especialmente o campo econômico gera esse tipo de condução. Em nível macro uma decisão política como os anos necessários para a aposentadoria acaba por ter reflexo em nível micro na vida de cada cidadão.

Dentro do campo, a utilização de formas menos evidentes de dominação, por diversas vezes, torna-se mais eficiente do que uma luta armada ou imposta pela força. Na luta simbólica pela produção do senso comum, ou mais precisamente, pelo monopólio da nomeação legítima como imposição social, os agentes dominantes investem seu capital simbólico que adquiriram em lutas anteriores e, sobretudo todo o poder que detêm sobre os menos afortunados para fazer valer suas intenções.

Assim, todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão das divisões do mundo social e de sua posição nesse mundo podem situar-se entre dois extremos: *idios logos* e *nomeação oficial*.

Em um extremo, temos o *idios logos* no qual um simples particular tenta de subterfúgios não legítimos para impor sua vontade. Isso se dá através de insultos, alcunhas, acusações ou calúnias. No outro, encontra-se a *nomeação oficial*, que

Bourdieu (2004c) define como ato de imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso e do senso comum, porque é operada por mandatário do Estado, detentor do monopólio e da violência simbólica legítima. Assim, as elites, reproduzem seus objetivos e valem-se do poder nela investido para manter-se no poder.

É importante para a compreensão das pressões que se fazem sentir nas lutas pelo poder, esteja ele onde ele estiver o conceito Bourdiano de poder simbólico: "o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 2005:08)

Bourdieu (2005) ainda nos esclarece que poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica. Assim, os sistemas simbólicos são vistos como instrumentos de conhecimento e de comunicação e só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados.

As relações dentro do universo social segundo Bourdieu, relacionam-se com os poderes oriundos dos tipos de capital que o agente social possui. O capital cultural, capital simbólico¹¹ e o capital econômico são formas que dão os contornos aos diversos tipos de capital assim que as relações são reconhecidas como legítimas.

Na primeira dimensão, os agentes estão distribuídos no espaço social global, de acordo com a estrutura de seu capital, ou seja, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital econômico e cultural, no volume total de seu capital.

Muitas vezes, os agentes sociais que ocupam uma posição superior em uma hierarquia do espaço objetivo, por opção própria, negam simbolicamente a distância social, sem que por isso a distância deixe de existir, garantindo assim as vantagens do reconhecimento concedido a uma denegação puramente simbólica da distância.

Quando se trata de manutenção da ordem sistêmica, muitas vezes a dissimulação faz parte do jogo de dominação. Para fazer valer a vontade de quem detêm o capital, seja ele qual for, as atitudes podem dissimular as reais intenções.

¹¹ Bourdieu define capital simbólico como o prestígio, reputação, fama, enfim prerrogativas invisíveis que se tornam vantajosas para quem as possui.

A verdade objetiva é dissimulada na própria ação pedagógica, quando as técnicas empregadas dissimulam a significação social e exercem uma aparência puramente psicológica. Por outro lado, sua dependência ao sistema das técnicas de autoridade que definem o modo de imposição dominante, contribui para impedir os agentes moldados segundo esse modo de imposição de apreenderem o seu caráter arbitrário.

[...] a maneira suave pode ser o único meio eficaz de exercer o poder de violência simbólica num certo estado das relações de força e de disposições mais ou menos tolerantes relativas à manifestação explícita e brutal do arbitrário. (BOURDIEU, 1982: 31)

Assim, as relações dentro do campo são traçadas desde a formação escolar, quando decidimos inclusive que conteúdos serão ministrados, de que forma serão ministrados e para quem serão ministrados. A escala de prioridades do arbitrário cultural é designada sempre pela elite. Dentro do campo a reprodução ou leituras distintas de uma mesma condição social, muitas vezes criam um esquecimento da gênese de sua própria existência. Por isso, a amnésia da gênese, que se exprime na ilusão ingênua do “sempre-assim”, como nos usos, substancialistas da noção de inconsciente cultural, pode conduzir a eternizar e com isso naturalizar as relações significantes que são o produto da história (BOURDIEU, 1982).

Como efeito da ação pedagógica, as leis do mercado em que se formam o valor econômico ou simbólico, constituem um dos mecanismos, mais ou menos determinantes segundo os tipos e formações sociais pelos quais se encontra assegurada a reprodução social, definida como reprodução da estrutura das relações de força entre as classes.

As reproduções oriundas das pressões pela manutenção da ordem arbitrariamente impostas criam uma leitura realista objetivamente estimulada pelo fato de que o espaço social está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos parecidos e têm toda a possibilidade de possuírem disposições e interesses inerentes as posições equivalentes, logo, de produzirem práticas também semelhantes.

Por isso, Bourdieu aponta que algumas atitudes de certas classes tendem a reproduzir o que se espera delas, logo agem da forma que equivalem socialmente, assim as menos favorecidas tendem a ter atitudes modestas, enquanto as mais

favorecidos guardam distância ou mantêm sua posição de afastamento, não permitindo intimidades. O autor ainda comenta que muitas dessas atitudes podem ser inconscientes e adquiriria a forma daquilo que é chamado de timidez ou arrogância. De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo. (BOURDIEU, 2004a)

Baseado no dito anteriormente, inferir sobre um determinado campo baseando-se em outro é um análise legítima e passível de mensuração. As pressões de uma determinada posição e as atitudes frente a essa pressão tendem a ser semelhantes em qualquer campo social. Basta percebermos as diversas manobras das classes dominantes em se manter no poder e ao mesmo tempo inculcar nos dominados, determinadas atitudes que corroboram o ato dominante.

As análises do campo devem por isso ser pensadas enquanto suas significações para campo. Tanto as visões espontâneas do mundo social, as *folk theories* (teorias populares) que falam os etnometodólogos como as que Bourdieu (2004a) chama de sociologia espontânea, bem como as teorias eruditas e a sociologia, fazem parte da realidade social. A sociologia deve incluir uma sociologia de percepção do mundo social, isto é uma sociologia da construção das visões de mundo que também contribuem para construção desse mundo.

2.3. Sobre a Atividade Física e o Esporte

Quando pensamos em esportes, devemos perceber sua intensa relação com os interesses daqueles que dele fazem deste seu campo de sobrevivência.

Dentro deste campo existe um espaço dotado de lógica e produção própria no qual se inter-relacionam os produtos esportivos que são implementados para o consumo de uma prática. Também devemos atentar-nos à escolha de determinado esporte em detrimento de outro e como o gosto por um certo tipo de esporte ou espetáculo esportivo surge, levando com ele a reboque o consumo de jornais, revistas, opções de programas de televisão, enfim o que move o campo esportivo no tocante à adesão. Para Bourdieu (1983) o início da compreensão destas constatações devem ser feitas à luz das condições históricas e sociais deste fenômeno social que aceitamos facilmente como o “Esporte Moderno”.

Percebemos que a constituição do campo esportivo se dá através das condições sociais, dos sistemas de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente envolvidos que estão ligados à existência de práticas e de consumos esportivos.

Quanto às instituições, estas têm como objetivo, assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes do esporte, determinando, elaborando e aplicando as normas que regem as práticas esportivas.

Levando-se em consideração essas normas, ficam à mercê dessas imposições os vendedores e produtores de materiais esportivos, os que fornecem serviços necessários à prática do esporte, no qual se incluem os professores de educação física, médicos, jornalistas esportivos, além daqueles que produzem os espetáculos esportivos.

Por isso, o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo. Isto posto, não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado ambiente social, defrontando-os em relação direta às condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes. Baseado nisso Bourdieu afirma que:

A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em sua cronologia específica. (BOURDIEU, 1983: 137)

A história social do esporte tem dentre suas tarefas, uma de suma importância: a descoberta de sua própria fundação, fazendo a genealogia histórica da aparição do seu objeto como realidade específica irreduzível a qualquer outra.

Somente essa descoberta pode responder a partir de que momento se pode falar em esporte e identificar a partir de quando se constituiu um campo de concorrência no interior do qual o esporte apareceu definido como prática específica, irreduzível a um simples jogo ritual ou ao divertimento festivo. O que leva a perguntar se a aparição do esporte no sentido moderno do termo não é correlativa de uma ruptura com atividades que podem aparecer como ancestrais dos esportes modernos, ruptura correlativa da constituição de um campo de práticas específicas que é dotado de lutas próprias, suas regras próprias, e onde se relaciona e se investe toda uma cultura ou uma competência específica cultua de certa maneira esotérica, separando o profissional e o profano. (BOURDIEU, 1983)

Interessante pensar que a escola é o lugar onde segundo Bourdieu(1982) existe o exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo. A ação pedagógica que é uma arma da escola ajuda a manter e assegurar uma situação de domínio. A própria escolha do conteúdo, seja ele de que disciplina for, e acima disto o próprio projeto político pedagógico servem para a inculcação de um *habitus* proveniente dessa ação, que objetivamente é uma violência simbólica.

Por isso, aceitação de determinadas atitudes como a participação de mulheres em determinados esportes, ou mesmo a quebra de paradigmas esportivos como idosos praticando atividades físicas, começam a ser construídos socialmente e se ratificam dentro da própria escola, local especialmente utilizado para a reprodução da cultura dominante.

A constituição de um campo das práticas esportivas se respalda da elaboração de uma filosofia política do esporte. Muitas vezes podemos ver países utilizando a força do esporte para alcançar ou encurtar o trajeto para a obtenção de seus objetivos de dominação. Enaltecer o esporte pode ter diversos sentidos, como a busca pela eugenia, a afirmação de um sistema ou a inculcação de valores provenientes de dogmas de uma doxa que não deve ser contestada. O esporte é como toda prática um objeto de lutas entre frações de classe dominante e também entre classes sociais.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo, profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo- de elite- e esporte popular- de massa etc e esse campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição de corpo legítimo e uso legítimo do corpo. (BOURDIEU, 1982:142)

Percebe-se que a construção do campo esportivo perpassa por diversas questões relacionadas a interesses que manipulam determinadas situações em função das demandas vigentes. No caso do Brasil, podemos citar a década de 20 onde o Clube de Regatas Vasco da Gama foi e ainda é enaltecido por sua trajetória na luta contra o racismo.

No entanto em Soares (1998), evidenciou-se que lutas provenientes do processo de profissionalização do futebol brasileiro eram de fato o motivo pelo qual os clubes discutiam entradas ou saídas de campeonatos e que tal atitude altruísta

do Vasco nada mais era do que sua tentativa em manter negros em seu elenco com algum tipo de remuneração. Na verdade, poderíamos dizer que o posicionamento do Clube de Regatas Vasco da Gama contra o racismo foi uma tradição inventada por Mário Filho, cronista esportivo da época. A popularização do futebol, seu processo de transformação em negócio e em profissão estava tencionado pelos valores amadorísticos ou aristocráticos do esporte.

No caso dos idosos podemos exemplificar quando a sociedade ainda por não dispor de conhecimentos específicos sobre a prática de atividades físicas para indivíduos mais velhos inculcava o medo pregando um sedentarismo necessário para aqueles que não refletiam a jovialidade. De certa forma, uma tradição inventada sobre a necessidade da inanição desenvolveu um paradigma que perdurou durante muitos anos.

As lutas do campo esportivo ou mesmo dentro das descobertas no âmbito das atividades físicas criam ou mesmo destroem paradigmas. Através da ciência, descobertas há muito enraizadas em nossa sociedade demoram a ser substituídas por outras mais novas que darão os rumos no futuro. Tais descobertas influenciam a todos que com elas se relacionam. No esporte, produtos, regras ou técnicas de treinamento, muitas vezes atendem àqueles que lucram com sua manutenção e impedem que novas tendências assumam sua devida posição de vanguarda. Aceitar determinadas mudanças mexe com o poder e interfere nas lutas por posições dentro do campo.

A criação de determinado método que atende determinada clientela gera uma desconfiguração nos detentores do poder e tal transformação deve, para ser mais rapidamente absorvida, passar pelo crivo dos dominantes. Transpor tais leis internas do campo é motivo de diversas lutas que podem ou não alterar as relações entre os agentes sociais.

Com os avanços da ciência, as práticas físicas para os já idosos tornaram-se comum dentro da sociedade atual gerando um mercado exclusivo para idosos e também esportes adaptados para os mesmos, fato esse ratificado pelo advento das competições másteres em grande parte do mundo.

A autonomia relativa do campo das práticas corporais que necessariamente implica a dependência relativa no desenvolvimento dentro do campo e das práticas orientadas em direção ao ascetismo ou ao hedonismo, depende em parte do estado das relações de força entre as frações da classe dominante e entre as classes

sociais no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e dos usos legítimos do corpo. Bourdieu (1983) faz alusão à dicotomia entre as duas filosofias antagônicas: o ascetismo e o hedonismo

Enquanto o ascetismo trata diretamente das relações oriundas da educação física que educa, corrige e orienta o movimento nas relações que através do esforço tem como finalidade a melhora do corpo e da mente; o hedonismo que ensina um desprender as disciplinas e as contenções inúteis impostas, entre outras coisas, pela ginástica comum, preconiza um *laissez-faire*.

O progresso de tudo que se dá o nome de “expressão corporal”, só pode ser compreendido relacionando-se com o progresso de uma variante da moral burguesa, assumida por certas frações ascendentes da burguesia. Se observarmos a gênese de determinados esportes, perceberemos suas características aristocráticas mantendo sua tradição de elite originalmente inglesa, berço do esporte moderno, como também da revolução industrial. Esportes como o tênis, equitação, iatismo e golfe concentram os membros da elite entre seus praticantes que se encontram em clubes fechados que servem de local para discussões e confronto de poderes ou alianças possíveis em prol de uma casta socialmente privilegiada. É comum ouvirmos dizer que os negros não nadam bem e que estes são os melhores lutadores de boxes, como se na tentativa de ascensão social a raça não refletisse tal disputa.

Se pensarmos que as práticas esportivas podem refletir os interesses das elites que regem as normas internas do campo, é acertado apontar que a escolha por praticar ou não uma determinada atividade perpassa pelos pseudo modismos, muitas vezes, criados para fomentar determinado ramo que busca ascensão dentro do campo.

Como exemplo, podemos citar as mulheres, principalmente no período entre guerras, que se constituíram como peça fundamental, tornando-se mão de obra necessária, visto que na Europa o contingente de homens caía vertiginosamente. Após sua inserção no mercado de trabalho um campo econômico surge em função dela, já que a mesma tornou-se consumidora abrindo um campo econômico que até hoje gera lucros significativos. Pode-se confirmar esse campo econômico com as indústrias de cosméticos que apesar de recentemente seus produtos serem alvo dos homens, em outros momentos não muito longínquos eram quase que exclusividade do sexo feminino.

No campo das atividades físicas para idosos, a analogia se faz pertinente quando pensamos que com o avançar do número de idosos em todo o mundo, também surge um mercado para atender a uma clientela que em um passado recente esperava a morte dentro de casa e era proibida de despender energia necessária à sobrevivência. Contudo, agora buscam atividades físicas incentivados por diversos campos, como os da saúde, o político e o econômico.

A busca pelo envelhecimento com qualidade tornou-se uma doxa social. Cabe também ressaltar que o número de idosos que chegam ao poder e percebem que fazem parte de um contingente significativo, acaba por ditar e interferir nos rumos de diversos campos.

Assim, entende-se que os idosos começam a articular-se enquanto classe dominante, já que muitos se encontram em uma fase da vida economicamente independentes e, por isso, manipulam as tendências elegem, criam e ditam modismos que influenciam todos que vêm nesse grupo possibilidades de ascensão. E mesmo que ainda não façam parte da classe dominante, pelo tamanho do seu contingente, começam a ser alvo de interesse daqueles que buscam angariar poder.

O "idoso moderno" de condição social que possibilite tanto a compreensão como a prática da atividade física, é afeto ao exercício físico e já incorporou em sua vida um estilo que permite associar ao seu cotidiano as vantagens oriundas das benesses dessa nova conduta. A sociedade banalizou como forma de conhecimento as vantagens das atividades físicas e uma pastoral do envelhecimento, hoje, é facilmente percebida.

Como efeito da busca por um estilo de vida esportivo, não podemos deixar de relacionar a indústria esportiva que percebe uma crescente demanda de uma clientela que aumenta sem dar sinais de estagnação. Por isso, a lógica relativamente autônoma do campo da produção dos bens e serviços esportivos e, mais precisamente, o desenvolvimento no interior deste campo, é submetida às leis da rentabilidade que visam maximizar a eficácia, minimizando os riscos apoiada na publicidade que oferece os bens de uma indústria de acessórios e programas esportivos.

O esporte ou a atividade física sempre tiveram suas funções relacionadas a sua "invenção" nos colégios ingleses no final do século XIX. Manter os alunos ocupados surge primeiro do que a preocupação com a formação do caráter.

Bourdieu (1983:146) cita Goffman que aponta o esporte como responsável por manter os adolescentes ocupados enquanto estivessem sob a custódia das instituições de ensino. Durante a prática, era fácil vigiá-los, estão dedicando sua energia a uma atividade sadia e direcionando sua violência para os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou até mesmo para atormentar os professores. Esse meio extremamente econômico de mobilizar, ocupar e controlar os adolescentes estava para se tornar um instrumento e um objeto de lutas entre todas as instituições total ou parcialmente organizadas para a mobilização e a conquista de massas e que ao mesmo tempo competiam pela conquista simbólica da juventude. (Bourdieu, 1983)

A demanda pela busca de uma vida saudável no envelhecimento gerou uma máquina que mobiliza a sociedade a construir um estilo de vida afeto às teorias que pregam uma vida repleta de objetos, alimentos e atividades destinadas a atender as necessidades (ou pseudonecessidades) dos grupos que por elas anseiam.

Preocupados em manter um envolvimento contínuo da população torna-se necessário estar sempre produzindo novas tendências que desenvolverão usuários fiéis. Na verdade, o processo não é novidade e Bourdieu (1983) afirma que após descobrir as vantagens oriundas do paternalismo dos patrões com seus empregados eram construídos hospitais, escolas, estádios e outros estabelecimentos esportivos (associações esportivas, clubes etc) para mobilizar favoravelmente as massas. Fato que ainda hoje acontece, bastando observar os estádios com nomes de patrões.

Por isso, as relações oriundas do capitalismo sempre ditaram moda e criaram costumes que bem ou mal serviram para traçar os rumos das tendências esportivas ao longo do tempo.

Da mesma forma, a construção do campo das atividades físicas tem íntima relação com essa pseudo demanda apesar dos avanços da medicina e de outros setores que transformaram o conceito de “homem moderno”.

Aqui se deve levar em consideração que o chamado “homem moderno” sempre existiu, já que o termo “moderno” acompanha o homem em todos os momentos da história desde a descoberta do fogo à invenção da roda, passando pela revolução industrial até ,atualmente, chegarmos ao projeto Genoma. Os avanços em áreas que até então não estavam na vanguarda do conhecimento bastariam para reformular o conceito de modernidade.

Descobertas significativas sempre deram a impressão de o homem deixar de ser antigo e de posse de conhecimentos novos achar-se (e de fato estava) moderno. E para manter-se moderno, deveria estar inteirado das novas tendências tornando-se ator social fundamental para difundir os novos rumos da sociedade. E nesse contexto a mídia teve papel preponderante.

Interessante ressaltar que as transformações sociais no que tangem a conceitos e padrões morais contribuíram para reorganizar as dimensões das expectativas e exigências quanto às funções que os próprios esportistas e os que os enquadram dão à prática esportiva. Bourdieu exemplifica que a exaltação das proezas viris e o culto do espírito de equipe que os adolescentes ingleses tanto valorizavam, assim como seus rivais franceses da *belle-époque* associavam à prática do *rugby* universitário, não pôde se perpetuar entre os camponeses, os empregados ou os comerciantes a não ser sob profunda reinterpretação (Bourdieu, 1983).

As perspectivas de ambas as classes sociais são distintas levando a não aceitação por parte daqueles que necessitam transpor as barreiras sociais através do esporte a aceitarem uma atividade onde a manutenção do “status quo” não é mais uma tendência. Somente a elite tinha acesso ao esporte de alto nível, principalmente na Inglaterra na virada do século 20. Ter nascido em berço de ouro era garantia de acesso ao esporte¹² como forma de forjar o corpo e alma. Para esses, a luta por ascensão social não passa perto de seus objetivos esportivos. Contudo, aqueles que posteriormente ingressaram na vida esportiva, “lutar” sem subterfúgios que esbarram no *fair play* e no almejado *sportman* não era mais tão importante assim.

A carreira esportiva representa uma das únicas vias de ascensão social para crianças das classes dominadas: mercado esportivo está para o capital físico dos meninos assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso – recepcionistas etc.– estão para o capital físico das meninas (Bourdieu, 1983:147)

Assim sendo, vemos claramente um encontro entre a oferta e o consumo. Os interesses e os valores dos praticantes potenciais, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajustamento permanente

¹² Situação bem representada no filme *Carruagens de Fogo* (*Chariots of Fire*) do diretor Hugh Hudson (1981). O filme relata a história de atletas ingleses que lutam, dentro de suas realidades, para vencerem nos jogos Olímpicos de Paris em 1924. Nesse filme fica claro que somente os abastados financeiramente tinham oportunidade de estudar e treinar dentro do arcaico e aristocrático conceito de *fair-play* inglês.

entre um e o outro. Tanto a questão social, como a adequação a uma nova realidade, perpassa pela transformação social.

Cada recém-chegado deve contar com um momento distinto das práticas de consumo esportivo e de sua distribuição entre as classes. Nesse momento, não é possível ao recém-chegado modificar a estrutura vigente, visto que tal situação é o resultado de toda a história anterior à concorrência entre os agentes e as instituições engajadas no “campo esportivo”. Por isso, o campo da produção contribui para produzir a necessidade de seus próprios produtos.

Atualmente fazer parte da elite garante ao idoso o acesso às práticas físicas. O seu tempo livre pode ser destinado ao lazer e não a reutilização do mesmo para produzir condições de sobrevivência. A produção do campo esportivo para o idoso caminha paripasso com a mídia que divulga os benefícios de uma vida ativa e a necessidade da utilização de produtos e atitudes que ajudam a viabilizar uma vida mais longa.

Já não é de hoje que vemos um crescimento maciço de ofertas de atividades para idosos. Métodos, estilos e produtos que buscam atender uma procura que não dá sinais de desaceleração. Contudo, a oferta de atividades sabe exatamente o *target* que querem atingir.

As atividades clubistas, ou em academias atendem a um tipo de clientela, mas mesmo essa parcela da sociedade que tem poder aquisitivo para arcar com os custos de uma determinada atividade, foi motivada por transformações sociais que a induziram a transpor as barreiras da inibição e vir a tornar-se um praticante de atividades físicas, mesmo indo de encontro aos preceitos sociais de seu longínquo passado, onde “lugar de velho era em casa”. Políticas públicas serviram para introduzir no âmbito dos costumes um novo estilo de vida. Nesse instante, todas as classes sociais acabam por, em maior ou menor escala, entrar em contato com um novo padrão social relacionado às atividades físicas. Seja em que idade o indivíduo estiver.

Outro ponto interessante destacado por Bourdieu (1983) seria a adesão a uma prática que mais parecesse condizente com a classe social do praticante. Para uns, o efeito esperado do treinamento pode ter expectativas distintas de outros: a força aparente de uma musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza escolhidas por outro. O autor cita o levantamento de peso que durante anos representou na França exemplo de atividade relacionada às classes

populares e por isso as autoridades olímpicas retardaram tanto em reconhecer oficialmente o halterofilismo que aos olhos dos fundadores aristocráticos do esporte moderno, simbolizava a força pura, a brutalidade e a indigência intelectual, ou seja, as classes populares. Cabe ressaltar que a satisfação da elite estava em atividades físicas com função essencialmente higiênica dificultando a inserção de atividades como a supracitada no rol dos esportes detentores do status olímpico.

A importância social que um esporte ou atividade física tem dentro da sociedade reflete de sobremaneira os praticantes que dela fazem uso. Se por um lado as atividades que exigem força, resistência, disposição à violência, submissão à disciplina coletiva representam as classes populares; as atividades físicas que tenham a graça, coragem, beleza associam-se à classe burguesa. Por isso, o boxe ou a luta livre tendem a repelir os da classe dominante já que representam a antítese do *habitus* da burguesia.

Não podemos deixar de mencionar que alguns esportes também se associam a determinadas idades. Bourdieu (1983) comenta que praticar determinados esportes depende muitas vezes do capital econômico, de certa forma do capital cultural e do tempo livre. Por isso, a relação entre as diferentes práticas esportivas e a idade é mais complexa, pois ela só se define por intermédio da intensidade do esforço físico exigido e da disposição em relação a esse esforço que é uma dimensão do *ethos* de classe.

Entre as propriedades dos esportes “populares” a mais importante é o fato delas estarem implicitamente associadas à juventude, a quem, espontaneamente e tacitamente, é creditada uma espécie de licença provisória que se expressa dentre outras coisas, pelo gasto de uma grande energia física. Ao contrário, os esportes da classe dominante praticados principalmente por suas funções de manutenção física e pelo lucro social que proporcionam, têm em comum o fato de prolongar para bem além da juventude a idade limite de sua prática e, talvez, tanto além quanto mais prestígio e exclusividade tiverem.

De fato, além de qualquer busca de distinção é a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, assim como no interior destas distingue frações separadas por todo o universo de um estilo de vida. (BOURDIEU, 1983:148)

Conclui-se, então, que todas as práticas que têm o corpo como objeto ou questão de disputas; regime alimentar, ou cuidados com a beleza; relação com a

doença, ou cuidados com a saúde, também se manifestam na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento, e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo, como o motociclismo, formas de acrobacia e certos esportes de combate.

Bourdieu aponta que tudo parece indicar que a preocupação com a cultura do corpo aparece em sua forma mais elementar enquanto culto higienista da saúde que frequentemente implica uma exaltação ascética da sobriedade e do rigor dietético nas classes médias que se dedicam de maneira particularmente intensiva à ginástica. (BOURDIEU, 1983)

A ginástica é tida por Bourdieu (1983) assim como a corrida e a marcha como esportes estritamente higiênicos, pois são atividades altamente racionais e racionalizadas. Primeiro porque supõe uma fé construída nos motivos e nos lucros diferidos e freqüentemente impalpáveis que elas prometem. Por exemplo, a proteção contra o envelhecimento. Segundo porque só adquirem sentido, na maioria das vezes, em função de um conhecimento abstrato dos efeitos, que é normalmente reduzida a uma série de exercícios decompostos e organizados em referência a um fim específico.

As funções higienistas cada vez mais devem se associar e mesmo se subordinar à função que se pode chamar de estética, à medida em que se sobe na hierarquia social.

No caso das mulheres, Bourdieu (1983) ainda comenta que as mesmas ficam fortemente submissas às imposições de uma estética imposta pelo campo que acaba por impor não só uma aparência, mas também o jeito, o modo de andar, vestir, dentre outros. Já para os idosos, podemos inferir que as pressões dos campos sociais impuseram como nas mulheres atitudes que levaram o idoso a um ostracismo, a uma reclusão que fez com que o índice de refração do campo das atividades físicas viesse a torna-se forte, repelindo durante décadas os avanços em diversos setores, como os da saúde.

As atitudes forjadas no âmago dos campos sociais e morais acabaram por rotular quais deveriam ser as atitudes, diria até o *habitus* de um grupo que resistia às intervenções de outros campos que avançavam a passos largos.

É interessante compreender que as disputas intra-campo refletem embates oriundos de um sistema maior. Poderíamos dizer que as influências em termos micro, muitas vezes tencionam a dinâmica interna dos campos. Claro que não

devemos esquecer as capacidades de refração que cada campo tem, ocasionando transformações díspares em cada situação. Mas a incidência de uma transformação de grandes proporções em algum momento se fará sentir, e sua influência poderá ser analisada enquanto fenômeno social em todos os campos, respeitando sua lógica e dinâmica interna.

Podemos afirmar que dentre os outros fenômenos, o crescente desenvolvimento da mídia exerceu e continua exercendo devastadora influência nos modos de vida da sociedade moderna. Bourdieu já aponta essa tendência quando afirma “O desenvolvimento da imprensa é um indício, entre outros, de uma expansão sem precedentes do mercado dos bens culturais” (BOURDIEU, 1996:70).

Dentro de uma expansão dos bens culturais e também dos bens de consumo, os mesmos influenciam e constroem estilos de vida a partir das tendências impostas a determinadas classes sociais e não raro a sociedades inteiras, ditando atitudes socialmente aceitáveis e reprimindo aqueles que não aderem ou no pior dos casos não conseguem aderir. Tal situação leva ao ostracismo, muitos que acabam por incorporar o rótulo de incapazes levando a um afastamento social ou obrigando a fundir-se a um pequeno grupo que carrega consigo características semelhantes. A não adesão à determinada tendência faz com que os indivíduos saiam dos limites estabelecidos pelos agentes que ditam as “revoluções”:

A transposição desses limites pode determinar a exclusão dos mesmos do campo. Assim, as transformações impostas por esses agentes são revoluções parciais, ou seja, são revoluções que não colocam em questão os fundamentos do objeto de disputas (jogo). (BOURDIEU 1983: 91)

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. (BOURDIEU, 1997). O mesmo exerce pressões sobre todos os outros campos, enquanto estrutura, por isso ao longo da história vemos diversos exemplos em que os dominantes utilizam-se das formas de comunicação para fazer valer seus intentos. Através desses subterfúgios, a inculcação de estilos de vida por parte da elite dominante se potencializa substancialmente.

O princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda.

No tocante a oferta Bourdieu (1983) cita diversos itens que influenciariam tal questão, tais como: invenção ou importação de esportes, reinterpretação de esportes ou jogos antigos; lutas pela concorrência, pela imposição da prática esportiva e pela conquista da clientela dos praticantes comuns; lutas entre as diferentes categorias de agentes engajados nesta concorrência, tais como professores de ginástica, esportistas de alto nível, treinadores fabricantes de materiais esportivos.

Com relação à demanda as transformações são relativas às mudanças no estilo de vida e obedecem, portanto, às leis gerais desta transformação.

A correspondência entre os dois itens, oferta e demanda, surge à medida em que o espaço dos produtores tendem a reproduzir em suas divisões o espaço dos consumidores, com isso, colocando de outra maneira os *taste-makers* que estão em condições de vender novas práticas ou novas formas de antigas práticas, assim como os que devem sua ação as disposições e convicções constitutivas de um *habitus* onde se exprima uma determinada posição no campo dos especialistas e também no espaço social e por este fato estão predispostos a exprimir e, portanto, a realizar em virtude da objetivação, as expectativas mais ou menos conscientes de frações correspondentes do público leigo. (BOURDIEU, 1983)

Vemos que o campo das atividades físicas exprime uma constante luta entre a demanda e a oferta. Dessa disputa, ou engajamento, surge um campo que reflete interesses fruto dessa relação, ocasionando, muitas vezes, o aparecimento de novas tendências que é conseqüência de transformações sociais que acabam por se refletir na demanda e com isso alterando o campo e modificando as disputas dentro dos agentes que interagem nos mecanismos intrínsecos da oferta. De outra forma, a oferta acaba por criar/desenvolver no público atitudes que são pré-definidas por eles próprios gerando um novo agir e repensar por parte daqueles que recebem as informações dos que manipulam os conhecimentos específicos, tais como professores, médicos e instituições em suas diversas áreas.

A conservação do *status quo* por parte dos agentes que desenvolvem as tensões é outro ponto a ser destacado. Enquanto for interessante para os dominantes (como a mídia) tudo deverá ser feito para que as coisas permaneçam inercialmente como estão. Essa conservação ocorre, normalmente, ligada à aparição de um corpo de conservadores do passado e do presente e serve, aos detentores do capital específico, para conservar e se manter conservando. O autor

considera tal atitude ou estratégia com o passado e com o presente como um dos índices mais seguros da constituição de um campo (BOURDIEU, 1983).

Compreender a dinâmica entre os campos e mais ainda entre os agentes que compõe o campo se faz mister para entender os mecanismos que interferem na luta intra e extra campo.

Segundo Bourdieu a obra, o artista o filósofo, o esportista e sua representação com seus pares, só existem dentro de uma rede de relações visíveis e invisíveis que definem a posição de cada um em relação aos outros, ou seja, a uma posição social em relação a uma posição estética. Para o autor, é essencial pensar as relações que podem estar visíveis nas formas de coexistência, de sociabilidade, ou das relações entre os indivíduos, ou ainda de relações mais abstratas, mais estruturais que organizem o campo (BOURDIEU, 1996).

A teoria do campo nos leva a inferir dinâmicas intra e extra campo, que interagem desde a gênese até sua maturidade enquanto movimento social e ainda possibilita analisar situações em outros campos que por diversos motivos podem ser compreendidos de forma análoga devido às particularidades que envolvem os agentes e suas tensões. As pressões exercidas entre os campos desenvolvem mudanças que ditam costumes e modificam muitas vezes o *habitus* de um grupo ou classe social inteira.

Da influência do campo econômico até as ramificações oriundas de suas pressões no campo midiático, vemos que são impostos à população estilos de vida que refletem os objetivos das classes dominantes. Não é raro vermos parcelas inteiras de uma sociedade aderir a factoides que foram plantados com intuítos exclusivamente de manobra. Desde a política do pão e do circo até os fenômenos globalizantes, vemos a influência de um campo sobre outro. Nada mais comum na visão de Bourdieu cujo eixo do trabalho situou-se na discussão das relações de forças e dos processos que regulam as sociedades modernas, ou seja, na mediação entre o agente social e a sociedade.

A busca por atividades distintivas e a relação com o próprio corpo, enquanto dimensões privilegiadas do *habitus* são fatores determinantes para a distinção de diferentes esportes. Mesmo no interior de uma mesma classe, caracterizada por todo um universo de estilos de vida, frações podem ser demarcadas com os mesmos indicadores. Com esse raciocínio, a lógica

proporcionada pelo tipo de relação com o corpo que a prática favorece ou exige permite pensar a história do esporte numa perspectiva moderna.

À luz dessa afirmação será possível compreender o homem moderno. Um homem afeto aos bens de consumo que possibilitam viver mais e melhor a cada ano que se passa, acreditando nos avanços e descobertas científicas que levam a um estilo de vida que nos acalenta envelhecer dentro de padrões de qualidade jamais vistos e isso tudo embalado por um processo industrial alicerçado pela mídia que nos oferece caminhos (nem sempre fidedignos) para a tão almejada velhice feliz, livre das pressões morais que tanto destinaram idosos a um envelhecer enfadonho e acima de tudo infeliz. Concordando com Bourdieu, (1983:113) “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”

2.4. Velhice: do reconhecimento à legitimação de um problema social

Os estudos que envolvem as diversas nuances sobre os idosos refletem uma preocupação por uma parcela da população que vem aumentando significativamente. Tal crescimento traz consigo transformações em diversos setores que na maioria das vezes não estão preparados para suportar uma demanda que não dá sinais de desaceleração.

Compreender esse fenômeno que se desenvolve em nível global torna-se fundamental para o entendimento que o nosso estudo se propõe a elucidar. Como avaliar a idade do indivíduo sem relacioná-la ao seu contexto social? Quando afinal podemos aceitar o início da idade idosa? Onde se enquadra a terceira idade e a quarta idade?

Percebemos que o problema social do idoso dentro da sociedade moderna é carregado de iniciativas que tentam equacionar, em prol do sistema, os desdobramentos desse envelhecer social.

2.4.1. O crescimento populacional dos idosos

Atingir idades avançadas é um privilégio da idade contemporânea. Em “A psicologia do Envelhecimento”, Ian Hamilton (2002) faz comentários que apontam para um aumento significativo da população de idosos. Calcula-se que nos tempos

pré-históricos a velhice era extremamente rara e mesmo no século XVII, acredita-se que apenas 1% da população vivia mais de 65 anos. No século XIX essa proporção subiu para aproximadamente 4%.

A Organização das Nações Unidas (ONU) deduz que daqui a 25 anos a população de 60 anos crescerá em 88%, para um aumento de 45% de indivíduos em idade de trabalho. Nos países em desenvolvimento, somente a partir de meados do século XX a percepção do crescimento do contingente de idosos começou a ser identificada (Freitas, 2006).

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) baseado nos indicadores de 2005 aponta uma população idosa de 17,6 milhões de pessoas o que representa 9,7%¹³ da população. Ainda seguindo as estimativas, acredita-se que o Brasil em 2025 excederá 30 milhões de idosos correspondendo a 15% de sua população, sendo considerada a 6ª nação do mundo com o maior número de idosos. Os dez países com maiores contingentes de idosos representam 62% da população de idosos do planeta.

No tocante à expectativa de vida, o censo de 2000, verificou que a mulher brasileira vivia oito anos mais do que os homens e 55% dos idosos eram mulheres e 45% homens. Quando se observa a população idosa brasileira global, verifica-se sua condição predominantemente urbana assim dividida: 11.825.829 moram nos grandes centros, contra 2.710.200 em zonas rurais. Em termos percentuais 81,3% contra 18,7%. Quando observamos esses dados de forma separada, verificamos que há proporcionalmente mais mulheres idosas nas zonas urbanas e mais homens velhos nas zonas rurais, possivelmente neste último caso porque há maior longevidade no trabalho masculino no campo, onde a necessidade por atividades que necessitam de esforço físico mantém-se como fundamental para a sobrevivência. (IBGE, 2000)

Quando comparamos o crescimento do idoso e da criança em nosso país fica mais claro o envelhecimento populacional pelo qual Brasil vem atravessando. O número de idosos vem crescendo mais rapidamente do que o das crianças. Em 1980, existiam 16 idosos para cada 100 crianças, em 2000 essa relação estava em

¹³ Mesmo esses 9,7% já representam uma novidade em um País cujos censos de 1940, 1950, 1960 e 1970 apresentaram uma estabilidade do perfil etário impressionante: a população abaixo dos 20 anos manteve-se em volta de metade do total e a acima de 65 anos em torno de 3% daquele mesmo total. O papel dos idosos dentro da renda familiar apareceu no censo 2000 com grande importância, 62,4% dos idosos eram responsáveis por domicílios, contra 60,4% observados em 1991. Os cônjuges desses responsáveis representavam 22,0% dos idosos, o que mostra que 84,4% das pessoas da terceira idade, em 2000, tinham um papel de destaque na nova família brasileira que chega ao século XXI. (IBGE, 2002)

30 para 100. Assim, apesar da fecundidade ser o maior componente da dinâmica demográfica brasileira, em relação à população idosa, é essa última que vem construindo progressivamente os traços de um novo panorama etário. (IBGE, 2002)

O envelhecimento da população brasileira demonstra estar em pleno crescimento. Os resultados do Censo de 2000 apontaram um crescimento já esperado para a população idosa. Com a realização da 2ª Assembléia Mundial sobre Envelhecimento da ONU na cidade de Madri em abril de 2002, a transição demográfica mundial foi amplamente discutida. No Brasil, acredita-se que o crescimento populacional irá desacelerar e a estrutura etária sofrerá grandes modificações, apontando taxas negativas de crescimento da população abaixo dos 15 anos e taxas positivas e crescentes para os idosos, até que se atinja uma estrutura etária novamente estável, porém mais envelhecida.

2.4.2. Uma construção e um problema social

No Brasil, em 1923, através da lei Eloy Chaves deu-se a primeira preocupação em desenvolver uma legislação com relação à aposentadoria. Dentro dessa perspectiva esta lei começa a transformar a vida do aposentado e por consequência a modificar a vida do idoso que começa a ver seus direitos após o término da jornada de trabalho entrarem no rol das preocupações governamentais.

Desde então, a construção do campo do idoso não parou mais. No final dos anos 1970, é criado o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), que era subordinado ao Ministério da Previdência e Assistência Social. Alguns anos mais tarde a constituição de 1988 demonstrou sua preocupação regulamentando os direitos dos idosos, arbitrando a aposentadoria em 25 anos de exercício para mulheres e de 30 para homens. A temática sobre o que fazer com os aposentados já figurava como um problema a ser resolvido. As ações governamentais não ficaram por aí.

Leis como nº. 8842/94 que dispõe sobre a política nacional do idoso, referindo-se a diretrizes governamentais na área da saúde, atuando na ação preventiva, de promoção, proteção e recuperação da saúde do idoso, mediante a programas de lazer e atividades físicas, que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da terceira idade e estimulem sua participação na comunidade (Brasil /Congresso Nacional /lei nº. 8842/94).

Em 1º de outubro de 2003 é sancionada a Lei nº. 10.741 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, que institui a regulamentação dos direitos assegurados as pessoas com idade igual ou superior a 60(sessenta) anos.

Ressaltamos o artigo 9º¹⁴ onde o Estado assume a garantia no que tange à proteção à vida e à saúde do idoso, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições dignas.

Sobre a lei 10.741, o SESC realizou em outubro de 2005 o Encontro Nacional dos Idosos na unidade Pompéia na cidade de São Paulo. Desse encontro, foi escrito a “Carta Aberta à Nação: Avaliação e Perspectivas do Estatuto do Idoso”. Uma das conclusões foi que tal lei permanece desconhecida nas esferas administrativas, federal, estadual e municipal e também pela maioria dos idosos brasileiros. A simples promulgação da lei não gerou pragmaticamente, segundo o documento do SESC, transformações significativas dentro do cotidiano da pessoa idosa.

Uma das críticas feita pelo documento do SESC incide sobre a atenção integral à saúde por parte do Estado pregada no Estatuto. As reclamações residem na compreensão de que a saúde do cidadão idoso não pode ser reducionistaamente atrelada ao deficiente serviço prestado pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Tal serviço é dito como inoperante e inexistente frente ao Estatuto. Contudo, o problema não se restringe ao cidadão idoso. O problema é estrutural, qualquer cidadão que necessite do SUS, corre o risco de não ver suas necessidades básicas serem atendidas

Simões (1998) comenta que os problemas relativos à aposentadoria e à previdência ganharam nova visibilidade política no Brasil nos anos de 1990 devido aos próprios aposentados e pensionistas terem ocupado as ruas e com isso ampliando o espaço destinado à temática na mídia. Os idosos não o fizeram somente com suas costumeiras filas nos postos de saúde, mas também com caravanas, congressos e manifestações de protesto. O autor ainda ressalta que essas manifestações deram notoriedade ao problema e que desde anos de 1980, através de intervenções públicas agindo de forma decisiva, propiciaram que as discussões sobre os idosos assumissem posição de destaque no debate político do país.

¹⁴ No integra: Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

É interessante analisar que a Carta Aberta à Nação foi escrita por idosos, visto que em determinados momentos os mesmos se colocam como sujeitos da escrita:

Nossas observações e conclusões sobre esses quase dois anos de vigência do Estatuto indicam que o poder público ainda está longe de cumprir a sua parte. Mas mostram também que nós, os idosos, assumimos definitivamente a responsabilidade de participar da vida nacional, rumo a um mundo melhor para todas as gerações de brasileiros. (SESC, 2005:6)

Haddad (1986) já previa esse tipo de situação. Dentro da sociedade industrial moderna onde a produção norteia as relações sociais, os idosos acabam sendo marginalizados em virtude da diminuição de seu poder de produção. A autora afirma que apesar dos especialistas e políticos serem possíveis aliados serão eles, os idosos que deverão agir para resolver seus problemas. Cabe, contudo afirmar que muitos desses problemas são fruto das contradições da sociedade capitalista.

É inegável, estamos diante de um problema social. De um lado, o sistema capitalista que vê nos idosos uma mão de obra inoperante que ainda gasta recursos que poderiam ser destinados a parcelas da sociedade potencialmente mais produtivas. Em oposição, estão os idosos que lutam para desvincularem-se do estigma de inúteis, confrontam-se com a manipulação social da idade e de outros conceitos e definições organizados no intuito da manutenção do *status quo*. Essa resistência¹⁵ em permanecer no mercado se faz sentir no aumento do número de idosos que trabalham no mercado informal sustentando ou contribuindo para a renda familiar.

Um problema social não é somente o resultado do mau funcionamento da sociedade, mas pressupõe um verdadeiro “trabalho social” que compreende duas etapas essenciais. O reconhecimento e a legitimação. O primeiro tem como objetivo tornar a situação digna de atenção. Os envolvidos dentro dessa necessidade de reconhecimento devem construir uma nova categoria de percepção do mundo social. O segundo deve tornar público o problema e com isso inseri-lo no campo das preocupações sociais do momento. (Lenoir, 1996)

Considerando-se as duas etapas do problema social percebemos que ambas já foram transpostas dentro da sociedade brasileira. Já reconhecemos o problema do idoso em nosso país e sua legitimação é notória, visto as leis e ações

¹⁵ Cabe ressaltar que permanecer dentro no mercado não se configura apenas como uma resistência por parte dos idosos. O idoso que volta ao mercado de trabalho, não paga passagem, não fica grávido nem enfrenta filas, por isso torna-se interessante tê-los no quadro de funcionários.

em prol dessa clientela. Apesar de o problema estar configurado estamos longe de nos aproximarmos de uma solução.

O envelhecimento da população nos leva a um novo problema, principalmente nas democracias capitalistas. Assim pensa Simone Beauvoir (1970) em sua obra “A Velhice Realidade Incômoda” onde comenta que as pessoas idosas não apenas aumentaram seu contingente, na realidade elas acabam por integrar-se à sociedade de uma forma até então nunca vista, o que obriga a sociedade a decidir a respeito dos rumos dos idosos e esta decisão deve partir das instâncias governamentais, por isso a velhice tornou-se objeto de uma política.

Lenoir (1996:63) afirma “que problemas sociais variam segundo as épocas e as regiões e podem desaparecer como tal, precisamente no momento em que subsistem os fenômenos designados por eles”. O autor cita a pobreza nos EUA que se constituiu num grave problema social durante os anos de 1930, desapareceu nos anos compreendidos entre 1930 e 50 e reapareceu nos anos de 1980. Ainda aponta o caso do racismo que somente configurou-se no mesmo país como um problema social a partir dos anos de 1960.

A velhice caracteriza-se por ter problemas de natureza bastante abrangentes. Lenoir (ibid) ressalta a sorte das pessoas idosas mais desprovidas economicamente, desencadeando a pobreza e a dependência, que nesse caso recai sobre a família e ou o Estado. O autor discute também o desequilíbrio demográfico fruto do avançar da vida biológica que gera efeitos nas relações familiares, nas gerações, no mercado de trabalho e nos mecanismos ligados ao momento da aposentadoria.

Beauvoir (1970) descreve ao longo da história da humanidade a relação da sociedade com seus velhos. Pudemos perceber as diversas ações por parte da sociedade que transitou desde a eliminação, quando não mais podiam trabalhar, do enaltecimento devido à experiência, até abandono e a marginalização, sendo esse último presente até os dias atuais. A autora mostra que ao se aproximar da aposentadoria o trabalhador é constrangido a se afastar, o patrão o despede ou então ele opta por abandonar o mundo do trabalho por razões de saúde. Mas na realidade ele não desejou estar nessa condição.

Nesse estágio, cabe avaliar o processo de envelhecimento e as condições em que o trabalhador chegou à velhice. A mesma é resultante de uma longa existência onde a saúde, educação, lazer, alimentação, moradia, distância do

trabalho, enfim a composição de diversos fatores que convergem para a situação na qual o indivíduo se encontra.

Magalhães (1989) comenta sobre o pseudo-idoso ou a velhice precoce, onde indivíduos de 50 aparentam 60 anos devido às agruras a que foram submetidos ao longo de sua existência. Na realidade são idosos de fato, já que sua condição remete a uma etapa da vida que apesar de cronologicamente não estar presente, biologicamente e socialmente se impõe de forma definitiva. Esse idoso, provavelmente não chegará aos 60 anos em condições de descansar com segurança, pois morrerá antes ou as seqüelas da exploração serão tantas que o fim será penoso, dependente e em muitos casos só.

Concordamos com o autor quando fala sobre as condições do pseudo-idoso:

Sem dúvida, a que não tem porta-vozes, nem serve de referência para o exame e a proposição de políticas para a velhice ou políticas para o envelhecimento porque, além de anônima, vive na subsistência e na ignorância das áreas rurais, dos pequenos arraiais e distritos do vasto sertão interior; ou então na periferia urbana de nosso país industrial e pós-industrial, em suas áreas mais desenvolvidas e influentes. (Magalhães:1989:23)

Na tentativa da manutenção das relações de poder, as idades e suas fases aparecem de forma imposta por aqueles que não querem alterar as tensões sociais. As terminologias das idades são em si mesmo o resultado desse antagonismo latente, onde cada um reclama para si a prerrogativa de escolha onde acaba uma fase e começa outra.

Lenoir (1996:71) assim tenta explicar essa relação de disputa:

[...]a fixação de uma idade legal, por exemplo, a da maioria aos dezoito anos ou da aposentadoria aos sessenta e cinco, exerce seus efeitos sobre a luta entre as gerações. Tende a constituir uma espécie de norma oficial que deve ser levada em consideração pelos agentes nem que fosse pelo fato de que a essas idades estão associados determinados direitos [...]

O autor ainda completa afirmando que a velhice assim como a juventude não é uma espécie de característica substancial que acontece com a idade, mas uma categoria cuja delimitação resulta do estado das relações de força entre as classes. Somamos a afirmação do autor outras questões que ajudam a forjar a velhice, como o gênero e a própria etnia que associados à questão cultural influenciam a compreensão do avançar da idade e suas implicações dentro das relações de força e coesão social.

A realidade social acaba por caracterizar-se por ser o somatório de todas essas lutas onde a tentativa de manutenção ou transformação do poder vigente perpassa pelos interesses do Estado em definir o momento em que se entra ou sai de determinadas disputas sociais.

Quando se define a uma determinada idade cronológica para se ter o direito ao acesso à aposentadoria, constrói-se uma barreira que conduz o indivíduo a se preparar para o fim de suas atividades produtivas. Nesse ponto, a condição na qual o indivíduo se encontra muitas vezes não é condizente com o afastamento do mundo do trabalho.

Beauvoir (1970) apresenta uma pesquisa que comprova o dito acima. Fruto de um seminário realizado em 1966, a autora destacou que a diferença entre homens de 50 e 60 anos não se mostrou muito acentuada. No setor industrial foram examinados 5000 assalariados idosos e chegou-se a seguinte constatação: que entre 60 e 64 anos 82,6% eram capacitados para um trabalho sem restrições, 7,3% para trabalhos leves, 2,3 para um trabalho parcial e 7,7% já deveriam estar aposentados. Entre 65 e 69 os índices eram respectivamente; 81,5%, 7,7%, 2,1% e 8,7%. Depois dos 70 os resultados foram; 80,7%, 4,1%, 2,8% e 12,4%. Mesmo ciente de que o estudo foi realizado a mais de 30 anos, contudo sua conclusão é atemporal visto que já em 1970 tentava-se provar que a idade nem sempre reflete a realidade do indivíduo. Como vemos a idade biológica não pode ser determinante para a aposentadoria.

Devemos nesse momento fazer uma reflexão acerca das condições nas quais o trabalhador chega próximo à aposentadoria. Não queremos aqui enaltecer que devemos ampliar o período de trabalho em virtude da manipulação da idade por parte daqueles que desejam manter assegurados os valores que perpetuam o controle econômico.

Concordamos com a autora Haddad (1970:45) quando ela destaca que:

O trabalhador aposentado não consegue viver sem o trabalho que o massacrava a vida inteira, na medida em que sua vida dele depende. "Ausência de trabalho pode levar o homem à depressão e esta a morte", explicam os especialistas em velhice. Residem aí duas ordens de contradições. Em primeiro lugar o trabalho assalariado não é fonte de vida [...] Em segundo lugar, o trabalhador aposentado é forçado a tentar ingressar novamente no processo produtivo devido às condições precárias de sobrevivência em que se encontra.

A autora ressalta que quando os especialistas (gerontólogos /geriatras) receitam o trabalho como melhor saída para o envelhecimento, sugerindo com isso,

a revisão da aposentadoria por tempo de serviço, acabam por desconsiderar a exploração da mão-de-obra, que em nosso país alcança níveis alarmantes de opressão, obrigando aos idosos a manterem-se ativos para não entrarem em estado de miséria absoluta. Acatando as proposições dos teóricos o Estado utiliza-se desse discurso e interfere dentro de uma realidade fictícia não contemplando aqueles que de fato são os que mais necessitam de ajuda.

A burguesia deve preocupar-se sim com os velhos, mas antes de tudo perceber que o mesmo é fruto de um sistema desigual que não contempla aqueles que após contribuírem o suficiente, poderiam dedicar seu tempo livre a outras funções que não o trabalho como fonte de sobrevivência. Nessas, destacamos as atividades de lazer que se mostram importantes para a busca da qualidade de vida

Perceber a importância da atividade física na velhice é para uma grande parcela da população uma situação descontextualizada da realidade. Como imaginar um indivíduo que aos 65 anos trabalhando de sol a sol, possa pensar em se exercitar em prol de sua saúde física ou mental? Contudo, apesar do acesso dessa parcela de idosos ser ínfima tal possibilidade ao longo dos anos aumentou significativamente figurando hoje, dentro de instituições públicas e privadas, como uma opção para aqueles que ainda podem exercitar-se.

Cabe ao Estado dentro de seus diversos setores promover a importância do reconhecimento e preocupação para com a saúde. Não estamos falando em preconizar as atividades físicas, mas de oportunizar através de outros setores como a educação e mesmo a saúde uma atitude multisetorial através da conscientização da situação em que se encontram os cidadãos, que desconhecem seus direitos e permanecem inseridos em um sistema alienante.

A velhice não é vivida de forma igual em todas as classes. A questão da desigualdade social torna a última etapa da vida do indivíduo penosa para uns e agradável para outros.

Haddad (1986) afirma que a problemática social do idoso, assim como é forjada pelos teóricos não condiz com a realidade concreta que a produz, é uma falsa questão: expressão da ideologia dominante.

Magalhães (1989) também discute as relações das diversas idades que são parâmetros para mensuração da condição do indivíduo. O autor aponta idades tais como Biológica, cronológica, social, demográfica, ideológica e política e ressalta

ainda que as idades biológica e cronológica quase nunca coincidem e as demais são fruto das construções sociais sobre a velhice.

O autor ainda comenta que as significações da velhice diferem em determinada sociedade e na mesma sociedade, em relação ao momento histórico vigente, da classe social, do grupo profissional, do parentesco, da ideologia dominante, do poder econômico e político onde esse somatório de pressões influencia o ciclo da vida e o percurso de cada indivíduo da nascimento até a morte.

Lenoir (1996) e Magalhães (1989) têm visões semelhantes quando apontam a velhice como um problema social que surge da classe operária explorada dentro processo de industrialização. Antes o velho era circunscrito à família e à assistência religiosa, agora se tornou uma questão pública a exigir a ação institucionalizada e da sociedade civil.

Debert (1998) mostra que quando ampliamos a discussão sobre o idoso percebemos que a velhice nada mais é do que uma construção social e que ao acompanharmos sua constituição em problema social evidenciamos o discurso gerontológico que rege o campo. Com essa atitude oferecemos elementos que politizam os debates desnudam a luta envolvida no tratamento do conjunto de questões que estão indissolúvelmente ligadas ao envelhecimento e o processo de controle social.

2.4.3. A Invenção da Terceira Idade

Ao nos aproximarmos da velhice diversos medos tomam conta de nossa existência. O medo da solidão, do abandono, da inanição e da morte. Dentro de uma sociedade onde a mais-valia tornou-se uma doxa o trabalhador percebe seu status diminuir. A importância do velho dentro de um contexto que privilegia o novo torna-se extremamente diminuída. Ser velho equivale a obsoleto, antiquado, inútil.

Diante desse quadro desfavorável ao conceito de velho, fez-se necessário a definição de princípios norteadores que fundamentem um novo conceito. Dessa necessidade surge a terceira idade. Não podemos negar que tal iniciativa de classificação teve a função de uma eufemização do termo velhice.

Peixoto (1998:76) assim explicou a terceira idade:

Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza, integração e auto-gestão constituem as palavras-chave desta nova definição.

A terceira idade torna-se um conceito que ameniza a condição da velhice. Leva o idoso a tentar negar sua condição, pois agora anseiam por não mais serem chamados de velhos e esperam que o rótulo da terceira idade recaia sobre eles.

Ser ativo, autônomo, alegre, feliz tornaram-se adjetivos que simbolizam essa nova categoria. Contudo, esse novo conceito não substitui a velhice. A esse conceito, os especialistas e as instituições especializadas no tratamento da velhice prescrevem uma maior vigilância alimentar e de exercícios físicos e fomentam a idéia de uma necessidade cultural, social e psicológica. (Peixoto, 1998)

Segundo Debert (1998) as formas de pressão traduzem-se em novas formas de expressão. Na transformação da velhice em problema social foram envolvidas novas definições que modificam o conceito de envelhecimento. Expressões como feliz idade, melhor idade, idade do lazer, traduzem um novo “estado de espírito” que o idoso deve se enquadrar.

No entanto, esse novo conceito ao longo do tempo vem mexendo com as relações familiares. Lenoir (1996) comenta que com o advento da terceira idade as condutas dos idosos alteraram-se. Aqueles que fizeram uma poupança não mais a utilizam em sua totalidade para ajudar os filhos. Anteriormente, o capital armazenado era destinado aos filhos com a intenção de que ao serem bons pais, os filhos também seriam bons filhos, resguardando-os no momento de sua velhice.

Agora os idosos têm respaldo social para gastar o próprio dinheiro com seus desejos. Um “laissez faire” até então nunca visto por parte dos mais velhos possibilitou a auto-realização sem preocupações no tocante a reprovação social. Em reação a essa atitude, os filhos começam a aceitar a delegação a instituições especializadas o ato de cuidar dos pais no final da vida. Tornou-se menos importante a manutenção de relações de afeição que, anteriormente, incumbia aos filhos.

Quando encaramos a idéia da terceira idade como uma das divisões da vida do indivíduo e não atribuímos a ela a última etapa da vida, concebemos então uma quarta idade. Empurramos a velhice para anos a frente, A quarta idade caracteriza-

se pela chegada da fase da necessidade dos especialistas que possivelmente identificam o momento do recolhimento/acolhimento e dos tratamentos fisiológicos. A partir dos 75 anos a quarta idade aproxima os idosos do anterior conceito de velho ou muito velho, traduz a imagem tradicional da velhice, ou seja, a decadência ou a incapacidade física. (Peixoto, 1998:76)

Os discursos sobre a terceira idade legitimam as ações que disponibilizam os recursos para a gestão da velhice. As medidas que visariam atender as diversas faixas etárias que compõe a velhice acabam por beneficiar apenas os idosos que têm as características preconizadas pelos especialistas. Tal reação desencadeia um processo de normalização de atitudes, impondo um caráter oficial que lhe consagra politicamente e midiaticamente.

O mercado logo percebeu a nova possibilidade de angariar essa clientela ávida por experimentar as benesses que a terceira idade proporciona. A atividade física, o lazer, o turismo, os tratamentos médicos, enfim uma gama significativa de opções surge para oferecer a esse público o que ele nunca imaginou ter. Os especialistas ao defenderem que o estado normal da terceira idade é o lazer potencializam o crescimento de empresas de lazer e suas implicações no mercado de forma direta e indireta.

Os próprios asilos agora são vistos com outros olhos por parte dos familiares. As instituições passaram a reconsiderar sua imagem perante a sociedade. O nome asilo também caiu em desuso, assim como velho. Agora são denominados casas de repouso, residências ou até mesmo casas de saúde. A redução do custo moral ou afetivo frutificou o número de idosos que por opção própria ou não, entram nesses locais com maior facilidade.

A ruptura com antigos conceitos socialmente arraigados no âmago da sociedade sobre a velhice desenvolveu essa categoria que se interpõe entre a idade adulta e a velhice. Mais uma vez tentou-se manipular as idades mediante os interesses sociais.

A produção do senso comum elaborada pelos especialistas retorna para a sociedade na forma do arquétipo do homem moderno. E esse homem representa uma realidade consumista que espelha o capitalismo, pois não podemos desconsiderar que velhice como um todo é afetada pelo produtivismo que desvaloriza o antigo, o tradicional, a memória e a lembrança. (Magalhães, 1989)

A criação da terceira idade simboliza os “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos, enquanto o termo idoso tenta dar a imagem de velhos respeitáveis. A terceira idade passa assim a ser a expressão classificatória de um grupo social bastante heterogêneo. Esse novo conceito mascara a desigualdade social em que a heterogeneidade econômica, etária, dentro outras é enorme. (Peixoto, 1998).

Quanto à heterogeneidade econômica podemos apontar uma questão relevante. A terceira idade anseia por integração. Os clubes para idosos, os bailes são mecanismos que buscam oferecer um local que seja possível ver e ser visto.

Magalhães (1989) nos mostra uma pesquisa que contribui para o esclarecimento da desigualdade social. Nos EUA e na Europa, executivos têm 77% de chance de sobreviver além dos 70 anos, enquanto entre trabalhadores braçais o percentual desce para 50%. Esses dados mostram que quanto mais alto o estrato social maior a possibilidade de se manter as estruturas de sociabilidade. Com isso os mais ricos podem estatisticamente manter mais amigos do que os mais pobres.

Sendo a sociabilidade uma das possibilidades de evitar o isolamento, aqueles em condições econômicas mais favoráveis ampliam suas possibilidades de uma velhice mais sociável e feliz.

Assim Magalhães (1989:38) explica tal questão:

[...] o poder aquisitivo, aliado à preservação maior das estruturas de sociabilidade – vive-se mais nas elites- e a cultura diversificada, permitem a melhor fruição da velhice, assim como a assistência adequada quando a perda da autonomia de vida progride.

As preocupações no âmbito da aposentadoria e os cuidados sociais devem tornar-se pragmáticos, não no âmbito metafísico, como estamos acostumados a ver, mais de fato na realidade do idoso, especialmente para a população menos favorecida economicamente. Caso isso não ocorra, continuaremos a discutir uma situação fictícia que paliativamente avança rumo ao efeito desconsiderando a causa.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO

*Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
é preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
TOCANDO EM FRENTE
(Autores: Almir Sater e Renato Teixeira)*

3.0. Um Novo Campo para os Idosos

Buscaremos nesse capítulo, em um primeiro momento, apontar os motivos pelo quais os idosos ficaram mais suscetíveis a práticas de atividades físicas. No campo internacional, acontecimentos sinérgicos entre os anos de 1950 e os anos finais de 1970 diversos setores da sociedade conduziram os já idosos a um novo paradigma¹⁶. Dentro do quadro internacional que será delineado, mostra-se inequívoco associar todos os acontecimentos dentro de um mesmo período.

Os campos médico, social, político, econômico, educacional em maior ou menor escala contribuíram para a construção do campo do idoso de uma forma geral.

Não foi objetivo desse estudo, discutir as rupturas e transformações no campo do idoso em sua totalidade, ainda mais porque tal atitude configurar-se-ia como utópica dentro de uma só obra, caso decidíssemos abarcar todas as questões que envolveriam a construção/legitimação desse campo. O campo das atividades físicas para idosos mostra-se como um apêndice desse processo de construção, que será reducionista aqui apresentado. Contudo, avalia-se que os desdobramentos dos acontecimentos neste campo, foram cruciais para uma transformadora visão sobre o idoso e suas novas perspectivas dentro da sociedade.

Cada vez que se estuda um campo novo, descobrem-se propriedades específicas próprias a um campo particular e ao mesmo tempo avança-se no conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em

¹⁶ Entendemos que acontecimentos que incidiram sobre o campo do idoso, objetivando uma transformação na vida daqueles que chegavam ao final de sua jornada produtiva no mundo do trabalho, acabaram por sinergicamente criar/transformar a trajetória do idoso dentro da sociedade moderna inclusive sobre a prática de exercícios físicos.

função de variáveis secundárias. (BOURDIEU, 1983). Essas variáveis podem representar as influências externas que desencadeiam o processo de construção de um novo campo. Por isso, compreender as particularidades de outros campos em especial aqueles que mantêm relações com o objeto do estudo, favorece a identificação de idiosincrasias do campo que almejamos desvelar.

Inicialmente, percebe-se em nível internacional mudanças dentro do conceito sobre a aposentadoria. Chegar ao final da vida produtiva era para muitos a antecâmara da morte, pois a importância do aposentado passa a ser relativizada por muitos. A invenção de termos como “melhor idade”, “boa idade” é a tentativa de reforçar as construções sociais que procuram segmentar as etapas da vida inculcando atitudes, condutas, roupas e no nosso caso até as práticas de atividades físicas.

A vida do idoso começa a ser fruto de uma nova tensão social, impulsionada pelos campos econômico e político, que favorecem uma transformação no campo do idoso no tocante à definição do tempo após o término de sua vida no mundo do trabalho. A associação de diversos fatores, principalmente oriundos dos avanços do campo médico/gerontológico, convergiu para a promoção de uma nova atitude por parte dos já idosos, deflagrando um novo conceito que teve seus alicerces construídos em uma nova dimensão de vida para os já aposentados.

A concepção do homem moderno e a busca da eterna juventude também potencializaram a inserção do idoso dentro dos paradigmas da sociedade capitalista. Manter-se belo, jovem e saudável atendendo aos padrões estéticos, conduzem a todos, inclusive os idosos a um modo de vida que inclui dentro de seus preceitos as atividades físicas.

Em um segundo momento, apresentaremos a construção do campo das atividades físicas para idosos no Brasil, fenômeno que sofreu significativas influências dos acontecimentos em nível internacional desenvolvendo características particulares a partir das intervenções de diversos atores sociais frente à realidade vigente em seu período. Abordaremos o que a literatura e suas condicionantes paradigmáticas contribuíram para a disseminação do conhecimento, as informações oriundas das fontes orais, documentos das instituições como forma de mostrar as evidências sobre os projetos, programas e ações de construção do campo das atividades físicas para idosos, acompanhando as produções teóricas que vinham desenvolvendo o debate e impulsionando muitas vezes o campo.

3.1. O uso do tempo disponível do idoso: as influências para a construção do campo das atividades físicas.

Hoje é notório o crescimento do número de idosos em todo o mundo. Tal constatação e seus desdobramentos não são novidades dentro dos estudos acadêmicos. O idoso não mais figura como uma parcela da sociedade que pode passar despercebida mediante as ações governamentais. Seus anseios e necessidades foram e ainda continuam sendo foco de atenção por parte dos responsáveis em equacionar a problemática vivida pelo idoso dentro de suas diversas interações com a dinâmica social.

Sociólogos, gerontólogos, médicos, políticos, professores, economistas, dentre outros, contribuem há décadas na tentativa de contribuir com avanços para o campo do idoso.

Lenoir (1996) aponta que ao se detectar uma crise no sistema social torna-se evidente uma categoria, a velhice, que apesar de sempre ter existido nunca se apresentou como um problema. Desses novos conflitos fruto da sociedade moderna, o envelhecimento acaba acrescido de mazelas sociais como a pobreza, que potencializa suas peculiaridades tais como a dependência e as relações de sobrevivência perante o sistema. Contudo, nem sempre foi assim.

Nas sociedades antigas, Beauvoir (1970) nos mostra que como aquelas comunidades eram compostas basicamente de artesãos e camponeses, os mesmos tinham uma exata coincidência entre profissão e a existência. O trabalhador vivia em seu local de trabalho e não era específico de atividades domésticas ou produtivas, transitava entre as duas realizando as tarefas conforme as mesmas mostravam-se mais imperativas. Nas profissões em que a idade passava a ser um entrave, o trabalhador adaptava-se a uma nova realidade dentro da divisão do trabalho que se mostrava realizável perante as capacidades do indivíduo. Ao se tornar completamente incapaz o ancião permanecia dentro do âmago da família que lhe assegurava a subsistência, cabendo ressaltar que nem sempre representava um final de vida digno. A autora ainda comenta que na sociedade moderna o trabalhador não mais trabalha no mesmo local onde reside. A família não se relaciona com a atividade produtiva e em virtude de um sistema explorador, a renda não consegue suprir também as necessidades dos velhos, sendo os mesmos muitas vezes qualificados como estorvos para a família.

O trabalhador de hoje vê sua vida útil declinar muito mais rapidamente do que nas sociedades pré-industriais, visto que seu ofício é o mesmo por toda a vida, não sendo possível adaptar o seu trabalho a todas as idades por qual passará durante sua existência. Com isso a sensação de inutilidade, descrédito e abandono insurgem como maior força nas sociedades industriais. Agora, o que fazer com o tempo ao final da vida útil do trabalhador?

Alves Jr (2004) relata que em alguns países como a França, o incentivo à prática das mais diversas atividades sejam elas relacionadas com o campo das práticas físicas ou esportivas, intelectuais ou sociais vem sendo há muitas décadas apontado como uma saída para manter os idosos e aposentados ainda participativos dentro da sociedade.

Nesse contexto Lenoir (1996) afirma que a constituição de uma situação como um problema social interessa aos poderes públicos por dois motivos. O primeiro caracteriza-se em desenvolver soluções para o problema por parte do Estado e com isso, decidir onde o mesmo poderá aplicar as medidas apropriadas. O segundo é a tentativa de controle da situação, perpassando pela compreensão e avaliação com uma aparente exatidão, dando impressão à população que os poderes públicos têm condições de controlá-la reforçando a idéia de um Estado onisciente e, portanto onipotente.

O objetivo é tomar a medida dos “fatos” e colocá-los em relação com os meios de que dispõe ou deveria dispor um Estado racional. Não se trata de explicar um fato social enquanto tal, mas de apreender os aspectos em que o Estado poderia intervir. (LENOIR, 1996:103)

Com isso, as políticas para a velhice oferecem exemplos muito concretos no que diz respeito a algumas funções assumidas pelo modo político de gestão das relações sociais. Dessa tensão, surgem em determinado momento uma “solução” ou um “acordo”, sob uma forma jurídica, financeira ou política (LENOIR, 1996)

Alves Jr (2004) ressalta uma situação que se mostrará fundamental para a construção do campo das atividades físicas para idosos:

Se a velhice sempre existiu o que mudou para grande parte dos velhos do século XX, e que se anuncia para esse novo século como norma, é que não se para mais de trabalhar para morrer, como era freqüente nos séculos anteriores. Fruto das conquistas trabalhista que foram se acumulando nos últimos anos, entrou em cena o uso de um tempo social que se configura pela ausência do compromisso com o trabalho. Atualmente somos induzidos a crer que são os aposentados os que mais podem usufruir desse tempo. Trata-se de uma aposentadoria sendo vivida como “Lazer” ou “Terceira Idade” que acaba generalizando um envelhecimento isento de comprometimentos e bastante feliz. (ALVES JR, 2004:52)

O autor ainda coaduna com Lenoir (1996) quando ele afirma que as pressões exercidas pelas gerações mais jovens determinam o momento em que as gerações mais velhas devem se retirar. Essa tensão intra-campo define as lutas pelo poder dentro da dinâmica de sucessão. O campo econômico é preponderante dentro desse processo.

Como vemos, um espaço antes preenchido pelo tempo de trabalho agora se encontra vago, possibilitando sua utilização das mais variadas formas, inclusive, infelizmente para muitos, com mais trabalho produtivo.

A forma como as pessoas envelheciam, começava a suscitar estudos que tentassem explicar a conduta dos idosos. Acreditamos que seja necessária a compreensão de duas teorias¹⁷ que influenciam até hoje o “habitus” dos idosos na sociedade. Muito do que foi propalado por elas, serviu como escopo teórico para justificar a atitude de idosos perante sua adesão ou não as atividades físicas.

No final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960, surgem às teorias psicossociais que tentavam dar sentido a um modo de vida. Duas delas ficaram conhecidas por se oporem, a do desengajamento e a da atividade. As duas podem ser descritas como teorias psicossociais, com características funcionalistas (ALVES Jr, 2004:30).

Parte do envelhecimento é uma preparação para a morte. Em nenhum estudo essa idéia é mais explícita do que na teoria do desengajamento (STUART, 2002). Segundo ela, conforme as pessoas envelhecem seu contato com o mundo diminui. Em determinado nível, isso se dá pelo declínio dos sentidos. Em nível social, a perda do cônjuge e dos amigos juntamente com outros afastamentos sociais, como a aposentadoria, fazem com que as pessoas mais velhas se desliguem do contato com os outros. A teoria descreve que as atitudes dos idosos refletem um processo racional, iniciado pelas pessoas mais velhas e induzido e estimulado pelas

¹⁷ Cabe ressaltar que diversas outras teorias também foram desenvolvidas, destacamos dentre elas: **Modernização** – O conceito de modernização refere-se ao processo de industrialização que conduz a mudanças estruturais particulares a cada contexto histórico e cultural. O argumento central é que o status dos idosos está diretamente ligado ao grau de industrialização da sociedade. Ela define como declínio do status a redução nos papéis de liderança, no poder e na influência, bem como o desengajamento do idoso da vida e da sua comunidade. Essa teoria preocupa-se com a exclusão dos idosos. **Sub-Cultura** – entende os idosos como um grupo com características exclusivas e os separa de outras faixas etárias. O fato de terem condutas, atitudes, expectativas e comportamentos diferentes das demais faixas etárias são entendidos como seguidores de uma sub-cultura. **Continuidade** – relaciona as características peculiares de cada indivíduo ao longo de sua vida. Levando a crer que as atividades durante a vida serão os fundamentos de suas atitudes no momento da velhice. Para saber mais FIGUEIREDO, N.M. A de, TONINI, T (Orgs). Gerontologia: Atuação da enfermagem no Processo de envelhecimento. São Paulo: Yendis, 2006.

convenções sociais. Segundo essa teoria é natural e desejável ao envelhecer abandonar as atividades da vida social provocando um bem estar psicológico.

É como se a pessoa estivesse se preparando para morrer, desfazendo seus vínculos com o mundo físico. A teoria foi criticada por apresentar o comportamento de esperar passivamente pela morte, como uma atitude natural para as pessoas mais velhas. Evidências posteriores indicam que o desligamento se limitava em grande parte às pessoas que sempre foram reclusas. Em outras palavras, o fenômeno pode ser encarado como uma extensão “natural” de um tipo específico de personalidade e não como um aspecto universal do envelhecimento. Outra crítica é que o desengajamento é um fenômeno muito raro nos países em desenvolvimento, onde as pessoas mais velhas mantêm um papel ativo na comunidade. (STUART, 2002)

Posteriormente, os criadores da teoria da atividade argumentaram que a melhor política para as pessoas mais velhas é que se mantenham tão ativas quanto possível. Seus seguidores acreditavam que além de ser natural o desejo de manter-se em atividade, a satisfação com e pela a vida é melhor naquelas pessoas com um envolvimento ativo. Os indivíduos que se desligam da sociedade, provavelmente vêm fazendo isso ao longo de sua vida. Em outras palavras, essa não é puramente uma resposta ao envelhecimento.

Se concordarmos plenamente com a teoria da atividade, ela reverbera-se tão pouco atraente quanto aquela que tenta substituir. O consenso moderno é que as teorias do desligamento e da atividade descrevem estratégias ótimas para alguns indivíduos, mas não para todos. O que vai ser melhor para cada um depende de vários fatores como circunstâncias financeiras, saúde e tipos de personalidade.

Se pudessem escolher, acreditamos que muitas pessoas provavelmente prefeririam combinar aspectos dos estilos de vida atrelados ao desengajamento e de atividade.

Alves Junior (2004) ressalta que a teoria da atividade visa entender a inadaptação ao envelhecimento, seria uma intervenção antivelhice, gerando atitudes como o associacionismo e o voluntariado. Tais atitudes fariam parte de um campo fértil permitindo que os idosos tivessem mais opções para permanecerem ativos. O autor ainda comenta que apesar de ingênua, a teoria da atividade, continua a servir como base de sustentação das mais diversas propostas de intervenção que integram

as políticas das diretrizes sociais, sendo a explosão do fenômeno associativo¹⁸ um exemplo pertinente.

Permanecer ativo após o período “útil” da vida surge como um novo paradigma da sociedade moderna. A invenção da terceira idade serve perfeitamente para justificar essa fase da existência quando as obrigações da vida cotidiana não representam mais um empecilho para o afloramento do hedonismo humano que vinha paradoxalmente reprimido pelo conflito da busca pela felicidade individual atrelada as amarras das inflexíveis pressões oriundas da coletividade.

Guillemard (1986) define que uma política para a velhice pode ser definida como um conjunto de intervenções públicas que estruturam de maneira implícita e explícita a relação entre os idosos e a sociedade. A autora ainda aponta que na França pôde-se identificar nas intervenções do Estado nas políticas para a velhice três eixos, sendo o primeiro a constituição do direito social à aposentadoria, o segundo a definição de um modo de vida específico para a velhice e por último o nível e o modo de participação do grupo idoso na produção.

A revolução industrial assim como influenciou outros campos teve sua influência também no campo da saúde. No intuito de reforçar os interesses das classes dominantes na tentativa de ampliar o potencial de produção e consumo, a garantia do escoamento da produção dos produtos manufaturados, além do poder militar desenvolveu-se um conceito denominado biopolítica, que acabou por consolidar a categoria médica como responsável por sua gestão e desencadeadores de conceitos e ideais. (FARINATTI e FERREIRA, 2006)

Percebemos que uma preocupação em desenvolver modos de vida para a população idosa começava a figurar dentro do contexto das sociedades mais desenvolvidas. O número crescente de idosos e seu inexorável caminhar rumo ao aumento quantitativo do seu contingente fez proliferar ações de todos os lados, tanto das pressões dos próprios idosos que se viam pouco atendidos, como dos governantes que buscavam uma intervenção efetiva para equacionar o problema.

Parece claro que oferecer atividades variadas e com isso permanecer ativo era o caminho a ser perseguido. Não estamos falando necessariamente da oferta de atividades físicas. A idéia era permanecer ativo e isso pode ser conseguido/compreendido de diversas formas. Tal objetivação fica aparente quando

¹⁸ Fenômeno que leva os idosos a buscar o convívio social. Fato muito comum nos dias atuais, em clubes e universidades para idosos.

é colocado no último eixo de intervenção do Estado, apontado por Guillemard (1986), sobre o modo de participação do idoso na produção. Essa premissa deflagra a intenção de proporcionar ao idoso formas de permanecer útil a ele mesmo e principalmente a coletividade.

Dumazedier (1975) em seu livro “Lazer e Cultura Popular” nos mostra como a política ativista teve repercussões significativas. O autor relata a importância do lazer e ainda ressalta que esse seria uma característica para os anos que estariam por vir. Cabe ressaltar que seu livro foi atualizado, contudo muitas das idéias apresentadas surgiram entre 1955 e 1959¹⁹, período em que o autor publicou diversos artigos abordados na temática do livro. A preocupação com o corpo pode ser sentida quando o estilo de vida surge como uma saída para uma melhor qualidade de vida através do lazer.

Pode ser que as relações com a cultura do corpo e a do espírito, o compromisso e o desinteresse, a seriedade e a atividade lúdica mudem profundamente naquilo que virá a ser a cultura vivida pelas massas numa civilização cada vez mais marcada pelo lazer. Seguir o caminho dessa nova cultura - mais corporeificada do que a cultura clássica, mais desinteressada do que uma cultura “politécnica”, mais complexa do que uma cultura militante - isto é, de uma cultura ligada diretamente às atitudes ativas do homem do lazer, nas suas relações com os problemas do turismo, do esporte, da televisão, das leituras recreativas e dos agrupamentos sociais voluntários, parece-nos constituir um dos mais importantes objetivos, tanto para os humanistas quanto para os sociólogos de nossa cultura contemporânea. (DUMAZEDIER, 1975:266)

Os anos de 1950 até o final da década 1970 são reconhecidamente um período de transformação em diversos aspectos para a sociedade mundial. Morin (2006) descreve parte desse momento como fundamental para uma nova percepção de mundo por parte da humanidade. O autor comenta que no decurso desse processo de transformação cultural de massa, locais como a França, em maio de 1968, através dos movimentos dos jovens e na Califórnia, onde fervilhava inovações culturais, deflagraram ondas de choque que envolveram a sociedade mundial com a inserção de novos valores. A libertinagem que era cultivada através do consumo e para o consumo, um processo contínuo de reivindicação ilimitado do desejo de prazer e o surgimento do anticoncepcional promoveram algo semelhante a um *Carpe*

¹⁹ O autor comenta que entre 1955 e 1959 publicou diversos artigos em revistas francesas e de vários países. Devido a muitos pedidos, esses artigos foram reunidos em uma única obra, que apesar de ter sido bem alterada, tem suas origens dentro do período que ressaltamos como fundamental para uma nova visão sobre a utilização do tempo livre pela sociedade.

Diem moderno²⁰. Nesse período, Morin (2006) ainda comenta que as pessoas eram atraídas para os finais de semana e as férias, absorvendo os progressos consumistas proporcionados pela indústria do Lazer.

No seio desse processo desmoronou-se a promessa eufórica de felicidade, base da cultura de massas, e em seu lugar, enquanto em redor a revolta se manifesta de forma surda, não se ouvem senão propostas de “viver melhor” (MORIN, 2006:12)

O período que destacamos como fundamental para uma nova concepção de corpo e da própria reutilização do tempo livre é também identificado por Prost (2001) quando o autor relata que na metade dos anos de 1960 as propagandas na França realçavam um novo estilo de vida afeto ao tão esperado período de férias. Pessoas em trajes de banho, ou casais jogando tênis eram uma evidente forma de demonstrar uma transposição para o cotidiano das práticas própria das férias. Nossos contemporâneos buscam retardar ao máximo os efeitos da idade e da doença. Homens e mulheres de quarenta anos, pouco se assemelham aos indivíduos de duas gerações atrás.

Nesse contexto apela-se para todos os tipos de recursos para evitar o avançar das rugas, tais como cremes, geléias, máscaras de lama, cirurgias. Cria-se um comércio próspero tentando exorcizar o medo de envelhecer com o rigor de especificações aparentemente científicas e o feitiço das propagandas. O elixir da juventude passa a ser desejo coletivo. Por isso, resignar-se a envelhecer não é, portanto, uma virtude da nossa época. (PROST, 2001)

Academias de dança e ginástica passam por um período de prosperidade os centros sociais e os clubes para a terceira idade reproduzem essa preocupação em meios bastantes diversos. (PROST: 2001:100)

Acreditamos que em nível internacional o campo social do idoso teve um incremento de iniciativas a partir do final dos anos de 1950, especialmente na França.

Pierre Laroque (1987:12) no final dos anos de 1950 é convidado para desenvolver um relatório²¹ que acabou por incorporar seu nome. Laroque foi convidado pelo Primeiro Ministro que o incumbiu de diagnosticar a situação do idoso na França.

²⁰ A analogia com o antigo conceito *Carpe Diem* (colha vida ou aproveite a vida) deve-se aos novos padrões de conduta sociais que permitiam aproveitar mais a vida sem tantas restrições morais.

²¹ Após o relatório Laroque, o governo decidiu por ampliar o sistema de aposentadoria, estimular as reformas dos asilos que não se encontravam em boa situação além de dar condições aos indivíduos envelhecerem em suas próprias residências, favorecendo assim um maior aproveitamento da terceira idade cuja construção de seus princípios estava em curso. (Guillemard, 1986)

Tal relatório teve grande repercussão e originou uma política elaborada para velhice que buscou identificar o lugar do idoso na sociedade francesa e a partir daí, intervir tornando-se pragmaticamente efetiva nos vinte anos subseqüentes, tendo em vista as projeções e transformações que deveriam ocorrer dentro dos quesitos demográficos, econômicos e sociais. (Alves Jr, 2004)

Todos os esforços deveriam ser dirigidos no sentido de manter os idosos integrados ao meio social e econômico, a partir de uma política que privilegiasse múltiplos aspectos: trabalho, renda, ação social, saúde prevenindo ou retardando as doenças da velhice, uma ação educativa que envolvesse não só os idosos, mas a população como um todo. (ALVES JR: 2004:58)

Alves Jr (2004) aponta os anos de 1960 como o período em que buscou-se intervir nos modos de vida dos aposentados franceses. O autor relata que em Grenoble e em Paris uma nova dinâmica de ação gerontológica surgiu com o intuito de aumentar a autonomia do idoso. Surgem então os clubes da terceira idade e centros de dia. O autor comenta que o que estava sendo feito em Grenoble era uma política coordenada de modo de vida, que conseguia por em prática uma intervenção menos segregacionista, minimizando as tradicionais ações assistencialistas que pouco contribuía para a melhora da autonomia do idoso.

Guillemard (1986) afirma que a velhice não deveria ser representada como declínio, e sim como uma manutenção da vida cotidiana normal, graças à profilaxia preventiva. A autora nos mostra que baseada no discurso ativista²² surgem novas necessidades em animação colaborando para a inserção do idoso na sociedade de uma forma mais plena. Em função disso aparece a figura dos animadores sócio-culturais e esportivos que atuariam com os idosos. A autora ainda comenta que até 1971 o que significativamente avançou foram os conhecimentos no campo da gerontologia que passou a fazer parte das faculdades de medicina e serviu de base para o desenvolvimento de políticas públicas.

As condições para que os idosos se mantivessem ativos eram oferecidas principalmente nos clubes e centros de dia, além da sociedade que como um todo começava a perceber a importância de manter-se ativo.

²² A teoria da atividade tem por proposta estudar e apresentar alternativas de adaptação para a população idosa. Os defensores dessa teoria propalam que o indivíduo idoso deve continuar a exercer a atividade laborativa, a participar de clubes, de grupos religiosos, de grupos culturais, de esporte, enfim, deve-se manter-se ativo inserindo-se no maior número possível de eventos. Essa seria a fórmula de uma velhice saudável e feliz (GOLDMAN, 2003:25)

Para os mais novos as atividades físicas não refletiam qualquer tipo de restrição, principalmente para os indivíduos que gozassem de boa saúde. Contudo um impasse mostrava-se presente: Que tipo de atividade física poderia ser prescrita para os idosos? A ciência não detinha conhecimentos que permitissem com segurança, uma atividade física mesmo que profilática indicada para idosos.

Os primeiros estudos sobre o envelhecimento apontavam em sua maioria para a dimensão biológica. Sendo assim a velhice era compreendida como uma questão de degenerescência física, um processo de evolução ou até involução, muitas vezes reducionista vinculado ao binômio saúde-doença. (GOLDMAN, 2003).

Em 1983, Holloszy em seu artigo²³, relatava a fragilidade dos conhecimentos sobre atividades físicas destinadas ao idoso. O autor comenta que era particularmente verdade que as teorias que recomendavam os exercícios ainda não eram conclusivas se de fato podiam ou não acelerar o processo de envelhecimento em virtude do resultado de aumentos da taxa metabólica e produção de hormônio sob tensão. Então, por causa das implicações de saúde públicas e principalmente da descoberta de formas de exercícios mais amplos e bem-controlados se fez necessário a divulgação de estudos dos efeitos de exercício em indivíduos com doença de artéria coronária, diabete, hipertensão, e vários aspectos do processo de envelhecimento.

Holloszy (*ibid*) ainda comenta que uma das barreiras importantes que impediam o progresso nesta área era a carência de fisiologistas que se interessassem por pesquisa em manutenção da saúde e fisiologia do exercício humano, promovendo estudos apropriados que desenvolvessem maiores conhecimentos fruto de uma interdisciplinaridade, propiciando descobertas nos efeitos do exercício em doenças crônicas muito comuns dentro do processo de envelhecimento. O mesmo autor ainda comenta que até 1960 as comunidades médicas e científicas nos Estados Unidos e Europa (com talvez a exceção da Escandinávia²⁴) eram muito conservadoras no tocante a exercícios mais vigorosos para indivíduos de mais idade. É interessante ressaltar que o autor já demonstrava

²³ HOLLOSZY, J. O. **Exercise, health, and aging: a need for more information:** In: *Medicine & Science in sports & exercise*. Vol 25-nº5 May 1993.

²⁴ Ainda nesse capítulo ratificaremos os países escandinavos como importantes na propagação do conhecimento sobre os efeitos do treinamento em idosos. Entrevistados como o professor Antonio Boaventura da Silva e Maurício Leal Rocha nos relatam que foi na Suécia o primeiro local onde obtiveram dados sobre exercícios com idosos.

na data do artigo, conceitos que apontavam às vantagens provenientes das atividades físicas supervisionadas e adequadas as necessidades dos indivíduos.

Com o avançar da modernidade, o conceito de saúde veio alterando-se em virtude das descobertas nos mais variados campos da medicina. Tornou-se cada vez mais claro que o binômio saúde e doença dependiam das condições mais gerais da vida. As taxas elevadas de morbidade e mortalidade dos países em desenvolvimento em comparação com as nações mais desenvolvidas são em sua maioria explicadas pelos elevados índices de pobreza, fruto das condições econômicas e política.

Sendo assim, as preocupações nos âmbitos sociais culturais, políticos, econômicos e até ecológicos mostraram-se aspectos importantes para as decisões e estudos sobre a saúde.

Corroborando com o período dito como fundamental para a construção do campo do idoso na prática da atividade física a compreensão a respeito do conceito de saúde teve uma ruptura assim descrita por Farinatti e Ferreira (2006:41).

De qualquer forma, não se pode negar que um novo marco conceitual inicia seu desenvolvimento a partir dos anos 50, para o que muito contribuiu a definição clássica da OMS. A saúde passava a ser vista não como ausência de doenças, rompendo com a tradição, reinante desde Hipócrates, mas como um completo estado de bem-estar físico, mental e social. É definitivamente reconhecido, isto no nível global, que a saúde dos indivíduos e povos decorre de diversos fatores dos biológicos até os sociais, ambientais, institucionais e profissionais.

Fica evidente que a importância da atividade física logo surgiria dentro desse conceito multifatorial, destacando-se na tentativa de se alcançar a longevidade e posteriormente também para a melhora na qualidade de vida dos já idosos.

Buscar a longevidade respeitando preceitos médicos que se manifestavam desde o período entre guerras já não era novidade. Prost (2001) mostra que três condutas tornaram-se popularmente difundidas na Europa principalmente durante e após o período entre guerras. A dietética, a higiene e a cultura física.

Prost (2001) afirma que a mídia contribuiu sobre maneira para difusão desse novo conceito que favorecia a saúde. Campanhas publicitárias tiveram um papel importante para a propagação desses novos hábitos. Com o efeito das explosões dessas campanhas acelerou-se em grande parcela da população a adoção de práticas físicas, preconizadas por médicos. Vender xampu e pasta de dentes era em primeiro lugar impor ao público um novo conceito de higiene. Além disso, a venda dos bronzeadores que impulsionavam também as vendas de lingerie e produtos de

praia ficavam atreladas a inculcação de que uma pele bronzeada, como na época das férias, tinha se tornado um imperativo social .

Com as fotos sugestivas nas revistas que servem de suporte específico a essas propagandas, com o reforço do cinema e principalmente da televisão, os profissionais dos cuidados com o corpo vieram a impor suas imagens. Assim os comerciantes contribuíram mais do que os higienistas para difundir os novos hábitos do corpo. (PROST, 2001:98).

O mesmo autor nos mostra que na França entre 1970 e 1980 o peso dos franceses diminuiu um quilo em média e que esportes individuais como o tênis passaram de 50mil praticantes em 1950, para 133 mil em 1968 e 993 mil em 1981. Num campo em que as transformações levam séculos, essas diferenças em apenas décadas são o sinal eloqüente de uma atenção crescente para o corpo. Agora cuidar do próprio corpo tornou-se um novo paradigma social. (PROST: 2001)

No campo da educação para idosos, o período aqui já apresentado também refletiu transformações que certamente contribuíram para a construção do campo das práticas corporais do idoso e suas ramificações.

Segundo Faria Jr.(2000) a tese que sustenta o argumento que a educação de pessoas idosas evoluiu do quadro da educação de adultos, para vir a constituir-se num novo campo próprio de intervenção teorização e pesquisa, já é hoje bem aceita. Entretanto essa tese da construção do campo da educação gerontológica baseou-se no contexto internacional.

Nos anos finais da década de 60 em escala mundial, aconteceram manifestações estudantis que serviram de pressão para acelerar processos de ampliação de ofertas educacionais para todos, acarretando mesmo que indiretamente maiores oportunidades para a educação para idosos. Essas manifestações ficaram conhecidas como o “Movimento de 68”. Um dos slogans popularizados pela União Nacional dos Estudantes da França era: “nós queremos uma comunidade igualitária onde o conhecimento totalmente compartilhado será inventado”. A proposta seria uma universidade aberta a todos de forma a viabilizar uma educação ao longo de toda a vida.(FARIA JR, 2000)

As exigências oriundas da transição demográfica e os novos rumos da evolução da sociedade em geral, tanto em relação ao mundo do trabalho como das novas idéias em educação, foram fundamentais para um repensar educacional mundial.

Em 1973, surge na França, em Toulouse, a primeira Universidade da Terceira Idade, destinada a pessoas aposentadas. Esse foi um passo significativo para a ratificação do campo que começara a surgir. A existência de uma universidade aberta aos idosos iria tornar-se uma constante em todo o mundo atendendo a uma crescente demanda de uma população que já começava a exigir da sociedade uma adequação a suas necessidades.

Surge o termo Gerontologia Educacional, que seria utilizado para denominar este novo campo. Acredita-se que tenha surgido em 1970 na Universidade de Michigan como título de um programa de Doutorado que tinha como linha principal a educação de pessoas idosas. (FARIA JR, 2000)

A Educação Permanente aparece como outro fator que aponta significativamente para confirmar uma maior preocupação com a questão da educação para idosos. A expressão educação permanente compreende elementos bastante distintos. Às vezes, esta educação se refere pura e simplesmente à esfera profissional, à preparação para um ofício ou à reciclagem profissional. Pode confundir-se também com a educação para adultos, tomada num sentido mais amplo que o da qualificação profissional, sem abranger, no entanto, o conjunto das dimensões da personalidade. Mais adequadamente o termo se enquadra em uma expressão do desejo de criar uma nova ordem educativa. (FARIA JR, 2000)

Assim, a Educação do homem não termina com o fim da escolaridade, seja de nível fundamental, médio ou universitário, mas continua durante toda a vida. Com a educação permanente tem-se a intenção de mostrar que se trata de continuar o processo educativo sem interrupção para satisfazer as exigências do indivíduo em seu desenvolvimento, respeitando seu momento de vida e as adequações necessárias em um mundo em eterna transformação. Percebe-se que uma educação permanente tenta abranger o ser humano em todas as suas idades, respeitando seus anseios e as necessidades do momento vigente, sejam eles na infância, adolescência, fase adulta ou velhice.

As universidades assumindo também a tarefa de desenvolvimento cultural do idoso ampliam o seu compromisso social, integrando aqueles que se encontram à margem do processo de desenvolvimento, imposto ao construído processo de exclusão à idade e, por conseguinte, levando-os a usufruir dos bens advindos desta proposta educacional. Os programas oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior são formas alternativas de atendimento ao idoso e também aos indivíduos que vão

envelhecer, além de visar a uma valorização, a uma maior conscientização da sociedade em geral sobre o necessário reconhecimento ao processo de envelhecimento da população no país.

Outro fator que possivelmente influenciou a criação de oportunidades educacionais para idosos foi a crescente tomada de consciência por parte dos idosos de que poderiam ter um desempenho político importante. O envelhecimento progressivo do grupo dos idosos e a tomada de consciência de que poderiam exercer uma eficaz ação política deu origem ao denominado “poder cinza” que aumentou progressivamente em força e número. A tomada desta consciência por parte de quem possui poder econômico e político conferiu uma importância nova ao fato de pertencer a uma camada de idade que compreende a velhice. Tal importância viu-se acrescida pelo peso de questões que se agravam quando ligadas à idade, como a inflação, aposentadoria, impostos, cuidados médicos, seguridade social e programas governamentais que constituem questões sociais de alto interesse dos idosos (FARIA JR, 2000)

A “educação para adultos” foi o ponto de partida para o surgimento de um campo específico da educação para o idoso. Esse novo campo pôde ser diagnosticado devido aos acontecimentos já descritos anteriormente, que possibilitaram sua consolidação.

Como vemos diversos acontecimentos dentro de um mesmo período, influenciando e ditando novas tendências, frente à percepção da transição demográfica e à pressão exercida pelos próprios idosos, (talvez nem mesmo de forma associativa) desencadeou uma série de mudanças que convergiram para a construção e ou delimitação do campo do idoso.

O desenvolvimento da geriatria e da gerontologia social são exemplos desta conscientização que propiciou diversos encontros e seminários internacionais voltados à discussão da temática sobre o envelhecimento. Tais encontros começaram a despontar e a reproduzir-se no decorrer dos anos de 1950, sobre tudo na Europa e EUA.

A prova dessa preocupação foi o encontro durante a Assembléia Mundial sobre envelhecimento realizado no ano de 1982 na Áustria em Viena que possibilitou a criação do I Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento que acabou se tornando uma referência para todas as nações que buscavam um planejamento para sua população idosa.

O processo de envelhecimento nos países desenvolvidos que atualmente encontra-se em um estágio significativamente adiantado, transcorreu de forma gradual durante um período em que coincidiu com grandes transformações de cunho socioeconômico, responsáveis também por avanços importantes no que diz respeito as condições de vida e bem-estar da população em geral.

Dessa construção, surgiram *habitus* que até então não representavam o *modus operandi* dos já idosos. Consideramos que hoje temos um novo modelo de vida extensivo a partir da classe média. Agora, esperar a morte, não figura dentro das características desses “novos velhos”. Acredita-se que os acontecimentos até aqui apresentados foram disseminados por diversos atores sociais que em suas viagens e estudos trouxeram inovações para dentro de seus respectivos países. E no caso do Brasil observamos que não foi diferente.

Os países que detinham o conhecimento/capital específico dentro do campo dos idosos serviram como propagadores desse saber. Devemos compreender que o capital específico vale para certo campo, para os limites desse campo, com isso esse capital específico quando levado para outro campo sua transformação se dá sob certas condições que irão desencadear outra dinâmica, mais que irá seguir certa lógica semelhante ao campo que o proveu.

Países como França e EUA, que vivenciavam primeiramente o envelhecimento de sua população, acabaram obrigados a agir mediante ao fenômeno que se apresentava. Medidas foram tomadas, leis foram implantadas, erros e acertos foram cometidos. O campo que se originou dessa experiência tornou-se extremamente autônomo já que se configurava como sendo o precursor. Esse campo detinha um alto poder de refração.

Países que ainda não vislumbravam tal situação acabaram por ter seus campos construídos analogamente ao campo precursor. Em virtude dessa perspectiva, o poder de refração desse campo era extremamente frágil ocasionando diversas adequações que se faziam necessárias em virtude das distintas realidades. Acreditamos que o Brasil enquadrou-se nessa vertente.

Bourdieu (1983) comenta que influências externas ao entrarem em contato com os atores sociais que interagem dentro do campo, recebem as pressões e as transformam para suas especificações, aceitando primeiramente as considerações das leis internas, seus interesses e acima de tudo os objetivos do grupo a qual pertencem.

3.2. A Construção do campo do idoso no Brasil

No Brasil podemos perceber um aumento significativo no número de idosos da população Brasileira, mais precisamente a partir dos anos de 1960, quando esta faixa etária teve uma aceleração em relação à população adulta e jovem.

Enquanto na Europa nos anos de 1950 já existiam preocupações sobre essa temática, a maioria dos países de terceiro mundo, entre eles o Brasil, ainda não existia significativa atenção ao número de idosos, visto que o crescimento populacional ainda era o maior foco das preocupações. Éramos um país jovem.

Somente nos anos de 1980 o problema de fato tornou-se preocupante para o Brasil, embora diversas ações sobre a população idosa já tivessem sido realizadas.

Alves Jr (2004) confirma a idéia de que no Brasil ainda não se dava atenção suficiente ao fenômeno de envelhecimento da população. O autor comenta que não seria improvável que os documentos que serviram de base para a política francesa terem servido para a política dos idosos brasileiros e que a normatização mais significativa da proteção social brasileira iniciou-se nos sistemas de aposentadoria, já que os idosos deveriam ser atendidos nos centros sociais e também com parcerias com a comunidade.

No Brasil, o êxodo rural já se mostrava uma realidade. Na busca por uma vida mais promissora as pessoas migravam para as áreas urbanas. Na tabela 1 observamos a população brasileira e sua distribuição por sexo e domicílio.

Tabela 1- População Residente, por situação do domicílio e por sexo - 1940-1996

Anos	Total		Urbana		Rural	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1940	20.614.088	20.622.227	6.164.473	6.715.709	14.449.615	13.906.518
1950	25.885.001	26.059.396	8.971.163	9.811.728	16.913.838	16.247.668
1960	35.055.457	35.015.000	15.120.390	16.182.644	19.935.067	18.832.356
1970	46.331.343	46.807.694	25.227.825	26.857.159	21.103.518	19.950.535
1980	59.123.361	59.879.345	39.228.040	41.208.369	19.895.321	18.670.976
1991	72.485.122	74.340.353	53.854.256	57.136.734	18.630.866	17.203.619
1996	77.442.865	79.627.298	59.716.389	63.360.442	17.726.476	16.266.856

Fonte IBGE (1987-1996).

Com o crescimento populacional aliado ao processo migratório o número de idosos nos grandes centros tornou-se como todo o resto da população consideravelmente maior. Famílias inteiras migravam, muitas vezes trazendo seus idosos consigo. Agora, o trabalhador diante de um quadro de maior assistência e de acesso a direitos antes ignorados no campo e com uma jornada de trabalho mais definida depara-se na velhice com uma situação diferente daquela que vivenciava quando estava na zona rural.

Essa forma de envelhecer amparada pela família, que se configurava como numerosa, era incentivada pelo Estado quando da promulgação da lei do Abono (Decreto Lei nº 3.200 de 1941) em que era concedida uma remuneração (abono) de 100 mil-réis para cada chefe de família, pai de oito filhos, e mais 20mil - réis para cada filho excedente (art.29). Este abono era destinado em sua maioria a indivíduos que residiam na zona rural. (DELGADO, 1999)

Percebe-se que as grandes cidades brasileiras, principalmente as da região sudeste, foram responsáveis por receber um número alarmante de migrantes das zonas rurais como também de regiões do país com menos infra-estrutura ou probabilidades de crescimento incompatível com os grandes centros. Apesar de existir um programa de aposentadoria para os trabalhadores rurais, o provento como hoje, também não supria as necessidades dos aposentados. Além disso, nas cidades mostra-se mais fácil o acesso à educação, saúde, lazer dentre outros.

Associado ao processo migratório o analfabetismo no Brasil entre os anos de 1940 e 1980 apesar de mostrar-se decrescente, ainda era um problema de proporções significativas:

Tabela 2. Analfabetismo no Brasil

Anos	Total
	% População Analfabeta
1940	56.1
1950	50.6
1960	38.7
1970	33.7
1980	25.9
1991	19.7
2000	13.6

Fonte IBGE.

O Brasil vivia uma tentativa de atenuar o analfabetismo. O MOBRAL, (Movimento Brasileiro de Alfabetização) entrava em vigor em 1967. Não cabe aqui discutir sua eficácia nem seu aporte ideológico vinculado à ditadura militar, contudo, no ano de 1978 o programa em suas diversas ramificações atendia 2 milhões de pessoas em 2.251 municípios. A preocupação com a educação era uma realidade tendo como objetivo os jovens e adultos do país. (CORRÊIA, 1979).

Antes desse quadro social caótico que apresentamos, na década de 20, mesmo que embrionárias, as leis que iriam deflagrar a construção do campo dos idosos no tocante a aposentadoria tiveram seu início.

No intuito de demonstrar as preocupações com os idosos e aposentados no Brasil faremos um breve retrospecto dos acontecimentos que contribuíram e deram visibilidade, favorecendo a construção do campo do idoso.

Em 1923, é criada a lei Eloy Chaves que se responsabilizava pelo direito social do trabalhador. Foram criadas as Caixas de Aposentadoria e Pensão (CAP) para os ferroviários.

Nos anos de 1930 foi ampliada a cobertura previdenciária devido à criação do Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAP). As CAP ficaram atreladas somente à sociedade civil já agora os IAP eram geridos pelo Estado.

Ainda nos anos de 1930 diversos IPA's foram criados tais como: IAPM- Marítimos (1933); IAPB - Bancários (1934); IAPC – Comerciários (1934) IAPI – Industriários (1936); IAPTEC- Empregados de Transporte de Carga (1938).

Em 1966, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) que acabou por unificar todos os IAP's.

A situação do idoso começava a desencadear a preocupação dos intelectuais da época. Mário Filizzola, médico estudioso da gerontologia, escreve dois livros que se configuram como um dos primeiros a discutir a relação do idoso com a sociedade. O autor demonstrava preocupações no que se refere à saúde e posteriormente amplia a discussão para temática social e política. Em 1964, Filizzola escreve o livro "Como Emplacar Cem anos". O autor propõe formas de aumentar a probabilidade de alcançar a longevidade. Em "A Velhice no Brasil", 1972, Filizzola avança na discussão sobre o que ele denomina como *etarismo*²⁵ e conta desde 1793 a 1971 a história da gerontologia do homem brasileiro. Ainda no prefácio o autor defende a tese que os etaristas brasileiros não dão o devido valor à gerontologia,

²⁵ Preconceito contra a idade.

devido ao Brasil ser um país de tantos jovens, não devendo gastar nem pensamento com os velhos, minoria considerada por eles como inexpressiva. Concluiu afirmando que os etaristas afirmam que o velho é um péssimo investimento. Filizzola (1972)²⁶ destaca assim sobre alguns pontos importantes sobre as conquistas dos idosos no Brasil:

Hoje em 1971, 177 anos depois do reconhecimento histórico no Brasil dos direitos dos velhos...103 anos depois da criação do asilo dos inválidos da Pátria; 95 anos depois da criação do asilo da Mendicidade; 86 anos depois da Lei dos Sexagenários; 48 anos depois da Lei Elói Chaves e 6 anos depois da Declaração Brasileira dos Direitos do Velho, vem o Presidente Médici acrescentar o que se poderia chamar a Lei do Lavrador Sexagenário" (FILIZZOLA, 1972:145)

Filizzola faz alusão ao Programa de assistência ao trabalhador Rural, no qual seria concedido o direito à aposentadoria após os 65 anos de idade.

Os anos que precedem a década de 70 foram cheios de tentativas de criação de instituições que buscavam melhorar a condição do idoso. Em 1965 Francisco da Gama Lima sugere um projeto de lei que não limite a idade mínima para concurso público, dizendo que os de mais de 35 anos poderiam colaborar em muito para o poder público. Contudo, a lei não foi sancionada por Negrão de Lima. Dois anos depois é criado o Instituto de Gerontologia e Bem Estar da Velhice do Estado da Guanabara (IGBEVEG), fruto do desprestigiado Instituto de Gerontologia do Estado da Guanabara que não saiu do papel. O projeto de lei nº. 432 de 30 de novembro de 1967, apresentado pelo deputado J. Couto é publicado no diário da Assembléia Legislativa. Cabe ressaltar que o IGBEVEG era Instituto-piloto, no seu gênero instituído no Brasil.

Dentre suas atribuições destacamos:

II – Combater o preconceito antigerontônico e propor medidas necessárias à solução dos problemas resultantes de aumento da vida média da população, bem como de suas repercussões nos planos psicológico, social, cultural e econômico;

VI – Proteger, assistir e amparar o abrigado, dentro das normas da dignidade humana, visando através de tratamentos médicos, sociais e educacionais, a reconduzi-lo a vida familiar e ao convívio social;

²⁶ O livro de Mario Filizzola é lançado no ano do 9º Congresso Internacional da Gerontologia, fato esse destacado na contra capa do livro.

Apesar de sua importância e segundo o autor, ser aceito com louvor pelos outros deputados o projeto IGBEVEG foi arquivado. Contudo víamos nesse período uma movimentação em prol das necessidades dos idosos. (FILIZZOLA,1972).

A Sociedade Brasileira de Geriatria (SBGG) foi criada em 1961 com uma visão estritamente corporativa no atendimento ao idoso. Somente em 1979 a SBGG possibilitou a entrada de outros especialistas com a criação da Comissão Especial de Gerontologia Social. (PRATA, 1990)

Os anos de 1970 trazem com eles características da transição. Vemos por um lado o crescimento da conscientização em torno da importância das atividades para idosos e ao mesmo tempo a descrença em torno da problemática envolvendo o envelhecimento populacional.

Os intelectuais da época começavam a perceber e a se opor a exacerbação dos preceitos capitalistas que se viam incomodados pelo crescente número de idosos. Filizzola (1972) critica veementemente a visão daqueles que denigrem os idosos seja em que âmbito for. Cita em Copacabana uma praça que foi apelidada de “Praça dos Insepultos” fazendo alusão à alta frequência de idosos.

No governo Médici é aprovada a regulamentação da Lei nº 3.807/60, com alterações introduzidas pela Lei 5.890/73 no que deliberava sobre a aposentadoria por velhice aos 65 anos para homens e 60 para mulheres. No governo Geisel foi assinada a lei nº 6.179 que instituiu o amparo previdenciário para maiores de 70 anos e para inválidos. (HADDAD, 1996)

Em 1976, o Governo Federal solicitou um levantamento da legislação que protege o idoso no Brasil e de bibliografia sobre a gerontologia social aposentadoria e serviço social. Tal pedido gerou um documento com 223 páginas contendo uma gama enorme de leis, decretos, referências sobre o idoso no Brasil. Esse estudo foi realizado em diversos estados brasileiros que por sua vez produziram seus próprios estudos dando conta da situação do idoso em sua região.

A intenção do Governo foi aprimorar a legislação do idoso e melhorar o seu atendimento por parte do Estado. O levantamento teve seu término em 15/06/1976.

O levantamento foi realizado pela Coordenação de Assistência Médico-Social da Câmara dos Deputados de Brasília que assim demonstrou sua satisfação pelo estudo:

A Coordenação de Assistência Médico-Social da Câmara dos Deputados sente-se honrada por colaborar com os esforços que estão sendo

empreendidos para a solução de tão importante problemática social (BRASIL, 1976, grifo meu.).

Ainda visando contribuir para o levantamento solicitado pelo Governo Federal foi realizado pela Secretaria de Bem-Estar subordinada ao INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e ao Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) a “I Jornada de Estudo e Avaliação de Programas de Serviço Social” no período de 1/9/1976 a 28/5/77.

O estudo visou avaliar o resultado dos programas de Capacitação para o Trabalho, Assistência aos Idosos e Esclarecimento e Mobilização de Recursos, implementados pelo MPAS em todo o Brasil. Existiam 86 projetos mantidos pelo INPS com recursos próprios e 29 associados a recursos comunitários. Estados como Paraíba, Amazonas, Distrito Federal, Maranhão e Piauí não tiveram projetos implementados nem por recursos do INPS nem por recursos comunitários o que representa a pouca atenção do governo a diversas regiões do país.

Alguns resultados dessa I Jornada nos serviram para um diagnóstico do idoso no Brasil. Os técnicos fizeram um estudo em que foram considerados os seguintes tópicos como critérios de avaliação: Sócio-econômico, sócio-psicológico e cultural, nível de organização social, desenvolvimento do meio social e mudança social.

Não fez parte dos objetivos desse estudo uma avaliação do idoso em todos os setores que envolvem sua realidade, contudo a construção do seu campo e seus desdobramentos são cruciais para futuras compreensões de que idoso estamos falando e por isso refletir sobre o campo que buscamos elucidar.

Por isso, dentro dos tópicos considerados como objeto de avaliação por parte dos técnicos destacamos algumas conclusões que caracterizam uma parcela da população que era atendida pelos projetos em grande parte do país: Marginalização – receita familiar insuficiente – abandono por parte do grupo familiar – desvinculação da Previdência Social – mendicância – falta de qualificação profissional – solidão – ausência e ou insuficiência de instituições de amparo a velhice – carência de recursos humanos especializados – aglomerados humanos nas grandes cidades – urbanização e industrialização acelerada.

Inicialmente percebemos que a reutilização do tempo livre por parte dos idosos seria o fator desencadeador do pensamento em prol da saúde e do lazer. Dessa relação, as atividades físicas surgiriam gradativamente para parte da

população que tinha condições de perceber um novo paradigma social. Com base nos dados acima concordamos com Marcelino (2003) quando o autor assim se posicionou:

Quando se fala em atividades de lazer não fica difícil detectar um conjunto de variáveis, tendo como pano de fundo as limitações econômicas, formando um todo inibidor, quer em termos de quantidade e, principalmente da qualidade de participação. A classe, o nível de instrução, a faixa etária, e o sexo, entre outros fatores, limitam o verdadeiro lazer a uma minoria da população. (MARCELINO, 2003:55)

Os entraves²⁷ para a disseminação da importância da atividade física eram enormes, contudo seu inexorável caminho fruto das melhoras em diversos setores sociais propiciou um lento curso rumo, ainda hoje, a uma efetiva democratização. Os conhecimentos científicos que começavam a respaldar as atividades para idosos no Brasil esbarravam em uma sociedade com um alto índice de analfabetismo com uma distribuição de renda pior do que atual, além de representar um novo paradigma que para se tornar hegemônico ainda levaria muitos anos.

Na tentativa de descobrir mais sobre o porquê das iniciativas por parte do Estado e perceber relações com o objeto do nosso estudo buscamos fontes que tenham participado desse processo de desenvolvimento do campo do idoso.

Helena Bertho da Silva, 86 anos, aposentada como Assistência Social com formação Serviço Social nos cedeu entrevista em 23 de maio de 2007. Nesse encontro a entrevistada relata que trabalhou durante 30 anos dentro da Previdência Social no Rio de Janeiro atuando como coordenadora de diversos centros sociais. Silva foi coordenadora e supervisora da I Jornada de Estudos e Avaliação de Programas de Serviço Social²⁸ que acabou por subsidiar as idéias sobre o levantamento da legislação do idoso solicitado pelo MPAS que visava desenvolver transformações no tocante a leis voltadas para essa parcela da população.

Silva percorreu diversos estados do Brasil no intuito de reconhecer as instituições que eram filiadas ao INPS e também a partir delas descobrir outros locais e pessoas que trabalhassem com idosos.

Quando perguntada sobre esse processo ela assim relatou:

[...] Então, eu acho que aqui é onde... a partir daqui (I seminário), então que o INPS começou a traçar os seus planos de ação de atendimento direto e indireto (para) os seus idosos, começou a se preocupar mais com o estudo[...](SILVA)

²⁷ Não podemos esquecer que o índice de analfabetismo no Brasil dentro do período do estudo era alarmante apesar de decrescente.

²⁸ Estudo já abordado anteriormente, onde destacamos a situação do idoso no Brasil.

Fica claro na entrevista com Silva que o Brasil buscava se preparar para a problemática sobre o idoso. Sobre atividades físicas Silva comenta que os centros sociais, às vezes, ofereciam futebol e passeios visando ao lazer. Relata ainda que sempre que se falava nas ações do Governo, o foco principal que movimentava as objetivações dos projetos era a saúde.

[...] Da saúde... Com essa, com esse trabalho que foi feito é que começou a se pensar na ação direta que era o aposentado era o idoso nos centros sociais, começaram a ser levados para o centro social e, de lá, então, para as atividades... Também variava de centro, dependendo dos recursos, mas tinha lazer, tinha... alguns tinham atividade esportivas, como não podia deixar de ser, tinha um velhinho jogando lá suas peladinhos, futebol, né, começava por aí e tinha passeios, começaram a fazer passeios, pequenas viagens, então começou esse movimento [...](SILVA)

Em outros estados do Brasil, Helena Bertho nos confirma no seu depoimento a inexistência de preocupações com o oferecimento de atividades físicas para idosos de forma sistemática e ou democrática.

[...] Não tinha nada, inclusive eu... quando eu fui para essa coordenação, eu fui supervisionar esses centros sociais do Brasil inteiro e cada vez que a gente entrava nesses centros sociais, era como se a gente entrasse naquele estado, porque era um trabalho comunitário, era uma barra... aí, se via que era uma coisa que não era nem conhecida o velho era mesmo largado...pouca coisa mesmo [...](SILVA)

Quando perguntada se ela via idosos fazendo atividades físicas nas ruas ou em grandes quantidades nos centros sociais, ela nos conta como era o imaginário da época sobre a condição do idoso:

[...] Antes, antes... Esse aqui (trabalho sobre levantamento da legislação para idosos) já foi no final... já... quando chegou aqui já... a própria Previdência já tinha estabelecido o como ia ser o seu serviço, mas de assistência médica, que era a assistência indireta, quer dizer, a pessoa era assistida, o idoso que estava doente, aí já precisava de fazer uma fisioterapia, ou isso ou aquilo... Aqui, nessa hora, os centros sociais começaram a receber a fazer parte do programa dos centros sociais, aí era o direto... Então, é o que eu disse a você: dependendo do recurso, dependendo das iniciativas, tinha situações variadas. No meu centro social tinha muita coisa, né, eu que antes não conhecia, nunca tinha visto velho na praça, sempre, nunca... ninguém falava de velho. Achava também que velho ficava tudo em casa... ou, então, ia ver a peladinho lá na... na praça sentadinho no banco, na frente do jogo dos meninos... mas... sabe, nessa hora que a gente começou a falar e aí começaram as atividades para idosos, aí começou na parte do esporte, da parte, principalmente lazer, que era uma coisa mais barata, né, depois é que a gente começou já entrar nas orientações, nas reflexões sobre o envelhecimento mas isso já mais pra adiante, né? [...](SILVA)

Possivelmente com contribuições desses estudos relatados por Helena Bertho no tocante ao diagnóstico da população de idosos brasileiros, no ano seguinte

a entrega do levantamento na câmara dos deputados de Brasília é instituído o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), que era subordinado ao Ministério da Previdência e Assistência Social. Diversas transformações por conta dessa criação influenciaram o atendimento ao idoso. Naquele momento a Legião Brasileira de Assistência (LBA) passava a ser responsável pelo atendimento à população idosa carente, filiada ou não a Previdência Social.

O estado de São Paulo foi o pioneiro em oferecer no campo das intervenções práticas de atividades corporais para os já idosos no Brasil. Prata (1990) nos apresenta um grande número de informações que demonstram uma nova visão sobre a intervenção de atividades físicas com idosos no Brasil. Ao descrever os diversos programas que surgiram a partir do final da década de 1970 na cidade de São Paulo, o autor relata uma nova preocupação. O lazer, o associativismo, a saúde e as informações, representavam as características dos seguintes programas: LBA-SESC - Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo – Grupo Especial de desenvolvimento do Programa do Idoso (GEPRO) – Secretaria de promoção Social do Estado de São Paulo – Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo – Serviço de Geriatria do Hospital das clínicas da USP – Programa de Preparação para a Aposentadoria – MOPI (Movimento Pró-Idoso).

Ainda no Final da década de 1970 o SESC (Serviço Social do Comércio) dando continuidade a uma iniciativa do início dos anos de 1960, decide dar mais solidez às suas atividades com idosos, criando o Centro de Estudos da Terceira Idade (Prata, 1990).

Dentre essas Instituições, destacamos o SESC, a Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo e a LBA. O primeiro apresentava os seguintes Programas: Lazer Sócio Recreativo - Escola da Terceira Idade e Preparação para a Aposentadoria. Esses programas tinham como atividades: passeios, ginástica, esportes, palestras sobre cultura e envelhecimento e atividades artísticas e manuais. O autor ainda comenta que 70% dos atendidos eram mulheres e a preferência era pela realização de passeios e excursões.

A Secretaria de Esporte e Turismo estimulava a integração e participação social do idoso através de pontos de encontro que ofereciam atividades recreativas, manuais, culturais, palestras, cursos e seminários.

A LBA desenvolvia os seguintes projetos: Projeto Conviver – Projeto Asilar – Programa Nacional do Voluntariado (Pronav). As atividades do Projeto Conviver tinham como objetivo criar convênios com instituições que desenvolvessem ações no âmbito do lazer associativo.

Os programas destacados foram denominados como de Transição, pois os mesmos se contrapunham ao assistencialismo que era tradicional até então. Seu conteúdo era baseado no associativismo e no lazer. Tinha como objetivos principais recuperar a auto-estima do idoso, reintegrando-o a sociedade. Os programas são definidos pelo autor como de transição, pois apesar de ainda paliativos representavam um novo olhar sobre os já idosos:

Apesar da crítica à visão tradicional, a forma como pretendem concretizar essa tarefa é ainda um pouco superficial, pois não oferecem aos idosos os instrumentos necessários para que possam recuperar a autonomia desejada. (PRATA, 1990:240, grifo meu.).

Percebe-se que a atividade física e o lazer, em uma perspectiva ativista, começavam a representar uma alternativa na tentativa de melhorar a vida do idoso, contudo não passavam de ações paliativas que não repercutiam significativamente na vida dos mais velhos. Entretanto, consideramos um grande passo para um repensar essencialmente contrário ao assistencialismo que de fato, nem em teoria, buscava recuperar o idoso de uma forma multidisciplinar, desconsiderando as vantagens que podem ser conseguidas através do ativismo.

3.3. Intervenção e Teorização/Pesquisa: a construção específica do campo das atividades físicas para os idosos.

O período compreendido entre 1960 e 1980 foram os anos em que o campo destinado às práticas das atividades físicas para o idoso teve seu início no Brasil. Em diversos setores sociais aconteceram avanços que contribuíram para a construção de um novo paradigma relacionado à concepção do idoso na sociedade brasileira.

As discussões oriundas dessas transformações sociais desencadearam uma política que seria fundamental para a construção do campo do idoso e por consequência, também propiciou aos já idosos um *habitus* que até então não era vivenciado. As atividades físicas agora eram uma possibilidade para aqueles que já se encontravam em uma idade que até algum tempo atrás não era comum a prática regular da atividade física.

Em um período que teve na ditadura sua grande marca diversos governantes se sucederam no governo a partir de 1964, a saber, Castelo Branco, Médici, Geisel e Figueiredo, todos generais. Esse período caracterizou-se como um momento difícil para a nação. A censura era uma arma muito utilizada, principalmente em um país onde os costumes espelhavam o campo internacional. O movimento de liberação e abertura teve forte impacto também aqui no Brasil. O feminismo, lutas políticas, o apelo socialista fruto da guerra fria, os hippies, amor livre, pílula, minissaia, topless, revoltas estudantis, além do LSD. O mundo era dos jovens, os idosos, no Brasil, eram minoria e não mereciam muito destaque, principalmente nos anos de 1960.

Os anos de 1970 marcaram uma fase de aparente prosperidade para o Brasil. Tempos do chamado “Milagre Brasileiro” desencadeado pelo Presidente Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, centrado na implantação e desenvolvimento do setor industrial. Destacamos a expansão do comércio exterior, tentativa de redução do déficit público e da inflação. Das grandes obras como a Transamazônica e Itaipu, do desenvolvimento do setor das comunicações e com ele o aparecimento da televisão em cores, do otimismo gerado pelo Tri-campeonato de futebol amplamente utilizado como propaganda política. Vivíamos uma euforia, um mundo para os empreendedores, um mundo para os jovens.

Apesar ou até por causa de todos esses fatos alguns pensaram em uma parcela da população que começava a despontar como numerosa.

O campo das atividades físicas para idosos no Brasil, dentre desse panorama de convulsão social teve seu nascimento. Atores sociais dentro de suas áreas começaram a desconstruir uma imagem do velho, intimamente ligado com a fragilidade e a espera da morte.

Nesta parte do estudo, apresentaremos os subcampos que acreditamos darem o contorno final ao campo do nosso estudo. No intuito de desvelar a construção do campo das atividades físicas para idosos, o dividimos em dois subcampos: Intervenção e em Teorização/ pesquisa.

Os subcampos não foram divididos por categoria dentro da tese. As interações entre eles acabaram por não permitir que fossem separados, visto que suas indicações extrapolavam seus próprios limites que apesar de pertencerem a subcampos distintos mantinham relação com o idoso. Assim, um artigo que pertence ao subcampo teórico dá indícios sobre personagens que atuaram interventivamente.

Caso optássemos por uma separação, corríamos o risco de quebrar uma seqüência, já que muitos dos acontecimentos se entrelaçam formando uma teia que revela as características temporais e factuais.

Inicialmente, apresentamos alguns artigos que demonstram ainda uma visão arcaica das atividades físicas. Sua discussão se faz necessária à medida em que compreender a transformação dentro do campo onde inicialmente apenas a longevidade era buscada, com uma visão que agora permite idosos fazerem atividades físicas com vigor e regularidade. Outro ponto importante é a demonstração de que até determinada época nada se falava sobre a prática de atividades físicas para os já idosos, o que confirma ainda mais o período apontado em nosso trabalho, de 1960 a 1980 como o período da gênese. No segundo quartel do século XX, no Brasil, a busca pela longevidade se dava na divulgação de hábitos que possibilitassem o alcance dos ideais já mencionados.

Posteriormente, apresentaremos a inserção do idoso no bojo das preocupações com a atividade física para a população que acabaram por potencializar/difundir um novo paradigma que tornou comum pessoas de mais idade realizando atividades físicas sistematicamente.

3.3.1. Primórdios da teorização/pesquisa

Na busca pela gênese do campo das práticas das atividades físicas para idosos no Brasil, inicialmente buscamos no subcampo da teorização/pesquisa indícios que apontassem rupturas e continuidades na visão da sociedade no tocante à vida do idoso.

Por se tratar de um período pouco investigado quanto ao objetivo do nosso estudo, fizemos um resgate da literatura a partir da década de 30, visto que esse período surge como o momento do surgimento das instituições de ensino superior voltadas para a formação docente em educação física como também dos primeiros periódicos que discutiam a educação física.

Inicialmente buscamos a Revista Brasileira de Educação Física que tem sua origem em maio de 1932, sendo publicada pela EsEFEx²⁹ (ESPIRITO SANTO, 2005), constituindo-se no primeiro periódico brasileiro específico da educação física .

²⁹Escola de Educação Física do Exército fundada em 19 de outubro de 1933 no governo de Getúlio Vargas. Cabe ressaltar que tal instituição foi fruto da transformação do antigo Centro Militar de Educação Física, criado em 22 de janeiro de 1922.

Posteriormente, revisamos a Revista Educação Physica que também é lançada em 1932, sendo o primeiro periódico comercial da área no Brasil, circulando entre 1932 e 1945. (SCHNEIDER, 2002).

Finalizando as primeiras incursões, buscamos informações no periódico “Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desporto³⁰”, devido a importância do curso da instituição que a produzia.

No Brasil, na década de 30, as instituições voltadas para a formação de professores de educação física, começavam a surgir. Esses locais seriam apropriados para o surgimento de preocupações relacionadas às atividades físicas em diversos setores da sociedade e inclusive sobre a terceira idade.

Pelo fato de tal instituição ser considerada a mais importante entre as que primeiro foram criadas, surgiu a idéia de resgatar as publicações de seu periódico.

Em revisão ao periódico intitulado “Arquivos da Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro” não encontramos nenhum artigo ou material específico escrito sobre idosos, contudo na busca pela longevidade encontramos algum material.

Esse periódico relatava eventos, pesquisas e acontecimentos que se realizavam dentro e fora da instituição que a publicava. Algumas passagens sobre idosos nesse período foram encontradas, porém os temas abordavam somente a longevidade.

Em 1958, o professor Guilherme Gomes Junior publicou suas impressões sobre o XII Congresso Internacional de Medicina Desportiva realizado na Rússia, em que participou na condição de enviado. Em seu artigo, o professor relata que acompanhou todos os temas e que participaram 28 países com predominância dos europeus. Da América do Sul, somente três representantes: Brasil, Argentina e Chile. Segundo o autor, 438 trabalhos foram apresentados e lidos em três comissões científicas. Para os anais somente foram selecionados 30 desses trabalhos.

Em seu artigo Guilherme diz destacar oito trabalhos. Dentre os quais estava o intitulado “Esporte e Longevidade” de autoria do Doutor finlandês Karvonem. Interessante que Guilherme escolheu os oito artigos utilizando-se de um critério assim

³⁰Em 17/04/1939 surge a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) que, segundo Oliveira (1983), teria sido o curso de formação de professores mais importante, já que pertencia à Universidade do Brasil. Teve seu corpo docente treinado por médicos e professores, estes últimos egressos de um curso de Emergência, orientado didaticamente pela escola de Educação Física do Exército. Em 1945 a ENEFD cria sua revista de divulgação onde imaginamos ser local privilegiado na época para a produção de conhecimento na área.

por ele descrito: " foram selecionados para os anais do congresso, apenas 30, dos quais pela originalidade destacamos os seguintes" (GOMES, 1958:103).

Como vemos, o artigo sobre a longevidade foi destacado por Guilherme pela sua originalidade. Infelizmente, nada pudemos encontrar sobre o conteúdo do referido artigo.

Em outra edição do mesmo periódico, foi encontrado um artigo com o título "A Longevidade dos Atletas Olímpicos Japoneses". Nesse artigo Waldemar Areno participou da delegação brasileira no III Congresso Pan-americano de Medicina Esportiva, que foi realizado no período de 27/8/1959 a 7/9/1959 , e relata que tomou parte nos debates. Foram selecionados cinco artigos para serem discutidos e comentados no periódico.

Entretanto, sobre o artigo em questão, o autor japonês que não teve mencionado o nome, fez um trabalho com três slides sobre o número e *causa-mortis* dos atletas japoneses que participaram dos Jogos Olímpicos de 1912 a 1956. Relacionou 440 atletas. Os dados encontrados apresentaram: 59 mortes, 10 por tuberculose, 4 por cardiopatias, 19 por causas diversas e 26 na guerra. O autor não fez conclusões sobre o artigo, somente constatou que, a expectativa de vida da amostra ficou acima dos 50 a 55 anos, superior ao da população japonesa normal. É interessante observar que embora o autor não seja enfático nem afirme vantagens ou desvantagens sobre a prática de atividades físicas, ficou constatado que os atletas atingiram expectativa de vida maior do que a média da população japonesa.

Envelhecer é uma consequência natural, que vem durante décadas mexendo com o imaginário daqueles que ainda esperam por tal fenômeno e não sabem como chegarão à velhice, ou pior, se chegarão.

É interessante fazer o exercício, de tentar analisar como se deu a passagem do conceito de velhice ao longo dos anos. Percebemos que em vários momentos o "estar velho" assumiu idades cronológicas diferentes, possivelmente pelas alterações crescentes na expectativa de vida e de dogmas sociais.

Lenoir (1996) afirma que a idade na qual o indivíduo atinge a velhice depende de diversas questões que em muitos casos transcendem a idade biológica. A manipulação das faixas etárias implica sempre a diferentes graus devido a uma redefinição dos poderes ligados aos diversos momentos do ciclo da vida peculiar a cada classe social. Ela constitui uma forma de luta pelo poder travada, em cada grupo social, pelas diferentes gerações.

Lenoir ainda completa:

O objeto da sociologia da velhice não consiste em definir quem é e não é velho, ou fixar a idade a partir da qual os agentes das diferentes classes sociais se tornam velhos, mas em descrever o processo através do qual os indivíduos são socialmente designados como tais. (LENOIR, 1996:71)

A idade cronológica tem sua validade, mas em muitos casos serve de forma abstrata para designar o que socialmente determinado grupo de indivíduos tem ou não direito. Se analisarmos, por exemplo, a "maior idade" que surge aos 18 anos e a aposentadoria aos 65, percebemos que tais idades podem não representar rigorosamente nada, visto que tanto um como outro podem estar tão ou menos aptos ao trabalho sem qualquer relação com a idade. Segundo o autor, essas idades ficam mais próximas das prerrogativas legais do que propriamente das condições provenientes da idade.

Caso semelhante, percebemos no artigo de Américo Netto no periódico "Educação Física" de 1938, intitulado "Um novo Conceito de Longevidade. Como a educação física está influenciando para recuar o início da velhice", que exprime tal conceito apontado por Lenoir. Netto narra, que em sua infância, um homem de 40 anos e uma mulher de 30 eram considerados velhos e como tal, deveriam ter atitudes que corroborassem a situação em que se encontravam. Pela coletividade eram tidos, e principalmente eles mesmos se consideravam, como pessoas de idade avançadas em caminho curto e certo para a morte próxima, já sem forças para reagir contra uma ambiência social que os condenava a velhice precoce. A mulher após essa idade deveria adotar um padrão de vida materialmente reduzido, usar trajes e modos severos e ir além dos 40 anos, constituía para os homens, a obrigação de tomar inteiramente a sério o carrancudo papel de patriarca da família. Ainda sobre a mulher Netto explica:

No tocante ao elemento feminino a senectude antecipada não resultava apenas de uma sugestão moral e mental, exercida tanto de fora para dentro como de dentro para fora e assim também de uma real decrepitude física. As maternidades em série contínua, repetidas a breves intervalos e as complexas preocupações de ordem mesquinamente doméstica, cedo abatiam as vigorosas matronas, ilhadas num conjunto de preconceitos que as levavam a reduzir ao mínimo as atividades corporais proveitosas para a eficiência orgânica (NETTO, 1938:12).

Assim, os padrões sociais impunham uma postura que não favorecia uma atitude jovial pelos indivíduos que por ventura, passassem dos 30 anos, e muito menos a prática de qualquer atividade física. Netto comenta, que tentar parecer mais moça constituía um grave delito social. O autor ao final do seu artigo, tenta demonstrar que

agora em seu tempo (1938), já acontecem mudanças que ainda se mostram muito recentes e a educação física contribuí para essa transformação:

... a transformação, tão radical e recente que ainda mal podemos compreendê-la, tem sua origem na educação física principalmente em sua feição esportiva que veio prolongar singularmente o período ante tão curto, de plena eficiência orgânica, quer do homem quer da mulher. (NETTO, 1938:12).

Finalizando, Netto justifica que a juventude afirma-se, não como um mero momento de vida e sim como um nítido estado de espírito e por isso, a velhice surge quando abandonamos nossos ideais. Para os que não os abandonam, a vida começa aos quarenta, e aos dessa idade, a experiência adquirida é fator diferencial em relação aos jovens que erram pela imaturidade. Cabe ressaltar que não acreditamos que a transformação apontada por Netto tenha tido na educação física o epicentro de propagação de uma nova tendência. Essa mudança que começava a ser sentida deveria ser fruto de movimentos de outros campos que possivelmente começavam a ecoar no campo que Netto destacava como sendo o de origem.

Alguns anos antes em outro artigo intitulado "Será o Desporto um fator de longevidade?" Revista de Educação Física (1934), o autor o qual não tem o nome relatado no texto, já tentava analisar a prática do desporto e a longevidade.

Percebe-se que a atividade física na busca pela longevidade começa a desencadear discussões, contudo sendo um instrumento para o alcance de tal objetivo.

No artigo agora em voga, confrontam-se idéias de pesquisadores sobre a influência do desporto na busca pela longevidade. G. Hebert é um dos pesquisadores apontados no artigo. Ele afirma que a busca incessante pela quebra do recorde levando o atleta ao limite, pode ocasionar problemas que interferirão na vida do indivíduo. Outro pesquisador de nome Dublin, no contra ponto evidenciado no mesmo artigo, relata um trabalho de comparação entre a duração da vida de 5000 estudantes que se notabilizaram na prática dos desportos com a dos indivíduos normais, deixando patente a maior longevidade dos atletas. Favoráveis ainda ao desporto o artigo cita os resultados de dois pesquisadores Hahn e Brose. Estes autores examinaram indivíduos que em sua mocidade tinham obtido grandes vitórias e batidos "recordes" nos desportos, não encontrando neles nenhuma lesão ou perturbação notável que de algum modo evidenciarium uma vida muscular intensíssima por muitos anos praticada, por isso, não sendo prejudicial.

Para a maioria dos autores da época, não estava provada a desfavorável influência das competições desportivas na longevidade. Contudo o autor declara o seguinte:

Julgamos, entretanto, que a verdade não está com os extremistas. O desporto praticado sob regras higiênicas invioláveis, será incontestavelmente benéfico a saúde, porém, a preocupação constante da forma e do "Record" levada ao extremo, na pratica intensiva e prolongada dos desportos é nociva a saúde do indivíduo e, portanto a sua longevidade. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1934:nº 17 :02)

Com o conhecimento disponível na época, conselhos para o alcance da longevidade começam a aparecer. No artigo "Um bom decálogo para alcançar a longevidade. EDUCAÇÃO PHYSICA, Rio de Janeiro, nº. 13. p. 95 de1937. O autor sugere dez ações que irão facilitar o alcance da longevidade:

I - Permaneça ao ar livre o tempo que possas; II – Não comas carne mais de uma vez ao dia; III – toma um banho quente diariamente; IV – Usa roupa adequada ao clima; V – Durma seis horas pelo menos e nunca mais de sete e meia com o quarto as escuras e a janela aberta; VI – Descansa um dia por semana; VII – Evita aborrecimentos e maus pensamentos; VIII - Pratica a cultura Physica nos teus momentos de lazer; IX – Trabalhe com Moderação; X – Não fales, não comas, não bebas em excesso.

A partir desse decálogo fica claro que o conhecimento científico dentro da área era basicamente empírico e muito se aproxima do senso comum ou da experiência sensível.

Em 1944, Lourenço Filho publica na Revista Brasileira de Educação Física, escreve um artigo intitulado "Apontamentos sobre maturidade e exercício". Nele o autor discorre sobre a influência da maturidade em crianças e variadas idades, não se atendo a pessoas mais velhas. Contudo em um dado momento autor faz analogias entre os provérbios populares, maturidade e exercício. E escreve o seguinte:

A observação dos fatos é já revelada, nos provérbios, pelos quais fala a sabedoria popular. Se de uma parte, afirma ela que "é de pequenino que se torce o pepino", e que" boi velho não toma ensino" revelando assim, não lhe haver escapado a importância da plasticidade dos organismos jovens. (LOURENÇO FILHO, 1944:04)

Percebe-se que o autor com o uso da expressão "boi velho não toma ensino", faz clara alusão à condição etária do animal, e sugere que a velhice não é lugar de aprendizagem.

Baseado nos artigos e nas evidências que eles apresentam verifica-se que entre as preocupações discutidas figurava a busca pela longevidade como categoria estudada por diversos estudiosos. Mas, as condições sociais, científicas e políticas da época não ofereciam desafios para um novo olhar que se lançasse para a qualidade de vida daqueles que já se encontravam em idades mais avançadas. Como a quantidade de idosos, apesar de crescente, ainda não era significativa, as atenções recaíam sobre os que viam a velhice se aproximar e as pesquisas procuravam dar subsídios para as atitudes e hábitos que favorecessem o alcance de uma vida longa.

3.3.2. Atividades interventivas: o idoso no bojo das preocupações

No Brasil, as atividades físicas para idosos surgem associadas a atividades para adultos. Acredita-se que há indícios de que na década de 30, com o professor Oswaldo Diniz de Magalhães, muitos idosos utilizavam o rádio para praticarem atividades físicas em suas casas. No livro de Sérgio Carvalho (1994) “Hora da Ginástica: resgate da obra do professor Oswaldo Diniz de Magalhães o autor aponta para assuntos que foram abordados pelo professor durante seu programa. Dentre muitos apresentados em 14 de março de 1938 um dos tópicos que gostaríamos de destacar foi assim veiculado “Os “velhos” e a ginástica. Conceito errôneo acerca dos exercícios para adultos de 40, 50, etc “

Ainda no mesmo livro um relato de Maria de Medeiros Castanheira uma idosa (68 anos) descreve em carta enviada ao programa, que fazia exercícios cautelosa, ou melhor, medrosamente, esperando que o coração, o fígado e os rins protestassem. Ressalta que isso não ocorreu e as dores, as palpitações, tonteiras, falta de ar, tão freqüentes, foram desaparecendo à medida que mais intensa e energeticamente ela praticava a ginástica pela manhã. Termina dizendo que está gozando de admirável saúde e que faz todos os exercícios sem fadiga e após os mesmos toma banho frio de chuveiro mesmo no inverno.

Diniz assim relata os principais motivos pelos quais deu início às aulas pelo rádio:

[...] o baixo nível da saúde de nossa gente, a pouca aplicação das atividades físicas e os precários recursos técnicos-pedagógicos da difusão educativa em todo o território do nosso vasto país [...] Escolhi um meio de comunicação, o mais poderoso da época, o rádio, pelo seu poder de ubiquidade, estar em toda parte ao mesmo tempo, vencendo imensas distâncias. Teria que fazer de cada lar um ginásio e de cada família uma turma de rádio-ginastas, beneficiando milhares de alunos diariamente, em suas próprias residências.
(CARVALHO:1994:29)

As preocupações com a saúde destacam-se dentro dos principais motivos de Diniz, que apesar de sua intenção não ser idosos especificamente, de alguma forma alguns já viam na atividade física uma forma de melhorar a saúde e com isso também atenuar os efeitos do envelhecimento

Percebemos que o campo interventivo, ou seja, das práticas corporais, começava a se configurar nesta época representada também pelas premissas contidas nos artigos publicados nos periódicos da área de educação física dos primeiros anos do segundo quartel do século XX. Diniz buscava com as aulas de ginástica uma atividade que possibilitasse uma vida melhor e a preocupação com os idosos aparecia no escopo desses objetivos. Geralmente no campo da educação física o subcampo da teorização parte do embate entre as atividades do subcampo interventivo e da observação do intelectual, que busca aprofundar os resultados e ou promover a ampliação e avanço do objeto que lhe causou curiosidade.

Acreditamos que as teorizações e com ela a produção do conhecimento na área/campo do idoso, surgem das transformações oriundas de um processo, uma dialética com o campo interventivo. Tal relação suscita interesse estimula estudos e pesquisas, fazendo com que surja um novo campo com novos paradigmas. Desse enlace nascem novas demarcações de um campo científico.

No campo da saúde destacamos a atenção obtida por Kenneth Cooper na América do Norte, que acabou por conseguir repercussão internacional. A publicação de Cooper sobre os benefícios dos exercícios aeróbicos (1970) tornou-se um dos primeiros best-sellers internacionais na área de boa forma e estilo de vida. Atualmente, possuímos literatura popular sobre boa forma com centenas de lançamentos a cada ano e em várias línguas, mas na época, também por ser precursora, a obra levou diversos indivíduos a correrem pelas ruas na tentativa de alcançar um melhor condicionamento físico.

Em 1970, já tínhamos 4, 704 milhões de pessoas com mais de 60 anos, “as idéias de Cooper parecem ter contribuído para uma mudança paradigmática”. (Faria Jr, 2005:617). De fato, em seu livro “Aptidão física em qualquer idade” (1972), Kenneth H. Cooper descreve seu método, que leva seu nome, ressaltando a importância da atividade física em todas as idades. Nesta obra, o autor cita diversos estudos no EUA e exemplos de indivíduos que após os 60 anos continuaram ou começaram a prática sistemática de atividade física e com isso sentiam-se melhores ou ainda nunca estiveram em tão boa forma física. Textualmente afirma:

.defendo, como venho defendendo, que o exercício na velhice pode fazer a diferença entre o desespero passivo e otimismo ativo. Fisicamente, pode anular todas as tendências comuns da velhice mantendo os músculos firmes, fortalecendo ossos regularizando o funcionamento dos intestinos e melhorando o sono. (COOPER, 1972:89)

Qual o principal motivador deste desenvolvimento? Acreditamos que um dos principais fatores é um profundo e enraizado medo existencial. Este medo provocou pesquisas, decisões políticas e produziu desafios para as instituições esportivas e recreativas, e alterou o estilo de vida de uma parte da geração atual.

As políticas públicas irão marcar significativamente as atividades interventivas esportivas no Brasil neste período. No município de Itabira-SP em 1970 a oferta de atividades físicas para toda a população em parques e Áreas livres fora das escolas e clubes assinalou uma mudança paradigmática nesse sentido no Brasil.(Faria Jr, 2005)

Em Campinas 1974 no SESC, são oferecidas aulas de ginástica, idéia que surge de um grupo de nome *Movimento Tempos* criado na intenção de oferecer atividades diversas para todas as idades, mas tendo a ramificação com idosos extensamente difundidos. Em 1977, o grupo já contava com 350 idosos e o trabalho se estendeu até 1999.(SESC, 1999)

A massificação das atividades físicas, principalmente oferecida de uma forma popular teve um forte incremento a partir dos anos de 1970. A campanha Mexa-se da Rede globo de televisão ,em 1975, procurou mobilizar toda a população para a prática das atividades físicas. No mesmo ano o I Plano Nacional de Educação Física e Desporto (PNDE) que incluiu o esporte de massa entre as áreas prioritárias, possibilitou o lançamento da Campanha “Esporte Para todos” (EPT) em 1977.

O EPT ficou conhecido como uma iniciativa por parte do Governo Federal visando ao incentivo e propagação do lazer esportivo, que envolvia também a

prática de atividades físicas. A campanha seguia os princípios da educação permanente, subjacentes à Carta Européia do Esporte para Todos, elaborada pelo Conselho da Europa, em 1975. O EPT brasileiro procurava dinamizar a prática de esporte de modo informal e massivo, apostando na aquisição e desenvolvimento de hábitos saudáveis de lazer entre a população. Objetivava-se cultivar o espírito esportivo e competitivo, imprescindível ao aumento da produtividade e ao desenvolvimento industrial. Estimulava-se o uso do tempo livre com eventos esportivos, sempre afirmando valores como o sentimento cívico, a família, a comunidade, a vizinhança, a saúde entre outros.

Deste modo, sob o pretexto da democratização e universalização das atividades físicas e desportivas, o direito ao esporte e o direito ao lazer apresentavam-se como importantes instrumentos de controle e garantia da chamada paz social, além de começar a forjar novos hábitos de consumo entre os adeptos desta campanha.

Dentro do decálogo do EPT, que foi o conjunto de idéias que sustentou a campanha, podemos destacar o item quatro que tem como título: Integração social. Tal item tinha como objetivos estimular a união e a solidariedade popular, dar especial atenção à unidade familiar, às relações pais e filhos, à participação feminina e à valorização da criança e do idoso. (DaCOSTA, 1977)

TUBINO (1987) destaca os documentos mais importantes que propiciaram uma reflexão sobre as funções do esporte. São eles: Carta Européia de Esporte Para Todos (EPT), elaborada pelo Conselho da Europa (1966), o Manifesto da Educação Física, pela FIEP (1970) e a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, pela UNESCO (1978). Todos esses documentos são produzidos dentro do recorte histórico deste estudo 1960 a 1980, tempo este que implicou na construção do campo do idoso.

Esse cenário de definição de campanhas esportivas estabelecidas num primeiro momento na Europa no final dos anos 60, também encontrou ressonância no Brasil, mas foi implementado apenas no final dos anos de 1970. A campanha do programa EPT foi lançada em março de 1977, teve a duração de menos de dois anos, sendo abandonada no final do ano de 1978.

Durante sua realização, envolveu 2.772 municípios e quase 10 milhões de pessoas em diferentes graus de participação. Essa experiência de popularização do esporte no Brasil fracassou porque dependia de outros fatores além do esporte, tais

como saúde, educação e moradia. Cabe ressaltar o intenso apoio da mídia em prol do EPT, onde jornal, rádio e televisão usavam seu espaço gratuito exigido por lei para a divulgação. (VALENTE, 2005).

Na procura por informações sobre as atividades do EPT e os idosos buscamos entrevistar um dos elaboradores desta campanha em nosso país. Lamartine Pereira DaCosta, é um dos profissionais da área de educação física mais prestigiados no Brasil e em âmbito internacional, sendo responsável por vários projetos, e destacamos como um dos mais recentes a organização do Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil (2005), mais o motivo do convite para sua entrevista neste estudo foi a sua participação no programa Esporte para Todos.

Buscamos, nessa entrevista, descobrir dentro de um projeto que teve abrangência nacional envolvendo atividade física e lazer a existência de uma participação efetiva de idosos.

Lamartine narra que o EPT teve uma disseminação muito grande em todo o Brasil e nos contou como surgiu a idéia:

[...]Como é que eu me meti nesta historia, e o que aconteceu depois. Em 1972 fui a um congresso, me colocaram numa mesa juntamente com um alemão em Buenos Aires, e o alemão falou sobre o esporte para todos, que era um movimento que havia na Europa. Eu achei aquilo um absurdo e ataquei o sujeito, e houve um embate por causa disto. Foi um embate muito interessante porque a platéia ficou dividida, era uma proposta para uns efetiva e para outros nem tanto. Assim eu acreditava mais, eu não sei se estava certo naquela época, pelo menos eu pensava que sim. (.....) Um ano depois o alemão me convidou para ir à Alemanha, ver as coisas acontecerem. Bom, aí eu visitei vários lugares, fui à Hungria com esse cara. Imagine você, eu vi então que era um pouco diferente que eu estava imaginando na prática, eu até me atentei no seguinte: não tem teoria para isto, os eventos nada mais eram do que oportunidades. Então eu fiquei impressionado com isso, porque havia uma demonstração pratica, mas não tinha teoria esse é que é o problema da coisa. É que as pessoas aderiam porque aderiam, não sabiam explicar também o "porque". Na Europa era um conjunto de princípios, democratização no esporte. Mas atrás disso é diferente da educação física da época, exatamente o oposto. Bom, quando voltei ao Brasil, meti na cabeça que iria começar um negocio desta espécie, aí eu comecei a me mexer para organizar aqui no Rio de Janeiro. [...] (DaCOSTA)

Fica claro que ao oportunizar a população o contato com múltiplas atividades houve uma grande adesão. O EPT Brasil seguiu a idéia do TRIMM³¹, programa iniciado na Noruega, que como no Brasil visava à massificação da atividade física e lazer, contudo, opondo-se radicalmente a competição.

³¹ TRIMM significa manter-se ativo, não necessariamente através de atividades físicas.

Nesse período, começava-se o desenvolvimento de atividades destinadas a grupos sociais específicos. As intervenções eram em um primeiro momento oferecidas à comunidade que com o aumento da participação de seus moradores, por consequência, atendia também subgrupos dentro dessa comunidade chegando a família e por final ao indivíduo. (DaCOSTA, 2002). A idéia era através do todo chegar à unidade. Dentro desse contexto, também o idoso estava incluído inserindo-se em um processo de massificação da prática da atividade física. A participação desse grupo no EPT confirma um dos objetivos do decálogo.

Quanto à menção dentro do decálogo do EPT sobre os idosos Lamartine comenta que como as atividades não eram impostas e sim desenvolvidas pelos locais onde a EPT figurava, em algum lugar do Brasil, alguém deveria desenvolver trabalhos com idosos e o decálogo foi justamente representar o que se fazia dentro do Brasil.

Ainda perguntamos se ele já tinha visto algo parecido no Brasil ele assim respondeu *“Especificamente para idosos foi primeira vez que eu ouvi falar nisso, eu não conhecia. Até muito parecido com o que tinha na Europa, mas tinha lá.”*

De fato, em 1970, apesar de acontecer muito antes do início do EPT já exista um trabalho que incluía idosos no Município de Itapira onde posteriormente acabou por ser mais um local onde o EPT estendeu suas atividades.

Itapira desenvolveu atividades de caminhada desde 1961 com os professores José de Oliveira Barreto Sobrinho e Laércio Leme Filho que na tentativa de evitar a acomodação promoviam caminhadas também para idosos que acabaram por torna-se uma tradição. Itapira foi o assunto em uma matéria escrita por Barreto (1989:97) que assim comenta sobre a importância da caminhada. “... Especialmente para despertar nas pessoas o hábito saudável de se praticar a caminhada (combatendo sempre a “acomodação” que significa envelhece “[..].

Apesar das atividades não serem exclusivamente para idosos fica claro a relação entre envelhecimento e saúde. A visão da atividade física para idosos como uma forma de retardar a velhice, ainda estava atrelada aos artigos das décadas de 30,40 e 50. Itapira foi alvo de pesquisa do Projeto Brasil³² que estudou a saúde do povo brasileiro.

³² O Projeto Brasil foi de responsabilidade de Maurício Leal Rocha que foi um dos entrevistados deste estudo e será apresentado posteriormente.

Outro ponto que mostra a relação entre os campos da atividade física e educação foi a implantação do EPT em diversos locais onde existia o MOBRAL. Dessa forma, ficava mais fácil a disseminação das idéias propostas pelo EPT em um programa que teve uma expressiva massificação em todo o país.

Devido a sua intensa participação dentro da educação física brasileira, inclusive com a criação do método de altitude Training, perguntamos sobre a presença do professor de educação física no EPT e se Cooper de fato contribuiu para promoção das atividades físicas no Brasil. Lamartine assim nos respondeu:

[...] Na maioria não era não. A gente via pelo treinamento. O treinamento era feito pelos estados e era aberto às prefeituras que mandavam os caras que eram funcionários da prefeitura. Houve uma pesquisa sobre isso, eram meros funcionários, meros funcionários, bom, então é isso o idoso surgia no movimento geral, é claro que havia outras influências da época, podemos citar a do Cooper e você também acha que foi né? Eu também concordo contigo, houve uma grande influência disso, a proposta dele colou na mente das pessoas e na cultura.[...](DaCOSTA)

O período compreendido entre os anos de 1960 e os de 1970 foram fundamentais para a construção do campo das atividades para idosos.

Acreditamos que o poder de refração³³ do campo do idoso no Brasil e por consequência da atividade física, era frágil suscetível às influências diversas devido à fase inicial de sua concepção. Conhecimentos produzidos no exterior eram trazidos e adaptados a nossa realidade. Assim fez Lamartine e outros atores sociais que na tentativa da construção do novo campo importavam o conhecimento e iam moldando as atividades ao longo do tempo. Apesar de distintos, através de um campo social é possível analisar outro em virtude das pressões internas serem semelhantes (BOURDIEU, 1983).

3.4. O campo das atividades físicas para idosos no Brasil: os marcos fundadores.

Compreender o campo das atividades físicas é acima de tudo avaliar o todo (o campo em sua forma global) o que foi significativo para interagir e influenciar o campo que buscamos delinear. Em nível macrosocial, a construção do campo do idoso produz sua própria autonomia que vai a partir de seus desdobramentos produzindo novos paradigmas ou derrubando outros que por sua vez alteram o

³³ Peculiaridade de um campo apontado por Bourdieu que reflete maior ou menor poder de autonomia.

habitus do campo e conseqüentemente de seus componentes. O processo de envelhecimento que hoje se mostra tão claro em nosso país foi percebido em países do primeiro mundo muito antes do que nós. E, claramente, processos no campo político e econômico suscitaram mais preocupações do que os das atividades físicas. Parece claro que as últimas foram uma reação a um processo desencadeado por uma nova ordem etária mundial. Inverter tal processo seria observar o “Universo através do próprio umbigo” o que ocasionaria uma visão míope e distorcida dos fatos.

Concordamos com Veyne quando faz suas considerações acerca da construção histórica e afirma que:

É impossível descrever uma totalidade, e toda descrição é seletiva: o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode no máximo, multiplicar as linhas que o atravessa, (VEYNE, 1998: 44)

Por isso, descrever a totalidade dos fatos no campo histórico seria impossível já que um caminho deve ser escolhido, e o mesmo não pode passar por toda parte. Nenhum desses caminhos é único ou verdadeiro e nem muito menos reflete na totalidade a história. A história está no somatório de informações nos cruzamentos dos itinerários possíveis e principalmente nos objetivos da pesquisa.

Em se tratando dos objetivos da pesquisa, decidimos cruzar os itinerários dos campos internacional do idoso, suas implicações no campo nacional e a partir dessas intercessões construir o campo das atividades físicas para os idosos.

Escolher todo caminho por onde passaram os fatos que levaram a essa construção não seria possível. Dentro dos subcampos que delimitamos, traçamos o percurso que inferimos ser o mais próximo da realidade. Por isso, coadunamos com Veyne (1998) quando ele afirma que:

O curso dos fatos não pode, pois, se reconstruir como um mosaico, por mais numerosos que sejam, os documentos são necessariamente indiretos e incompletos; deve-se projetá-los sobre um plano escolhido e ligá-los entre si. Esta situação, por ser principalmente perceptível em história antiga, não é lhe particular: a história mais contemporânea é feita de uma proporção igualmente grande de retrodicção³⁴; a diferença é que essa retrodicção é aqui praticamente certa (VEYNE, 1998:124 grifo meu)

Na intenção de reconstruir essa trama histórica utilizamos os subcampos e fixamos dentro do “plano do campo do idoso” que se configurou entre os anos de 1960 e 1980 no Brasil, os principais fatos que aqui designamos como fundadores das

³⁴ Conceito apresentada por Paul Veyne (1998), que compreende que através da retrodicção é possível preencher as lacunas históricas com deduções pautadas em outras fontes pertinentes ao fato que se deseja compreender.

atividades físicas para idosos em nosso país. Maurício Leal Rocha e Fernando Telles Ribeiro no subcampo Teorização/Pesquisa; Antonio Boaventura da Silva, no campo interventivo e em um segundo momento o SESC presente em todos os subcampos, como instituição pioneira que apresenta Marcelo Salgado como ator social fundamental .

3.4.1. Rocha, Ribeiro e Boaventura: os precursores

No intuito de buscar os primórdios das reflexões/teorias e práticas sobre as atividades físicas para idosos, encontramos várias referências na literatura e através de fontes orais ao Professor Maurício Leal Rocha. Segundo Furtado e Novaes (2004) Rocha teria sido um dos protagonistas da implantação da medicina esportiva no Brasil. Destacamos dentre as diversas ações desenvolvidas por Rocha, o Projeto Brasil que foi o pioneiro na avaliação da saúde dos parâmetros indicadores das valências físicas da população brasileira e dos pressupostos para ações que gerassem a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro.

Buscamos o depoimento de Rocha em virtude de sua significativa importância para a educação física brasileira e, por conseguinte, sua influência no campo do idoso. Em entrevista cedida no dia 22 de setembro de 2006, o médico, professor e pesquisador Maurício Leal Rocha, 89 anos, ex-coordenador do Laboratório de Fisiologia (Labofise) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante mais de uma década nos descreveu suas reflexões e contribuições acerca do processo de envelhecimento e da atividade física.

Em meados dos anos de 1950 o Professor Mauricio Leal Rocha ao voltar da Suécia após fazer uma especialização, mostra em seu depoimento que começou a desenvolver trabalhos com idosos com o intuito de apontar os limites dos mesmos durante a atividade física e com isso promover uma adaptação condizente com a situação etária do indivíduo. Em seu livro Intitulado “Aspectos Diversos da Medicina do Exercício” (2004:193) contém gráficos que analisam o volume cardíaco e atividade física em diversos indivíduos, e dentre eles um evidencia, resultados de pesquisa em homens destreinados e idosos. Ao longo de sua permanência no Labofise da UFRJ, Rocha desenvolveu diversas pesquisas com idosos, incluindo a preocupação com a fadiga, supertreinamento, hipertensão, diabetes, dentre outras.

Todas essas análises foram feitas à luz de experimentos na qual muitos idosos se submeteram a testes físicos e laboratoriais.

Ainda sobre a coordenação do Professor Maurício Rocha surge na década de 70 o Projeto Brasil, que tinha como preocupação desvelar a condição do homem brasileiro no tocante a aptidão física. Ambos os sexos e diversas faixas etárias foram estudados. Esse projeto era um dos que figurava entre os programas de pesquisa desenvolvidos pelo Plano Nacional de Educação Física e Desporto (PNEFD).

Rocha durante seus estudos percebeu que muitos idosos trabalhavam de forma “braçal”, ou seja, valendo-se de sua condição física, submetiam-se a sessões de atividades físicas laborais diárias para a sobrevivência e por isso decidiu averiguar os efeitos de tais atividades na vida dos mesmos.

[...]Encontrei muitos idosos nos locais onde visitei, no Projeto Brasil. Quando fui nesses locais para pesquisar sobre a condição física do homem brasileiro, encontrei muitos idosos ainda trabalhando para sobreviver[...](ROCHA)

Rocha nos descreve que realizava diversos testes com idosos, como: teste ergométrico, antropometria e exames laboratoriais. Quando perguntado sobre a originalidade de seus estudos no cenário brasileiro da época, assim nos respondeu.

[...]Sim, pois trabalhou muito a questão da aptidão física, motora, qualidade de vida; tudo isso ligado aos idosos, que na época não tinham nenhum tipo de trabalho visando estas valências[...](ROCHA)

Contudo, salientou que na Suécia onde realizou um curso em meados dos anos de 1950, já existiam estudos nessa área. Mais uma vez percebemos a interação entre o campo internacional e nacional. As pesquisas e avanços em outros campos serviram de exemplo para as iniciativas em nosso país. Tal informação sobre as atividades de vanguarda com idosos nos países escandinavos já tinha sido ratificada em Holloszy (1983).

Entretanto, as pesquisas iniciadas nos anos de 1960, não repercutiram de forma imediata alterando a visão e as práticas sociais da época sobre idosos e atividades físicas. O próprio Maurício acredita que sua popularização tenha se dado nos anos de 1970 e 80.

Como vemos, até então não existiam trabalhos interventivos sistematizados com idosos. Pesquisas começavam a surgir oriundas do campo da saúde, onde a profilaxia era a tônica.

Em um estudo de resgate da história dos idosos no SESC intitulado “Trabalho Social com Idosos”. Serviço Social do Comércio de São Paulo 1963/1999. O SESC em 1962 enviou ao EUA um grupo de técnicos para observar os trabalhos desenvolvidos em centros sociais para idosos, os Golden Age³⁵, que se propagavam por diversas cidades americanas. Tais centros surgiram no intuito de suprir as deficiências dos idosos no atendimento às necessidades decorrentes das transformações sociais que ocorriam naquela sociedade. Após o retorno dos técnicos do SESC foi criado um programa de atendimento específico para pessoas aposentadas, que teve seu início no centro social “Mário França de Azevedo” situado na Rua do Carmo, 147 no centro da cidade de São Paulo.

Constatamos em nossas entrevistas e pesquisas que o SESC surge como uma das instituições pioneiras na promoção de atividades com idosos. Além do SESC, o gerontólogo Marcelo Salgado é freqüentemente citado como um precursor nos estudos sobre idosos no Brasil.

Antes de relatarmos a importância do SESC como promotor de atividades físicas para idosos e Marcelo Salgado no campo das atividades físicas com a mesma clientela, faz-se necessário destacar um artigo que demonstrou ser o fundador dentre aqueles que disseminavam as atividades físicas para os já idosos, e nesse caso atividades realizadas visando à melhora do condicionamento físico. Durante a revisão de literatura desta tese, esse artigo surge como o primeiro que localizamos e seu autor aparece como um agente social que merece destaque.

Em um periódico denominado “Boletim Técnico Informativo do Ministério da Educação e Cultura” encontramos o artigo do professor de educação física Fernando Telles Ribeiro que em 1968 apresentou seu trabalho baseado em informações colhidas do Comitê Olímpico Búlgaro. O título do artigo é “Exercício Físico e Longevidade”.

Na introdução do artigo, o autor justifica-o dizendo que as atividades físicas para idosos é um novo campo da educação física, dando indícios que ainda engatinhávamos nas descobertas no campo gerontológico e também fisiológico.

[...]A longevidade humana observada através dos efeitos do condicionamento físico é um novo campo de experimentação da educação física. Não somente a geriatria tem se aproveitado dos resultados como também a fisiologia aplicada ao treinamento [...] (RIBEIRO, 1968:37)

³⁵ Centros de convivência que foram criados nos EUA e tiveram significativa disseminação em todo o país. Com forte ligação com o lazer em um amplo sentido cultural, integrado nos parâmetros de uma educação permanente do ser humano. (SESC, 1999)

Neste artigo, são relatados resultados de pesquisa realizada com adultos de 55 e 60 anos que foram sistematicamente treinados com exercícios físicos adequados que reconhecidamente provocariam hipertrofia nos jovens.

É um exercício interessante analisarmos o artigo com nossos conhecimentos levando-se em consideração os 40 anos que já se passaram, e assim percebermos, que o autor define o resultado como “surpreendente”. Porém, os experimentos foram realizados baseando-se no pressuposto de que, como a involução e atrofia são processos irreversíveis da natureza e que se o fenômeno de involução é inevitável, acredita-se que em indivíduos de 50 anos em diante, a atividade funcional com exercícios físicos não iria surtir hipertrofia muscular ou mesmo sensível dilatação do coração como normalmente ocorre em indivíduos jovens.

Não nos interessa nesse estudo os resultados em números, e sim perceber como pensavam as pessoas que no Brasil deram início às atividades voltadas para idosos ou ainda tentar descobrir o que os intelectuais da época pensavam sobre tais atividades. Porém a conclusão do trabalho foi de que houve hipertrofia nos músculos submetidos à ativação funcional e seus índices de força aumentaram consideravelmente.

Esses estudos, entretanto, ainda são insuficientes [...] mas de grande importância é o fato em si mesmo: indivíduos de idade quando submetidos à atividade funcional com exercícios físicos, ao invés da esperada atrofia apresentam, ao contrário, hipertrofia na musculatura [...] (RIBEIRO:1969:38)

Com a intenção de nos aproximarmos ainda mais das idéias que circulavam no Brasil sobre as atividades físicas para idosos marcamos uma entrevista com Fernando Telles Ribeiro em 26 de dezembro de 2002 no Rio de Janeiro.

Ribeiro, então com 64 anos, além de professor de educação física também é engenheiro. Como atleta sagrou-se várias vezes campeão carioca, brasileiro e sul americano de saltos ornamentais, além de ter participado de duas edições dos Jogos Olímpico de 1956 Helsinque e 1960 na cidade de Roma. Participava de campeonatos Mundiais Masters, conseguindo resultados expressivos.

Na entrevista, Ribeiro mostra sua preocupação com a situação da educação física de sua época que ainda procurava seu espaço, não estando

legitimada, sendo apenas uma formadora de professores de ginástica e também para atuarem nas escolas.

Teve sua formação na Escola de Educação Física do Exército em 1958 e posteriormente na Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro.

Ribeiro ao ser perguntado por que escreveu tal artigo, responde que não teria sido ele mesmo que escreveu, apenas traduziu do inglês para o português o artigo do Comitê Olímpico Búlgaro e isso por achar que aquilo deveria ser divulgado. Segundo Ribeiro

[...] esse artigo foi do comitê Olímpico Búlgaro que por acaso a revista estava em cima da mesa da federação (atual Federação Aquática do Estado Rio de Janeiro)...aí eu pensei esse negócio é importante, precisa ser divulgado[...](RIBEIRO)

Devido ao pouco material disponível sobre o surgimento das atividades físicas para idosos no Brasil, o artigo de Ribeiro tornou-se para nós um marco dentro da produção acadêmica sobre as atividades físicas para os idosos. O estudo de Fernando Telles Ribeiro foi o primeiro trabalho que oferecia resultados com exercícios físicos realizados com idosos. Até então somente encontrávamos estudos em que a busca pela longevidade pregava atividades físicas para os ainda jovens negando qualquer tipo de atividades físicas para os já em idade avançada.

Na entrevista, claramente percebemos que no período em que o artigo foi traduzido, a prática de atividades físicas não era apropriada para os idosos. Os mesmos eram vistos como indivíduos que deveriam permanecer em casa, sem praticar atividades físicas. Ainda notamos que segundo o entrevistado não existia nenhuma instituição que propusesse tais atividades, embora o mesmo tenha conhecimento que o SESC teria sido pioneiro nessa prática, possivelmente segundo ele, alguns anos depois da publicação do seu artigo.

Ribeiro comenta que Maria Lenk e Gastão Figueiredo³⁶ eram pessoas que continuavam a praticar atividades físicas mesmo depois de terem atingido uma idade que não mais seria apropriado para a época realizá-las. Tais atitudes, segundo o entrevistado, chamavam muita atenção:

[...] tinha uns que agente achava assim fora do comum... a Maria Lenk sempre praticou, mas era um caso a parte, ela era do ambiente da educação física foi professora da Escola de Educação Física, era um exemplo, então havia um ou outro que dispontava assim como o João Gonçalves...o Gastão

³⁶ Tanto Maria Lenk quanto Gastão Figueiredo foram nadadores másteres que levaram sua vida desportiva acima dos noventa anos, batendo recordes dentro da faixa etária que competiam.

ainda nadava depois de uma certa idade , mas não era o normal[...] (RIBEIRO)

Quando perguntado sobre qual seria o motivo que o teria chamado atenção sobre a relevância do artigo, a resposta apontou para a preocupação com os efeitos do tempo sobre o indivíduo. Começavam a perceber que o exercício físico atenuava os efeitos do tempo. Assim respondeu nosso entrevistado: *“foi com a saúde mesmo do povo de um modo geral, eu não fiz só para o esporte, começava-se a perceber que a vida sedentária era nociva.” (RIBEIRO)*

Como podemos perceber mesmo que embrionariamente, os intelectuais da época começavam a se preocupar com a questão da atividade física para os idosos.

Na época em que o artigo foi traduzido por Ribeiro, o mesmo estava com aproximadamente 29 anos chegando ao final de sua carreira esportiva. Talvez a proximidade do término de suas atividades como atleta de ponta o tenha levado a preocupar-se, mesmo que inconscientemente com tal estudo.

Interessante que a vida esportiva de Fernando Telles Ribeiro foi cheia de sucessos, sagrando-se campeão em diversas competições em âmbito internacional, o que sugere que devido a sua afinidade com as atividades físicas, a sua permanência nas mesmas seria algo com grandes chances de acontecer.

Porém, percebemos que dois fatores fizeram com que Fernando voltasse a competir após idoso. O primeiro seria a perda da vergonha em praticar atividades físicas com uma idade mais avançada, quando muitos ainda não recebiam tal atitude com naturalidade:

*[...]quando eu ia as vezes saltar as pessoas ficavam olhando e perguntado :
- o senhor vai saltar ?! isso deixava agente meio deslocado, hoje não, as
pessoas olham com naturalidade e dizem :- que legal o senhor vai saltar?
[...] (RIBEIRO)*

Fica claro, que tais mudanças de atitude em relação ao idoso praticar atividades físicas, contribuíram para que houvesse uma maior disseminação da idéia, o que somente pode ocorrer graças a transformações sociais no tocante a uma nova e renovada visão sobre o idoso dentro da sociedade. A aceitação social é um forte catalisador para deflagrar a inercial tendência dos já idosos em não praticarem atividades físicas em virtude dos entraves impostos pelo sistema.

O segundo motivo que teria levado Ribeiro a retornar as atividades, seria o incentivo que as competições de másteres lhe deram, além da promoção da saúde.

Em sua entrevista, Ribeiro ressalta que se não fossem as competições, possivelmente ele não retornaria e que com os avanços nos sistemas de treinamento ele consegue manter-se realizando saltos de relativo grau de dificuldade que em sua juventude executava. Ainda ressalta que ter a oportunidade de voltar a competir sentindo as mesmas emoções de quando era jovem são muito compensadoras.

[...]Quando participo de competição hoje, sinto a mesma coisa de quando era mais jovem, você fica nervoso do mesmo jeito, você leva a sério o treinamento do mesmo jeito, não quer perder, o negócio é meio paranóico, mas é divertido, saudável. [...]Agora, a motivação é muito grande, eu por exemplo, se não fosse competição eu não praticava. Te garanto. Só voltei a saltar sério, bonitinho, porque havia competição[...] (RIBEIRO)

Sendo assim, algumas considerações cabem nesse segundo contexto, visto que apesar de não figurarem dentro da população do estudo³⁷, configuram-se em atividades físicas para idosos.

As relações entre esporte e saúde estão bem claras nas representações do entrevistado já que o mesmo tem formação em educação física. Entretanto, verificamos que as argumentações médicas em prol das atividades físicas, em nenhum momento apontavam para a forma de treinamento aplicada para um atleta.

Outro ponto a se salientar é que a promoção da saúde através das atividades, não são propostas com o intuito da competição, principalmente tratando-se da clientela em questão. Com isso, acreditamos que apesar de aparentemente a busca pela melhora da qualidade física apareça em primeiro lugar o “pano de fundo” que parece originar tal motivação é realmente a competição e o que ela traz consigo. Essa afirmação enquadra-se para indivíduos com um passado esportivo, não adequando-se a pessoas que viveram à margem das competições, principalmente as de médio e alto nível.

Lovisoló e Santiago (1997) inferiram em um estudo sobre os nadadores másteres que os sentidos da juventude se permeiam com a competição, desta forma compreende-se as narrativas de Ribeiro e o significado que o mesmo atribui a competição e ao seu retorno aos saltos.

³⁷ Buscamos avaliar a deflagração de um novo *habitus* em indivíduos sem passado esportivo significativo. Ex-atletas teriam mais facilidade em continuar a realizar atividade físicas, mesmo depois de idosos. Já a população em geral necessitaria de maiores condições que favorecessem tal ação.

Em 1968, Fernando Ribeiro ratifica que desconhecia atividades físicas para idosos. Contudo em um estudo de Cunha Jr e Melo. (1999), Pedro Barros Silva aponta a Associação Cristã dos Moços (ACM) e o Professor Antonio Boaventura como aqueles que ofereciam atividades para pessoas mais velhas embora não se configurassem como democráticas, ou seja, programas de fácil acesso para todos.

Na ACM, obtivemos informações que tais atividades não englobavam idosos, recaiam nas atividades oferecidas para adultos e pessoas maduras.

Em busca da outra fonte, viabilizamos uma entrevista com o Professor Antonio Boaventura da Silva. Em 16 de julho de 2003 nos encontramos com ele na cidade de São Paulo em sua residência.

Boaventura então com 88 anos, nos conta que teria iniciado as práticas de atividades físicas para idosos, inicialmente no Esporte Clube Sírio em São Paulo no final dos anos de 1960. No Sírio, o professor ministrava atividades para pessoas maduras e posteriormente na Universidade de São Paulo (USP) para os catedráticos de outros cursos. Boaventura diz que criou esses grupos no Sírio e na USP no intuito de demonstrar a importância do professor de educação física, além de salientar a atividade física como importante vetor de promoção da qualidade de vida. Seus alunos eram pessoas de 50 a 65.

[...]De modo que começamos em uma época principiante, ninguém acreditava na educação Física. A gente não ia em uma igreja ou reunião social com uniforme de ginástica, porque no fundo a sociedade estranhava e associava o professor de Educação Física a um ignorante ou não suficientemente desenvolvido a para a atividade educacional[...]. (BOAVENTURA)

As intervenções de Boaventura eram para os sócios do clube Sírio e na USP somente para professores dessa instituição. Essas iniciativas representam um avanço rumo à democratização das atividades físicas, pois Boaventura já acreditava que os mais velhos deveriam manter-se em movimento.

Interessante que mais uma vez o campo internacional influenciou na construção de idéias sobre o campo da educação física como na prática da atividade física em geral. Boaventura nos narra que esteve na Suécia e isso contribuiu para uma maior compreensão de sua prática profissional, essa é mais uma evidência da contribuição do campo internacional influenciando as práticas e as representações no Brasil. Em depoimento sobre o tema Boaventura diz que:

[...]Quando eu vim da Suécia, com os horizontes alargados para a Educação Física, eu aprendi a parte sueca. Mas havia estado nos Estados Unidos, onde

fiz um ano de pós-graduação, em 1945, e lá aprendi mais do que calistenia, pois era a atividade deles. [...] E logo em seguida, convidamos um professor sueco para vir ao Brasil[...] (BOAVENTURA)

Quando perguntado de como eram as atividades ministradas, Boventura ratifica a influência do campo internacional e demonstra sua preocupação em oferecer aos alunos atividades que se aproximassem dos movimentos naturais, que segundo ele eram mais prazerosas.

[...] Em 1951 também veio um sueco chamado Scott Johnson e depois em 1952 o Professor Listello, que além do handebol também ensinava a ginástica natural [...] Então, eu pude dar a eles, atividades o mais próximo do natural, principalmente exercícios dois a dois, três a três, quatro a quatro e às vezes cinco a cinco. Atividades espontâneas, que costumamos fazer normalmente em nossa vida e não somente levantar braços e membros [...] Sempre que possível dinamicamente, em movimento. Eu nunca pegava o indivíduo senão para se movimentar e fazer atividade física. Eu pedia sempre para saltitar naturalmente, eu fazia eles repetirem, correr ou saltitar descontraído. E sempre ligar o fim de um exercício ao início do próximo. Você não faz um exercício e sim uma série de exercícios [...] (BOAVENTURA)

A construção das atividades físicas para idosos no Brasil parecem sofrer uma forte influência dos preceitos do campo da saúde. Rocha, Ribeiro e Boaventura demarcam bem essa influência. Devemos perceber que os três supracitados destacam a importância do exercício para a melhora ou manutenção da saúde, e essa por sua vez, forjou os primeiros conhecimentos do campo da educação física brasileira.

Embora o conhecimento ainda não fosse disseminado e ou não propiciasse iniciativas mais próximas das que vemos hoje, todos como intelectuais da época produziram conhecimento transformador. Acrescentasse a essa questão o desconhecimento sobre o avançar da transição demográfica que ainda não era percebida por nossos atores sociais, o que realça ainda mais as atitudes de vanguarda desses professores.

Bourdieu (2004a) nos explica que todo campo é um campo de forças e um campo de lutas. Os atores sociais para conservar ou transformar a situação vigente utilizam-se de seus instrumentos para tornar o jogo mais vantajoso para si.

Rocha e sua atenção sobre a saúde do brasileiro que mesmo depois de idoso ainda trabalhava para sobreviver, a luta pela legitimação de uma profissão e seus preceitos, ressaltada por Boaventura e a preocupação em divulgar algo que considerava novo e importante por Ribeiro, revelam a tentativa de controle do campo através dos instrumentos que eles dispunham, o conhecimento. Esse último que pode

ser compreendido também como capital específico desencadeou novas perspectivas, que aliadas a outras tensões, como as oriundas do campo internacional, as transformações nos campos político e econômico favoreceram um novo olhar frente às intervenções com os já idosos.

Apesar de serem precursoras, ainda não representavam uma ruptura de paradigmas, mas assim como Rocha e suas pesquisas, começaram a deflagrar iniciativas que até então não figuravam dentro do rol das preocupações acadêmicas.

3.4.2. O SESC, Marcelo Salgado e o Trabalho Social com Idosos.

Em 1946, é criado o Serviço Social do Comércio (SESC) pelo decreto lei nº 9853, ficando a Confederação Nacional do Comércio encarregada de criar, organizar e administrar tal entidade. O SESC foi inspirado nos princípios da Carta da Paz, nascida da Conferência de Teresópolis em 1945, que significava uma promessa de justiça social que seguia uma filosofia de implantação de serviços sociais custeados pelas classes patronais. (SESC, 1997).

Inicialmente, o SESC atuou em áreas onde o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC) mostrava-se inexistente ou omissa. Seus recursos vinham das contribuições exclusivas dos empregadores, cabendo ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio a aprovação do regulamento e a fiscalização das atribuições da entidade.

O SESC teve seu trabalho com idosos iniciado em 1963. Durante nossa pesquisa todos os entrevistados, todas as fontes apontam o SESC como a instituição precursora em oferecer de forma ampla atividades destinadas exclusivamente para os já idosos.

Neste sentido, destacamos o artigo intitulado “História dos Programas de Atividades Físicas para Pessoas Idosas no Brasil: Um Diálogo com Pedro Barros Silva” dos autores Cunha Jr e Melo. (1999) que trás evidências que as atividades para idosos surgiram no SESC na década de 70, onde foi implantado um programa de atividades físicas para pessoas de 40 a 90 anos, que praticavam diferentes esportes adaptados, tais como voleibol, basquetebol, com a predominância de mulheres.

Através da história oral, Barros deu depoimentos importantes que contribuíram com evidências para o desvelar do surgimento das atividades físicas para idosos. Seus depoimentos e suas memórias contribuíram para este campo do

conhecimento, à medida em que entendemos os relatos como fonte importante para a reconstituição da trama histórica.

Acreditamos que o processo de estruturação da personalidade individual ou coletiva depende do significado que os atores sociais dão ao passado, no processo de projeção do futuro. Não estamos falando aqui de histórias construídas por historiadores profissionais, mas nos reportando ao sentido existencial da história ou da memória para a vida dos indivíduos e grupos. Nesse sentido, a memória coletiva é fundamental. Ela age recortando e reelaborando os eventos passados no presente, produzindo significados existenciais para indivíduos e grupos.(VEYNE, 1998)

Pedro Barros Silva descreve oralmente a Cunha Jr e Melo (1999) como se deu o início das atividades físicas para idosos no Brasil. Seu relato reconstruiu como tal passagem aconteceu, tendo início mais precisamente no SESC da capital de São Paulo. Segundo ele, idosos que freqüentavam um restaurante do SESC na rua do Carmo, após as refeições, ficavam parados sem qualquer atividade.

Foi o orientador social de nome Carlos Malestra que começou a reunir os idosos e lhes ofereceu atividades de lazer, jogo de baralho, dominó, abriu-lhes a biblioteca e começou a fazer reuniões. Com essa iniciativa núcleos em outros SESC`s foram criados e grupos que não pertenciam a essa entidade, mas trabalhavam com idosos, foram convidados e integrados em uma única forma de trabalho. Barros cita Renato Requixa e posteriormente Marcelo Salgado como dois professores que atuaram nesta unificação. Ainda no relato, Barros comenta que bolsas para professores teriam sido dadas para ver o que acontecia na França e EUA. Neste período a França atravessava transformações significativas dentro do contexto social voltado para a terceira idade tanto que se tornou a pioneira na criação da primeira UNATI em 1973.

[...] o SESC trabalhou... especificamente com o idoso dentro de suas unidades[...]o SESC começou a unificar esses grupos que trabalhavam...mesmo que não fossem do SESC...junto com o SESC...e aí surgiu o trabalho do Professor Renato Requixa e futuramente ...seguido pelo Marcelo Salgado...quer dizer começou a turma a ir para a França ver o que existia na França...deram bolsas de estudos e ...foi se integrando ao trabalho de idoso que foi crescendo e crescendo dos quais até a Universidade da Terceira Idade foi fundada em Campinas [...] (CUNHA Jr e MELO:1999:03)

Quando questionado sobre se o SESC teria sido o pioneiro na criação de atividades para idosos, Barros comenta que institucionalmente sim, porém aponta

dois³⁸ outros trabalhos que faziam atividades em caráter isolado e de forma elitista. O primeiro citado seria a ACM (Associação Cristã de Moços) que atuava com pessoas maduras, com ginástica de conservação, contudo havia pagamento de mensalidade, além de ter que ser associado. O outro trabalho foi realizado na Escola de Educação Física da USP que tinha um núcleo que trabalhava com catedráticos através do Professor Boaventura que também realizava trabalhos semelhantes no Tênis Clube³⁹ em São Paulo.

No SESC, as atividades eram adaptadas. Os desportos foram adequados às necessidades dos idosos, tendo sempre o lazer como o foco das atenções. Barros definiu assim o objetivo principal das atividades:

O objetivo principal é... fazer com que essa turma se sinta em liberdade de movimentação própria...acabar com aquele negócio de uma cadeira de balanço ao seu vovó que ele fica feliz"...hoje não, agite...quanto mais movimento melhor... (CUNHA Jr e MELO,1999:04)

Nesses grupos, cabe salientar que a predominância dos participantes era do sexo feminino, que sentiam, ainda no início, certo receio em praticar as atividades com roupas mais adequadas, como calções. A equipe recomendava o uso, porém não obrigava durante as atividades tais vestimentas.

Barros relatou a Cunha Jr e Melo (1999) que no início não tinha sido fácil. Cartas eram enviadas aos idosos aposentados registrados no IAPC, contudo, as mesmas não eram respondidas e devido a isso poucos se dirigiam ao local proposto para início das atividades. Então, o orientador social Carlos Malestra, passou a fazer os convites aos idosos pessoalmente nas agências do IAPC. Tal atitude alavancou as atividades e em 23 de setembro 1963 as mesmas são iniciadas.

No intuito de aprofundarmos os estudos sobre como foi o início das atividades no SESC buscamos uma das fontes apontadas no artigo de Cunha Jr e Melo (1999).

No dia 26 de abril de 2007, na cidade do Rio de Janeiro nos encontramos com o Gerontólogo Marcelo Salgado.

Salgado acumulou uma experiência de mais de 30 anos como diretor do Programa Trabalho Social com Idosos do SESC São Paulo, que se tornou uma referência no trabalho com a terceira idade, reconhecido em todo o mundo. Em seu

³⁸ As duas citações já foram aqui apresentadas e esclarecidas.

³⁹ Cabe ressaltar que Boaventura na verdade não trabalhou no Tênis Clube com idosos e sim no Clube Sírio. No primeiro trabalhou com jovens entre 12 e 15 anos.

extenso currículo, Salgado acumula diversos títulos e cargos, sempre relacionados à gerontologia, como: expert do Centro Internacional de Gerontologia Social (França), conselheiro da Federal Internacional de Idosos (órgão consultivo da ONU), assessor do Governo de Portugal para a organização de projetos com idosos, entre vários outros.

Salgado nos relata como se deu o início das atividades no SESC e menciona que não existiam atividades físicas:

[...] o SESC começou o trabalho em sessenta e três... [...]Mas esse profissional(Calos Malestra) tinha visto alguma experiência com velhos nos Estados Unidos e tentava implantar isso numa unidade do SESC - que foi exatamente o trabalho que é o relatado como o de mil, novecentos e sessenta e três, mas esse trabalho de sessenta e três, que foi relatado aqui, era apenas um embrião... Ele conseguiu, com muita dificuldade, como técnico, que criassem uma pequena operação, fazendo a divulgação nas filas de pagamento dos aposentados do IAPC, que era o Instituto de Previdência dos Comerciantes antes do INPS, e reuniu alguns senhores idosos, mais alguns outros que freqüentavam o restaurante desta unidade específica do SESC onde se originou o primeiro trabalho e este profissional - que era um assistente social, foi que fez a primeira ampliação, mas o trabalho ficou naquilo: se reuniram algumas pessoas, dessa forma... e o trabalho ficou nisso. eram doze ou quatorze senhores...[...] se reuniam numa sala numa unidade do SESC, ficavam ali orientados por um estagiário de serviço social), ficavam conversando, batendo papo, jogando dama... assim era o trabalho do SESC .(SALGADO)

Salgado que também é autor de diversos livros sobre idosos nos relata que sempre teve vontade de trabalhar com pessoas mais velhas e por isso buscou no SESC uma forma de realizar seu desejo.

O conhecimento de geriátras e gerontólogos foi fundamental para que o poder público começasse a desenvolver ações em relação aos idosos. Através do conhecimento disseminado por esses profissionais as intervenções em diversos âmbitos da vida do idoso se tornaram mais evidentes e compreensíveis.

Ainda na entrevista com Helena Bertho da Silva, é relatado que muito do que foi desenvolvido no processo de criação de uma legislação para o idoso no final da década de 1970, foi baseado no conhecimento de especialistas da área, destacando-se a influencia de Salgado. Segundo o depoimento de SILVA:

[...]Marcelo Salgado é o homem que mais entende de velho, não digo fora daqui porque eu não sei, mas que ele andou aí por fora também... Então, o Marcelo, tudo que... nessa hora aqui ele foi procurado(sobre o desenvolvimento da primeira legislação sobre o idoso)... A coordenação do Serviço Social mandou a chefe de equipe ter um entendimento com ele pra saber o que ele... ele sabe, também tem um outro... que não há jeito de eu me lembrar do nome?... Era um médico que tinha aqui, que tinha um livro "Como viver cem anos"...[...]Mario Filizola. Então, (Mario Filizola) deu muitas informações e Marcelo Salgado na parte mais (psicológica), de educação, de

serviço social - porque ele é assistente social, né, e, então, todas essas pessoas assim foram procuradas... médicos que já trabalhavam com pessoas, então ia falando um , ia dando uma sugestão, ia procurando outro, e todas essas coisas, esses dados foram sendo computados para as reflexões, para as discussões...[...] as idéias dele tá aí...(SILVA)

Marcelo Salgado foi protagonista das discussões e propostas no campo do idoso no Brasil. Bourdieu (2004c) cita que o Estado através de uma *nomeação oficial* legitima quem a ele interessa, utilizando o capital específico de determinado ator social, conferindo-lhe poder para deflagrar mudanças ou a manutenção no campo que ora quer manipular.

De fato em sua entrevista Salgado ressalta que trabalhou junto ao governo no intuito de desenvolver propostas e idéias pertinentes a uma primeira legislação voltada para o idoso:

[...] Isso foi em setenta e cinco, setenta e seis. Eu não me considerava nenhum doutor, embora eu já desse aula em universidade, mas não era nenhum grande "expert" nisso , mas fui convidado exatamente porque tinham, eles tinham um pedido do Ministro , para as pessoas que iam compor o Ministério e elas já tinham uma referência do meu trabalho e intencionavam alguma ação nessa área. E aconteceu que, depois dessa reunião eu fui convidado, eu fui requisitado no SESC, se criou o Ministério e o Ministério tinha uma secretaria que tem até hoje, de Ação Social que cuida de políticas públicas e eu fui requisitado no SESC para trabalhar nessa secretaria, onde tive a oportunidade de criar o primeiro programa, o Primeiro Plano Nacional de Assistência ao idoso, que foi o embrião de todas as políticas sociais que foram passando.[...]Isso em setenta e seis.[...](SALGADO)

Interessante que tal relação entre os especialistas, o SESC e o governo já protagonizaram uma das preocupações sobre a construção da ideologia da velhice apontada em Haddad (1986). A autora comenta que a ideologia médica sobre a velhice, fundamenta e ajuda na construção sobre a ideologia da velhice produzida pelo Estado brasileiro e que também deu subsídios à ação do SESC, o qual se utiliza igualmente dos conhecimentos desses especialistas.

Concordamos com Haddad quando percebemos que uma política pautada nos conhecimentos médicos foi desenvolvida para minimizar as condições desfavoráveis dos indivíduos conquistadas ao longo de uma vida penosa e cheia de injustiças sociais. Ao final da vida, esperar que programas que inculquem na sociedade uma “pastoral do envelhecimento”⁴⁰ baseado em saberes médicos, que constituem uma tábua de leis, dogmamente imposta socialmente é ignorar uma

⁴⁰ Conceito amplamente discutido na tese de Alves Jr. (2004)

história de vida de muitos que durante toda a existência se quer pensaram em uma atividade dentro desses padrões agora estabelecidos.

Como pensar em uma pastoral do envelhecimento para indivíduos caracterizados por Magalhães (1989) como pseudo-idosos que aparentam uma idade biológica que não reflete a cronológica? Indivíduos que passaram uma vida inteira sofrendo na tentativa de uma sobrevivência digna e que agora ao chegarem ao final da vida recebem indicações sobre um ativismo que em muito pouco resultará em melhoras para o seu organismo já comprometido pelo seu estilo de vida carcomido pelo sistema.

Vivemos em uma perspectiva na qual a espera por um futuro melhor secundariza o presente. Contudo, no presente, o destino já demonstra que as possibilidades de reversão de um quadro político-social injusto, para grande parte da população, construído durante anos de uma vida explorada tornam-se cada vez mais utópico.

Propor um ativismo às classes menos favorecidas é ao mesmo tempo delegar ao cidadão que se salve de uma velhice condenada à dependência e à penúria. Apesar das condições dos idosos nos países desenvolvidos não serem justas para todos, a vida em outras faixas etárias mostra-se muita mais cheia de possibilidades, potencializando uma qualidade de vida no presente, que no futuro representará uma velhice em condições mais dignas das que vivemos em nosso país.

A classe média e alta são aquelas que mais iriam valer-se desse campo das atividades físicas que começava a surgir. Independente disso, e apesar disso, esse campo se constituiu. Antes, nem mesmo aqueles que tivessem condições utilizariam as atividades físicas para melhorarem sua qualidade de vida na velhice.

O SESC apesar de caracterizar-se como uma entidade patronal realiza até hoje atividades que deveriam ser em essência um serviço do Estado. Contudo dentro de seus preceitos burgueses atrelados a manutenção do *status quo* o trabalho social com idosos representa um marco na propagação de ações com os idosos brasileiros.

Os anos de 1970 iniciaram a construção dos direitos idosos em nosso país. Os desdobramentos dessas movimentações em torno dessa faixa etária acabariam por originarem também preocupações com as questões ligadas ao corpo.

O campo internacional, em especial, o europeu foi fundamental para deflagrar algumas transformações em relação a política do idoso em nosso país. Salgado ressalta que assim pensou nas atividades físicas para os idosos no SESC:

[...]Ao mesmo tempo, nesta época, eu tinha feito um estágio na Alemanha e na Alemanha já tinham, na Alemanha eu não via atividade física para velhos saudáveis, eu via mais a nível até de reabilitação, mas, enfim, para muitos, aquilo que eu assistia como uma ginástica reabilitadora, era uma coisa, preventivamente, seria ótimo para aquelas pessoas que estavam entrando naquela fase da vida e feito com muito sucesso também... Então, quando eu cheguei aqui, propus ao SESC, reuni meia dúzia de professores, muito tímidos na época e vamos fazer uma coisa - evidentemente nos cercamos de cuidado, pedimos um exame médico, uma avaliação cardiológica, uma, se possível, uma coisa para medir o esforço, muito embora, se você faz isso com cuidado, salvo se a pessoa tenha algum problema[...](SALGADO)

O estudo das características provenientes dos campos, levando em consideração sua autonomia, permite acreditar em uma teoria geral que faz comparações entre os campos se tornarem possíveis. Por isso, usar o que se aprende em um determinado campo, pode servir para inferir e ou interpretar outros campos. (BOURDIEU, 1983). Assim fez Marcelo Salgado. Ao interpretar o campo internacional, vislumbrou as possíveis aplicabilidades no Brasil, adequando as inovações por ele identificadas, às condições em que as mesmas poderiam ser realizadas na realidade brasileira.

Quando perguntado se ele acreditava que de fato teria começado as atividades interventivas com idosos no SESC em 1977 e se a ainda ele como intelectual ligado aos idosos reconhecia sua atração como protagonista neste campo, obtivemos a seguinte resposta:

[...] Posso te garantir que a primeira experiência, pelo menos formalmente, organizada, reconhecida, foi lá [...] No SESC Consolação, na época chamava-se Carlão... [...] Carlos de Souza Nazaré [...] Eu não sei se, eventualmente, eu não posso garantir a você se já houve alguma especulação científica, entende?... algum estudo... pode até ter havido, mas também acho que não... Agora, que resultasse numa coisa prática, numa atividade, posso te garantir que não...[...](SALGADO)

Curioso foi a forma como Salgado acabou por participar na elaboração da implantação em todo o país de trabalhos sociais com idosos.

Salgado foi convidado a ir ao Congresso Nacional para se explicar sobre suas idéias e ações dentro do SESC São Paulo sobre o desenvolvimento de atividades físicas em que praticavam idosos. As narrativas de Salgado nos mostram que:

[...]Eles não tinham visto isso. Agora, paralelamente, aconteceu uma coisa que alguém, que eu não sei, disse que eu estava sacrificando os velhos no SESC, fazendo atividade física, e aí eu fui envolvido numa CPI do Congresso Nacional e de... de pessoa indiciada para depor, eu me transformei em consultor da CPI[...](SALGADO)

Como consultor ele planejou os trabalhos a serem propagados em todo o país. Nessa mesma época Jessé Pinto Freire estava como Senador da República cargo que exerceu de 1971 até 1980, ano de seu falecimento. Freire atuou também como presidente da Confederação Nacional do Comércio entre os de 1965 a 1980.

Salgado que era funcionário do SESC São Paulo e já realizava trabalhos com idosos em seu estado, durante seu depoimento na CPI acabou por encontrar com Freire que o solicitou que estendesse esse trabalho pelas outras unidades do SESC em todo o Brasil.

[...]No dia seguinte, dez horas da manhã, eles estavam lá. Aí ele(Freire) entrou na sala e disse assim: "Marcelinho... " - ele me chamava de Marcelinho - "vai dizer a coisa maravilhosa que você faz. Quero esse trabalho implantado em todo Brasil." Daí, quer dizer, por ordem, por decisão de Jessé Pinto Freire, a partir desse depoimento na CPI, que ele mandou implantar o trabalho em todo o Brasil, porque o SESC Nacional não executava - tanto que quando eles começaram a tentar fazer o trabalho, já tinha o trabalho implantado em diversas unidades do Nordeste, que foi orientado por mim, cedido pelo SESC de São Paulo[...](SALGADO)

A participação de Salgado foi fundamental também na implantação no SESC de diversas formas de intervenção com a população idosa. Ele criou em 1977, quando voltou da França, a Escola Aberta da Terceira Idade baseado na Universidade de Toulouse mas que somente realizava atividades com características teóricas sem nenhuma atividade prática.

[...] era uma coisa assim: eram as universidades, os docentes, aquele excesso de horas que tinham, organizavam alguns cursos genéricos para idoso, ou, eventualmente, aceitavam alguns idosos naquelas disciplinas que não tinham preenchido o número de vagas, mas eram sempre por convites, mas era puramente coisa teórica, mais na linha filosófica, na linha cultural, não tinha nenhuma atividade científica e não tinha nenhuma atividade prática, nem no sentido físico, nem no sentido da expressão). Quando nós chegamos, isso no SESC, montamos esse programa no SESC, chamamos "Escola Aberta da Terceira Idade", o sucesso da atividade física era tão, era tão forte, que todas as escolas implantadas tinham um segmento só de atividade corporal. Então, cada aluno que vinha, ele compunha o papel e escolhia, ele não era assim, pela experiência que eu vi. Ele tinha três áreas de concentração: práticas físicas, atividades de informação e atividades de expressão científica. Então, práticas físicas tinha: ginástica rítmica, ginástica corretiva, ginástica postural ... é, todo tipo de ginástica... yoga, que sempre foi uma coisa fantástica para a terceira idade... natação [..](SALGADO)

Como vemos, Marcelo Salgado e sua participação dentro e fora do SESC acabaram por refletir um momento em que o campo do idoso brasileiro começava organizar-se.

Com o número crescente de idosos e a preocupação do poder público com o aumento dos índices de sobrevivência que começavam aparecer, definindo uma problemática social, o saber médico e seus preceitos paliativos surgem para amortizar tal situação. Agora os aposentados eram muitos. O que fazer com aqueles trabalhadores que agora chegam à velhice com tempo ocioso e utilizam-se dos recursos do governo durante muito mais tempo?

A incorporação do discurso gerontológico por parte do Estado reflete claramente a tentativa de controle do problema e principalmente caracteriza uma atitude que apesar de necessária, ataca o efeito ao invés da causa, de uma política que não favorece o trabalhador, vetor maior da situação de miséria em que milhões se encontram.

A pastoral do envelhecimento, prescrevendo um ativismo, muitas vezes associado à prática de atividades físicas teve sua gênese dentro desses vinte anos em que balizamos nosso estudo, fruto de diversas influências de diversos campos como o político, o social, da saúde e educacional.

3.5. A Teorização/Pesquisa *Scripto-Sensu* : corroborando uma nova tendência

O campo de intervenção embrionariamente começava a surgir. Nos anos de 1970, crescem os locais de prática de atividades físicas para idosos. O final da década de 1970 é marcado por fatos relevantes na construção dos caminhos da produção científica na área da educação física.

Em 1977 tem início o primeiro mestrado em Educação Física do Brasil e da América Latina, na Universidade de São Paulo (USP). Em 1979 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul surge o segundo mestrado na área da Educação Física. Posteriormente, cinco novos mestrados foram criados nos anos de 1980. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1980, na Universidade Gama Filho (UGF) em 1985, na Universidade Estadual de Campinas -

UNICAMP (1988), em 1989 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e por último na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG em 1989. (SILVA, 1990).

Ainda em Silva (1990) é apontado que os estudos desenvolvidos acerca da produção científica da Educação Física, demonstraram que temáticas voltadas para os aspectos médico-biológicos da atividade física, para o esporte de alto rendimento e para a avaliação da aptidão física, teriam sido hegemônicas nas primeiras produções da área, refletindo a representação de uma área do conhecimento construída historicamente por influências médicas, militares e técnicas, marcada de forma contundente pelo positivismo.

De fato, ao nos depararmos com a produção de teses e dissertações no tocante aos idosos corroboramos a idéia de que a vertente biológica representava um grande percentual. Alves Jr (2004:203) identificou a produção na área de educação física dentro dessa temática, entre 1986 e 2004. Foram identificadas 36 obras sendo que mais da metade delas estavam preocupadas com as questões biológicas, da saúde ou do rendimento motor.

Essa constatação é mais interessante se compararmos com os anos cinqüenta em que sequer cogitava-se que idosos pudessem realizar atividades físicas. A preocupação voltada para os desdobramentos oriundos da prática de atividades físicas para idosos tornou-se uma tendência constante dentro da produção acadêmica.

No âmbito do *Stricto Sensu*, o final dos anos 70 e o início dos anos de 1980 marcaram o surgimento dos cursos de mestrado e doutorado na área da educação física, que se caracterizam como locais apropriados para produção específica do conhecimento.

Em pesquisa realizada na Faculdade de Educação da Unicamp foi catalogado a Produção científica brasileira na área de gerontologia entre os anos de 1975 e 1999 (Goldstein, 1999).

Baseado nesse estudo identificamos que as duas primeiras produções sobre idosos nos cursos de educação física foram produzidas na UFRJ. A primeira em 1986 com Sueli Barbosa Sobral intitulada "Proposta de ação pedagógica e prática de educação física centrada na pessoa idosa, com ênfase nas necessidades humanas básicas". O segundo trabalho teve como autor Edmundo de Drummond Alves Junior com título "O idoso e a educação física informal em Niterói" em 1992.

Apesar dessas produções ficarem fora do recorte histórico que delimitamos, percebemos que nos anos de suas elaborações, as preocupações em desenvolver

normas, critérios enfim uma proposta mais adequada à realidade dos idosos, já representava a mudança deflagrada poucos anos antes, principalmente no tocante a Sobral que cronologicamente se encontra muito próximo do período que consideramos como inicial de um novo paradigma para o campo das atividades físicas para idosos.

Em virtude dessa proximidade, faremos uma análise dessa obra que já reverbera uma mudança paradigmática recém construída. Esse estudo reúne diversos aspectos levantados ao longo do nosso estudo, ratificando algumas posições e práticas da atividade física para idosos.

O curso da UFRJ teve seu início no ano de 1980. Somente após cinco anos Sueli Sobral defende em nível de mestrado, sendo o primeiro estudo sobre os idosos na área de educação física em nosso país. Esta dissertação foi orientada por Maurício Leal Rocha, entrevistado de nosso estudo, que foi um dos protagonistas das pesquisas em atividades físicas para idosos em nosso país.

Fica claro que em seu trabalho existe a tentativa de desenvolver uma teoria para a prática. A autora já relata que apesar de ser sentida a transição demográfica alterando o perfil etário do Brasil, ainda existem poucos programas assistenciais e educacionais que se voltem para a melhoria do nível do bem estar social do idoso. Critica ainda que os profissionais de educação física pouco tem estendido sua atenção à elevação dos níveis de bem-estar social do idoso.

Em face da política educacional, e da absorção do mercado de consumo, que dá prioridade a educação física principalmente nos 1º e 2º graus, relegando a segundo plano, a de 3º grau. O professor de educação física tem se preocupado mais com o adulto devido ao modismo e, pouco ou nada vem exercendo em relação a pessoa na terceira idade.(SOBRAL:1986:04)

A autora ainda atribui a formação superior parte da responsabilidade em virtude da inexistência de oferta de conhecimentos que possibilitem a adoção de procedimentos didáticos e educativos que favorecem uma abordagem mais próxima do ideal. Condena ainda que as preocupações incidam apenas sobre a formação de atletas.

Percebe-se que as críticas da autora coincidem com as características de um campo em formação, pois devido ao pouco tempo de existência este campo não angariou adeptos que justificassem maior preocupação e atenção por parte dos professores de educação física. A atenção a outras faixas etárias se configurava no nicho de mercado que representava um maior retorno financeiro mais rentável. Atribuir

culpa aos professores de educação física é esperar que naquele momento o mesmo trocasse o certo pelo incerto. Observa-se que o campo destinado aos idosos ainda dava seus primeiros passos rumo a um processo de popularização e atenção por parte dos mesmos

Internamente a competição gera aos recém-chegados, nesse caso os interessados em trabalhar com idosos, uma necessidade de adequar-se e aceitar as leis impostas pelos dominantes, já que uma tentativa intermitente, desarticulada e acima de tudo pretensiosamente revolucionária, poderá gerar uma exclusão do campo. Atrela-se a isso a necessidade do aprendizado do capital específico que nesse caso ainda figurava como incipiente e de difícil acesso, ou seja, o conhecimento para a realização de um trabalho adequado a essa nova clientela, ainda residia nas mãos dos acadêmicos, que como Sobral, identificava um novo mercado de trabalho ainda pouco explorado.

Bourdieu, (1983), explica que muitas vezes existem forças invisíveis que se fazem sentir dentro do campo principalmente pelos que nele já interagem e compreendem muito mais facilmente seus desígnios. Para os recém-chegados ou os de fora essa leitura é impossível ou distorcida. Por isso, algumas mudanças ou quebra de paradigmas só se fazem sentir anos após o início de sua transformação.

Parece que as tensões intra-campo eram percebidas por Sobral que como estudiosa do tema compreendia as necessárias mudanças que ocorriam e por isso clamava por uma maior atenção de seus pares profissionais de educação física que por estarem fora ou ainda pouco familiarizados com o campo optavam por permanecer dedicando-se a sua trajetória. Sobral mostra a necessidade da popularização das atividades físicas para os já idosos, comprovando a importância dessas atividades sob supervisão através do argumento de diversos autores.

Coadunando com nossa afirmação da importância de Cooper a autora assim fundamenta tal proposição:

Tende-se hodiernamente, ao modismo, surgido com o advento do Cooper, que vem oferecendo ao grupo de idosos, a prática da Educação Física, porém de forma não sistematizada e até mesmo informal, o que pode acarretar problemas de ordem bio-psico-social, expondo o homem e cultivando uma prática por pessoas despreparadas para atender às necessidades dominantes da clientela. (SOBRAL, 1986:7)

Identificasse que no momento histórico quando a dissertação foi escrita existia uma preocupação em desenvolver uma prática pedagógica adequada aos

idosos, sendo esse um dos objetivos propostos pelo estudo. Contudo, já se mostrava presente a prática realizada por idosos confirmando a existência do campo.

Durante a dissertação a autora fala do processo de envelhecimento em suas mais variadas nuances, mostrando que o conhecimento sobre a população idosa já se encontrava em níveis significativos. Entretanto o fato deste debate estar ocorrendo em estudos dentro de Programas de Pós Graduação *Scripto-Sensu*, não garante que sua disseminação alcançava professores que atuam no campo interventivo. O processo de difusão do conhecimento é lento e por isso suas prescrições quando chegam a prática só o fazem anos depois de sua discussão no âmbito acadêmico.

A necessidade da prática de atividades físicas entre os idosos recebe local de destaque dentro do estudo. Sobral assim expõe sua importância: "*É através do movimento, que se concentra tudo que existe para viver*" (1986:34). Fica claro que a autora acredita no ativismo e sugere o movimento como uma forma de ampliar as possibilidades do alcance da longevidade.

Sobral destaca as cinco necessidades básicas de motivação apontadas por Maslow (1954) que serão as norteadoras de sua proposta pedagógica: As necessidades : Fisiológica – Segurança – Amor– Estima Social – Auto realização.

Após a análise e discussão dos dados Sobral chega a dezesseis tópicos apresentados nas conclusões sobre os diversos aspectos para uma proposta pedagógica voltada para a pessoa idosa. Destacamos a que versa sobre importância de exercícios socializadores como forma de fomentar á todas as necessidades visadas no estudo.

O estudo de Sobral é característico do avançar das preocupações sobre um "fazer pedagógico" adequado a uma clientela que demonstrava um crescimento incompatível com intervenções ora apresentadas. Entretanto, a construção de um campo perpassa por essas situações de descompasso entre a realidade vigente e as forças que evidenciam uma transformação eminente. Aos detentores do capital específico e aos atores sociais que controlam as pressões intra-campo se destinam as ações de continuidades e rupturas provenientes das lutas pelo poder.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todo mundo ama um dia, todo mundo chora
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz*
TOCANDO EM FRENTE
(Autores: Almir Sater e Renato Teixeira)

A construção do campo do conhecimento das atividades físicas para idosos constituiu-se a partir do momento em que o campo do idoso teve sua delimitação forjada. Sinergicamente diversos campos contribuíram para que o campo do idoso emergisse de um processo que acompanhou uma inexorável transformação etária mundial.

O envelhecimento da população atrelado a uma reformulação do tempo do homem mediante o mundo do trabalho exerceram sobre a sociedade um pressão que culminou com medidas que alteraram paradigmaticamente a inserção social do idoso. Agora não se pára mais de trabalhar para morrer. Esperar a morte já não se configura como uma característica dos “novos velhos” e a família não representa mais a única responsável por seus anciãos. O Estado começava a desenvolver formas de absorver seus velhos dentro de um processo fabril que os excluía, deixando-os à margem do sistema.

A necessidade de desenvolver políticas que viabilizassem a uma população de idosos um final de vida digno ou ao menos minimamente amparado desencadeou uma preocupação em diversos setores sociais.

Nos campos político e econômico essa necessidade teve que rapidamente ser equacionada, já que os gastos que começavam a surgir em função do aumento do número de idosos despontavam como alarmantes podendo ocasionar um desequilíbrio nas finanças do Estado.

Campos como o médico e o educacional logo se tornaram alvo dos estudos que intencionavam ampliar os conhecimentos sobre o processo de envelhecimento suas nuances e desdobramentos.

A educação permanente e sua aplicabilidade nas diversas fases da vida do homem fomentaram um aprendizado em qualquer idade.

O saber médico apropriado pelo Estado logo reverbera as primeiras tentativas de promover uma pastoral do envelhecimento. A saúde frente a um envelhecimento ativo parecia ser o norte que direcionaria as intervenções.

Os avanços no setor científico começavam a quebrar paradigmas que através de seus preceitos enclausuravam o idoso dentro de suas casas ou posteriormente em instituições asilares que nada mais eram do que depósitos de velhos que seguiam uma política assistencialista.

O conceito multifatorial de saúde proposto pela OMS em 1947 representava um convergência de fatores que agora deveriam ser analisados em conjunto. A saúde não mais significava a ausência de doença e sim um somatório de situações que deveriam ser considerados para uma avaliação da saúde do indivíduo. A atividade física começava figurar como um meio para a busca de uma vida saudável.

Soma-se a esse processo uma efervescência mundial que representava um *carpe diem* moderno que levava a sociedade a uma nova visão de mundo que propiciava a busca pela felicidade impulsionada pela tentativa de uma vida mais intensa e ativa. A estética, a busca pela “juventude eterna”, a liberação sexual, começava a impor ao mundo uma complacência em campos sociais antes arraigados de preconceitos que forjavam um *habitus* que não favorecia muitas variações comportamentais. A invenção da terceira idade representou essa nova tendência

Dentro dessa convulsão social, o campo do idoso se constituiu. A atividade física logo surgiria como uma das possibilidades de favorecer esse novo *habitus* que acabaria por representar uma de muitas possibilidades que agora passavam a ser aceitas socialmente.

O campo internacional que primeiramente defrontou-se com a transição etária construiu seu espaço desenvolvendo diversas ações que redimensionaram à vida do idoso. Esse campo seria o deflagrador de outros em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Por isso concordando com Bourdieu, compreender o primeiro facilitou a elucidação do segundo.

Países como a França, EUA e alguns países escandinavos como a Suécia e Noruega foram dentre outros os que primeiro desenvolveram preocupações para com o idoso. O campo desses países sobre essa temática tornou-se muito refratário e, por conseguinte autônomo. Suas idéias desencadearam mudanças em diversos países. O capital específico produzido representou a vanguarda sobre uma legislação para o idoso.

No Brasil, aproximadamente 20 anos depois das primeiras iniciativas européias no tocante a uma legislação específica, de uma forma efetiva, começou uma articulação que envolvia a problemática do idoso. Enquanto na França o relatório La Roque diagnosticou novas perspectivas para o aumento da população idosa e seus desdobramentos no final dos anos de 1950. No Brasil as primeiras incursões dessa natureza surgem em meados dos anos de 1970.

Dessas novas preocupações aliado ao já existente trabalho de idosos realizado no SESC as primeiras intervenções com os já idosos tiveram um impulso até então nunca visto. O SESC caracterizou-se como uma instituição de vanguarda frente às intervenções com idosos de uma forma mais democrática.

Marcelo Salgado dentro do campo interventivo, mesmo não tendo formação em educação física, deflagrou uma nova visão que acabou por se tornar hegemônica no trabalho físico envolvendo idosos. Salgado disseminou a idéia dentro do SESC da importância da atividade física para os já idosos e contribuiu através do Estado para construção de uma legislação específica.

Bourdieu (1983) ressalta que quanto maior a influência do agente social, maior será sua intenção na preservação ou conservação do sistema no qual ele é dominante. O capital específico é determinante para justificar tal afirmação a partir do momento que entendemos a importância não só de Salgado, mas também de outros agentes sociais que foram fundamentais para a construção do campo do qual detinham o conhecimento.

Dentro dessa nova tendência em promover uma velhice ativa as atividades físicas começam a desenvolver-se nos centros sociais amparadas pela nova legislação que agora percebia a necessidade em equacionar a situação em que o idoso brasileiro se encontrava. As atividades de lazer associadas às atividades físicas são oferecidas a população idosa que mediante um panorama social mais afeto a uma pastoral do envelhecimento, que fomentava um ativismo em detrimento ao sedentarismo, permitia sem espanto o idoso praticar exercícios físicos.

A globalização e suas influências já se faziam sentir dentro da sociedade brasileira. O processo de transformação cultural de massa favorecia um novo *habitus* que contribuiu para que novos paradigmas fossem instaurados e velhos quebrados. Assim como o EPT, as instituições criaram oportunidades interventivas voltadas para os idosos e esses por sua vez já influenciados por uma nova perspectiva de vida inseriram-se nesse processo.

Destacamos a influência de Cooper que contribuiu para que a atividade física viesse a tornar-se mais popular e ainda fomentado-a em qualquer idade. Todos os entrevistados e a revisão de literatura apontam Cooper como fundamental para democratização em nosso país do conhecimento da importância da atividade física na busca de uma vida mais saudável, independente da forma indiscriminada como foi propalada.

Sobral (1986) no subcampo da teorização/pesquisa em âmbito *Scripto-Sensu*, demonstra que o campo começava a se firmar, clamando por profissionais que atuassem dentro da temática do idoso. A autora destaca a importância de Cooper e tenta desenvolver uma didática mais apropriada a essa faixa etária. Fica claro que o campo ainda não exercia uma atração econômica por parte de profissionais de educação física, corroborando a tese de que sua construção era ainda recente.

Assim sendo, Cooper contribuiu para a produção do senso comum que consiste, em reinterpretar ininterruptamente o conhecimento que de tão propalado torna-se comum. Ao apropriar-se das palavras em que se acha sedimentado tudo o que o grupo reconhece é adquirir a garantia de uma vantagem considerável nas lutas pelo poder. (BOURDIEU, 2005). Credo nisso os agentes sociais foram fundamentais em fazer reverberar suas crenças e valores. Nesse ponto o saber médico e o sistema econômico foram incomparáveis.

Acreditamos que os anos de 1960 foram propedêuticos em relação ao trabalho específico com idosos. Os campos europeu e americano, com seus avanços, começavam a influenciar os agentes sociais brasileiros que através de suas viagens apropriavam-se do conhecimento. Apesar de intervenções que continham idosos terem registro muitos anos antes, essas não tinham no idoso seu principal foco. Oswaldo Diniz de Magalhães nos anos de 1930 exemplifica essa afirmação. Cabe ressaltar que Cooper e o EPT também realizavam trabalhos com idosos no escopo de suas proposições, contudo principalmente no caso de Cooper as aplicabilidades eram mais específicas, visto o título de seu livro publicado no Brasil em 1972 “Aptidões Física em Qualquer Idade”

Enfatizamos que a presença de idosos nessas intervenções abertas a qualquer idade suscitaram/ratificaram nos intelectuais da época a viabilidade de tal adequação para os mais velhos.

No subcampo da teorização/pesquisa as discussões sobre a temática tiveram as primeiras produções. No final dos anos de 1950, Rocha realiza pesquisas com idosos no intuito de avaliar a saúde do trabalhador brasileiro, baseados em seus estudos na Suécia. Em 1968, Ribeiro ao traduzir para o português o artigo retirado do comitê olímpico búlgaro demonstrou uma nova preocupação dos intelectuais. Essas iniciativas ajudaram a corroborar a importância dos anos de 1960 como propedêuticos.

A construção do campo do conhecimento das atividades físicas para idosos no Brasil deve ser analisada através de sua multifacetária constituição. A teoria do campo proposta por Pierre Bourdieu nos demonstra como um campo pode ser entendido a partir de outro.

O campo internacional foi disseminador das tendências que no Brasil se instauraram. Em um mundo globalizado a dinâmica de construção do campo do idoso deu-se de uma forma relativamente semelhante, guardando as respectivas diferenças no tocante ao momento histórico e à realidade vigente em cada campo.

Não podemos deixar de ratificar que as atividades físicas para idosos foi incorporada predominantemente pela classe média e alta que detém condições de na fase final da vida reconhecer no exercício físico uma forma de potencializar suas chances na busca por uma melhor qualidade de vida. Esperar que indivíduos massacrados por uma vida de privações, exaustos por longas jornadas de trabalho que descompassaram sua idade biológica e cronológica desenvolvam tais atitudes é eximir o sistema da culpa e abandoná-los a própria sorte. Aliás, é o que vem acontecendo.

A velhice é o “somatório” de todas as idades. Se as mesmas representaram momentos de extrema dificuldade, ao final da jornada as mazelas adquiridas ao longo da vida insurgem com mais força. A luta por uma vida com qualidade mostra-se fundamental para que os efeitos das atividades físicas sejam potencializados na velhice.

O atual momento nos reflete uma sociedade que luta para reverberar o arquétipo do homem moderno. A vida organizada ao redor do consumo é orientada pela sedução, por desejos que se configuram muitas vezes como efêmeros. O hedonismo humano nunca foi tão explorado. A sociedade do consumo coloca seus seguidores dentro de uma norma ou padrão de saúde que constrói um ideal de aptidão afeto às possibilidades que o sistema oferece.

Assim, os idosos do futuro em nada se assemelharão aos de décadas atrás ou ainda aos de hoje. As transformações pelas quais a sociedade moderna submete seus contemporâneos será determinante na constituição de um quadro que para os idosos do futuro (jovens de hoje) representará o *habitus* de nossa atualidade.

REFERÊNCIAS

- ARENO, Waldemar. **III Congresso Pan-americano de Medicina Desportiva**. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, a.13 n 14, p112, dez./1959.
- ALVES JUNIOR, Edmundo Drummond. **A pastoral do envelhecimento** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UGF, 2004.
- _____. **O idoso e a Educação Física informal em Niterói**.(Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- BARRETO, J. **Caminhadas em Itapira**. In: Bramante, A. C. & DaCosta, L.P. **Esporte não formal: proposta de programas para o municípios**. Brasília: MEC, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice. A realidade incômoda**. Difusão Européia do livro, 1970.
- BENTO, Jorge O. **O idoso: a geração do Próximo milênio**. Actas do seminário A Qualidade de Vida no Idoso: O papel da actividade física , Porto,2000.
- BOAVENTURA, Antonio. **Problemas do Idoso: um desafio social**. In: 4º caderno, Aspectos físicos e psicológicos do envelhecimento. São Paulo: USP, 1984
- BOURDIEU,P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____.**Os Usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004a.
- _____. *Pierre*. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004c.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. PASSERON, J. C. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Francisco Alves: 1982.
- BUSS, Paulo Marchiori. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. *Ciênc. saúde coletiva*, 2000, vol.5, no.1, p.163-177. ISSN 1413-8123.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Manual operacional para comitês de ética em pesquisa/Ministério da Saúde. Conselho de Saúde** - Brasília: Ministério da Saúde, 2002

_____, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), **Dados preliminares do Censo 2000**, Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

_____, Estudos e pesquisa . Informação demográfica e socioeconômica. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____, Constituição (1988), **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília: DF, Rio de Janeiro: Senado, 1988.

_____, **Estatuto do Idoso**, Lei 10741, Brasília: DF, 2003.

_____, Secretaria de Assistência do Ministério da Previdência e Assistência Social (SAS/MPAS), **Plano Integrado de ação Governamental para o desenvolvimento da política Nacional do Idoso**, Brasília: SAS/MPAS, 1997.

CARVALHO, Sergio. **Hora da ginástica: resgate da obra do prof. Oswaldo Diniz de Magalhães**. Santa Maria: Sergio Carvalho, 1994.

CÍCERO, Marco Túlio, **Saber envelhecer e a amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

COOPER, Kenneth H. **Aptidão física em qualquer idade**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Fórum Editora 1972.

CORRÊA, Arlindo Lopes (ed.). **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL. 1979.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando, MELO, Victor Andrade de. **Uma conversa com Pedro Barros Silva**. In FARIA JUNIOR, Alfredo G de. FARINATTI, Paulo de Veras (ed.). Atividade física para idosos. Consensos e controvérsias. Rio de Janeiro: SPRINT, 1999.

CHAMPAGNE, Patrick, LENOIR, Remi, PINTO, Louis. **Iniciação a prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DaCosta, Lamartine & Miragaya, Ana Worldwide. **Experiences and Trend in Sport for All**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2002. p.675 – 705.

DACOSTA, LP (ORG). **Atlas do esporte do Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

_____, TAKAHASHI, G.M. **Fundamentos do Esporte Para Todos**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Física e Desportos, 1983.

_____. **As atividades do Esporte Para Todos**. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília: v. 10, n. 38, p. 16-21, jul./set., 1978.

_____. **Documento básico da campanha Esporte Para Todos no Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília: v. 9, n. 35, p. 13-27, jul./dez., 1977.

_____. **Esporte para Todos**. Departamento de Desportos e Educação Física do MEC, 1978.

DANTAS, Maria Aparecida da Silva.; SANTOS, Amilton da Cruz. **A importância e os benefícios das atividades físicas para idosos hipertensos nas academias de ginástica**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Maringá. V.15, n.1, p.126, set. 1993.

DEBERT, Gita G. **A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias da idade**. In: BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

DELGADO, G. CARDOSO Jr, José. **O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização**. Texto para discussão nº 688. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ÉPOCA. nº. 408 ,13 de março de 2006.

ESPIRITO SANTO, G. **Representações sociais da saúde de professores de educação física que atuam e academia do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação Scrito-Sensu em educação física. UGF, Rio de Janeiro, 2005.

FARIA JUNIOR. Alfredo Gomes de, (Org), **Ginástica, dança e desporto para a terceira idade**, Brasília, SESI/INDESP, 1999.

_____. **Esporte e inclusão social – Atividades físicas e idosos I** in: Atlas do esporte do Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. P 617-621

_____. **Ensino e Educação para Idosos**. Tese (Concurso para Titular). Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

_____. 2001. O Risco das atividades competitivas para idosos. In Guedes, Onacir Carneiro (org). **Idoso, esporte e atividade física**. João Pessoa: Idéia. P.65-85.

_____. **Idosos em movimento-mantendo a autonomia: um projeto para promover a saúde e a qualidade de vida através de actividades físicas**. In Mota, Jorge, Carvalho Joana a qualidade de vida nos idosos. O papel da Actividade Física, Porto UFCDEF/UP, 1999.

_____. **Idosos em movimento – mantendo a autonomia: promovendo a saúde em ambientes multicultural**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Santa Maria, v. 17, n.1, p.93, set. 1995.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras, FERREIRA, Marcos Santos, **Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2006.

FILIZZOLA, M **A velhice no Brasil**, Rio de Janeiro, 1972.

_____. **Como emplacar cem anos**, Rio de Janeiro: do Val, 1964.

FORATTINE, O. **Ecologia, epidemiologia e sociedade**. São Paulo: Artes Médicas, 1992.

FURTADO, Elen Salas. **Sentido da atividade física na terceira idade**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF, 1996. 168p.
JUÍ, 2001.

FURTADO, Elen Salas, NOVAES, Edmundo V. Um pouco da história d fisiologia do exercício e do LABOFISE. IN: **Aspectos diversos da medicina do exercício**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. 33-40.

GAY, L.R. **Educational research: competencier for analysis and application**. Columbus, Ohio: Cheres E. Merril Pub.Co. 1976.

GOLDMAN, N. S. **Universidade para a terceira idade: uma lição de cidadania**. Pernanbuco: Elógica, 2003.

GOLDSTEIN, Lucila L. **A produção científica brasileira na área da gerontologia: (1975-1999)**. *Revista On-line da Biblioteca Prof. Joel Martins*. v.1, n.1, out. 1999. Disponível em <http://www.bibli.fae.unicamp.br/revgeron/llg.htm>. 28 julh 2007.

GOMES JUNIOR, S. Guilherme. **Impressões do XII Congresso de Medicina Desportiva realizado na Rússia, em 1958**. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro a.11, n.12, p. 102 –103, Dez/1958.

GUILLEMARD, Anne Marie. **La retraite une mort sociale**. Paris: Mouton, 1972.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo, **A Ideologia da velhice**. Rio de Janeiro, Cortez, 1986.

HOLLOSZY, J. O. **Exercise, health, and aging: a need for more information**: In: *Medicine & Science in sports & exercise*. Vol 25-nº5 May 1993.

Jornal O DIA. **Uma alternativa ativa**. Sexta-feira 4 de agosto de 2006.

Jornal do Brasil. **Retrato de um Brasil mais maduro**. Sábado 1º de setembro de 2007

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. RJ. Paz e Terra, 1996.

LENOIR REMI, Objeto Sociológico e Problema Social, In: CHAMPAGNE P et al, **Iniciação a prática sociológica**, Petrópolis Vozes, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LOURENÇO FILHO. **Apontamentos sobre maturidade e exercício.** Revista Brasileira de Educação Física Rio de Janeiro, ano 1, nº. 1 p:4-6. jan. 1944.

LOVISOLO, Hugo. **Terceira idade: Em movimento.** Motus Corporis. Rio de Janeiro v. 4, n.2, p.84-101: UGF, 1997.

_____. **Atividade física, educação e saúde.** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MAGALHÃES, Dirceu N. **A invenção da velhice.** Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MAZO, G.Z. **Universidade e terceira idade: percorrendo novos caminhos.** Santa Maria: Nova Prova, 1996.

MELO, V.A. **O papel dos militares no desenvolvimento da formação profissional da educação física Brasileira.** Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 2000.

MORIN, Edgard. **Cultura de massa no século XX: necrose.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEIXOTO, Clarice. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatório: velho, velhote, idoso, terceira idade...** In: BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

PROST, Antoine e VICENT, Gérard. **História da Vida Privada: Da Primeira Guerra aos nossos dias.** Vol. 5. São Paulo, Companhia da Letras, 2001.

PRATA, E.P. **Os Programas especificamente destinados a população idosa.** In: O Idoso na Grande São Paulo. São Paulo: Coleção Realidade Paulista Fundação SEADE, 1990.

R. NETTO, Américo. **Um pouco de psicologia esportiva: megalomania- mania da perseguição - envelhecimento precoce-sebastianismo.** Educação Physica, Rio de Janeiro, n.18, p.12-13, maio 1938.

R. NETTO, Américo. **Um novo conceito de longevidade. Como a EF esta influenciando para recuar o início da velhice.** Educação Physica, Rio de Janeiro, N.18. p.12-13, maio 1938.

RIBEIRO, Telles Fernando. **Exercícios Físicos e Longevidade.** In: Boletim Técnico Informativo do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

ROCHA, Maurício Leal. **Aspectos diversos da medicina do exercício.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

SANTIAGO, Leonéa V, LOVISOLO, Hugo. (1997) **Máster de natação: Competição, aprimoramento e expressão.** Motus Corporis. Rio de Janeiro v. 4, n.2, p.9-13: UGF, 1997.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo Cortez:1994.

SCHEINDER Omar. **A Revista Educação Physica (1932-1945): Circulação de saberes pedagógicos e a formação do professor de educação física**. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Rio Grande do Norte, Anais, UFRGN, 2002.

SELLTIZ, Wrightsman e Cook. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: E.P.U, 1987.

Será o Desporto um fator de longevidade? Revista de educação Física, Rio de Janeiro, ano 3, n 17 . p.2 out,1934

SERVIÇO SOCIAL DO COMERCIO (SESC). **Trabalho social com idosos: 1963/1999 36 anos de realizações**. São Paulo: SESC, 1999.

_____. Carta Aberta à Nação. Avaliação e perspectivas do Estatuto do Idoso. São Paulo: SESC, 2005.

SILVA, Ademir Alves da. **A reforma da previdência social brasileira: entre o direito social e o mercado**. *São Paulo Perspec.* [on-line]. 2004, vol. 18, no. 3 citado[2006-11-21],pp.16-32.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

SILVA.R.V.S. **Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisas suas pesquisas**.1990 (Dissertação Mestrado em educação física) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 1990.

SIMÕES, Júlio A. **A maior categoria do país: o aposentado como ator político**.In: BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (1998). **"Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial"**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

SOBRAL, Sueli Barbosa. **Proposta de ação pedagógica e prática de Educação Física centrada na pessoa idosa, com ênfase nas necessidades humanas básicas**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

STUART, Hamilton Ian. **Psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TELLES, Silvio de Cassio Costa ; MOURÃO, Ludmila . **Primórdios do movimento de teorização no campo da intervenção das atividades físicas para idosos: o artigo documento de Fernando Telles Ribeiro**. In: X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física, Curitiba - PR. Anais "X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança, 2006.

TOMPSON, P. **A voz do passado história oral**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992

TUBINO, M. J. G. et al. **Repensando o Esporte Brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1988.

Um bom decálogo para alcançar a longevidade. Educação Physica, Rio de Janeiro, nº. 13. p. 95 de 1937.

VALENTE, E.F. **Perpectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil**. Campinas/São Paulo/Brasil: FEF/UNICAMP, Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1994.

_____, FILHO, J.P.A. **Lazer esportivo e o Esporte para Todos**. In: Atlas do esporte do Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. P 571-577

VENDRUSCOLO, Rosecler. **Representação de pessoas idosas sobre as atividades corporais**. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: UGF, 1996.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1
TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,....., autorizo a utilização da entrevista por mim cedida e gravada em mp3 no dia ao Professor Silvio de Cássio Costa Telles, do Curso de Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, para que o mesmo possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data para finalidades de entrevistas, pesquisa acadêmica, publicação de livros ou artigos científicos.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de

Anexo 2

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANTONIO BOAVENTURA DA SILVA

São Paulo, 16 de julho de 2003

Silvio Telles (ST): O Senhor já realizou trabalhos com idosos em algum momento a sua vida?

Antonio Boaventura (AB): Sim, há muito tempo atrás. Na USP com Professores catedráticos.

ST: O Senhor criou turmas na USP para Professores Catedráticos. Quais os motivos e por que o senhor teve essa iniciativa?

AB: Não foi só no campo da Educação Física. Em qualquer lugar, atividade, ramo ou área, a gente precisa se conhecer, principalmente aqueles que professam o corpo e saúde para desenvolver-se. Por exemplo, eu tive uns 15 campeonatos colegiais, onde fazíamos demonstrações de ginástica no Pacaembu e reuníamos os professores de música para fazer uma operação da juventude, em 1942. Percebemos que os maestros ficavam felizes em se conhecer – “Meu Deus - isso é a primeira coisa que estamos organizando, então precisa pensar em pôr os responsáveis em algo de Educação Física.”

Se você não se conhece, não se reúne você não pode evoluir. É o caso, por exemplo, de quando voltávamos da Suécia, que é onde fomos somente diretores do Departamento de Educação Física da época, o Major Silva. A primeira coisa que fizemos foi o Primeiro Curso Internacional de Educação Física, realizado em 1941. Com isso, pudemos aproximar os professores de Educação física e a América inteira ficou conhecendo o Brasil, através das atividades dos cursos.

Na USP, que tem um Centro grande, mas que comparado ao do Estado, é um centro pequeno, percebemos que em 1971, aproximaram os professores (donos dos cursos) porque a Educação Física dentro de uma Instituição, principalmente quando ela é educacional, até o servente tem que saber o que se passa dentro da Instituição. Então, todos os professores - que de certa maneira, tem a responsabilidade de orientação da Universidade - não só para nos conhecer e poder nos ajudar dentro da Universidade, pois as matérias em educação estão entrelaçadas e precisam ser discutidas ,engenharia. Medicina, saúde, e não imagina como foi extraordinária essa idéia, que nós graças a Deus tivemos. E esse curso nós temos até hoje, juntamos 40 alunos. Temos aqueles que já foram alunos e participam das reuniões a cada 2 meses , 6 meses ou anual. Reunimos não só os que estão ativos, mas ex-alunos, enfim uma integração extraordinária. Então, foi em síntese, a melhor coisa que pudemos fazer dentro da Universidade para que a Educação Física pudesse ser reconhecida como atividade indispensável.

ST: Então o Sr. achou que com esse curso, junto com os outros professores, foi uma forma de transformar a Educação Física, até mesmo na cabeça das pessoas que a praticavam?

AB: A começar por essas pessoas. Por que quando comecei em 1938 (ano que me formei na Escola de Educação Física da USP, iniciamos nessa época e nunca mais paramos de fazer as reuniões. E você, não imagina a alegria ainda, principalmente daqueles que não podem comparecer regularmente.

ST: Alguns vão “lá” ainda confraternizar?

AB : Alguns ex-professores da USP, outros não.

ST: E na época, qual era a idade deles?

AB: De 40 anos para cima.

ST: E era o Sr. que ministrava as aulas?

AB: Sim. Com a graça de Deus. A atividade física que a gente procurou dar foi justamente aquela que nós aprendemos com o mundo, nas experiências que tivemos fora daqui, como na Suécia, onde ficamos por duas semanas ou pouco mais. Pudemos fazer um curso de uma semana onde descobrimos um professor sueco, que havia feito estágio em Lisboa - Portugal e falava português. E aí, trouxemo-lo para “cá” (Brasil) em 1951. E daí por diante, convidamos não somente este professor, mas um da Argentina, com uma importância especial. E essas reuniões, abriram as portas para a Educação Física Brasileira na América do Sul.

ST : Você, deve ter sido um dos primeiros professores de Educação Física da USP?

AB: Fui da segunda ou terceira turma, porque eram poucos.

ST : E os professores catedráticos que o Sr. dava aulas? Após essas aulas, você achou que houve uma mudança na forma de encarar a Atividade Física e Educação Física?

AB : Sem dúvida, foi outra coisa. Quando se falava em Educação Física, eles já tinham ouvido falar de um professor experiente, o que significa para a vida e não o que acontecia. Nessa época, já não acontecia.

Quando nós tínhamos apenas um professor primário e recém formado pela Escola de Educação Física, tivemos que discutir um assunto de educação Física pelo Departamento de Educação Física de São Paulo. No Departamento de Educação antigo, nós tínhamos manifestações a respeito do conceito de Educação Física. Como por exemplo, quando a gente falava de lugar, instalações para a Educação Física. Eu dizia: - Professor, mas o Sr. Fala de campo esportivo, quadra esportiva, mas não temos sala de aula? (ninguém se manifestava nesse sentido, poderiam pensar nisso).

Eu disse para o Secretário de Educação de São Paulo da época: E quando a Educação Física passou de três aulas semanais, para duas e posteriormente uma? Não estamos ainda em condições, e por isso mesmo precisamos começar. (precisávamos de salas de aula, não podíamos perder tempo e dinheiro com quadras esportivas).

Esse secretário pergunta a uma pessoa que havia sido professor: - Diminuíram as aulas para uma vez na semana, pois não precisava. Na verdade estamos perdendo tempo com isso. Não é mesmo professor?E o professor não podia falar nada, pois na verdade não estava correspondendo.

De modo que começamos em uma época principiante, ninguém acreditava na educação Física. A gente não ia em uma igreja ou reunião social com uniforme de ginástica, porque no fundo a sociedade estranhava e associava o professor de Educação Física a um ignorante ou não suficientemente desenvolvido para a atividade educacional.

ST : E onde a universidade aparecia aí nesse contexto? Você ainda quer voltar a dar aulas?

AB : A Universidade é o berço e o que reflete a prática. Precisava eu me recuperar para poder insistir em continuar o trabalho.

ST : Que avaliação o Sr. faz hoje desse trabalho? Durante quanto tempo as atividades foram realizadas?

AB : Quantos professores da Universidade (não da área de Educação Física), foram desenvolver atividades físicas como dirigentes de outros colégios e continuavam se reunindo conosco, ressaltando que estão satisfeitos em estar contratando professores atuais. É extraordinário!

ST :Qual a tônica das aulas ministradas? Os tipos de exercícios? Você fazia alguma adequação de ordem didática para os alunos de idade avançada? Quais eram?

ST : Em suma: o Sr. Falou que a turma era composta de alunos com média de idade acima de 40. Você devia ter algum aluno com 60 anos ou mais. Você tinha alguma preocupação pedagógica?

AB : Sim. Havia alguns alunos já aposentados, mas que precisavam continuar; e atenderam a esse chamado. Começamos mais ou menos em 1971, 1972. Até aqui, já estamos com experiência suficiente para sentir e acreditar. E tinha mais: quando vinha professor convidado (estrangeiro) a São Paulo, eles faziam a minha aula durante o tempo de permanência.

A aula era três vezes semanais, das 19:30 até 20:30h.

ST : Como eram as aulas? Os exercícios?

AB : Quando eu vim da Suécia, com os horizontes alargados para a Educação Física, eu aprendi a parte sueca. Mas havia estado nos Estados Unidos, onde fiz uma no de pós- graduação, em 1945, e lá aprendi mais do que calistenia, pois era a atividade deles.

Quando fui para Suécia, estava influenciado pelo método dinamarquês. Teve um grupo da Dinamarca que se apresentara em São Paulo, que gostei imensamente de ginástica. E logo em seguida, convidamos um professor sueco para vir ao Brasil. Já havia convidado também um austríaco que falava espanhol e isso pôde me ajudar a separar o que era melhor. E para dizer a verdade, entre a ginástica dinamarquesa, sueca, austríaca, calistênica, dentre outras, até hoje acho que a melhor atividade é aquela que se aproxima do natural.

ST : E o método natural de Heber?

AB : Esse método era uma base elementar, como eu havia notado na Áustria através do professor Gerard Smith. Ele veio ao Brasil, ministrou um curso na década de 50.

Em 1951 também veio um sueco chamado Scott Johnson e depois em 1952 o Professor Listello ,que além do handebol também ensinava a ginástica natural.

Então(de posse desses conhecimentos) eu pude dar a eles, atividades o mais próximo do natural, principalmente exercícios dois a dois, três a três, quatro a quatro e às vezes cinco a cinco. Atividades espontâneas, que costumamos fazer normalmente em nossa vida e não somente levantar braços e membros.

ST : Que tipo de exercício o Sr. solicitava ?

AB: Sempre que possível dinamicamente, em movimento. Eu nunca pegava o indivíduo senão para se movimentar e fazer atividade física.

Eu pedia sempre para saltitar naturalmente, eu fazia eles repetirem. Correr ou saltitar descontraído. E sempre ligar o fim de um exercício ao início do próximo. Você não faz um exercício e sim uma série de exercícios.

Quando o aluno não está muito acostumado, pode sentir alguma dificuldade, pois a tendência do indivíduo é fazer coisa mais conduzida. E isso, sinceramente, eu nunca faço. É necessário? Sim. Quando recomendado. Às vezes, você precisa para melhoria da coluna, e aí é totalmente prescrito. Fora daí, o exercício é feito com a maior naturalidade.

ST : Você tinha alunos mais velhos?

AB : Sim e estes aproximavam-se dos mais novos, inclusive na parte de amizade.

ST : Os mais velhos deviam cansar mais rápido do que os mais novos. Você tinha alguma preocupação pedagógica ou sua aula era igual para todo mundo?

AB: Não. A minha aula era igual para todo mundo. A série de repetições que era feito menos vezes pelos mais velhos. Eu recomendava isso aos alunos.

ST : Os cursos eram somente para homens? E eram teóricos ou práticos?

AB : Sim. Práticos. Quando vejo agora muita filosofia em atividade física, digo que eles estão perdendo tempo, pois a filosofia é necessária, mas vamos dizer assim, sem

pretendentes. Porém, nunca mais que um texto da atividade física do tempo tomado, você pode tomar como parte filosófica; teórica. Tem que ser como parte prática, claro, fazendo suas devidas correções e esclarecimentos.

ST : Então os alunos com mais idade o Sr. recomendava: “não faz tanto”, “faz assim”?

AB : Com certeza. As aulas eram progressivas. “ Eu abria de 6 em 6 meses novas inscrições”.

ST : Quantos alunos mais ou menos participavam?

AB : Na época, geralmente 60 ou 70 alunos.

ST : Quantos o Sr. acha que desses 60 estavam acima de 60 anos?

AB : Não muitos. A turma variava de 45 a 65 anos.

ST : Esses alunos eram todos professores da USP?

AB : Todos. Só podiam ser, pois tinham outra mentalidade. Na verdade, apenas um era servente e até hoje faz atividade física. E este, já estava no ponto de receber instruções mais avançadas.

ST : E o Sr. já estava com mais ou menos 55 anos?

AB: Sim. Um ano antes da minha aposentadoria compulsória, preparei um professor para colocar no meu lugar neste grupo. Se chama Paulo Drummond. Ele foi o que mais se entrosou com o grupo.

ST : A sua cadeira era ginástica?

AB : Sim

ST : O que o senhor já ouviu falar sobre o SESC em relação ao assunto de idosos.?

AB : eles sempre fizeram trabalhos com pessoas mais velhas. Acho inclusive que ainda hoje ainda tem.

ST : O senhor sabe quando começou esse trabalho do Sesc?

AB : Acho que perto da época que comecei na USP.

ST : O sabe como era feito o trabalho do SESC?

AB : Exatamente não. Sei que oferecia atividades de diversos tipos, até jogo de dama.

ST : Percebemos que o conceito de estar velho vem se alterando conforme o tempo. O que em outros momentos históricos era considerado idoso, hoje possivelmente seria uma pessoa relativamente nova. Na época das atividades, qual era o conceito de estar velho na sociedade e qual o seu conceito? Eu quero dizer o seguinte: Não sei se o Sr. conheceu Américo Neto? Eu tenho alguns artigos deles, um deles fala sobre a infância dele e ele comenta que um homem de 40 anos já era considerado uma pessoa bem mais velha. Uma mulher de 30 anos, se não tivesse casada, já era considerada tia. E hoje, uma pessoa de 30, 40 anos, está na flor da idade. No período em que você começou a ministrar suas aulas na década de 70, na sua forma de pensar, o que era uma pessoa idosa?

AB: As pessoas de 40 a 60 anos eu considerava em melhores condições de estar aproveitando a idade. Com 40 anos não se pode deixar de fazer atividade física.

ST : Uma pessoa velha para o Sr. tinha quantos anos naquela época?

AB : 65 anos era idoso. 60 anos não.

ST : A sociedade da época, achava uma pessoa de 60 anos já idosa ou não?

AB : Não, pensava como ainda produtiva. A luta do responsável é pela ignorância das pessoas e falta de trabalho físico. Por que você ver hoje, em cidades do interior de manhã, as pessoas andando para fazer Atividade Física? É uma mentalidade diferente.

ST: E o mexa-se em São Paulo? Ou Aquele programa chamado Esporte para todos? Década de 70. Já era comum, as pessoas praticarem atividade física nas ruas?

AB : Muito pouco.

ST : Talvez por isso, suas aulas fizessem tanto sucesso?

AB : Parece que sim, graças a Deus. Mas tem que fazer o que gosta. Eu mesmo, se não fizesse, sentiria falta. Essa é a realidade.

ST: Você era desportista quando mais jovem? Praticava algum desporto freqüentemente?

AB: Praticava aquilo que o meu professor me ensinou. Estudava na escola normal, e lá aprendi bola ao cesto (basquete) e também fazia ginástica. Ele usava as quatro posições de ginástica sueca. Só havia um campo de basquete. Futebol de salão, nem havia lá. Só fui aprender em mais ou menos 1945. E Handball, em 1953, no Tênis Clube Paulista, por onde lecionei por 25 anos. Localiza-se na Bela Vista e existe até hoje.

ST : É grande o clube?

AB : Só não é maior porque o espaço não permite. Lá, foi onde tive a audácia de fazer o pan-americano de ginástica, aproveitando o ginásio recém construído.

ST : O Sr. também manteve turmas maduras no Tênis Clube Paulista? Quem eram esses alunos? Idade, sexo, classe social? E se existiam, quais as diferenças entre as atividades realizadas no clube e na USP?

AB : No Tênis Clube Paulista (mais ou menos 1940), antes da USP, eu dava aula para jovens de 12 a 15 anos e depois para adultos. Começava às 15 horas e terminava às 21:30h.

ST : Desses adultos, qual era o mais velho da turma?

AB : Eram muito moços, não chegavam à idade dos adultos da USP.

ST : E quando você dava aula para os catedráticos? Então nessa década de 70 eram alunos mais velhos? Antes disso, os alunos eram mais novos? E você chegou a trabalhar simultaneamente nos dois lugares e não batiam as idades? Os da USP eram mais velhos?

AB: Sim. No Tênis Clube Paulista iniciei um laboratório prático. Experimentávamos exercícios que eu ia dar na USP, onde tinha mais responsabilidade.

ST : Quem eram os alunos do clube?

AB : Ah... Cadu Moliterno foi meu aluno, inclusive fez uma viagem comigo para Belo Horizonte, o pai acompanhou porque era muito pequeno. Ele fez demonstração de exercícios acrobáticos no plinto. Eu tinha um grupo de garotos até 6 anos do clube e sempre viajava ao interior a convite e ficava uma noitada só com eles e eu terminava jogando um pouquinho também. Lá eu lecionava às segundas, quartas e sextas-feiras.

ST : Então no clube a faixa etária era muito mais baixa?

AB : Sim. Muito mais baixa.

ST : Não podia ser considerados alunos idosos no Tênis Clube Paulista?

AB : Não. Os idosos foram depois, quando sai do clube e fui para o Sírio. E eu ainda trabalhava na Universidade. Saí do Tênis Clube Paulista porque não gostei da atitude de um dos diretores na parte de ginástica. Ganhava 300 mil réis para trabalhar 3 vezes na semana e isso durante os 25 anos que lá permaneci.

Fui convidado por alunos meus, que também eram sócios do Esporte Clube Sírio, onde havia mais possibilidade, a potência era muito maior. Não fui pra lá por causa disso, e sim porque me convidaram. Eles me pagavam 500 mil réis para trabalhar 2 vezes na semana, quase o dobro.

ST : Isso foi em que época?

AB : Tênis Clube Paulista: 1940 a 1965. Esporte Clube Sírio Libanês: logo depois.

ST: No Sírio, os alunos eram mais velhos que na USP?

AB : Sim. Mas a maioria era adulto de mais de 40 anos; mais ou menos igual à USP.

ST: Então em mais ou menos 1966, você já fazia atividade com pessoas maduras.

AB : Sim, primeiro foi no Sírio, mas pouca coisa antes da USP.

ST: Lá no Sírio, já existia atividade com pessoas mais velhas antes ou você começou lá?

AB : Não sei. Eu sei, que quando comecei, era tão pouca gente que cheguei a pensar que não estava produzindo. E após seis meses, fui para 45 alunos. No Sírio o público também era somente masculino. Não me dava muito bem para dar aulas ao público feminino, é a minha maneira de ser, eu tinha às vezes algumas manifestações que as pessoas estranhavam. Às vezes, é preciso dar uma sacodida mental ao cidadão. Graças a isso me habituei a fazer atividade física. Que se não fizer, me sinto mal.

ST : Você tinha algum conhecimento do aumento da população de idosos da época? Se havia um crescimento do número de idosos no Brasil, ou esses dados não eram veiculados?

AB : Não se falava nisso na época. A idade avançada poucas pessoas alcançam em atividade. Eu hoje sou sócio do Sírio, já há 40 anos, tanto que amigos meus do Pinheiros a maioria desapareceram, ou seja, está faltando longevidade. Oitenta, oitenta e oito ainda é pouco. Mas se chegar aos 90 já está ótimo.

ST : O Sr. tem conhecimento de algum trabalho escrito na época? Ou um outro trabalho acadêmico que retratasse atividade com idosos nesse período, década de 60/70?

AB : Tem um camarada da Argentina, o qual perdi contato tem uns dois anos. Ele me mandava diversas sugestões, falava sobre o que acontecia, lá...

ST : O Sr. tem alguma coisa em revista, jornal?

AB: Não havia publicações. Somente de um tempo para cá. Eu penso assim sobre a atividade física. Que movimento você faz? Que você mais goste. Essa é a realidade. Porque quando você faz o que gosta, se desmancha e acha que está vivendo ainda. As pessoas acham isso, mas não sentem isso. E é preciso. Agora mesmo, preciso ajudar você e não estou mais na idade. As pessoas me olham e me acham capaz, mas eu sinto que a minha capacidade orgânica já não é mais a mesma coisa.

ST : O Sr. tem alguma foto do trabalho feito?

AB : Eu tinha muitas fotos. Preciso procurar no porão.

ST: Eu gostaria de agradecer sua atenção e dizer que foi um imenso prazer;

AB: De nada sempre as que precisar pode aparecer.

Anexo 3

ENTREVISTA COM O PROFESSOR FERNANDO TELLES RIBEIRO

Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 2002.

Silvio Telles (ST) : Eu busquei me encontrar com o senhor, porque eu encontrei um artigo⁴¹ seu datado de 1968, que foi fundamental para o meu estudo. Eu estou tentando descobrir como as atividades físicas com idosos começaram a ser feitas aqui no Brasil. Por isso, descobrir porque o senhor decidiu escrever esse estudo e o que o senhor pensava naquela época sobre os idosos vai ser super importante para mim. Por isso, suas informações serão fundamentais. A minha primeira pergunta é um dos motivos que me trouxe aqui. O que levou o senhor a escrever este artigo?

Fernando Ribeiro (FR) : Quando eu era professor de Educação Física da Escola de Educação Física da Marinha, eu também estava começando a dar aula no Estado. Então, eu sentia que a nossa Educação Física precisava de informações mais aprofundadas, pois nós copiávamos ainda os métodos, como exemplo, o método sueco, francês, depois a educação física desportiva generalizada.

A Escola de Educação Física do Exército começou a gerar umas pessoas que tinham uma visão mais aprofundada, mas era muito mais voltada para o esporte, principalmente o futebol. Quando o Brasil começou a despontar no esporte, mas o esporte amador sempre foi relevado e só teve grande evolução a partir de vinte ou talvez quinze anos.

Quando publicado este artigo e na mão, eu notei que ele era muito profundo até para o meu conhecimento da época, mas achei extremamente importante e não resisti, achei que precisava ser mostrado, apesar de eu não ser de fazer traduções. Da importância do Esporte na idade mais avançada. Até então na teoria, falava-se que depois dos trinta, quarenta anos não precisava mais fazer esporte. Já quarenta, você tinha um tênis, golfe, mas nada de exercícios puxados, coisas fortes, como academia. Nem tinha academia na época, primeiro surgiu a ginástica para mulheres (1965) e rítmica era tudo muito insipiente, nada comparado ao que existe hoje. A evolução foi tremenda.

Havia um núcleo de pessoas inteligentes, um pouco mais esclarecidas, que eu me incluía neste grupo formado por: Lamartine, Tubino, Coutinho, essas pessoas começaram a estudar, mais especificamente. O Lamartine era meu colega de trabalho e dos outros também, pois eu dava aula na Escola de Educação Física da Marinha. Eu dava história, Metodologia, Atletismo; nós éramos muito ecléticos. E continuava praticando meus saltos. Aliás, foi o último ano que saltei, pois já estava velho, com vinte e nove anos de idade. O que era uma bobagem, mas a previsão era que, depois dos vinte e oito, vinte e nove anos já estava ultrapassado. Então com isso, acreditava-se que não se podia fazer mais e não havia métodos de treinamento para você continuar a manter uns bons índices técnicos, físicos, adequados. Então digo que isso é muito importante, mas foi mais intuitivo e achei muito fácil, pois até para o leigo dar para entender aquilo, lógico que com alguma formação uma base. Eu acabei praticando aquilo sem querer mais tarde e hoje com sessenta e quatro anos ainda pratico.

⁴¹ RIBEIRO, Telles Fernando. **Exercícios Físicos e Longevidade**. In: Boletim Técnico Informativo do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

ST : Você tinha conhecimento da situação demográfica, o avanço, da quantidade de pessoas na terceira idade na sociedade da época?

FR : Não se praticava esportes, não havia. Primeiro, nós não tínhamos informações que se tinha no exterior. E era muito pouca informação. Quem detinha era o pessoal militar, na época do regime militar, e este grupo começou a se interessar, isso através das forças armadas. O pessoal começou a estudar para ver coisas de fora, fazer traduções, a divulgar, fazer palestras dentro das escolas de Educação Física. Isso em mais ou menos 1965, 1968.

O artigo eu transcrevi, eu não criei nada. Eu praticamente extraí o que achava mais importante, o que não foi divulgado. A capacidade do ser humano é muito maior do que a gente possa imaginar. Eu posso dizer porque eu parei de praticar esportes com vinte e nove, trinta anos, e então fui jogar tênis, coisas sem espírito de competição. Aí depois voltei a treinar saltos e passei a levar mais a sério, comecei a usar métodos de treinamento, os quais não tive quando era jovem. Fui campeão sul-americano, estive em duas olimpíadas e só deixei de ir agora, porque tive que operar o ombro e o médico falou que não tem nada a ver com esporte, que ia acontecer mesmo. Mas eu espero voltar, estou esperando ficar bom.

Voltando ao assunto que é tema do seu trabalho: evolução da Educação Física praticada em idade mais avançada, e ali eles começam a falar que não pode dar moleza para pessoas mais idosas. E aí aparece trabalhos realizados por várias pessoas; cientistas da Bulgária. A revista a qual peguei o artigo, era do Comitê Olímpico Búlgaro, que por acaso estava em cima da mesa lá da Federação. Olhei e falei: esse negócio é importante. Mas não teve eco. A não ser pelas pessoas fora da Educação física, mais de medicina. As pessoas não deram importância, pois as mesmas não estavam preparadas. E só foi acontecer atividade física para a terceira idade, muitos e muitos anos depois, um chute acho uns 15 anos depois. Não havia isso, era mais para pessoas mais jovens, hoje virou uma febre. Inclusive o negócio é máster, normalmente beber whisky, cerveja, não tinha muita diversão. Nem para o lazer; alguns esportes até davam, talvez basquete, vôlei e tal. Nunca por lazer. Eu sou assim.

ST : E para a promoção da saúde? Então seu chute era que as atividades físicas começaram a ser praticadas por idosos em que período mesmo?

FR : Acho que lá pelo final dos anos 70 e início da década de 80. Mais eu já me preocupei com isso bem antes. Sobre a primeira parte da pergunta, tinha uns que a gente achava meio fora do comum, a *Maria Lenk*, era do ambiente de educação física, um ou outro desportava. Eram práticas isoladas. Não houve um impacto, a não ser por pessoas de fora ou do próprio ambiente que eram mais ou menos da inteligência disso aí, hoje... Foi o que apareceu de repente. Às vezes, tento mostrar para algumas pessoas, mas não tem... Porque ele entra muito numa parte de genética, inclusive uma parte fala de genoma, neurotransmissores, quer dizer um papo que quase ninguém sabia o que era. Hoje já é mais popular.

ST: Você conheceu uma pessoa chamada *Pedro Barros Silva*? Do SESC, que jogava basquete. Você tem algum conhecimento de atividade física para terceira idade no SESC?

FR : Não. Mas o SESC foi precursor nestas coisas, porque era uma organização que lidava com aposentados mesmo. Mantida pela Indústria e Comércio, o Sesi também teve muito da influência da Educação Física e até mesmo patrocinando o esporte.

ST : E a ACM?

FR : Já é mais tradicional, mas era mais voltada para a ginástica, principalmente a calistenia.

ST : Nessa época, em 1968 ou próximo, o senhor lembra de alguma atividade para a terceira idade?

FR : Nada. E olha que para eu traduzir esse artigo eu devia prestar atenção, além de eu ser da área né...

ST : Calistenia então, nem pensar?

FR : Era uma coisa mais de colégio, de educação física escolar. Era mais ginástica, lembrava um pouco o tempo de Getúlio Vargas, aquelas grandes jogos da primavera, grandes eventos que apareciam demonstrações de ginástica, mais voltada para ginástica sueca, com argolas, plintos, campo de acrobacia, mas nada tinha objetivo de formar atletas. O atleta vinha porque tinha talento, despontava.

ST : Se o senhor. tivesse que fazer uma linha de raciocínio, você acha que a atividade física para a terceira idade surgiu por causa da preocupação com a melhora da qualidade de vida, promoção da saúde ou por causa da questão do máster, competição, à manutenção do ex-atleta que não teve a oportunidade de estar no esporte novamente?

FR : Isso eu acho que é saúde especificamente. Começou-se a perceber que a vida sedentária, cigarro, o álcool,... eu mesmo trabalhei em multinacional na época, e o normal era você beber, o álcool fazia parte do ritual. Hoje não se deixa nem mais fumar nas escolas, houve uma mudança brutal. É tão interessante, mas se torna um pouco desdobrada da nossa realidade. Inclusive uma experiência, que agora recentemente me dei conta: eles pegaram quatro jovens e deixaram sete semanas numa cama, chegando-se à conclusão que as perdas eram enormes, por falta de atividade. Falta de atividade leva a pessoa a... mais cedo. Mas a grande motivação é o esporte competitivo, aí é que a coisa fica engraçada, porque você volta ao passado. Quando participo de competição hoje, sinto a mesma coisa de quando era mais jovem, você fica nervoso do mesmo jeito, você leva a sério o treinamento do mesmo jeito, não quer perder, o negócio é meio paranóico, mas é divertido, saudável.

ST : Nas competições que o senhor foi em olimpíadas, em 1956 e 1960, não sei se o senhor teve preocupação disso, pois era muito novo na época.

FR: Fui sozinho, sem treinador. Eu trabalhava de auxiliar de escritório, fui dispensado na véspera. Não tinha disso de treinar um ou dois meses antes, era o que dava. Só ia porque era bom, tinha talento, pois não havia uma estrutura por trás para te dar apoio, aí os resultados não vinham. Aí você ficava chateado, chegava lá não se dava bem, não realizava aquilo que esperava.

ST: Naquela época mesmo, quando você era mais jovem, os idosos eram colocados à margem da sociedade após uma certa idade?

FR: Tinham umas teorias que falavam que era melhor ficar quietinho para não levar a uma fadiga muscular. Até banho frio era bom.

A mídia hoje dá muita importância ao esporte, a Educação Física tem uma posição de mais prestígio do que antes, quando eu fiz o curso. Eu fiz no Exército, era um ano de formação, o que era suficiente para formar um professor. Hoje em um ano não se aprende Educação Física, dada à quantidade de saberes que se exige hoje. Na Escola Nacional em 1939, já eram quatro anos. Mas na época eu não quis prestar vestibular, porque já fui trabalhar com Educação Física e já tinha diploma de Professor. Eu era civil, em 1968, fiz um curso no civil e passei em primeiro lugar. Mas era muito voltado para esporte, tinha teoria também, eu era um estudioso, mas mais voltado para você ensinar esporte. Eu ensinava Atletismo, natação, ginástica acrobática (na marinha e aeronáutica), em ambos eu era civil. Era voltado apenas

para esportes inerentes à própria atividade, pentatlo militar, que foram criados naquela época.

Uma coisa que é muito clara para mim é que essa coisa de terceira idade e esporte começou com a natação, pois é um esporte que não traumatiza muito, você pode praticar com uma certa facilidade. A natação foi onde começou essa história de máster, onde teve uma divulgação maior eu posso até citar o o pólo aquático velho jogar é difícil, mas nadar...

ST: O senhor praticava musculação, quando atleta?

FR: Nada, nem alongamento. Aquecimento praticamente zero. Eu subia direto no trampolim. Não sei como não tive mais distensão. No Atletismo tinha uma preocupação, dar 3 voltas na pista para aquecer. Hoje em dia me benefico muito com esse negócio de alongamento, acho que funciona maravilhosamente bem.

ST: Foi campeão sul-americano quantas vezes?

FR: Seis vezes. Eu comecei com 17 anos. Com um ano e meio estava na olimpíada e eu ganhei o brasileiro com seis meses de treino. Eu peguei um treinador bom, mas já tinha passado da idade de começar um esporte, que nem sabia que existia.

Eu morava aqui na Urca, era praia, tinha a Escola de Educação física do Exército. Lembro vagamente que tinha um trampolim, aí. Minha casa foi a segunda a ser construída na Urca, não tinha nada ao redor, era um areal. O mundo era diferente, hoje fico meio atordoado.

Voltando ao assunto...

ST: Conforme o estudo for avançando de repente algumas perguntas irão surgir, porque agora estou começando, posso ainda voltar a procurá-lo.

Por que numa época em que não se falava em idosos o Sr se preocupou com esse assunto. Na época não se flava disse né?

FR: A única coisa diferente do que falavam: Tubino, Lamartine, esses caras, eu digo até cientistas, pois são pessoas brilhantes ao meu ver, eles se preocupavam com a educação física voltada para o resultado esportivo, principalmente corrida, eram corredores. Preocupavam-se mais com treinamentos físicos e melhorar as condições dos atletas de atletismo. O que eu lembro nitidamente. Havia testes com corredores, geralmente eram o pessoal das forças armadas soldados, cabos e sargentos, menos com oficiais. Vinha intercâmbio, eles liam estes testes de fora, começaram a viajar para Holanda, Europa, e Lamartine escreveu muita coisa. E também era uma pessoa que tinha visão, pois via coisas interessantes e procurava divulgar.

Hoje, vejo como é válido tudo aquilo que estava escrito ali, se entende atualmente como deve ser feito. Não era dar muita moleza, vamos dizer assim. Não é exercício suave, como dar uma caminhadinha não, era você fazer trabalho físico intenso. Eu mesmo, agora quando voltei, consegui fazer saltos que eu fazia há 40, 50 anos atrás, até mesmo difíceis. Eu estou num nível também, na minha categoria, entre os quatro melhores no mundo. Até me surpreendia, como ainda conseguia fazer isso. Se tivesse tido a base física e técnica de hoje na época, talvez teria me saído muito melhor. Era meio empírico, hoje já existe uma maneira de fazer a certa. Tanto que no meu esporte, hoje já se pratica 70% fora d'água e 30% no trampolim. E era justamente o contrário. Então essas coisas todas vieram a melhorar. Acho que o Brasil não deve nada a ninguém hoje em dia em termos de conhecimento, é só fazer, organizar... Não sei dá onde saiu esta estatística, mas de 2000 atletas sai um olímpico, é mais ou menos isso. O talento é raro.

Era muita indulgência no esporte, eu até tenho vergonha de falar. O esporte era para jovens, qualquer esporte, quem tinha 30 anos na época tinha que parar, hoje em dia é diferente. O atleta inclusive era considerado uma pessoa de pouca

inteligência. Você tem uma conotação de uma pessoa que não podia se um intelectual. Quando há alguma competição me chamam para fazer alguma demonstração, brincadeira, aí vou. Mas eu fico mais em São Paulo, moro lá há 20 anos, mas estou querendo voltar, pois sinto muita falta do ambiente de esporte. Lá sou associado ao Clube Pinheiros. Eu fazia dois esportes, porque também lutava judô. Minha preocupação nunca foi com competição e sim com saúde, com o corpo num modo geral.

Parei com 28, 29 anos, mas hoje tenho mais embasamento, quando leio entendo mais. Eu reescrevi, mas não fiz nenhum comentário. Minha intenção era puramente divulgar. Eu não tinha quase nada, minha bibliografia eram as regras de esporte, a técnica de se lançar um dardo, um disco, bola na cesta, táticas desportivas... Eu nem sei te dizer outras publicações além das de 45 a 55 da EsEFEx e ENEFD. Agora quem pode avançar nisso, seria o Tubino, que deve ter material. (...) provavelmente isso aí deve ser publicado na revista World Sport, agora, pois eu publiquei mês passado para eles. Fiz uma para construção de ginásios, estádios.

Tanto Lamartine, quanto Tubino e eu não entendíamos muito bem os artigos, reconheço que tínhamos uma formação deficiente em Educação Física. Olha, que eles eram a nata da Educação Física. Eu olho para trás, o curso que fiz era fraco, o do Exército ainda era melhor do que o da Escola Nacional, mais rigoroso, tinha horários.

Era tudo voltado para performance esportiva, para o desempenho dos nossos atletas que iam competir internacionalmente. Isso, acho que foi um grande avanço. Naquela época não menciona nada sobre Terceira Idade. Alguma coisa dos Estados Unidos, por exemplo, eu tenho alguns trabalhos que fiz para engenharia esportiva, mas tudo voltado para educação Física Escolar.

ST: A primeira Unati (Universidade da Terceira Idade) foi criada na França em 1973.

FR: Os saltos nos Estados Unidos em máster começaram em 1975.

ST: Foi o primeiro esporte, ou a natação veio primeiro?

FR: Deve ter sido simultâneo. Porque lá, o salto foi muito desenvolvido. E.U.A eram campeões mundiais. Porque não existia. Não existia nenhum movimento.

ST: Naquela época o que era ser velho para o senhor e a sociedade?

FR: Pro esporte acho que na idade que eu parei, para as atividades físicas acho que uns 45 50, as pessoas tinham medo...sei lá se ia-se morrer correndo...o Cooper mexeu muito com tudo...

ST: As principais preocupações das pessoas era justamente não com o esporte e sim a com a promoção da saúde. Depois que se percebeu que houve...

FR: Houve uma massa crítica, criou-se um número suficiente de pessoas interessadas, aí no dia da competição começou como brincadeira, motivação e ao meu ver ficou um pouco serio demais. Agora, a motivação é muito grande, eu por exemplo, se não fosse competição eu não praticava. Te garanto. Só voltei a saltar sério, bonitinho, porque havia competição.

ST: Você treina regularmente agora?

FR: Eu treinava. Porque estava afim, primeiro como diversão. Tenho um trampolim de 1 metro, um tanquinho. Agora estou vindo lá de João Pessoa e estou reformulando uma piscina lá, para o sul-americano. Isso tudo até fora da minha atividade, eu trabalho com comércio exterior. Eu espero ainda voltar às atividades esportivas.

ST: O que o senhoralaria sobre nossa conversa e sobre a temática de especial ?

FT: Esse trabalho foi baseado em estudos realizados por cientistas búlgaros e soviéticos na década de 60. Esses estudos foram divulgados através da revista do

comitê olímpico búlgaro com o título de Luta pela longevidade e na Revista do CDFA (Conselho Desportivo das forças Armadas).

Considere o artigo extremamente interessante, “algo revolucionário”, porque até então os idosos, com mais de 60 anos recomendava-se repouso e abstinência de exercícios, o padrão era esse. Com discordância de alguns excêntricos: Maria Lenk, Gastão... Certas pessoas que praticavam esporte. Esporte era coisa para jovem, eu mesmo me aposentei no salto com 30 anos.

Tomei a iniciativa de traduzir o que tinha de essencial tornando-o acessível ao grande público. Essa era a minha idéia. Não tive nem base para poder analisar aquilo.

ST: Por que será que as pessoas da área de Educação Física começaram a se preocupar em fazer a promoção de saúde do idoso?

FR: A cultura estabelecida teve que ser mudada. Esses caras, os russos, começaram a pensar diferente, a pesquisar esse assunto e chegaram a essas conclusões. Provavelmente na Europa se praticava mais, enfim. Não sei como lá evoluía. Nem relações diplomáticas nós tínhamos. Esses artigos vieram, porque o esporte ainda dava margem a alguma comunicação entre as pessoas. O esporte sempre une.

ST: Queria agradecer e lhe dizer que foi muito importante ter estado aqui com o senhor.

FR: Eu que agradeço a lembrança... depois de tanto tempo...

Anexo 4

ENTREVISTA COM A ASSISTENTE SOCIAL HELENA BERTHO DA SILVA

Rio de Janeiro, 23 de maio de 2007

Silvio Telles - Bom, hoje são vinte e três de maio, estou aqui com Helena.... é Helena Bertho...

Helena Bertho - Bertho da Silva.

ST - Bertho da Silva... A sua formação é... ?

HB - Assistente Social.

ST - Assistente Social... Bom, dona Helena, a questão é a seguinte: o meu trabalho, eu estou tentando levantar quando começou as atividades físicas para idosos no Brasil. Na realidade, a gente não tem como delimitar exatamente quando começou, exato o ano, mas eu quero entender o período que mais ou menos isso se deu... A senhora, melhor do que eu sei disso, os movimentos sociais podem servir como base para entendermos essa questão que eu quero descobrir. Eu cheguei ao seu nome por que eu entrevistei o Marcelo Salgado, também conversei informalmente com o Roberto Soares Dias e uma pessoa da minha banca de qualificação também mencionou seu nome. Também entrevistei outras pessoas ligadas a idosos e me indicaram seu nome como uma das pessoas que protagonizou, dentro da sua função, as primeiras preocupações, no âmbito público e, depois, no âmbito privado, com relação a atendimento a idosos e, justamente dentro dessa perspectiva, eu estou buscando... é... associar o que a senhora me disser, o período, como se deu, a outros fatores que vão gerar o início das atividades. Claro que a gente vai dizer que vai ter uma - como eu já achei em jornal de mil, novecentos e cinquenta, uma senhora nadando na praia, de oitenta e (dois) anos, mas aquilo é um fato isolado é uma coisa completamente atípica...

HB - É, vemos também a Maria Lenk, agora...

ST - Maria Lenk, eu conheci... também entrevistei, mas, assim, é um fato isolado, a gente não pode dizer que uma. Eu quero começar a perceber o porquê que começou a ficar comum, quais os fatores, mas, para isso chegar ao ponto do idoso sair na rua e praticar atividade física, ele deve ter tido uma série de outras coisas, como essa sua questão, lá no seu trabalho e o do Marcelo Salgado com a gerontologia. Enfim, depois que o idoso começou a ter o seu espaço, ele começou a buscar outras formas de interagir, dentre elas a atividade física.. Então, eu começo nossa entrevista, né, a senhora está com oitenta e seis anos, né?

HB - Oitenta e seis.

ST - Eu começo a nossa entrevista lhe perguntando qual a sua relação com os idosos? Onde começou?,

HB - Bom a primeira coisa é que é o meu trabalho, a minha trajetória, o meu processo, né... Eu tenho de Previdência Social, que foi aonde eu comecei no Instituto Nacional de Previdência, eu tenho, eu me aposentei com trinta anos, porque a lei que a mulher podia se aposentar com trinta anos e, depois, de lá pra cá, eu venho é... trabalhando com várias empresas... é... eu saí da Previdência, me aposentei, mas não parei, embora a minha intenção era parar, não estava pensando em continuar, mas, então, a minha continuação foi logo num programa de idosos, não de idosos propriamente, mas da preparação para a aposentadoria, onde tinha também idosos e pessoas se preparando, agora, antes disso, é quando vem essa história toda da Previdência, entrando no programa de idosos. Eu até anotei aqui

porque eu sou prolixa, pra não ficar me perdendo muito. O negócio começou em mil, novecentos e setenta e seis...

ST - Setenta e seis?...

HB - Setenta e seis... Quer dizer, na Previdência, foi quando eu tive um contato mais efetivo porque antes, um abrigo aqui, um abrigo lá, tem uma coisa e tal, mas como eu trabalhava em centros sociais e centro social é um órgão muito interativo, a gente tem que estar em contato com a comunidade, eu conhecia abrigo que trabalhava com idosos - que eram poucos, e aqueles que eram tradicionais, que eram os que tinham no Rio de Janeiro e em outros estados, mas essa, esse contato mais efetivo foi nessa ocasião, em setenta e seis...

ST - Era exatamente aonde?...

HB - Exatamente... eu estava saindo, eu fui coordenadora dos centros sociais na Previdência durante trinta anos e os centros sociais - que não existem mais, infelizmente, eles, eles tinham uma abordagem muito ampla e muito complexa que era mais educação e aí eu tive, eu trabalhei com todas as idades e que foi muito bom que ficou. Quando eu me aposentei é que encontrei com a minha idade, porque eu tinha trabalhado desde o jardim de infância e fui, e quando me aposentei, aí já fui me preparando e aí encontrei comigo mesma e foi uma coisa assim muito interessante... mas, então, como é que foi isso?... Eu estava saindo do centro social e estava indo para a Coordenação Nacional do Serviço Essencial da Previdência, fazia parte das equipes dessa Coordenação Nacional e no dia que eu cheguei a novidade foi essa: o Ministro da Previdência, que se chamava Luiz Nascimento Silva...

ST - Luiz Nascimento e Silva...

HB - Nascimento e Silva... ele, é... procurou a... a Secretaria do Serviço Social da Previdência, cuja a coordenação fazia parte dessa Secretaria, é... querendo criar uma legislação para o idoso - até aí não tinha nada...

ST - Não tinha nada? Muito menos atividade física né?

HB - Nada... nada, nada...

ST - A senhora acha que não tinha nada mesmo?

HB - (risos) Eu tenho... eu tenho... eu faço idéia que eu tenho certeza ...

ST - Mas em termos de legislação não tinha nada?

HB - Não tinha nada, inclusive eu... quando eu fui para essa coordenação, eu fui supervisionar esses centros sociais do Brasil inteiro e cada vez que a gente entrava nesses centros sociais, era como se a gente entrasse naquele (estado, porque era um trabalho comunitário, era uma barra... aí, se via que era uma coisa que não era nem conhecida o velho era mesmo largado... pouca coisa mesmo

ST - Entendi.

HB - Agora, tinha abrigos, tinha muitas outras instituições isoladas...

ST - Asilares, né?

HB - Asilares... Então, o que que aconteceu? Eu cheguei nessa ocasião que estava esse burburinho para criar esse documento e o serviço social foi chamado para fazer esse estudo e aí é que vem isso aqui, né? - eu botei aqui para não me perder muito... que... do INPS sobre a criação da legislação que protege o idoso no Brasil. Então, alguns passos foram realizados pra isso - esse primeiro Ministro da Previdência, Luiz Gonzaga Nascimento Silva, designou a Secretaria do Bem Estar da Previdência, com sede no Rio de Janeiro, para desenvolver iniciativa... é... dessa... desse movimento, desse estudo, e a pessoa responsável, o secretário dessa secreta..., ele era o Secretário do Bem Estar da Previdência, chamava-se José Vidal.

ST - José Vidal.

HB - Era um médico...

ST - Isso em setenta e seis?

HB - Setenta e seis... por aí... setenta e seis... é isto , por sua vez, ele então encaminhou para a Coordenação do Serviço Social, quer era subordinada à Secretaria... essa...intenção e aí, através da coordenadora geral, que era nacional, né - eu tinha uma coordenação do serviço social nacional e essa senhora era que coordenava tudo, se chamava Ana Alves Pereira...

ST - Ana Alves Pereira...

HB - É... e aí, nessa ocasião, eu vejo como... não tem lugar nenhum aqui que me diz isso, eu vejo que, nessa hora, foi tomado um órgão ... dessa questão, que foi o Ministro Nascimento e Silva , o presidente do INPS que era o .. é... Reinold Stephani e agora ele está como... deve estar tomando posse como Ministro da Agricultura...

ST - Qual é o nome dele?

HB... Reinhold Stephanes

HB - Ele, agora, acho que está tomando posse... Ele foi o presidente do INPS junto com Nascimento Silva - Nascimento Silva era o Ministro e ele era o presidente do INPS, abaixo tinha a Secretaria do Bem Estar com o Dr. José Vital e a coordenação. Então, eu entendi, até agora pensando que foram essas quatro pessoas que começou a mobilizar e... daí vieram os apoios, daí veio tudo para esse estudo. Essa coordenação do serviço social tinha várias equipes . Cada equipe se encarregava dos programas do Serviço Social da Previdência que era o Programa de Mobilização, Programa da Previdência, com os idosos em si , era mas ou menos um Programa de Assistência Médica... Então, todos os programas, então, tinham pequenas equipes e foi designado uma dessas equipes para divulgar o programa de idosos, quer dizer, já existia, não no INPS, dentro desse benefício. Então, o que que acontecia? Era uma doação mais indireta junto ao, quer dizer, ele internava , ia para uma instituição, lá ele tinha fisioterapia, ele tinha os serviços médicos, uns tinham mais, outros tinham menos, uns tinham algumas atividades, outros tinham menos, quer dizer, não era assim padronizada as atividades, mas era, quer dizer, o benefício dessa pessoa idosa que muito na área da saúde...

ST - Na área da saúde, né?

HB - Da saúde... Com esse, com esse trabalho que foi feito é que começou a se pensar na ação direta que era o aposentado era o idoso nos centros sociais, começaram a ser levados para o Centro Social e, de lá, então, para as atividades... Também variava de centro, dependendo dos recursos, mas tinha lazer, tinha... alguns tinham atividade esportiva, como não podia deixar de ser, tinha um velhinho jogando lá suas peladinhos, futebol, né, começava por aí e tinha passeios , começaram a fazer passeios, pequenas viagens, então começou esse movimento...

ST - Isso em que período?... Ainda em setenta e seis ou mais pra frente?

HB - Não, começou em setenta e seis.

ST - Ah, entendi.

HB - Tudo isso começou em setenta e seis...

ST - Tudo no mesmo ano?

HB - É... talvez até... não encontrei em nenhum lugar assim, registrado, mas, talvez, setenta e cinco, porque foi logo quando eu cheguei nessa coordenação, estava começando esse movimento e a primeira coisa que foi feita foi essa... uma... uma.. essa coordenação que foi uma coordenação que eu fui encarregada, dos idosos e aí foi feito contato com todos os estados.

ST - Os estados que tinham mais trabalhos com idosos de acordo com sua experiência eram os estados do Rio e São Paulo, ou tinha outros?

HB - Não, no começo foram os estados que a Previdência... a Previdência trabalhava, todos os estados ela tinha uma... uma... uma... superintendência regional...

ST - Hum... Em cada estado?

HB - Porque tinha a Superintendência Nacional e tinha em cada estado a regional... Então, todos os estados uns mais e outros meios, mas existia em todos os estados... Então, começou a fazer o quê? A coordenação de serviço social junto com a geral, mas tomando como preferência essa equipe que ficou encarregada de visitar e conhecer o que que tinha de novo em cada lugar, porque o fato é que não existia isso e essa coordenadora era uma pessoa muito séria, muito cuidadosa e uma das coisas que ela tinha, que, às vezes, vem uma coisa assim da Presidência que logo pela manhã, ele dormiu, sonhou, de manhã já quer a lei, né... ela queira que fosse feito uma coisa realmente útil.

ST - Que tivesse praticidade...

HB - Praticidade... quer dizer, então, dizer, tem aquilo, mas sem saber, né... então, tinha o fundamento teórico que isso estava conosco mas esse conhecimento não existia ... Então, o que aconteceu? Foi feito um, o primeiro seminário, o primeiro contato através do regional, quer dizer, tem regional São Paulo, tem regional, Alagoas tem regional... quer dizer, regional representa... queria dizer que tinha lá uma assistente social responsável com a equipe - equipes maiores de São Paulo, equipes menores estão em outros estados menores e através desses aí, então, um conhecimento, visitar as instituições,

ST - Ah, o que existia..qualquer coisa sobre legislação?

HB - Não era do INPS, não... por isso que era do Brasil - a questão era a legislação que protege o idoso no Brasil, essa foi a intenção.

ST - Eles partiam dos centros regionais e aí saiam procurando qualquer tipo de dado

HB - Procurando, visitando, e tal, a ponto de ser feito em cada regional desses - acho até que nos maiores - uns seminários, né... seminários para conhecer melhor... tinha essa... uma coordenadora dessa minha equipe aqui, chamava-se Luzia Oliveira... ela que ia nesses regionais e fazia esses contatos, contatos também com todo mundo que estava ligado ao idoso: médicos geriatras que ou não geriatra, mas era médico que estava em lugar que não tinha geriatra normalmente, então, tudo que existia, colegas que faziam trabalhos com idosos, clubes, o que que era, então, isso tudo foi levantado... depois disso, então, foi feito o segundo, o segundo seminário e aí é que não sei como é que ficou, mas eu tenho mania de guardar papel... disseram que quando chegasse a informática que ia ser muito bom para mim porque ia desocupar espaço porque eu ia jogar o papel fora, mas como eu não me familiarizei com a informática...

ST - Ainda bem, né?

HB - Então continuo com os papéis... assim mesmo, rasguei muita coisa... então, eu nem sabia que eu existia mais... eu fiz uma busca e encontrei um dos estudos esse foi um dos melhores relatórios e olha como ele se chamava: Seminário Regional sobre o Idoso na Sociedade Brasileira", ele já começou a pensar mais...

ST - Foi em Minas, né?

HB - Bom esse foi, mais como te disse foram feitos em vários estados seminários...

ST - Setenta e seis.?

HB - Setenta e seis... Aqui foi ... tudo isso foi naquele ano, correndo, porque tinha que dar resultado, né... Então, em setenta e seis... e aqui foi feito os estudos... E aqui você vê todos os lugares que aconteceram. Agradecimentos à assistente social de Minas, assistente social que era coordenadora regional local, porque cada lugar tinha uma - ela é quem organizou, que era assim : foi desencadeado, todo mundo tomou conhecimento, principalmente indo em cada lugar, e depois, então, cada coordenação ampliou e dependeu muito de cada um, da visão dos recursos que dispunha e Minas já tinha muita coisa , muita coisa... Então, aqui tem tudo, tem tudo que você imaginar tem educação física...

ST - Ah, é?...

HB - Tem tudo aí, tem tudo aqui, tudo que tem... mas isso não era nada do INPS, era de Minas...

ST - Sei como é ... Entendi.

HB - De Minas...

ST - Aqui é só de Minas ou é de todos os estados?

HB - Não, é só Minas, eu só encontrei isso ... Por que eu encontrei isso? Porque eu não era dessa equipe, eu era da equipe geral, e como a gente trabalhava muito integrado, as equipes se reuniam e passavam nas reuniões, a gente não era dessa equipe, mas dava opinião, principalmente quem era de Centro Social, que eu era uma das diretoras de Centro e eu tinha chegado lá para ser da coordenação, né, me fizeram uma... uma... me levaram sem que eu soubesse, que eu não queria ir para lá porque eu queria ficar era no meu Centro mesmo , mas para que eu pudesse ter uma visão, foi bom porque eu tive uma visão nacional, viajei muito, conheci todas esses regionais, né, e por isso, talvez, pelo interesse que eu tinha por esse programa todo, eu me interesse e quando - se eu der pulo alto você me segura - quando eu, já aposentada, fui convidada pela, pela Vale do Rio Doce para fazer um trabalho com os aposentados na Vale, que eles estavam começando a preparação para a aposentadoria, eu tinha aquele, aquela coisa do Centro Social que a gente trabalhava muito integrado em comunidade, se a gente tinha um trabalho no Centro, a gente espalhava - por exemplo, eu trabalhava... o meu último Centro foi Irajá e então era toda aquela área, tudo aquilo ali a gente conhecia, a gente não trabalhava sem conhecer, então, é a mesma coisa, eu acho tão importante... Então, quando você falou, eu digo : olha aí, cheguei lá, tá tudo aqui mop estudo do idoso ... Esse grande seminário, que foi aí onde é... a coisa ficou forte que já conhecia, quer dizer, todos os regionais já conheciam, já tinham feito esses estudos, então, já se podia falar do Brasil e antes não existia nada

ST - É... posso ver?

HB - Pode... eu tenho prazer que você veja...

ST - Deixa eu ver se tem índice ?

HB - Tem... olha, tem tanta falha nesses nossos trabalhos, porque era tudo feito, a gente não tinha muito apoio assim, administrativo, como hoje ... hoje tem pouco, mas hoje já tem muito melhor , mas, pelo menos, aqui tem o nome das pessoas todas, né, que é muito importante, se tivesse, se tivesse de todos os estados, a gente tinha uma idéia melhor né? mas a gente pra achar, tem que adivinhar... Eu, você sabe que depois que você me falou isso, esses dias todos eu não tenho feito outra coisa...

ST - Ah, é?

HB - Minha cabeça fica nesse negócio, eu querendo... é... descobrir o que é que eu posso trazer ... Então, pelo menos, a gente sabe... aqui tem um dos estudos que foi feito, que todos os estados fizeram...

ST - Cada estado teve o seu?

HB - Teve o seu... Primeiro teve aquele contato, menor, de conhecer, depois, o seminário...A do seminário foi com essa... enquanto, na minha , no meu regional eu conheci tudo que existia sobre idosos, eu fiz um seminário com essas pessoas todas e aí, nesse seminário, é que essas pessoas passaram para o INPS tudo o que faziam, como a gente vê aqui, os programas, quem eram as pessoas... então, o INPS, através desse estudo ficou conhecendo tudo e você vê o cuidado dessa, da coordenadora.

ST - Então, na verdade, o INPS, ele se valeu dos conhecimentos desse grupo gestor?

HB - Não... o INPS também... eu é que inventei o gestor, mas ele era um deles...

ST - Entendi... Então, a idéia principal, a idéia inicial veio de quem?

HB - Do Ministro...

ST - Ministro...

HB - Depois do Ministro, o Presidente do INPS, depois o Secretário...

HB - O Ministro da Previdência...

ST - Previdência...

HB - MPAS... Ministério da Previdência e Assistência Social.

HB - E o Presidente do INPS, que é o ...

ST - Reinald...

HB - Reinald Stephani...

ST - Isso.

HB - Esse era do INPS...

ST - Entendi.

HB - Abaixo dele, então, vinha tudo isso, fazia parte do INPS... era o (José Vital) que era o Secretário do Bem Estar...

ST - Entendi.

HB - Né, e, depois, a Coordenadora do Serviço Social com todos os serviços sociais...

ST - Do Brasil...

HB - Então, feito isso em todos os estados, aí tem uma coisa maior, que foi Brasília... Aí entrou Brasília com esses elementos, Brasília então já ampliando um pouquinho, chamando de Seminário...

ST - Em setenta e seis mesmo ?...

HB - Tudo você está vendo que foi aquele negócio , né?... A legislação que protege o idoso no Brasil foi a partir disso aqui... Aí já o INPS disse: É, vai ser assim. Eu não sei se muita gente sabe ou não ou se não interessa saber como foi feito.

ST / HB - risos

HB - Foi o Serviço Social, esse regional que tinha em cada lugar, tinha também em Brasília, só que esse tinha um pouco maior porque era o Serviço Social da capital da República, então, ele que pensou isso com a Câmara dos Deputados...

ST - De Brasília?...

HB - De Brasília... Aí já, já... era o resultado... aí já era outra coisa...

ST - Então, essa foi a legislação que protege o idoso...

HB - Começou aí.

ST - No Brasil?

HB - No Brasil... a partir disso aqui, a partir desses conhecimentos, então, a Câmara dos Deputados com os outros é que deu início

ST - Entendi.

HB -Tudo para a Previdência...Esse aqui já foi no final... já... quando chegou aqui já... a... já a própria Previdência já tinha estabelecido o como ia ser o seu serviço , mas de assistência médica, que era a assistência indireta, quer dizer, a pessoa era assistida, o idoso que estava doente, aí já precisava de fazer uma fisioterapia, ou isso ou aquilo... Aqui, nessa hora, os Centros Sociais começaram a receber a fazer parte do programa dos Centros Sociais, aí era o direto... Então, é o que eu disse a você: dependendo do recurso, dependendo das iniciativas, tinha situações variadas. No meu Centro Social tinha muita coisa, né, eu que antes não conhecia, nunca tinha visto velho na praça, sempre nunca... ninguém falava de velho.achava também que velho ficava tudo em casa... ou, então, ia ver a peladinha lá na... na praça sentadinho no banco, na frente do jogo dos meninos... mas... sabe, nessa hora que a gente começou a falar e aí começaram as atividades para idosos, aí começou na parte do esporte, da parte, principalmente lazer, que era uma coisa mais barata , né, depois é que a gente começou já entrar nas orientações, nas reflexões sobre o envelhecimento mas isso já mais pra adiante, né?...

ST - E onde é que entra o Marcelo Salgado nisso?

HB - Marcelo Salgado é o seguinte: Marcelo Salgado é o homem que mais entende de velho, não digo fora daqui porque eu não sei, mas que ele andou aí por fora até também... Então, o Marcelo, tudo que... nessa hora aqui ele foi procurado... A coordenação do Serviço Social mandou a chefe de equipe ter um entendimento com ele pra saber o que ele... ele e um outro... que não há jeito de eu me lembrar do nome?... Era um médico que tinha aqui, que tinha um livro "Como viver (cem anos)...

ST - Mario Filizola.

HB - Mario Filizola. Então, Mario Filizola deu muitas informações e Marcelo Salgado na parte mais psicológica , de educação, de serviço social - porque ele é assistente social, né, e, então, todas essas pessoas assim foram procuradas... médicos que já trabalhavam com pessoas, então ia falando um , ia dando uma sugestão, ia procurando outro, e todas essas coisas, esses dados foram sendo computados para as reflexões, para as discussões...

ST - Então, esse estudo que contribuiu para a primeira legislação do idoso teve influência do Marcelo Salgado e da gerontologia?

HB - Tem... Ele... quer dizer, o Marcelo foi conversar com ele sobre a nossa situação, então, as idéias dele tá aí...

ST - Entendi.

HB - Dele, do Filizola, existiam trabalhos para cada momento desses, só que... eu não sei onde eles foram parar, né ...

ST - Entendi.

HB - E Marcelo foi uma pessoa que... que desde quando ninguém queria nem saber de velho, era ele a única pessoa... chamavam ele de "babá de velho", porque ele era novo, estava terminando a escola de serviço social, mas ele se encantou com essa coisa do... quando ninguém nem pensava... então - e ele era muito estudioso, uma pessoa muito viajada, muito inteligente, tem muita, muita visão, muita penetração nessa questão dentro da sociedade, nas relações de trabalho uma palavrinha que eu não sei pra ver como eu entrei... Então, é isso... Então, eu acredito que aqui estejam as idéias essas pessoas todas, só que quem fez isso foi a Câmara dos Deputados junto com o Serviço Social .

ST - De Brasília...

HB - De Brasília... quem juntou tudo que a coordenação aqui mandou para ela, todos os elementos que, por ser Brasília, tinha uma importância

ST - .Uma importância maior...

HB - Uma importância... lá tava junto...

ST - Centralizou..

HB - Tava junto do ministro... tava junto do ministro... porque o ministro, lá, né... Então, eu acho que aqui é onde... e a partir daqui, então, cada... o INPS começou a traçar os seus planos de ação de atendimento direto e indireto para os seus idosos, começou a se preocupar mais com o estudo disso . a... o INPS começou a fazer os seus... as suas... tudo... as pequenas leis

ST - Regulamentos...

HB - Seus regulamentos... os planejamentos começaram a ... todos os planejamentos fazia referências, quer dizer, começou a existir...

ST - E onde é que a senhora vê o SESC nesse momento?

HB - Não... o SESC não é o... quer dizer, o SESC... conforme se visitou todas as instituições, o SESC era, principalmente com o Marcelo, o SESC... ele... ele também foi visto, foi consultado, foi falado, agora, o SESC, eu não posso dizer eu não sei...

ST - Entendi.

HB - Ele fez parte com tudo o que existiu... como o Marcelo... o Marcelo fazia parte do SESC, ele era, acho que era de um órgão de lazer social e naquela ocasião, ele era pessoa que mais estava voltado para velho porque não existia tanta coisa de idoso. Então, o que eu vejo não é uma instituição... quer dizer, quem fez o negócio todo foi o INPS, agora ele fez ouvindo as... as pessoas entendidas de tantos órgãos, recebendo contribuições, né... Por exemplo: o Marcelo mesmo foi uma pessoa mais entendida no assunto, conversava-se com ele, era chamado para as reuniões... agora, depois disso aqui, quando foi feita a lei do idoso, eu não sei como é que ficou. só participei até aí e depois comecei a participar entrando no programa já em sessenta e oito...

ST - Em quando?...

HB - Sessenta e oito...

ST - Sessenta e oito?...

HB - Setenta e oito...

ST / HB - Setenta e oito...

HB - Setenta e oito...Quando eu entrei no programa de preparação para aposentadoria...

ST - E sobre a LBV, a senhora tem algum conhecimento?

HB - Não...

ST - Ouviu falar se tinha alguma coisa?...

HB - Não... LBV que eu ouvi falar é que era uma instituição, mas nunca soube que ela tivesse nenhuma ligação com os trabalhos da Previdência, não... não sei... só se foi depois, mas até isso, até., aí deixa eu dizer um negócio pra você que é importante: quando foi feito isso aqui , aí foi a... a... divisão... a mudança do Instituto, que era Instituto Nacional de Previdência, depois veio... veio... foi dividido... foi dividido... deixou de... ele não era mais INPS... foi INAMPS, que foi... as pessoas que trabalharam... nem sei, que eu nunca trabalhei .. desde quando eu nasci... e o IAPAS... e o IAPAS foi que ficou com a LBA...

ST - Ah...

HB - Instituto... não sei o quê... de Previdência...

ST - Deve ter aqui...

HB - Aqui não tem...

ST - Não?...

HB - Não, porque foi depois...

ST - Ah, é verdade...

HB - Quando acabou isso aqui, aí entrou isso e o que que aconteceu?... A LBA não tem nada com o INPS... Nessa ocasião, a LBA foi extinta... ia ser extinta... Então, ela veio para esse IAPAS, essa parte de Previdência... não sei se algum tipo de administração, qualquer coisa assim...

ST - Eu já descubro...

HB - Você descobre, é fácil. Então, o que que acontece?... A LBA foi para o IAPAS e toda essa parte aonde estavam os idosos da assistência direta, que eram os Centros Sociais, os Centros Sociais passaram para a LBA...

ST - Ah, entendi...

HB - Eu, graças a Deus, eu e Roberto, a gente tinha saído para órgão nacional, nós estávamos nessa coordenação porque, senão, nós teríamos sobrado também lá, né?... quer dizer, eu já tinha mais de vinte e quatro anos de trabalho, né ... Por que?... porque a LBA ficou sendo... essas coisas, né... e aí a LBA ficou com...

ST - Os Centros Sociais...

HB - Os Centros Sociais...

ST - E esses Centros Sociais não eram só pra idosos, né?...

HB - Não...

ST - Era pra quem necessitava.

HB - Era um programa enorme, por isso é que eu disse a você: todas as idades), tinha desde o Jardim de Infância, tinha trabalhos era um programa que é exatamente o que está precisando agora e que estão procurando aí e não estão sabendo onde é que está... que era exatamente isso... era um programa com todas as idades, inclusive trabalhos com os jovens, era um trabalho importantíssimo, né, que você convivia com os jovens e tinha programa para as mães... que até falei ... ontem eu tive uma reunião trabalho com as mães, "meu Deus do Céu, vamos começar tudo de novo"... então, trabalho com as mães, com as crianças do Jardim de Infância, trabalho com os pais, essa orientação, a escola integrada, eu mesma trabalhei com escolas da Prefeitura, integrado, né, com Serviço Social, essas favelas, essas favelas, Praia do Pinto, andava lá, fazia trabalho trabalho de assistência social, a questão desses... dos órgãos de... menores... Lá, naquele tempo, a favela encaminhava e a gente do Serviço Social ia ver se realmente valia a pena, se valia a gente sempre dava um jeitinho para não mandar pra lá porque sempre achava que nesses órgãos, esses abrigos, não, não era bom, mas... esses abrigos não era bom.

ST - E nesses seus Centros Sociais, no início, lá em setenta e seis, por aí, a senhora via muito velho?

HB - Não disse a você que eu não tinha visto muito velho?...

ST - Não havia?... mas não entravam no Serviço Social?

HB - Não, não... eles achavam que não tinha nada pra eles, né... estavam em casa, a única coisa que eles iam era ver a pelada dos meninos...

ST - Dos garotos?...

HB - É... também... a gente chamava todo mundo, fazia mobilizações... quer dizer, podia ser que nos outros... no meu... eu confesso a minha ignorância, "ih, meu Deus", eu falava, "e agora, o que que eu vou dizer, né?", porque eu achava que não... já aposentou, tá velhinho, vai ficar em casa, quietinho, não é?... não é?... a velhinha vai ficar lá sozinha pra ele no Centro Social... e depois tomou... depois disso, foi uma movimentação enorme: saiu todo mundo do buraco (risos) e aí começou, né... eles começaram a se interessar, inclusive, começaram a dar um pouco de trabalho, a criticar a Previdência, descobrir mil coisas que não estavam

certas, que não foi aposentado certo, a ter uma visão política, né, começaram a ter... e... começou... ficou muito, muito dinâmico, e passou tudo para LBA... ficou meio desanimado.. porque o pessoal não tinha essa experiência, a experiência deles era outra experiência, né?...

ST - E a LBA era no Brasil inteiro, né?

HB - No Brasil inteiro...

ST - Ela simplesmente acampou, os Centros Sociais ficaram sob a chancela da LBA...

HB - É... é... porque ia acabar... a Presidência da República resolveu acabar com a LBA - porque a LBA era o carro chefe dos Presidentes da República, das mulheres dos Presidentes, né... Nessa ocasião, lá, acabou, então... esses funcionários públicos, que que ia fazer, né?... Então, os Centros Sociais - e como eles tinham um salário muito alto, eles não podiam ir pra qualquer lugar....A LBA não podia voltar, retroagir em termos de salários, né... então, pra manter os salários no lugar, se era na Previdência, era, nos Centros Sociais, sendo reestruturados... passou a... naquela ocasião, a receber a ser diretor... essa ocasião, antes ninguém era diretor .

ST - Começou a ter os diretores...

HB - Os diretores

ST - Mas a LBA acabou?... não, né?... Nesse período, ela que encampou os Centros Sociais, porque o INPS acabou, não foi isso?

HB - Não, o INPS não acabou... ele foi distribuído...

ST - Distribuído em IAPAS...

HB - IAPAS, INAMPS...

ST - Então, é por isso... porque eu ouvi dizer que esses núcleos da LBA - isso aí é que a senhora me explicou agora... Um dos meus orientadores falou que eles tinham Centros Sociais da LBA que eram onde alguns idosos freqüentavam...

HB - Centros Sociais da Previdência...

ST - Da Previdência, que devem ter sido acampados pela, pela LBA... que acabou o INAMPS, aí virou o IAPAS, e virou, ficou com a LBA...

HB - O meu mesmo, o meu núcleo, desde a orientação dos primeiros, Madureira, Cavalcante, Ilha do Governador...

ST - No Rio eram muitos?

HB - Eu não sei... mas era um trabalho muito. grande

ST - Tem noção de quantos eram no Rio?

HB - Olha, é... Cavalcante... porque tinha dos bancários, dos comerciários, dos industriários... dos industriários, não, porque tinha o SES... dos comerciários e dos bancários... Bancários tinha: Cavalcante, Madureira por onde eu passei, Ilha do Governador... Agora, do lado dos comerciários tinha Irajá - por isso ficaram dois no Irajá: um da, do INPS, um da, da... era Ministério... não, né, Marinha, não... é Marítimos... Marítimos tinha um, Irajá, os comerciários tinham outro e lugar que tinha dois, pela norma, pela nova lei, tinha que ficar um - foi um dos meus maiores dificuldades, porque eu tinha que me decidir por um e o que eles apresentavam como o que era um recurso para a escolha, era o seguinte: o que tivesse a melhor estrutura...

ST - Os seus dois quais eram?... Os dois no...

HB - IAPC e IAPM...

ST - Tudo em Irajá?

HB - Irajá era o único que tinha dois... e... e... a IAPM tinha uma estrutura maravilhosa, era um clube, IAPM, muito bonito, mas não tinha nem... não era funiconla para os Centros Sociais - era um clube, não era um Centro - e também

ele... IAPM era um conjunto pequeno, agora, o outro era enorme, um dos maiores que havia, IAPC, que foi um dos primeiros e funcionava numa unidade residencial...

ST - O que que é IAPC?

HB - Instituto de Previdência Social dos Comerciantes...

ST - (IAPC)...

HB - IAPC, comerciantes, tem os Marítimos, tem o IAPI, que é industriários, IAPTEC, IAPM, todo grupo profissional tinha o seu .

ST - E era bancado por quem?

HB - Cada Instituto bancava o seu, agora, nem todos eram administrados assim, com muito, fortemente pela categoria... No meu caso era bancário, então, bancário, politizado, bancário não deixava que gente de fora fosse seu presidente político - parece que só tiveram um ou dois (presidentes) políticos no começo, depois, só bancário que era presidente. Então, com isso, bancário tinha muito mais recurso , bancário, ele, ele os Centros Sociais deles tinham mais recursos... por que?...porque eles administravam, fiscalizavam, as normas, eles participavam ...

ST - Então, quem freqüentava era, no caso, familiares dos bancários?

HB - Eles eles queriam, todos eram... só queriam que os seus participassem... não deixavam que ninguém, ele não gostavam... a nossa maior luta era brigar por eles...

ST - Mas se a pessoa chegasse lá e quisesse entrar, não podia?

HB - Como visitante... podia visitar, mas participar das coisas, não...

ST - Não?... Não tinha jeito?

HB - Não... eles tinham até... uma das brigas que... brigas, quer dizer, a gente discutia muito porque eu tinha um trabalho forte com a comunidade, era que eles queriam tapar como hoje a gente bota grade, né... agora lá tem uma grade, mas eu, quando eu visitei lá - eles fizeram cinquenta anos, me chamaram, uma festa muito bonita - eles choravam, choravam porque tem grade, porque, naquele tempo, eles não tinham consciência do que era uma grade e agora eles têm porque então, eles fechavam porque não queriam que o menino, seu filho, brincar com um que não é bancário... era forte... isso era difícil .

ST - Em todos era assim?... Bancários, comerciantes?...

HB - Tinha uns mais...

ST - Porque o SESC é mais aberto, né?

HB - Mais... o SESC não fazia isso .. O SESC não... O SESC sempre foi uma instituição mais aberta, porque não tinha isso no SESC... só ele ser comerciantes... quem é que não era comerciantes?... Os comerciantes, naquela ocasião, eram trinta e cinco sindicatos... Eles nem eram comerciantes: é que professora era comerciantes, profissional liberal era comerciantes, todo mundo era comerciantes, agora, bancário, não... bancário era duro na queda...

ST - E o seu era bancário, né?

HB - O meu era bancário...

ST - E como é que a senhora entrou?

HB - Eu nem sei como é que eu entrei... O quê?... Para fazer o trabalho?...

ST - É... como é que a senhora caiu nos bancários

HB - Ah, eu caí por isso: é que, na ocasião, precisavam de uma pessoa pra... essa Ana Alves Pereira, que é nacional, na ocasião ela era de lá, de Madureira, e ela estava saindo para os Estados Unidos para fazer um curso e eles precisavam de uma pessoa, não tinha ninguém... eu estava me formando, me botaram lá e eu nem sabia o que que era aquilo e eu entrei logo, numa boa... (risos) .Eu acho que eu aprendi muito, muito, com eles... a minha, o meu conhecimento do social, eu aprendi nesses anos que eu passei com os bancários...

ST - Qual a sigla dos bancários?

HB - Instituto Nacional... Instituto... é IAPB...

ST - IAPB

HB - Instituto de Administração... Instituto... ih, a gente esquece, né? IAPB... não sei quê de Previdência dos Bancários... Instituto...

ST - De Assistência?

HB - É... tinha sempre a palavra assistência... assistência e previdência...

ST - E tinha IAPTEC também, né?

HB - IAPTEC, IAPM...

ST - IAPTEC era de quê?

HB - Instituto dos Trabalhadores...

ST - IAPTEC...

HB - É negócio de... de transporte de cargas...

ST - Entendi.

HB - IAPM era dos marítimos...

ST - E tinham até condomínios, não tinha?

HB - Cada Centro Social funcionava dentro do condomínio deles... por isso que até eu falei pra você eles fechavam, ninguém podia entrar... eles não se... dependendo... tinha uns institutos, uns mais simples, né... pessoal mais pobre... bancário, ele dizia: "nós somos vestidos de gravata, não entra ninguém aqui sem."
(RISOS)

ST - E nessa época de setenta e seis, a senhora via idoso correndo na rua, fazendo atividade física?

HB - Não... não...

ST - De jeito nenhum?

HB - Nessa época eles nem andavam na rua, sempre em casa, né... As velhas, então, não podiam estar saindo... iam pra casa da família, dos amigos, mas tudo coisas sem ficar na rua, né?... Esse trabalho, um trabalho que eu fiz recentemente, um projeto de consultoria que foi criado pela empresa ACEVITA, em Minas Gerais, foi um trabalho direcionado para a associação dos aposentados da empresa, mas essa associação estava muito parada, muito... essa visão muito... retrógrada, uma visão muito... não tem uma visão política... então, esse presidente foi pra lá e ele quis examinar isso e ele me chamou para fazer esse trabalho com essa, esse grupo abrindo para a comunidade e queria que eu começasse pelos aposentados. Era um grupo pequeno, uns quarenta, e eu comecei a fazer o trabalho e eu chamava, não ia pra reunião, não vai... "ih, minhas costas estão doendo", "eu já estou cansado, já dei tudo pra essa empresa, não quero mais saber", né... Então, um trabalho para conseguir trazê-los... E aí a comunidade me cobrava assim: "Dona Helena, onde é que estavam esses velhos?"... Essa mesma pergunta que você me fez agora... "Que de velho aqui que agora não se pode andar, de tanto velho aqui!"... (RISOS) "Onde é que eles estavam?"... Estavam deprimidos, em casa, agora, não estão mais... Então, hoje, se você for na ACEVITA, em Minas Gerais, participar de dinâmica e o aposentado hoje não é mais associação de empresa, ACEVITA é uma... é um trabalho de todo município, não é mais da empresa ACEVITA, é do município, não é só para o funcionário da ACEVITA.

HB - Outra coisa que eu queria mostrar a você, esqueci... uma coisa interessante: quando eu fiquei lá, na coordenação ainda, né...

ST - Hum...

HB - Ainda um pouco... foi, ó... setenta e sete... eu acho que me aposentei em setenta e oito, setenta e nove... foi quando ainda estavam fazendo as mudanças,

que eu disse "deixa eu ir me embora..." Então, foi feito isso, ainda, em função muito disso, uma, um estudo sobre os programas prioritários da previdência, quer dizer, o ministro também se interessou por isso, entre os prioritários estava o dos idosos, aquele indireto, assistência aos idosos, que era um daqueles indiretos, que tinha só _ aquelas coisas, da assistência médica, né...

ST - Deixa eu lembrar, o direto qual era, no final?... Era...

HB - Os Centros Sociais...

ST - E os indiretos?

HB - Os indiretos... Os indiretos foi esses que surgiram depois...

ST - Indiretos?... Depois de setenta e seis?

HB - Não, ao contrário: o indireto era aquele que era através de serviço médico, através de um encaminhamento pra um... podia ser que tivesse um encaminhamento para um clube...

ST - Hum... entendi...

HB - Agora, o direto era para atender nos Centros Sociais...

ST - Somente o idoso?

HB - Não, somente o idoso, não... com as outras...

ST - Com as outras, mas, assim... existia uma preocupação também com o idoso.

HB - Um programa para eles, né... então, aqui, ó... você está vendo aqui... dois mil e trezentos atendimentos, né... já... existia uma meta... já até começa ter... número quem fez esse trabalho, eu que fiquei com a coordenação desse trabalho nacional... então, essas assistentes sociais de todos esses estados, Roberto fazia parte também dessa equipe, esse... a gente é, foi fazer um estudo disso pra ver como é que estava... porque aí... arrumar... então vamos ver os idosos, como é que estão, como é que estão os outros programas... ó... os encaminhamentos... ó regional de Goiás, aqui não foi considerado... falta de registro de dados... quer dizer, então... ninguém tava... não era importante, nem se registrava . Tinha o programa de Centro Social a partir do IAPAS... então, o IAPAS também foi logo depois disso, não é...

ST - Que é o que acabou pegando a LBA...

HB - Não se considerou regional de Sergipe, nem do Piauí, nem da Paraíba por falta de registro... você vê ele nem era registrado, o programa de idoso, né... nem era... como se vê aqui especificação, quantidade, número de grupo, número de reuniões, frequência, () lá em Friburgo, uma semana, todos esses assistentes sociais vieram, foram lá para fazer estudo, todo mundo trouxe o que tinha... a partir do que tinha e a partir daqui é que efetivamente o programa passou a ser...

ST - É, porque esse aqui é posterior a esse, né?

HB - É, posterior...

ST - Esse aqui é de setenta e sete... setembro de setenta e seis...

HB - É... e ainda estava nesse...

ST - É... ainda estava no meio...

HB - Esse negócio todo... aí veio essa... do Serviço Social, então, de posse desses elementos aqui e aqui, então, já tinha chance para fazer uma programação nos Centros, visando os idosos...

ST - Que esse aqui... foi no meio, né?

HB - No meio...

ST - Outubro de setenta e seis...

HB - É...

ST - Esse aqui era de setembro de setenta e seis...

HB - É... você vê, logo em seguida foi...

ST - Esse ano foi uma loucura

HB - Foi uma loucura... você sabe, né, quando eles querem, dá aquela loucura e tava aí... Então, esse trabalho foi muito importante, ele foi feito na Secretaria, quer dizer, aquele José de tal, por ordem de quem estava acima dele, que era o Stephani, quem estava em cima era o Ministro, quer dizer, era um programa do INPS, né, e a coordenação do Serviço Social, que foi quem viabilizou tudo... Eu que fui, então... eu era chefe de uma dessas equipes.

ST: Estão todos vivos, esses personagens que atuaram vc a senhora?

HB - Quase todos Faleceram. Aliás, a Guida faleceu, a Ana Palmes faleceu, a Luzia, Lucia pra contar a história acho que só sobrou eu (risos) E, então, a gente fez esse estudo muito sério e muita coisa foi descrita e constatada

ST - Constatada...

HB - Constatada.. quer dizer, o que que a Previdência pretendia e, então, a gente viu que que tinha feito para poder a gente ajustar porque, até então, não tinha nada estabelecido ainda, mas, uns tinham, outros não tinham, então, uma das coisas foi essa e aqui a gente já tinha, que foi muito interessante, não me lembro mais, mais tava lá no estatuto, foi criado um plano básico de ação, tá vendo?... É o Serviço Social a partir disso... Então, estava os resultados alcançados, os propulsores, os objetivos, o que que atrapalhou, que estacionou, né? e sugestões que a gente deu porque aí, a partir dessas sugestões, eles iam reformular toda a programação... Então, foi um trabalho, viu?... um trabalho... o seminário...

ST - Muita coisa...

HB - Foi muita coisa... a metodologia, as estratégias... fenômenos, quais foram os fenômenos identificados.. ah... isso foi que me deu muita tristeza porque eu vi que velho tava numa pior. Nada tinha sido alterado com a ação do governo..que já era pouca memso.

ST - Não alterou...

HB - Não alterou... através desse trabalho que eu tive com as, com as empresas - trabalhei em vinte empresas Eu, então, eu vi desse estudo todo, que as pessoas continuavam do mesmo jeito a urbanização, carência de recursos humanos, tudo, tudo, tudo... quer dizer, mudava de instituição, mas as pessoas eram as mesmas, né?...

ST - É...

HB - Então, é isso... que mais que eu posso te ajudar?

ST - Acho que já foi...

HB - Foi?...

ST - Foi... quero saber se a senhora me empresta isso para tirar xerox, né?

HB - Eu dou... você acha que que serve?

ST - Ah, é porque eu preciso... o que que acontece?... Como eu vou usar a história oral...

HB - Você tem que provar, né?

ST - É... eu tenho que pegar os dados... (é) quando eu tirar xerox eu devolvo...

HB - Tá bem... então... já se sabe que valeu a pena, né?

ST - Ah, valeu muito ((risos)) valeu muito...

HB - (riso) Não, eu digo valeu a pena ter guardado os papéis...

ST - Isso aqui deve ter sido o ponto de partida para o Estatuto do Idoso...

HB - É... a primeira, o primeiro que saiu que eu não sei bem o que que... eu tenho a história...

ST - ... Política Nacional do Idoso...

HB - Política Nacional do Idoso...

ST - Aí, depois, veio o Estatuto do Idoso...

HB - É... pois é... então foi daí... então, é mas nunca ouvi falar... Eu acho que ninguém tinha nem isso... isso foi conseguido pela Ana.. ela deve terido até a Câmara dos Deputados acho que eles deram a ela as coisas... sabe como é a pessoa tem amizade, ela era muito querida lá, ganhou isso, que acho que ninguém tem isso lá...

ST - Não deve ter sido divulgado...

HB - Não, nunca ouvi falar... eu sempre ouço falar, até fico muito triste porque as pessoas, realmente, que estavam, que trabalharam muito, não se fala em Ana Alves Pereira, não se fala na, na, nessa moça que viajou o Brasil inteiro, essa Luzia Oliveira não se fala...

ST - E regulavam com sua idade?

HB - É... é... a Ana, ela talvez fosse quase da minha idade... se ela fosse viva, ela teria a minha idade , e a outra... não, a outra era mais nova ela era do Sergipe, eu acho que morreu lá mesmo, na terra dela...

ST - É... pra mim, só em ter data já é importante

HB - Pois é...

ST - O título...

HB - O título...

ST - Aí o que que acontece?... Quando eu folhear, eu vou transcrever a entrevista...

HB - Sei

ST - .E aí eu vou juntando as peças...igual um quebra-cabeças

HB - Ah, sim...

ST - Fazendo as ligações...

HB - E aí a gente vai vendo as ligações e a pessoa vendo com calma, porque como foi feito uma coisa assim, bem explicada , bem...

ST - Bom, eu quero lhe agradecer...

HB - Obrigada

ST - Muito obrigado por me receber...

HB - Não, pelo contrário, nada disso , eu que tenho que agradecer, né?

ST - Bom, obrigado.

.....

Anexo 5

ENTREVISTA COM O PROFESSOR LAMARTINE PEREIRA DACOSTA

Rio de Janeiro 20 de junho de 2007.

Silvio Telles: Hoje são 20 de junho de 2007, estou na casa do professor Lamartine da Costa, professor da Universidade Gama Filho, é uma das pessoas que tem uma passagem significativa dentro da educação física brasileira, uma das pessoas que tem possibilidade de contribuir significativamente para o campo que estou querendo construir, ou melhor, reconstruir e estou aqui agora conversando e agradecendo a possibilidade de estar aqui em sua casa fazendo a 1ª de uma série de muitas perguntas.

ST: Como o sr vê a situação do idoso hoje? E como foi o Idoso e o EPT?

Lamartine Costa: É... eu vejo a questão a do idoso hoje sob dois ângulos. O 1º é do fato social. As atividades físicas tornaram-se um fato social, hábito, portanto é um fato social é universal. O idoso então é participante desse movimento, dessa tendência e isto.. é... existe no mundo inteiro, pobres e ricos isso aí nós não podemos garantir que seja dentro do governo ou de algum lugar não, existe na sociedade uma tendência a aceitar melhor os exercícios que se transformou num quadro social.

Muitas intervenções levaram a isso, motivaram a isso, mas que finalmente as próprias populações chegaram a esse ponto que o idoso faz parte... é inédito isso porque no passado o idoso era desmembrado da sociedade ele apenas tem uma (visibilidade) inclusive através da atividade física

O outro ângulo que você já tinha citado na nossa conversa anterior que é mais evidente, mais objetivo é que existem políticas corretas aos idosos declarações internacionais estimulam o idoso a participar de atividade física por uma questão tanto de saúde como uma questão também de inclusão social. São duas coisas distintas que por acaso às vezes se tocam porque nem sempre a política pública redundam em efeito principalmente no Brasil

O problema no Brasil é a governança, não a política pública porque os governos são inoperantes a política pública, uma atrás da outra, mas não redundam em efeito se a política pública funcionasse no Brasil nós teríamos uma boa educação.

Temos política pública há muitas dezenas de anos, temos, mas você vê que não se pode ter, nós não temos governança. Então por isso, que a gente tem que dividir em dois a sociedade, ela tem uma dinâmica própria, outra dinâmica é de intervenção é assim que eu vejo, agora já relacionado a quantas perguntas que você possa fazer com a teoria de campo eu vejo uma maior atenção na questão da espontaneidade, há gente que não gosta muito desta expressão de sociologia mas eu vou usar o envolvimento dos idosos como um fato social existe isso e eu acho que explica muita coisa que eu ouvi no Brasil nos anos 60/70 eu acho que as pessoas não estavam sabendo bem o que estava interferindo nisto não.

Eu concordo com Alfredo Gomes Faria quando ele fala até numa certa inconseqüência talvez exista um exagero nesta expressão mas que os interventores não sabiam o que eles estavam fazendo, eu acho que é verdade, não é?

Era mais intuitivo isto explica vários fatos que nós tivemos no passado, inclusive trabalhos pioneiros hoje que nós chegamos a um patamar de conhecimento que explica melhor o fenômeno do idoso relacionado à educação física. Mas naquela época como

qualquer evento e eu já discuti isto com o Alfredo . Você não pode penalizar a criação de um fato social pelas pessoas, senão você vai partir do princípio que só o governo tem influência. Os médicos, os professores têm influência também, as pessoas são ativas também, se não bom, se não fossem nem existiria a teoria de campo, de campo Bourdieu porque são forças de grupos de pessoas que se soma a isto, com outros poderes que vem do governo, da mídia etc.não é?

Alias, uma das coisas que levou a criação da teoria do campo, até onde eu saiba. Então vejo muito apropriado deste este capítulo leva a discutir a editora eu não inventei nada não, mas eu discutia com as pessoas eu me lembro disto, que nós estávamos dando, ele estava dando excessiva influencia a intervenção, porque não dão um tom menor ou maior, um papel maior apesar das pessoas terem uma determinada idéia, porque não? Isto também existe. Então esta é a minha abordagem de hoje e fazendo um resumo que pode explicar a coisa de passagem.

A minha relação é muito interessante, de fato, hoje é até um movimento do esporte popular, da atividade física popular chegar às bases.

Como é que eu me meti nesta historia, e o que aconteceu depois. Em 1972 fui a um congresso, me colocaram numa mesa juntamente com um alemão em Buenos Aires, e o alemão falou sobre o esporte para todos, que era um movimento que havia na Europa. Eu achei aquilo um absurdo e ataquei o sujeito, e houve um embate por causa disto. Foi um embate muito interessante porque a platéia ficou dividida, era uma proposta para uns efetiva e para outros nem tanto assim e eu acreditava mais, eu não sei se estava certo naquela época, pelo menos eu pensava que sim.

Educação física tinha uma tradição de intervenção na escola, era um elemento de educação, não é só o fato do publico estar fazendo educação física não, você tem um preparo, depois você vai assumir como qualquer área educacional. Ele colocou isso ao contrario, o nome dessa pessoa é Palmer que morreu no ano passado.

ST: Mas ele morreu?

LC: Morreu no ano passado.

ST: Ele veio ao Rio em 2001.

LC: Exatamente. Continuando, um ano depois o alemão me convidou para ir à Alemanha, ver as coisas acontecerem. Bom, aí eu visitei vários lugares, fui à Hungria com esse cara. Imagine você, eu vi então que era um pouco diferente que eu estava imaginando na prática, eu até me atentei no seguinte: não tem teoria para isto, os eventos nada mais eram do que oportunidades. Então eu fiquei impressionado com isso, porque havia uma demonstração pratica, mas não tinha teoria esse é que é o problema da coisa. É que as pessoas aderiam porque aderiam, não sabiam explicar também o “porque”. Na Europa era um conjunto de princípios, democratização no esporte. Mas atrás disso é diferente da educação física da época, exatamente o oposto.

Bom, quando voltei ao Brasil, meti na cabeça que iria começar um negocio desta espécie, aí eu comecei a me mexer para organizar aqui no Rio de Janeiro

ST: Quer dizer que a sua ida à Alemanha foi muito depois de 1972?

LC: Não. 1973/74 alguma coisa assim, foi logo depois, um ano depois. Eles me convidaram porque eu agredi os caras, o negocio não saiu muito bem não. Eles me convidaram porque eu os agradeci, essa é a realidade, porque a coisa começou com uma briga. Quando eu voltei para o Brasil, aí então eu comecei a reunir varias pessoas, pessoal do SESC que lidava com lazer naquela época fiz uma palestra em 1973 que ainda existe por escrito em 1974 / 75 fiz um congresso internacional aqui, aí apresentei a proposta .Aqui no Brasil, o interessante é que deu o documento básico do negócio com a mente voltada para a Europa. Varias pessoas que estavam neste encontro, estavam discutindo, sobretudo a questão que o lazer não pode se distanciar muito da

cultura, a gente não estava falando sobre o esporte para todos não. Estava falando em Lazer que é um negócio mais amplo. Eu até achei que eles tinham razão. Então eu comecei a procurar atividades que se aproximassem daquelas que eles chamavam de esporte para todos lá na Europa. Aí eu tive uma grande surpresa. Acabei descobrindo que em Sorocaba já faziam tudo aquilo que estavam fazendo na Europa, só que não chamavam de esporte para todos, tinha um município perto de campinas, como é mesmo o nome não me lembro o nome do município onde tinha vários idosos que também é a mesma coisa.

Lá eles chamavam de Lazer, o Bramante estava lá em Sorocaba ele era funcionário da prefeitura e fazia aquilo mesmo que a gente via. Ele deu um sentido comunitário às atividades, só isso, só isso..

Agora na outra cidade era uma coisa impressionante, ele me impressionou um bocado. É uma cidade inteira que fazia prática desportiva.

ST: A onde e isso?

LC: Qual o nome daquela cidade? É uma cidade industrial, ao lado de campinas, vou ver se me lembro ao longo da nossa conversa. Ficou na historia. Aí cheguei à seguinte conclusão: nós não temos que copiar os caras de lá. O negocio é fazer o que já se faz aqui e nós fizemos não tínhamos princípios como eles tinham que era uma coisa internacional ou fazer um decálogo. Reunimos o pessoal que entendia e pegamos o que existia e jogamos num decálogo. Foi assim que nasceu o decálogo. Tirar o que já era feito aqui e alí.. É uma historia curiosa nós estávamos querendo copiar, eu estava querendo copiar uma coisa que não precisava copiar, já era feito aqui com outro nome. Nós apenas demos o nome de Esporte para Todos. Era interessante que o Esporte para Todos fazia nesses dois municípios . Isso foi até 1988.

ST: Em 88 ?

LC: 88, quando houve a nova constituição parou a revista, parou o movimento, mas nunca parou de acontecer exemplos espalhados pelo Brasil ou profissionais ou pessoas que não tinham nada ligado com a educação física. Esta revista existia só para isso, para a comunidade esportiva.

ST: Qual o nome desta revista?

LC: Comunidade Esportiva, que é interessantíssima. Tem um livro sobre esta revista porque ela não era de profissionais ela retratava o que os caras faziam. Ela durou oito anos, 40 números, só retratando o que os caras faziam. E para a época que nos estávamos fazendo o decálogo já tinha o programa de idosos, atividade esportiva para idosos não era nesse município do Bramante não, mas no outro tinha... tinha porque tinha trabalho para grupos da sociedade com idosos.

ST: Especificamente para idosos?

LC: Especificamente para idosos foi primeira vez que eu ouvi falar nisso, eu não conhecia. Ate muito parecido com o que tinha na Europa, mas tinha lá. Eles faziam caminhadas e a revista é de 1980 ela publicou uma reportagem só nos primeiros números esses números 80/81/82 por aí . Porque foi logo no início.

ST: O sr teve a intenção de colocar a atividade com idosos na Revista?

LC: Eu não tinha, minha intenção era divulgar tudo. E por isso coloquei lá. Eu não tinha. Por exemplo..... eu não tinha a intenção voltada para o negócio da natureza, somente o Bramante falou que em vários lugares no sul do Brasil era voltado para a natureza, o pessoal ia para lá e tal e foi aí que nós achamos que devíamos incluir o que se fazia nas férias e oportunizar o que fazem pelo Brasil todo. Entrou também nisso, a atividade para idosos, então o decálogo refletiu o que já se fazia, isso era uma política , Depois eu consegui vender para o governo federal . Era aquele ministro que contruiu Itaipu, era um político aí meio bravo que foi governador do Estado do Paraná, aí . O

EPT Morreu como política pública, porque o Ney Braga achava que devia ser um reflexo, era o governo que estava dirigindo aquilo, aí eu expliquei a ele que não podia ser, o máximo que a gente poderia fazer era agradecer a oportunidade como se fazia na Europa. Ele queria que eu fizesse programas, que poderiam trabalhar com programas, vai pra lá, vai pra cá isso sim é que é política pública, não é? Com que objetivos ele queria, eu não discuto. Só sei que não era possível. Esse movimento acabou. Acabou o movimento do governo, porque sobreviveu ainda nos estados e na revista.

ST: Quando até oficialmente?

LC: O governo federal, se envolveu por dois anos só

ST: A data do início de 1978? Oficialmente pelo governo federal acabou.

LC: Isso. Em 78.

ST: Vai até se não me engano, até o final de 79.

LC: Vai até início de 80.

LC: Depois a Secretaria de Esportes e Educação Física do MEC criou uma subsecretaria de Esportes para Todos e que tinha recursos e inclusive a revista passou a viver deles. Antes eram patrocinadores quando o governo se afastou, aí nos catamos patrocinadores, a revista toda cheia de anúncios, muita gente até criticava, o Alfredo era um: “ora, a revista sustentada por anúncios?” Porque o stress eu não sei. Como vai fazer, tirar do bolso dos caras? Mas a revista sobreviveu. Depois quando voltou ficou mista tinha anúncios e tinha dinheiro do Governo Federal. Foi até 88. Chegou 88 acabou, Acabou a subsecretaria e acabou a revista. Até hoje existe, até hoje você encontra essas coisas espalhadas. Não existe mais isso, mas a atividade ficou aí na cultura, não é a cultura é um somatório de iniciativas que são assimiladas pela população. A população acha que deve assimilar aquilo, se sente melhor, a cultura tem um papel de defesa da população, desenvolvimento da população. Ela reflete os bens dessa população. Aliás, essa é uma das definições, mas voltando ao Esporte para Todos e os idosos, então não havia uma intenção, nunca houve uma orientação para idosos, só tinha aquele negocio do decálogo. porque? Porque cada lugar, cada agente do EPT descobriu o que ele queria fazer, tinham uns caras no Rio Grande do Sul, que só faziam na área rural. Aliás, é o melhor que eu já vi até hoje. Só na área rural e não era o caso da educação física, para mim foi a melhor atividade. Na cidade de São Paulo apareceu um maluco que só fazia grandes caminhadas, trabalhava na prefeitura.

ST: Tinha um treinamento não é? Era feito pelo por região ? ou não?

LC: Não. Nós tínhamos uma rede de estações, todos os domingos, 800 emissoras tudo isso está contado em português, eu posso mandar até isso em português. Tem inglês, também no livro. É perfeitamente documentado. Estou só te dizendo isso. Não planejávamos o que ia acontecer coisa foi assim, se dirigiu para onde as oportunidades apareciam. Vai para lá, vem pra cá, tudo bem. Era um somatório disso tudo.

LC: As atividades e os exemplos era ditos nos programas de radio também, dava exemplos quando aparecia um maluco qualquer que fazia um troço desse, mas as revistas, têm isso.... eu me lembro disso e não posso dizer o número disto..... Nas utilizávamos a radio MEC todos os domingos.

ST: E como era na emissora?

LC: Aí é um problema de cada um. Havia estado inteiro que tinha a EPT por conta deles, a exemplo do Paraná, havia prefeitura que fazia por conta deles, e havia caras até isolados nisso. A argumentação era pela informação não é? ou seja, você publicava o que eles faziam na revista era no máximo isso. Eu adorava porque não é o espontaneísmo é que você realimentava o que os caras faziam na base. O que

nunca deixei foi a manipulação , pois eu não tinha um big brother que dizia o que eles faziam.

ST: Não tinha uma fiscalização rígida ?

LC: Não tinham. Deixa os caras fazerem como achar melhor.

ST: Eram professores de educação física?

LC: Na maioria não era não. A gente via pelo treinamento. O treinamento era feito pelos estados e era aberto às prefeituras que mandavam os caras que eram funcionários da prefeitura. Houve uma pesquisa sobre isso, eram meros funcionários, meros funcionários, bom, então é isso o idoso surgia no movimento geral, é claro que havia outras influências da época, podemos citar a do Cooper houve uma grande influência disso, a proposta dele colou na mente das pessoas e na cultura

ST: Porque o sr. acha que o Cooper veio para cá?

LC: Não foi assim não. Cooper era um coronel da força aérea americana, mas ele era médico. Ele foi um dos palestrantes no encontro do CISME Conselho Internacional de Esporte Militar.

LC: Bom, deixa eu pensar. Ele veio ao Brasil a primeira vez dar um curso aqui em 72, então já tinha o livro antes.

ST: Ele na verdade foi patrocinado pelo exercito. Esse livro que eu tenho em casa tem até dedicatória agradeço ao coronel fulano ou major sicrano.

LC: Tem. Ele veio aqui na academia do CISME é o movimento em que ele se envolveu .O Coutinho participou lá em 1970 da copa e já foi influenciado pelo Cooper, Voce tem razão, foi nesse período aí. A influencia dele se alongou por alguns anos e acabou. Havia muita gente, que corria,uma grande parte das atividades era de corrida.

ST: O programa que o sr. viu na Alemanha, qual era o nome?

LC: Trimm

ST: Como se escreve?

LC: T -r -i- m- m

ST: Significa o que?

LC: Significa você ser mais ativo, não de forma física, é você estar mais bem composto.

ST: E porque será que eles criaram isso na Alemanha ?

LC: Na Europa inteira, esse não foi criado na Alemanha, esse não foi criado na Alemanha, foi na Noruega

ST: Aí o Trimm, se espalhou, né?

LC: Sim , mais com outros nomes. Na França não se chamava Trimm, se chamava, sport pour tout. Na Itália, esporte per tutti e na Alemanha (sport fur halles) era a mesma campanha do drimm

ST: ah! entendi. aqui também era assim.

LC: Na Alemanha, foi um movimento que se espalhou? Em cada país adotou um nome? foi isso.

LC: E não veio da Alemanha, mas da Noruega

ST: Era bem parecido?

LC: Eles tinham estilos diferentes, mas sempre voltados para programas,

ST: Porque então eles desenvolveram esses programas? Você tem idéia?

LC: O que?

ST: Porque desenvolveram esses programas você tem idéia? De onde veio?

LC: Porque o sujeito que criou isso tem um nome, tem um norueguês lá, ele achava que o esporte deveria ser simplificado. Que devia abandonar a competição. O nosso choque aqui também foi esse. Foi um negocio histórico, tem aí as atas em um congresso nacional, que se repetiu essa batalha porque eu não me envolvi com ela,

mas na Europa houve e até hoje há um choque. O EPT condena a competição, né? Aqui nós não estimulamos, mas também não eramos contra não, porque tem certas atividades.... pô, se campeonato de futebol de Belém do Pará tinha oitocentos clubes, pô, o sujeito de lá achava que aquilo era EPT, eu também achava que era. Os caras eram radicais na Europa, não podia ter competição, não. Bom, então esse norueguês achou que deveria criar uma nova fase de esportes e ele criou o Esporte para Todos, mas ele começou em uma extensão do norte da Europa os alemães entenderam também, e que na Noruega alguns sujeitos começaram a ver, aí se espalhou pela Holanda, Alemanha, Inglaterra, a Europa inteira se envolveu nisso. E até hoje é uma das iniciativas da Europa unida .

ST: Bom. então em 78 foi a primeira vez que o sr. entrou em contato com o mesmo programa do EPT, para o idoso?

LC: Foi.

ST: Não tinha ouvido falar nada antes?

LC: Antes eu não me lembro.

ST: E o sr. deveria ter ouvido falar, porque o sr. é influente na atividade física.

LC: Certamente porque eu cuidava muito do treinamento esportivo é até uma maneira de ver isso. Não me recordo de nada.

LC: Mas tem coisa no Atlas. Aquele pessoal que trabalhou como Alfredo eles acharam algumas coisas interessantes. Teve um documento que uma menina de Niterói achou.

LC: Então é isso a questão do EPT. O que eu posso dar de contribuição para você é o fato de ter existido. Não por influência de um grande professor, ou estudo , ou uma grande instituição, ou política pública, foi um maluco lá qualquer em algum lugar que da cabeça dele, tinha que trabalhar com idoso. Então fazia isso. O EPT só trabalhava com essa gente.

ST: Foi assim que o sr. trouxe ? Voltou da Europa foi o sr. que trouxe e propôs?

LC É mas eu não enfatizava os idosos, eu somente vi alguém que iniciou o trabalho.

ST: No EPT?

LC: É

LC: O EPT foi um grande exemplo, mas eu nunca me afastei disso não. Até 88 eu estava a frente da revista.. Eu segurei a barra da revista, inclusive tirei até dinheiro do bolso, quando não tinha dinheiro de um lado e do outro, o governo era uma loucura, aí eu segurava , o que é que eu podia fazer? Tinha vários patrocinadores, que no momento foi o MOBREAL. O MOBREAL segurou por três ou quatro anos isso aí, eu trabalhava no MOBREAL e consegui. É um patrocínio como outro qualquer tá? Até a parte do treinamento foi muito baseado no treinamento do MOBREAL. Também o EPT só era treinamento. Recolhia informações e devolvia para o pessoal., isso foi teorizado. Tem uma teoria sobre isso, é publicado inclusive no exterior, não sei se você já viu o livro que foi feito; não?

ST: Não.

LC: Vou mostrar para você. Olha, esse livro foi publicado na Alemanha em 2002 é um livrinho em inglês eu sou o editor . Trabalhei com a Miragaya e aqui há inclusive um comentário sobre os idosos.

ST: É um movimento de esporte para todos?

LC: Quando reconhece isso aqui, é muito antigo temos que recuperar essas idéias antigas. o que eles faziam na Alemanha, nos anos 70, é o que faziam em Porto Alegre nos anos 20, chamavam de recreação pública, a mesma coisa. Eu apresentei também no congresso internacional, e sabe o que aconteceu? Vários países apareceram com a

mesma coisa, quer dizer, sempre foi uma idéia recorrente. É que o governo não se adapta a isso não. Você vê aqui não adianta, não se fixa, porque se torna bagunça o negocio, você não consegue afinidade então, fica bagunça não tem padronização, não tem como controlar, até os números são difíceis então isso aí é uma constante internacional. É bom você ter. Olha tem a entrevista, mas quando a coisa está publicada é melhor, não custa nada não..

ST: E o sr. manda para mim?

LC: Mando. Mando esse capítulo para você, mas, o número da página não corresponde, tá? eu dou essas páginas aqui para você, pode ir á fonte do original, tá legal?

ST: Professor muito obrigado pela entrevista.

LC: De nada foi um prazer.

Anexo 7

ENTREVISTA COM GERONTÓLOGO MARCELO SALGADO

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2007

Silvio Telles(ST) - Hoje são vinte e seis de abril de (dois mil e sete), estou aqui com Marcelo Salgado na intenção de começar o meu trabalho da descoberta da gênese do campo da atividade física e eu começo, primeiro, agradecendo a oportunidade de estar aqui, de encontrar uma pessoa que eu acredito que seja fundamental para me explicar como essa coisa começou. Além do senhor eu realizei outras entrevistas com Fernando Telles, Antonio Boaventura e Maurício Rocha.

Marcelo Salgado(MS) - Fernando Telles Ribeiro foi um grande atleta. Tenho muita amizade com todos de sua família

ST - Hã? Eu tenho uma entrevista na casa dele também.... o primeiro artigo... na verdade, não foi ele que escreveu. Ele transcreveu do comitê bulguro. Bom o meu assunto com o Senhor é o seguinte: eu tenho um roteiro que venho perguntando mais ou menos às mesmas coisas para as pessoas, mudop de acordo com a relação da pessoa com o objeto que me motivei a fazer a entrevista. Na verdade, a minha intenção é perguntar o seguinte: qual é a sua relação com os idosos, já que o senhor é gerontólogo, provavelmente um dos primeiros epidemiológicos?

MS - O primeiro dos dois no Brasil e, provavelmente, na América Latina...

ST - Em que ano foi isso?

MS – Ambos foram feitos na França: Gerontologia no ano de 1977 pelo Centro Internacional de Gerontologia. Epidemiologia em 1983, pela OMS, Fundação Merriex e CIGS, que contou com apenas 15 alunos de alguns países. De muitos inscritos, cerca de cem participaram de um processo de seleção e quinze conseguiram fazer a formação. Hoje a epidemiologia do envelhecimento é um campo de especialização com cursos de formação em algumas universidades estrangeiras. Creio que no Brasil ainda não acontece. Na época, a idéia era formar os primeiros epidemiólogos para que o processo sofresse uma continuidade.

A minha relação com a velhice aconteceu por duas condições : primeiro, sempre fui uma criança e um adolescente extremamente apaixonado por pessoas idosas. Gostava de absorver a história dos idosos com os quais convivia e quando criança conheci um avô paterno e uma avó materna, mas não convivi com eles, pois residiam em outros Estados . Tendo passado minha infância aqui no Rio, no bairro da Urca, tive contato com pessoas idosas que eram os avós dos meus coleginhas. Especialmente uma senhora - Zilah Floresta- carinhosamente apelidada de Dadá avó do Fernando Telles Ribeiro, de quem ouvi muitas histórias, despertou minha admiração. Com ela aprendi muitos sobre o Rio de outras épocas, de outros países etc.

O carinho, a admiração e a curiosidade de desvendar as histórias dos velhos, sempre foi uma constante em minha vida. Mais tarde tendo uma profissional da área social- serviço social, resolvi me dedicar a questão dos idosos, até então pouco atendida pelas políticas públicas de assistência social. Na época, o foco de atenção da política social era a infância e as questões diversas ligadas a pobreza.

Ao longo de toda a minha formação acadêmica não tenho lembrança de ter ouvido alguma referência a questão social do envelhecimento, e investigando esse setor percebi que só havia as instituições asilares, com ações destinadas a um tipo

específico de idosos, sujeitos a condições particulares de envelhecimento. Para os idosos válidos, saudáveis e fisicamente independentes nada existia.

Alguns anos antes o SESC São Paulo, por iniciativa de um técnico chamado Renato Requixa que conheceu nos EUA o programa “The Golden Age”, realizado para idosos daquela sociedade, houve por bem iniciá-la em São Paulo.

ST - Isso em que época?

MS - O trabalho com idosos foi iniciado em 1963. Em 1967 tomei conhecimento e fiz um estágio como voluntário. Em 1970 ingressei no SESC como funcionário e desde essa época me dediquei ao trabalho com idosos.

Em 1963 foi feita a primeira nucleação de um grupo de idosos fazendo a divulgação nas filas de pagamento dos aposentados do IAPC, que era o Instituto de Previdência dos Comerciantes e reunindo alguns senhores idosos que freqüentavam o restaurante da unidade onde se originou o primeiro trabalho. Parece que foram doze ou quatorze senhores...

ST - Homens?...

MS - Homens, só homens... se reuniam numa sala numa unidade do SESC, orientados por um estagiário de serviço social, ficavam conversando, jogando jogos de salão e pequenas outras atividades. Considero que no início o trabalho não teve uma grande expressão. Quando descobri essa nucleação visitei e me aproximei do grupo, chegando a fazer estágio voluntário no SESC para conhecer melhor esse trabalho. Na época eu era funcionário do BNH, e poucos anos depois ingressei no SESC e abandonei o BNH.

ST - Isso quando?...

MS - Isso em mil, novecentos e setenta. Pedi demissão e ingressei no SESC exatamente porque tinha a idéia de me aproximar de uma ação dessa natureza e como o SESC era a única instituição que realizava esse trabalho, que pela natureza de atuação, sugeria tudo aquilo que eu gostaria de fazer: Um trabalho muito mais na linha cultural, na linha de educação social, trabalhando com pessoas independentes, ainda que, eventualmente, alguns tivessem alguma dificuldade de ordem física. A mesma experiência começava a ser implantada em cidades do interior: primeiramente Catanduva e em seguida Ribeirão Preto. Passaram-se mais ou menos dois anos, eu procurei o INPS sugerindo a eles um trabalho articulado com os segurados daquela instituição e eles acharam interessante e dali também convocamos a LBA e esse trabalho começou a ser, gradativamente, absorvido pelo INPS e pela LBA de São Paulo. Quando houve a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social, por época do governo militar houve uma reunião na cidade de Petrópolis, em Bomclima, de cinquenta especialistas na área social, dentre os quais eu. Isso foi em setenta e seis. E aconteceu que, depois dessa reunião eu fui convidado e requisitado pelo ministério para criar a primeira política de assistência ao idoso, embrião de todas as políticas atualmente existentes.

ST - A partir de setenta e seis

MS - Isso em setenta e seis..

ST - Tinha antes algo parecido, algum programa... ?

MS - Não, era o início da política do idoso. E a secretaria SAS - Secretaria de Assistência Social – resistiu durante muitos anos na estrutura do Ministério. Por essa participação no Ministério, eu tive, a oportunidade de me articular com o Brasil inteiro. A primeira proposta que nós fizemos foi um levantamento sobre as condições de vida e das instituições que atendiam aos idosos, que foi o primeiro trabalho no gênero realizado em toda América Latina. Sugeri ao Ministério e ele realizou, entre 1977 e 1978, quatro grandes seminários, três regionais, região sul e

sudeste, região norte e nordeste e centro-oeste e um nacional, quando se produziu um diagnóstico sobre a situação social do velho na sociedade brasileira e todas as políticas de atendimento. No seminário Nacional, em Brasília, foi feita a síntese de tudo e se lançou o Primeiro Plano Nacional de Assistência ao Idoso, formalmente a primeira política de atenção ao idoso. Logo após eu fui bolsista do governo da Espanha, onde ampliei meus conhecimentos em políticas para a terceira idade.

Aí, passado mais algum tempo, fui fazer uma especialização na França que nessa época já era muito desenvolvida em programas e políticas de atenção a velhice. Quando eu fui para a França, já fui com uma experiência de trabalho a nível de uma entidade privada SESC de um órgão Ministerial. Tive a oportunidade de fazer muitos contatos, e com uma orientadora muito dedicada ao meu estudo, me encaminhou a diversos países para troca de experiências. Quando retornei ao Brasil implantei no SESC o programa de Escola Aberta, que hoje com o nome de Universidade Para Terceira Idade é uma realidade em muitas universidades brasileiras. Na época nada existia. Mais tarde veio o Programa de Preparação Para Aposentadoria e muitos outros.

ST - Onde foi a primeira Universidade para idosos?...

MS -. Foi em *Toulouse*, na França...

ST - Ah, na França...

MS - Na França... Eu conheci e trouxe para cá essa experiência, sendo a primeira em Campinas e um mês depois, em São Paulo. Em Campinas devo destacar a atuação de dois profissionais do SESC, Flávio Fernandes e Enio Quícole, que foram os baluartes dessa experiência.

ST - Qual o nome da Universidade ?...

MS - Não, não era universidade.

ST - Ah, o SESC...

MS - Como nós não éramos uma instituição de ensino, eu dei o nome de "Escola Aberta", mas foi um embrião do que as universidades fazem hoje...

ST - Em que ano isso?...

MS - Foi em setenta e oito ou setenta e nove, mas foi a primeira experiência, porque as universidades brasileiras não queriam saber de trabalhar com velhos. Tivemos contato com diversas delas, públicas e privadas... "Ah, o velho, velho... "... A imagem cultural do velho no Brasil foi sempre extremamente precária. A idéia de que os velhos tinham passado da idade, dificultava o desenvolvimento de programas que objetivassem o desenvolvimento intelectual desse grupo etário. O próprio SESC de São Paulo que iniciou o trabalho, tinha profissionais que apresentavam muita resistência com relação a esse trabalho.

ST - Então não foi fácil...

MS - Não. Como até hoje não é. Muitas instituições que trabalham com pessoas idosas têm dificuldades porque sempre têm. Aquelas pessoas que acreditam no trabalho social com idosos e aquelas que não acreditam. Têm pessoas que julgam ser uma ação importante, outras não. A própria política social sofre essa mesma pressão. O Brasil já é o sexto país do mundo em maior população de velhos e um dos países que mais rapidamente envelhece, sem que se tenha resolvido questões fundamentais ligadas à pobreza, à saúde, à educação, ao emprego etc. Para muitos brasileiros o envelhecimento é hipodotado, ou seja, acontece em condições precárias em consequência da precariedade de toda a existência anterior. As pessoas não envelhecem em condições adequadas, não por problemas que ocorrem porque estão velhos, mas... o problema vem porque, ao longo do ciclo de vida, foram acumuladas uma série de desigualdades, portanto elas chegam à idade

adulta, à maturidade e ao tempo da velhice cheias de problemas. Então, nessas condições, não há muito o que fazer, sobretudo no que diz respeito à saúde física e à saúde mental. Veja o caso de muitos trabalhadores que apresentam o corpo e a fisionomia com aparência de muito mais idade do que tem. Atualmente tenho colaborado com a Secretaria dos Direitos Humanos em ações de prevenção a violência contra os idosos e ações referentes ao Estatuto do Idoso. Então, eu digo pra você que, nas últimas décadas, a questão do idoso sofreu um grande avanço no sentido da visibilidade. Os velhos hoje têm visibilidade, mas a terceira idade ainda não tem representatividade social a representação social é muito mais ampla do que a visibilidade... Quer dizer os velhos se configuram como uma categoria etária mas ainda não tem muito reconhecimento com grupo social. Maior prova disso, do que eu estou dizendo tem sido o "Estatuto do Idoso". Não sei se você se lembra, que, pouco mais de uma semana depois que o Estatuto foi promulgado pelo presidente da República, na presença de todo o seu corpo Ministerial, de muitas as autoridades estrangeiras credenciadas no Brasil, de grande representação da sociedade civil, um ministro determinou um recadastramento previdenciário colocando os velhos, inclusive os muito idosos, em filas intermináveis nas agências do INSS. Foi um verdadeiro desrespeito.

ST - É...

MS - Se pode acreditar em leis? Onde está o respeito apregoado pelo Estatuto do Idoso. A imprensa caiu em cima e o ministro voltou atrás. Mas foi feito um desrespeito e cometido pelo governo. Então, isso mostra o que estou dizendo: não existe, ainda, globalmente, na sociedade brasileira, uma cultura que reconheça os direitos dos idosos e estabeleça condições adequadas que favoreçam sua a qualidade de vida. Se fala muito e pouco de faz.. Você vê o que tem sido até hoje, em todos os grandes centros urbanos, a verdadeira batalha dos velhos com relação aos transportes coletivos: se acena para os ônibus mas muitos não param .

ST - É...

MS - Quando os idosos sobem ,os ônibus arracam. É um desrespeito. A outra batalha é a questão das passagens intemunicipais gratuitas. Hoje, o que acontece e se discute muito no país é a questão, inclusive, da violência que se pratica com relação aos idosos.

Com relação à atividade física, que é o seu foco de interesse, alguns anos depois que esse trabalho tinha sido implantado no SESC, veja originalmente aqueles homens sós, porque a quase totalidade do grupo era constituída de homens sozinhos, não era homens que tivessem... não que não tivessem família, mas não mantinham vínculos muito estreitos com a família e, sobretudo, não moravam com suas famílias - alguns sim - todas as...

ST - Viúvos, talvez?

MS - É...

ST - A maioria?

MS - A maioria viúvos... Veja: aqueles que moravam com a esposa, muito embora elas fossem convidadas, eram desaconselhadas pelos idosos a comparecer "é uma chatice aquilo.." Ele mesmo desestimulava porque ele morria de vergonha, num gueto masculino, de aparecer com a mulher. Era um preconceito e foi muito difícil, se abrir esse grupo para a participação das mulheres. Outros grupos que foram sendo formados já trabalharam numa realidade diferente e atraiu homens, mulheres e casais. A maior participação de mulheres nos grupos de convivência ocorre por razões culturais e porque o contingente de mulheres na terceira idade é maior, em virtude de sobreviverem mais de dez anos mais que os homens. .

ST - Ah, é?... Pensei que fossem oito...

MS - Não, não... em todo mundo... de dez

ST - Inclusive no Brasil?...

MS - Inclusive no Brasil, talvez até mais

ST - Seja maior?

MS - É... bom, agora... Não só pelo fato do número maior de idosos, como a mulher tem, por natureza, uma educação mais voltada a expressão sensível., a mulher é mais associativa, ela se volta mais às questões sociais, às questões culturais. Os homens, sobretudo o trabalhador, menos estudado,, é muito pouco interessado na cultura e , rude no que diz respeito às suas formas de lazer... Você observa, por exemplo, isso já não vai acontecendo nas gerações de agora, mas acontecia nas gerações com as quais se iniciou o trabalho, de trinta anos atrás, um homem idoso não via e não reconhecia nas práticas da recreação e lazer, da cultura, algo de interessante. Salvo o futebol, o jogo, ou jogar conversa fora num bar, ou nos bancos de alguma praça. Não havia a cultura para as possibilidades do lazer. Mas, enfim, foi-se modificando isso a partir de outros grupos que foram sendo criados e este mesmo que foi o primeiro, ficou muitos anos ainda com a característica do "Clube do Bolinha". O trabalho do SESC já estava grandioso, já se somava, seguramente, na época, mais de quinze mil inscritos e este grupo ainda permaneceu, durante muito tempo resistente... foi necessário que uma parte significativa desses idosos que compuseram a nucleação original morressem para que se incorporasse outros participantes e o grupo desse espaço para as mulheres. Hoje, esse grupo que ainda existe é cerca de oitenta por cento feminino...

ST - Entrou na normalidade...

MS - Foi, na normalidade... Cabe dizer que na época de constituição desse grupo não tínhamos muito conhecimento das questões do envelhecimento.

ST - Na década de setenta?...

MS - É... é...

ST - Ou antes da década de setenta?...

MS - É... antes da década de setenta.Nós tomamos conhecimento da verdade sobre a velhice a partir do contato com esses velhos que começaram a participar do SESC, é evidente.

ST - Chegou a fazer uma pesquisa, mesmo que empírica?...

MS - não .

ST - E não havia realmente...

MS - O trabalho com idosos era realizado exclusivamente pelas instituições asilares que atendiam um tipo específico de idoso, sobretudo o idoso senil.

ST - O equivalente à quarta idade...

MS - Sim, se entendermos a quarta idade como um tempo de limitações físicas e mentais maiores. Os asilos também atendiam casos de extrema de pobreza ou de abandono não necessariamente senis ou decadentes, mas pessoas que já estavam com seu universo existencial, quer dizer, com a sua auto-estima verdadeiramente destruída, Para essas pessoas, a recuperação não seria dentro de uma instituição asilar a recuperação só poderia acontecer se eles passassem a usar o asilo como um local de moradia, não um local de existência, se participassem de outras programações na comunidade, podendo sair. Aí sim o asilo poderia ser um recurso satisfatório para o seu desenvolvimento, para o seu equilíbrio porque diariamente conviviam com pessoas que estavam pior ..

ST - É o "power (grey)" que tem nos Estados Unidos... a força que ele dá...

MS - Sim...

ST - Isso existe?...

MS - É verdade... Não tem candidato que ganhe uma eleição presidencial ou para governador nos Estados Unidos se não fizer acordo com esses grupos da terceira. Existe inclusive, uma associação da qual eu faço parte como colaborador chamada (*International Senior Citizens*) - é uma entidade com muito prestígio e poder político mas, por quê? Os americanos, os velhos americanos representam oitocentos milhões de dólares na economia... isso é uma força. É ingenuidade a gente achar que vai se respeitar os velhos, ou vai se dar espaço aos velhos só por uma questão de humanidade - Na sociedade globalizada, só tem representatividade social os segmentos que têm algo a acrescentar, e, evidentemente, o que é mais importante na sociedade globalizada é o poder econômico e a participação na produção, que são condições que nem sempre os velhos não têm. Os velhos no Brasil menos ainda, não significando que não se tenha no Brasil um segmento da terceira idade abastado, uma parcela muito bem situada economicamente que atrai a atenção do mercado . Mas ainda é uma parcela muito pequena, mas na sociedade norte americana é uma parcela muito grande e muito grande e muito bem organizada... Então, evidentemente, eles têm uma palavra de ordem, como, veja que coisa interessante - isso eu posso dizer com bastante experiência porque a minha orientadora, quando estudei na França, foi consultora ministerial e foi quem me orientou: o Mitterand foi o primeiro socialista a ganhar a presidência da República da França porque, historicamente, o voto da terceira idade francesa era contra qualquer candidato socialista... O Mitterand centrou boa parte de todo seu trabalho político visitando grupos da terceira idade - e na França eram milhares, e fez duas promessas: a primeira, duplicar o salário da aposentadoria - e a Segunda foi a de criar o Ministério da Seguridade , que era o Ministério que se ocupava quase que exclusivamente da questão da velhice.

A mesma coisa acontece nos Estados Unidos: se o candidato não é um candidato que faz uma aproximação com os idosos e apresenta uma boa plataforma, vai correr o risco de enfrentar dificuldades porque as associações de idosos são tão organizadas que se articulam contra o candidato..

MS -Qualquer dúvida sobre o idoso , você me manda por *e-mail*... me telefona... Bom, então nós comentamos tudo isso para dizer que nós começamos a conhecer a questão dos idosos a partir desse primeiro grupo. Qual foi a minha observação e por que introduzimos o programa de atividades físicas. Porque eu sempre percebi a rejeição narcizística dos idosos ao corpo que envelhece. Você tem mil perdas na velhice: você perde "*status*", perde posição social, perde economicamente quando se aposenta, perde autoridade no seu próprio grupo social e familiar... Bem, a velhice, significa também viver permanentemente num estado sociológico de luto.

ST - Estado sociológico de luto???...

MS - De luto...

ST - Luto... Por que?

MS - porque, quanto mais você vive, mais você perde. Então, você vai ter que se acostumar à perda. A perda sempre provoca o chamado luto. Pode parecer uma imagem forte, mas não é. É verdadeira. Bom, depois até eu volto nisso, mas, dentro desse grupo de coisas que você preza, pra mim sempre ficou muito evidente a questão da perda narcizística pelo corpo que se modifica. Por que? A primeira perda da velhice é a modificação do corpo, e, sobretudo, numa sociedade que valoriza a beleza física, isso tem um significado muito maior porque nas sociedades globalizadas além de valorizar a tecnologia valoriza as vanguardas estéticas. A vanguarda estética é um apelo forte na sociedade globalizada e a estética que se

propõe para a imagem do corpo não é a do idoso!!!... É sempre o quê?... O jovem, e isso cada vez mais é alimentado pela mídia, cada vez mais é difundido pela arte, pelo cinema, pela televisão. É uma realidade. Atores da Globo hoje não usam mais camisa, porque todos são "sarados".... Você vê, que existe um culto à beleza, mas a beleza do corpo jovem. Eu sempre percebi que isso era um fato e a primeira coisa que me ocorreu foi o seguinte: como interferir nisso?. Vamos trabalhar a nível de reflexões, sob o ponto de intelectual e cultural. Mas não adianta nada dizer "não se incomode o corpo está decadente, mas a tua mente está ótima"... Besteira, não é isso que a sociedade valoriza.

Olha, vou dizer uma coisa pra você, fazendo um parêntese: vou reescrever um pouco de tudo que eu falei sobre velhice, porque eu comecei a trabalhar com velhice com vinte e poucos anos. Falei da velhice dos outros e apresentei depoimentos sobre isso a partir das referências das pessoas idosas com as quais eu convivia. Hoje eu começo a viver minha própria velhice... Então, eu começo a experimentar todas as emoções, todas as sensações, todos os episódios que significam envelhecer e a primeira conclusão: só faz referências maravilhosas à velhice aquele que não chegou lá para ver. Minha mãe foi uma pessoa que me inspirou muito, no trabalho com a terceira idade. Foi uma mulher que faleceu aos oitenta e três anos, mas era uma mulher que vivia intensamente a sua idade valorizando a sua velhice. Uma idosa feliz. Então, foi uma grande referência de velhice bem sucedida. Apesar disso tudo ela sempre dizia: "a velhice é a maior prova que o diabo dá de que o inferno existe"... Eu ficava incomodado com essa afirmativa, porque, justo minha mãe dizendo isso! Hoje eu gostaria que ela estivesse viva para poder dizer: "como que você tinha razão"!!!. A questão narcizística é uma coisa muito séria e cada vez fica mais pesada porque o mundo globalizado, cada vez mais, estimula a valorização do corpo jovem, da forma jovem... Bom, como é que a gente podia encaminhar esse tipo de coisa? Era fazendo com que o velho voltasse a respeitar o seu corpo, mas para ele respeitar o seu corpo, ele precisava conhecer o seu corpo, ele precisava compreender os limites do seu corpo. O instrumento utilizado foi a atividade física. Nessa condição não tinha apenas a intenção de melhorar as articulações, a musculatura, reduzir o stress e provocar o relaxamento. Acima de tudo, o que eu queria, era interferir no psico-emocional, fazendo com que o indivíduo, ao invés de rejeitar o seu corpo que envelhecia, passasse a respeitá-lo e a bem considerá-lo. "

Quando eu estudava na França, eu tive oportunidade de participar de um debate com a escritora *Simone de Beauvoir*, em função de sua obra "Velhice"

ST - Eu li.

MS - Sabe o que ela me disse nesse contato... "sabe como eu tomei consciência da minha velhice? Certo dia eu estava passando rapidamente no corredor de meu apartamento e me vendo de relance exclamei: quem é essa mulher velha diante de mim?"

Porque a descoberta, porque a gente quando se olha no espelho somente se vê. Difícil é quando a gente se enxerga. O ato de se ver é confundido ou iludido pela imagem presente em nosso subconsciente de nossa imagem ideal. Aí um dia que você está desguarnecido, então, você enxerga e percebe a realidade. Tem gente que nunca chega muito de frente ao espelho, vai meio de lado, outros diminuem a luz. Cada um tem todo um esquema de aproximação pra poder favorecer a sua imagem, não é?... Então, você sempre tem no seu subconsciente uma imagem física ideal: foi de um tempo, foi um dia, foi uma época da sua vida, que confunde a descoberta da sua verdadeira imagem. Uma vez, eu tive uma entrevista com uma

senhora e passei a entender que isso poderia ser uma realidade. Ela me disse: vi minha imagem refletida a vitrine de uma loja num shopping e me assustei. Eu estava gorda, feia e velha

As pessoas se assustam com a foto que tiram. "Ah, eu não vou mais nesse fotógrafo"... Não é o fotógrafo que é ruim, é o modelo que está precário.

ST - É...

MS - Mas a voz que a gente escuta não é a voz da gente... a voz da gente é aquela que você ouve na gravação... mais ou menos, é isto... Então, essa descoberta, às vezes, ela acontece de uma maneira dramática...

O maior trabalho que eu, que se teve na época - e é uma coisa que eu sempre insisto com os profissionais de educação física: com o velho você não faz fisiculturismo. A maior dimensão do trabalho que você consegue atingir na atividade física é quando você consegue tirar do indivíduo, né, a compreensão do limite do seu corpo - é a coisa mais difícil. Por quê? A atividade física naturalmente provoca uma coisa chamada "bem estar físico": a pessoa relaxa, a pessoa dorme melhor, passa a ter melhor rentabilidade nas articulações etc. Então, isso tem o risco de provocar uma certa euforia... E o que provoca a euforia? Pode surgir a idéia de que se com um pouco de atividade física estou bem melhor, se fizer mais vezes e por mais tempo poderei estar muito melhor. E aí está o erro, porque todo corpo tem um limite, não adianta... por mais saudável - você deve saber disso muito melhor do que eu - por mais saudável que possa ser indivíduo, ele tem o seu limite.

ST - E o velho de hoje não é o de ontem...

MS - Existia o preconceito, a má informação: " eu não tenho condições de fazer isso"... depois, também não pratica atividade física, às vezes até por vergonha... a mulher, sobretudo. Vergonha do corpo, vergonha de vestir uma short, uma calça de agasalho, uma roupa de banho etc. Bom, quando era rompido esse preconceito, naturalmente ficavam encantados com o resultado.. Mas o valor de tudo isso, na realidade, era a redescoberta do corpo e a redescoberta da possibilidade de poder investir novamente no corpo, ainda que com limites, ainda que envelhecido, ainda que não com a fisionomia da juventude... Então, isto foi o ponto principal que me levou a propor esse tipo de atividade. Ao mesmo tempo, nesta época, eu tinha feito um estágio na Alemanha e alguns centros de saúde já praticavam a atividade física como reabilitação. No SESC, organizamos um grupo de técnico e estudamos o assunto, e muito tímidos na época , nos cercamos de cuidados com exames médicos, avaliações cardíacas, e iniciamos as atividades físicas para terceira idade...

ST - Isso quando?...

MS - Isso foi em setenta e oito...

ST - Setenta e oito?...

MS - É... por aí...

ST - Isso não deve ter aqui...

MS - Não, isso não... isso já foi... é, começou a atividade física no final da década de setenta... as práticas físicas ,

ST - Começou contigo, no SESC?

MS - Não... não eu fazendo, porque eu não sou professor... só da minha proposta, não a minha...

ST - Não, claro...

MS - Não a minha orientação, porque eu não tinha competência para isso... a proposta foi minha, mas a orientação, no caso, era dos profissionais de educação física ...

ST - Lembra de algum nome, de algum professor?

MS - Lembro, mas não está vindo...

ST - Pedro Barros Silva... era quem?

MS - Ah, trabalhou comigo, foi meu assistente... Pedro Barros Silva... Ele foi uma das pessoas que mais apoio me deu, embora ele não trabalhasse diretamente com os idosos...

ST - Era professor de educação física?

MS - Era, era... inclusive era membro Comitê Olímpico, ele acompanhava a delegação brasileira às Olimpíadas . Uma pessoa fantástica!... Amigão!. Ele tinha sido diretor regional do SENAC. Ele já era um senhor... Eu era um garoto. Quando eu o conheci, ele já tinha seus sessenta e tantos anos. Ele pesquisava, ele trazia artigos do mundo inteiro, e os primeiro artigos elaborados sobre a questão da atividade física no SESC foram feitos por ele... Então, ele foi um grande incentivador, embora ele não atuasse diretamente, mas ia aos grupos, fazia palestra..

ST - Ele não trabalhou?...

MS - Não diretamente com os idosos salvo em palestras. Porém ajudou a orientar os professores de educação física. Dentre os professores que orientaram o trabalho lembro do Jubel Raimundo Cardoso, já aposentado e participou do programa de atividades físicas desde seu início. Lembro também do Ademir (SESC de Bauru), do Ernesto (SESC de Campinas). Posso tentar localizá-los

ST - Ótimo

MS - Eu posso tentar, tentar com os colegas... Eu não tenho a mão o contato.

ST - Sei.

MS - Eu não tenho a direção deles, mas eu posso tentar com alguns colegas lembrar uns dois, três, que atuaram... O Jubel, com certeza... Esse eu acho interessante você ter e esse talvez seja mais fácil eu conseguir o endereço dele, mas eu posso tentar recuperar uns dois, três, e passar o telefone pra você, tá?...

ST - E nesse período de setenta e oito, setenta e nove, você não tinha nenhum conhecimento, de nenhum outro lugar que fizesse atividade, nem nada, e deveria saber?

MS - Não..

ST - Você deveria saber?...

MS - Hã?...

ST - Você deveria saber, se existisse?...

MS - Ah, sim, sim... eu pesquisei, eu procurei referências...

ST - E esse trabalho com catedráticos na USP, você ouviu falar?

MS - Sei.

ST - Foi depois?... Depois de setenta?...

MS - Eu não posso garantir a você se já houve algum Trabalho teórico, entende... algum estudo... pode até ter havido, mas também acho não havia nada que tivesse sido acompanhado de uma prática, numa atividade, posso te garantir que não...

ST - Começou em setenta e oito, setenta e nove?...

MS - A primeira experiência, pelo menos formalmente organizada, reconhecida, foi lá no SESC. Foi uma tentativa de romper com o sedentarismo que acometia a maior parte dos idosos, e a atividade física foi uma saída. Veja o seguinte: originalmente, nós trabalhamos no SESC - primeiro, com trabalho de grupos que depois passou a ser... grupos de convivência e hoje se denomina Trabalho Social Com Idosos. A prática física se tornou uma atividade tão importante - não só de atração de pessoas para participarem do programa do SESC, mas como de satisfação das

pessoas idosas com o trabalho. Quando organizamos o primeiro programa de Escola Aberta da Terceira Idade, introduzimos as práticas físicas com área obrigatória. Isso diferenciava com o modelo que eu havia conhecido em Toulouse, na França, que era puramente teórico. Porque?

ST - Que é de setenta e três, de "Toulouse"...

MS - É... era mais ou menos assim: os docentes utilizavam algumas horas excedentes de sua carga horária, não comprometidas com a docência nos cursos, para organizarem cursos diversos que eram oferecidos aos idosos, ou, eventualmente, aceitavam alguns idosos naquelas disciplinas que não tinham preenchido o número de alunos regulares. Eram sempre aulas teóricas, mais na linha da filosofia, sociologia, antropologia, política, história, e outras disciplinas na área cultural. Não tinha nenhuma atividade prática, nem práticas físicas, nem na área de expressão sensível. Quando nós no SESC, montamos esse programa e o chamamos "Escola Aberta da Terceira Idade". O sucesso da atividade física nos grupos de convivência já era tão forte, que todas as escolas implantadas tinham um segmento só de atividade física. Cada aluno ao fazer a montagem das disciplinas que iria cursar tinha de escolher alguma prática física. As disciplinas estavam divididas em três áreas de concentração: práticas físicas, cultura e informação e atividades de expressão sensível (artes). Nas práticas físicas tinha: ginástica rítmica, ginástica corretiva, ginástica postural, Yoga e natação

ST - Hidroginástica...

MS - Não se falava em hidroginástica. Isso veio um pouco depois..

ST - E qual era o nome?

MS - Não sei bem...

ST - Ginástica na água...

MS - Depois surgiram os esportes adaptados, adaptamos um número expressivo de esportes para a terceira idade: basquete, vôlei, futebol

ST - E como é que eram essas adaptações?

MS - Eram movimentos que não ofereciam riscos físicos, com um desgaste mínimo, obedecendo os limites do idoso.

ST - O primeiro núcleo que começou com atividades físicas no SESC, qual foi?

MS - Foi o SESC Vila Nova, atualmente denominado de SESC Consolação

ST - E eram para sócios do SESC?... Ou era aberto?...

MS - Não, trabalho com idosos foi sempre aberto à todos da comunidade...

ST - Tinha mensalidade?... Tinha alguma coisa?...

MS - Não.

ST - Gratuito?...

MS - Alguns grupos cobram uma pequena mensalidade para administração do próprio grupo. Não para o SESC

O que acontece é que existe uma política de taxas de pagamento de algumas atividades, ainda que simbólico, o pagamento, mas é uma maneira de você valorizar a atividade.

ST - Nessa época também se cobrava simbolicamente?

MS - Sempre se cobrou porque essa é a cultura do SESC.

ST - O que que era e quanto era?

MS - Não, não lembro.

Qualquer coisa nesse sentido, porque era bem simbólico mesmo... às vezes, eram cinco reais para fazer todo o conjunto de atividades, mas pagava porque era uma maneira de ele dizer, e até exigir... Muitos diziam: "eu pago, só que está uma porcária - porque velho adora reclamar - e, às vezes, as atividades mereciam sofrer

alguma melhora. Então, a origem do trabalho foi essa .As atividades físicas ganharam, tanta expressão que representam, em todos os Departamentos Regionais do SESC uma atividade de grande significado, tanto para melhoria da higidez física quanto da elevação da auto-estima.

Em palestras e cursos que realizo por todo o país, percebo que muitos profissionais de educação física embora atestem o valor da atividade para idosos, ainda não atingiram a compreensão de resultados mais profundos, como por exemplo, que a elevação da auto estima do velho por sentir-se fisicamente mais capaz de movimentar o seu corpo, interfere numa questão psico-emocional fundamental do envelhecimento: a rejeição narcizistica do corpo que envelhece, possibilitando que o idoso possa voltar a investir no seu corpo. Essa é a explicação para as mudanças de atitude tão percebidas nos idosos que praticam atividades físicas, porque todos percebem o ganho de disponibilidade, o ganho de higidez, o ganho de mobilidade e, acima de tudo, a compreensão dos seus próprios limites e possibilidades., voltando a investir no seu corpo. Cuidado deve ser tomado para que não ocorram exageros que é uma situação perigosa. A sociedade brasileira apela muito para a jovialização da velhice, porque a juventude é sinônima de força, de competência, e a velhice é sinônimo de decadência. Quando o velho quer se sentir melhor, ele tenta se comportar como jovem, não só na atitude, mas fazendo aquilo que o jovem faz e parecendo ser jovem, porque aí ele começa a fazer parte do tal "velho fora de série"... ele é velho, sim, porque ele tem a idade da velhice, mas ele é "fora de série" porque se deferência dos demais.

ST - As características...

MS - As características normais de uma pessoa daquela idade... Então, todos querem fugir da velhice, já que não podem fugir em termos cronológicos, nem em termos da própria aparência do corpo, mas fogem em termos da postura...

ST - Seria até o motivo da criação da "terceira idade"...

MS - A terceira idade ou qualquer outra designação que se dê, surgiu como forma de evitar a terminologia velho que apresentava conotações negativas. Entretanto é necessário que se compreenda que a velhice está presente, trazendo todas as limitações físicas, com as quais temos de conviver. Você podia imaginar que a Maria Lenk fosse ter um AVC?...

ST - Na verdade, ela teve um rompimento de carótida...

MS - Pois é... pois é... mais grave ainda...

ST - Fruto da daquele esforço...

MS - Pois é... pois é...

ST - Quem socorreu ela foi um amigo meu, na piscina...

MS - Pois então... podia imaginar?... E fazendo aquilo que ela fez sempre, gente...

ST - Falou que ela queria nadar quatrocentos metros borboleta... Ele falou: "não pode..." Quando ela saiu da piscina, levaram ela para o departamento, ela se recuperou e queria voltar...

MS - É o limite, não tem jeito... o corpo tem um limite, né, e a idade impõe limite porque a higidez, fisiologicamente, você sabe que a partir dos trinta anos o corpo começa a perder e perde sob todos os sentidos, agora, a decisão, sobretudo daquelas pessoas que têm mais oportunidade, têm mais desenvolvimento, mais participação, a estimulação mental é muito grande, não é, e em função dessa estimulação, as pessoas, às vezes, tentam fazer coisas para as quais não estão aptas. Isso é um cuidado que se tem que ter...

ST - Então, só para sintetizar: o senhor descarta a década de sessenta como uma possibilidade de ter começado um trabalho com atividade física para o idoso?

MS - Creio ter sido na década de setenta... sessenta, não...

ST - Entre sessenta e setenta... nada?

MS - Não., final dos anos setenta

ST - Fatos isolados não têm como comparar, mas, institucionalmente, não tem possibilidade?

MS - Não, em sessenta, não... Você pode colocar, rigorosamente... eu te digo de forma científica... É o tal negócio: é que eu não tenho, eu não estou mais lá, mas têm documentos dessa época. Você pode pegar... por exemplo: você deve conhecer aquela revista da terceira idade do SESC, mas começou com os cadernos da terceira idade... era desse tamanho... Eu acho que no primeiro ou no segundo caderno já tem um artigo dizendo qual era. Então, aquele ano é

Entende, porque é mais ou menos na mesma época... mas, seguramente, sessenta, não... Eu entrei no SESC em sessenta e nove para setenta e logo me dediquei a esse trabalho

ST - E já era um absurdo...

MS - Só isso, não tinha nada...

ST - E até o lance do processo que você falou, como é que foi?

MS - Ah, isso foi depois...

ST - Foi em setenta...

MS - É, mais ou menos..

ST - Mesmo assim, provocou...

MS - Não, não foi processo Foi uma indagação.

ST - Não... um... um inquérito?...

ST - Hã...

MS - Uma, que eles me chamaram, os médicos me chamaram pra explicar porque eles acharam que um absurdo... e me chamaram, como é que se diz?...

ST - Mas foi uma comissão?...

MS - Foi, foi um grupo...

ST - Não foi um grupo isolado, representativo?...

MS - Foi, foi... mas, evidentemente, a nível de, não de processo.

ST - Entendi...

MS - ... de oficial, de formal... foi para explicar aquilo, né?... Eles não tinham visto isso. Agora, paralelamente, aconteceu uma coisa que alguém, que eu não sei, disse que eu estava sacrificando os velhos no SESC, fazendo atividade física, e aí eu fui envolvido numa CPI do Congresso Nacional e de... de pessoa indiciada para depor, eu me transformei em consultor da CPI...

ST - (risos)

MS - E trabalhei com eles, até o final... ficaram tão surpresos que novas visões surgiram e também por isso foi daí, desse meu depoimento na CPI - você veja como as coisas são, como as coisas na vida acontecem, não ao acaso, mas parece que tem alguém, numa outra dimensão, que organiza as oportunidades: eu fui pra CPI, porque eu fui convocado - evidentemente que eu fui e respondi à CPI - e nesta CPI tinham duas pessoa muito, muito, que lideravam a CPI... Os dois eram daqui: um era o senador Nelson Carneiro, e o outro era o Miro Teixeira, que, na época, tinha sido, era o primeiro, ele era deputado, era o primeiro mandato dele como parlamentar e ele tinha sido, na história da República Brasileira, o deputado mais votado - agora, não, já tem (dois) mais votados que ele - mas, na época, ele foi o deputado mais votado na história do Parlamento Brasileiro e, evidentemente, novo, muito jovem na época, querendo fazer a sua, buscando, certamente, os seus cartéis, seus cartéis, a organização dos seus cartéis políticos, viu, evidentemente, na questão da velhice,

uma questão virgem, uma oportunidade. Então, os dois me deram muito, muito espaço, me chamavam sempre pra discutir... (Então), de indiciado, eu passei a ser consultor daquilo até que, né, e isso me deu muito acesso à pessoas, à organizações... Bom, e o SESC, na época, o SESC nacionalmente era presidido por esse senador também, chamado Jessé Pinto Freire - ele fazia parte da CPI, né... Depois que eu dei o depoimento na CPI... foi... aí... ele, ele, ele... terminou o depoimento, eu fui ao gabinete dele levar uns documentos, umas cópias de documentos pra ele e aí o gabinete dele lá em Brasília foi invadido por senadores e deputados porque eu sempre, quando me pronunciei a respeito do (trabalho) no SESC, eu nunca fiquei (nesse negócio) "SESC São Paulo", porque eu acho isso antipaticíssimo, esse negócio de você ficar só... Eu sempre disse SESC, SESC... Logicamente, sim, quando era uma referência importante e originalmente dizia que eu era, todos sabiam , que eu era funcionário do SESC e que o trabalho que eu fazia era no SESC de São Paulo, mas eu nunca fiquei marcando...

ST - Bairrismo...

MS - É... eu acho isso horrível... essas coisas...

ST - Hum...

MS - Eu não gosto desse tipo de coisas, né, mas eu nunca fui assim... Os deputados chegavam no gabinete, "Jessé, mas isso é maravilhoso!..." Aí saíram os deputados e senadores e ele disse assim: "Você pode ficar aqui até amanhã?"... "Posso... ligo lá para São Paulo, digo que o senhor pediu"... "Você pode vir aqui amanhã, às dez horas da manhã?"... Disse: "Posso." Mandou a secretária dele ligar para o (Departamento) Nacional, que era lá na General Justo, não era... agora você conheceu lá na...

ST - Na Barra...

MS - Ele mandou chamar dois assessores dele "Quero vocês aqui amanhã". No dia seguinte, dez horas da manhã, eles estavam lá. Aí ele entrou na sala e disse assim: "Marcelinho..." - ele me chamava de Marcelinho - "vai dizer a coisa maravilhosa que você faz. Quero esse trabalho implantado em todo Brasil." Daí, quer dizer, por ordem, por decisão de Jessé Pinto Freire, a partir desse depoimento na CPI, que ele mandou implantar o trabalho em todo o Brasil, porque o SESC Nacional não executava - tanto que quando eles começaram a tentar fazer o trabalho, já tinha o trabalho implantado em diversas unidades do Nordeste, que foi orientado pro mim, cedido pelo SESC de São Paulo... Eu comecei o trabalho em Belém do Pará, comecei o trabalho do Ceará, comecei o trabalho em Santa Catarina, comecei o trabalho do Paraná, comecei o trabalho do Rio Grande do Sul, comecei o trabalho de Brasília, comecei o trabalho do Rio de Janeiro, né, comecei o trabalho do Sergipe, comecei o trabalho do Rio Grande do Norte porque...

ST - Pelo Ministério?...

MS - Não, pelo SESC, mas pelo SESC de São Paulo, porque os regionais () alguma coisa, aí eu ia lá, fazia um curso, () um trabalho de reflexão e aí o trabalho ia se implantando...

ST - É... e qualquer documento que você tenha, vê se tem alguma coisa - "Ah, esse aqui acho que pode te ajudar"... um dado...

MS - Eu não tenho muitos documentos porque quando eu me aposentei, eu doe .

ST: E academia você via muitos idosos?

MS - Academia quase não existia... Uma pessoa de mais idade não tenha se matriculado, mas... tá entendendo?... mas não era coisa voltada...

ST - Não... eu digo assim, um trabalho voltado para com uma filosofia, uma preocupação...

MS - Não, não... lógico que uma pessoa de mais idade...

ST - Aí não tem como comprovar...

MS - É

ST - Mas aí não é hegemônico... eu digo assim...

MS - É, exatamente...

ST - É um grupo que se junta assim, vinte pessoas...

MS - Até porque essa referência de que aquilo começou lá mesmo - lógico que rapidamente se expandiu, não ficou uma coisa "*ad eterna*", não...

ST - Mas porque aí as pessoas começaram...

MS - Não, não, muito rapidamente... A atividade física é o que eu digo pra você: foi a maior surpresa, porque eu não tenho essa formação - quer dizer, até me aproximei muito porque agora eu dou aula de pós graduação no curso de educação física da Universidade Federal do Amazonas...

ST - Ah, é?...

MS - De Gerontologia, quer dizer, mas para profissionais de Educação Física. Então, até adquirir, em função dessa proximidade com profissionais que estão fazendo pós graduação, uma certa intimidade com a área, mas, antes, eu não tinha nenhuma e, evidentemente, trabalhava maciçamente na minha área, que é a área cultural, da educação... Nunca imaginei, né, que pudesse, o grande "*boom*" de crescimento do trabalho - crescimento em termos de público freqüentador, viesse pela atividade física!... E foi, cara!... Foi um fenômeno!... Foi um fenômeno!...

ST - E as pessoas buscavam por quê?...

MS - Exatamente porque, pela referência de "boca a boca" dos outros, que estavam se sentindo bem, que era maravilhoso, né, a ... a... e vieram pela preocupação de cuidar do corpo... quer dizer, se não fosse a referência dos outros, era a vontade de fazer alguma coisa pelo seu corpo, entende?...

ST - E tinham pesquisas sobre esses grupos na época?

MS - Não...

ST - Nem o material humano na sua mão, não se desenvolveu nenhuma pesquisa, entrevistou algumas pessoas que faziam na época...?

MS - Não, isso tem.

ST - Tem?...

MS - Mas aí nas unidades, né?...

ST - Mas será que nem essas unidades primeiras não têm, não?... que possam ser...

MS - Não, com certeza, não... Essas eu te garanto que não e vou dizer porque: as pessoas que iniciaram, foram as pessoas que não acreditaram, foram quase, quase que nem esse profissional que te falei que era até, por sinal, ele era muito bom, mas ele não acreditava...

ST - Qual é o nome?...

MS - Ah... eu acho que era Robson...

ST - Robson?...

MS - Não, não... não era Robson, não, era outro nome... Ele era um dos que não acreditava... O primeiro grande problema que nós tivemos, inclusive com esse profissional, é com um médico da unidade, que já não é mais do SESC, até com uma senhora que era mãe de um colega meu, que tinha um cargo até mais elevado que o meu no SESC e, um dia, veio se aconselhar que a mãe dele estava engordando muito, estava muito parada, e ele gostaria que a mãe fizesse alguma coisa, se podia fazer... Eu disse: "pode, não tem problema nenhum"... A sua mãe vai fazer o que, né, mas sobretudo um exercício aquático, alguma coisa a nível

de... de..." Porque a gente começava a orientação... Eu sempre procurei dar... Vamos começar com coisas práticas, com tipos tentando avaliar o movimento que a pessoa faz no cotidiano, até para corrigir postura, como a dona de casa, como ela passa uma vassoura na casa, como as pessoas se abaixam...

ST - Que hoje é a funcionalidade...

MS - Que hoje... que hoje é.

ST - Que hoje é a funcionalidade, né...?

MS - Mas na época era... mas, besteira... não é besteira... tem que ser por aí... tem que ser por aí... com o tipo de mobilidade como a pessoa se levanta... como a pessoa se senta...

ST - E essas suas idéias eram novas na época...

MS - Imagina por quê?... Por causa da observação... Não é que eu conhecesse alguma coisa na, mas eu observava. Eu acho que a minha grande riqueza no desenvolvimento foi sempre estar muito voltado para observar os velhos, para conversar com os velhos, para ouvir os velhos... Eu aprendi muita coisa em universidades, mas aprendi, rigorosamente, é ouvindo os velhos, convivendo com eles, dando tempo pra eles, mas, talvez, porque eu tivesse essa, naturalmente, essa inclinação e boa parte dos profissionais que iniciaram o trabalho nem... - não que não gostassem, mas necessariamente, não tinham essa paixão, né... então, não observavam e não viam... E daí que vinham as idéias - eu não tinha nenhuma leitura a respeito disso, não tinha nenhum conhecimento, mas percebia que devia se por aí que a gente devia iniciar... Enfim... e aí, essa senhora... ah, tá bom... Ele chegou em casa, tanto falou com ela que a mulher se interessou e foi lá pra unidade que é essa unidade que eu te falei... Chegou lá, tinha que passar por uma entrevista com o médico, né... O médico chegou pra ela, olhou e disse assim: "Dona Carmem, com esta idade, com este corpo, com estas varizes que a senhora tem na perna... a senhora é louca!"... A mulher voltou para casa desesperada!... Aí ele me chamou - o colega, e me disse: "Marcelo, como é que você me me indica uma coisa dessas para minha mãe e ela vai lá e o médico diz isso?... Eu disse: "Não acredito que isso possa estar acontecendo... não é possível!"... Aí convocamos uma reunião, foi o diretor regional, convocamos uma reunião de todos os técnicos do SESC de educação física e todos os médicos da unidade. Os médicos da unidade fazer exame para a piscina ou uma pequena avaliação da atividade física. Outro tipo de programa não existia, né, era só isso... O que eu ouvi naquela reunião me espantou de ver...

ST - A rejeição...

MS - A limitação, tanto dos médicos quanto dos profissionais de educação física, mas não era porque eles desconhecem era porque eles partiam do preconceito que era... Hoje eu compreendo na época eu me revoltei contra... Hoje eu entendo: porque eles faziam parte, eles tinham aquela cultura coletiva, era senso comum de que o velho era frágil, que o velho não tinha possibilidade, que o corpo do velho... entende?... Era isso: que era perigoso... Não pode ser perigoso, gente!... A gente faz um baile, eles dançam a noite inteira aqui, bebem feito um condenado, estão ótimos no dia seguinte né?... Meu pai morreu com um câncer progressivo de pâncreas e sobreviveu três anos com esse câncer. De noventa e poucos quilos, ele morreu com trinta e três quilos. Só foi hospitalizado na semana que morreu... Tinha dia que ele tomava uma dose tão grande de morfina à noite, que amanhecia sem dor, vestia o *short* - ele sempre foi atleta - caía no mar, nadava até a metade da Baía de Guanabara... Quando ele era jovem, ele... ele... meu pai foi um importante funcionário do Cassino da Urca...

ST - Ah, é?...

MS - E ele tinha um time de futebol. Então, ele fazia, organizava campeonatos, atravessava a Baía, os empregados, nadava até o meio e voltava. Um homem com câncer, terminal, com trinta e três quilos...

ST - Com quantos anos?

MS - Setenta e seis anos de idade, né... No dia que ele, que ele não amanhecia incomodado pela dor, a única coisa que ele fazia... aí ele bebia, porque gostava de uma bebida (risos) ... aí ele já não tinha dor, caía na cerveja, (risos) , né, e ficava ótimo .

São exemplos que mostram que não tem essa... A velhice não é um fato universal... Ela não é universal para todas as pessoas... Ela tem características universais, mas a velhice é um fato individual pra cada um, né... Ela tem as características, tem as singularidades, mas ela se processa de maneira diferente em cada corpo, em cada organismo, em cada mente... É a história de cada um... A velhice é um fato multidimensional porque existe a velhice física, existe a velhice social e a velhice existencial. É, talvez, a... o maior comprometimento positivo ou negativo é a velhice existencial, que é exatamente a dimensão que você faz da sua vida no tempo da sua velhice... A física segue um processo natural de decadência, ou de modificações, ou de perdas, mas pode ser mais ou menos acelerado, mais grave, mais comprometedor ou menos comprometedor...

ST - Hã... hã...

MS - Nem sempre os velhos são pessoas frágeis.

ST - Não...

MS - Muito pelo contrário. Você sabe que uma pessoa que enfarta numa idade mais avançada, tem muito...

ST - Mais chance de sobreviver...

MS - Mais chance de sobreviver que um jovem... Enfim, social é a função, é a ocupação espaço-social, e a existencial que é uma coisa que está muito mais na emoção, na... Isso, essas três dimensões do envelhecimento, configuram uma particularidade para cada um no seu tempo de envelhecimento... Lógico, você envelhece porque o corpo envelhece você perde espaço porque todos perdem espaço, não se dá como consolo, e você tem, pode ter comprometimento do seu prazer de viver em função de mais ou menos oportunidades que você tenha, mas e como cada um processa essa três dimensões do envelhecimento que estabelece a diferença Tem pessoas velhas muito infelizes e tem pessoas velhas muito felizes, mas também tem jovem muito infeliz... Outro dia eu vi, um depoimento da Dercy Gonçalves, e ela dizia o seguinte: Em cada dia que amanhece, eu fico, às vezes, uma hora, uma hora e pouco na cama, dizendo assim : eu acho que eu vou morrer porque eu não tenho ânimo, o corpo não reage, eu não tenho força pra nada... aí eu vou dando ordens a minha mente, me levanto". e ajudada pelas pessoas que a assistem , me banho e me arrumo , me visto, pinto a cara, escolho minhas roupas , me produzo toda e saio na rua. Quando ponho o pé na rua, já chega uma pessoa e diz: "Dercy, me dá uma abraço". Aí, aquilo me faz reagir . Aí, entro num bingo, como bola o tempo inteiro porque não ouço nada que eles estão falando, aí me levanto e digo assim: "isto é uma droga, isto é uma roubalheira, esse bingo não presta"... Aí todo mundo bate palmas: "Legal"... Aí, saio, vou para outro bingo, faço a mesma coisa. Ela confessa que a cada dia ela não sabe se tem que morrer ou se tem que viver, porque o apelo, ela diz, o apelo do corpo é pra se entregar, é para morrer... Depois ela vai pensando, pensando, a mente começa a ficar mais ativa e o apelo da vida a faz reagir. ela deve tomar medicamentos, vai relaxando e aí vai

compondo uma outra história, uma outra decisão e a decisão faz ela reagir . A gente não pode tentar universalizar muito o ser humano... O ser humano é único, é sutil, é enganoso... Aquele que quer botar dentro de normas rígidas, está perdendo tempo, porque não é assim que as coisas acontecem. E assim é a velhice....

ST - Bom, queria te agradecer...

MS - Você, qualquer dúvida você pode me mandar...

ST - É, eu vou te escrever... e vou te mandar...

MS - Anota meu telefone...

ST - Posso tirar uma foto contigo?

MS - Lógico... se você não for pra colocar no açucareiro para espantar as formigas

ST - (risos)Queria te pedir depois... pra você... Eu estou até te chamando de você porque...

MS - Lógico... que isso?

ST - Onde está o papel?

MS - Você me manda... qualquer dúvida... vou verificar isso pra você... Eu vou estar em São Paulo até... eu vou... estou indo para São Paulo agora, mas estou indo viajar, só vou estar em São Paulo na outra semana, aí eu verifico isso pra você...

ST - Isso aqui é o seguinte: é uma exigência do curso de mestrado, doutorado, que é pra dizer que eu vou usar sua entrevista... só botar o nome e a data... que eu vou usar a entrevista somente com fins acadêmicos, não existe outra finalidade que não seja a produção da tese...

MS - (risos) Não teria nenhum valor... não sou nenhuma personalidade, não sou nenhum Roberto Carlos...

ST - É, mas...

MS - Ele está ali...

ST - O barco, né?... o barco dele ficava ali...

MS - Não, tem a cobertura ali... tá vendo ?... Tem um prédio meio acizentado... não tem aquela parede branca, paredão branco do lado de lá?...

ST - Ah, tô vendo...

MS - É lá que ele mora...

ST - Ah, sim...

MS - Que dia é hoje?

ST - Vinte e um... meu aniversário foi segunda...

MS - Ah, garoto...

ST - São vinte e seis de abril agora, uma coisa que eu... é engraçado... Eu tenho estudado isso já uns dois anos e eu vou lhe mandar uma cópia, mas...

MS - Não deu tempo de te dizer meu telefone, Sílvia... *e-mail* você tem, né?...

ST - Hã?... É... é minha... Hoje que eu entendi o que é velhice... A gente lê, o que eu já li, o que eu já escrevi, e tudo que a gente falou aqui... É engraçado que a gente... E aí eu até... Queria agradecer, muito obrigado, e espero tornar isso público. Obrigado, Marcelo.

Anexo 7

ENTREVISTA COM O PROFESSOR, MÉDICO: MAURÍCIO ROCHA

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 2006

O professor Maurício Rocha, apesar de muito lúcido tem sua voz extremamente prejudicada por problemas de saúde, o que em muito, dificultou a transcrição da entrevista.

Silvio Telles (ST): Como surgiu o laboratório? Quais foram suas primeiras intenções ao montar o laboratório da UFRJ?

Maurício Rocha (MR) : O LABOFISE foi inspirado no Projeto Brasil, de minha autoria, cuja intenção era levantar as condições físicas do Homem Brasileiro. Esse projeto atuou no Amazonas, Pará, Piauí, Teresina, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiânia, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

ST : Grande, extenso?

MR : Demorou muito tempo.

ST : Quanto tempo?

MR : Não sei.

ST : Mais ou menos em que época? Década de 70?

MR : Não. Muito antes.

Logo em seguida, ele (MR) pega seu livro, o qual tem todos estes Estados, comentários e histórico do Projeto Brasil e pessoas que trabalharam com ele: Edmundo Novaes com sua esposa Elen.

ST : Esse projeto tinha alguma preocupação com o idoso?

Neste momento, o entrevistado abre o livro⁴² e mostra onde continha pesquisas com pessoas de idade mais avançada incluindo assuntos, como: doenças peculiares do idoso, estudo da hipertensão, teste de esforço, diabetes, obesidade e exercícios peculiares ao idoso.

ST : Quais as pesquisas que o Sr. fazia com idosos no laboratório? E as linhas eram essas?

MR : Eram feitos testes ergométricos, antropometria e exames laboratoriais com idosos.

ST : Por que o Sr. se preocupou com isso? Qual foi o motivo que o levou a pesquisar nesse momento, quando ninguém falava sobre idosos?

Nesse período de início do Projeto Brasil, no mesmo ano ou pouco depois, eu não acho nada de pesquisas sobre idosos, ninguém que tenha tido essa preocupação. Por que o Sr. teve essa preocupação?

MR : Encontrei muitos idosos nos locais onde visitei no Projeto Brasil. Quando fui nesses locais para pesquisar sobre a condição física do homem brasileiro, encontrei muitos idosos ainda trabalhando para sobreviver.

ST : Meu trabalho é sobre a construção do campo das atividades físicas para idosos no Brasil.

⁴² ROCHA, Maurício Leal. **Aspectos diversos da medicina do exercício**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

MR : O segundo volume do livro vai trabalhar com idosos e seus problemas correlatos.

ST : Nessa época foi 70?

MR : Não. Foi muito antes.

ST : Então foi década de 60?

MR : Não. Foi em 1956.

ST : Você tem algum material?

MR : Eu tenho uma tese feita na Suécia. (*A filha que estava presente que ele comenta que ele foi à Suécia duas vezes por dois períodos grandes e foi condecorado, agraciado pelo Dr. Vegelius um médico famoso*).

ST : Quando o Sr. começou a fazer trabalhos com idosos as pessoas não estranharam?

MR : Sim, um pouco. Porque o homem do interior não tinha idade para parar de trabalhar. Não havia sequer preocupação sobre uma idade em que o idoso poderia deveria para de trabalhar quem dirá quanto à atividade física do idoso...a atividade física desportiva não era uma preocupação geral naquela época. Era apenas relacionada a atividade profissional.

ST : Ele tinha que trabalhar indefinidamente...

MR : eu tinha fotografias de indivíduos que estavam trabalhando com 70 anos, ou seja, bem idosos. Isso em 1956. Eu participava de competições até bem pouco tempo, pois eu sou “velhice transviada”. Nestas competições havia travessias, e eu fazia Paquetá - Rio de Janeiro.

ST : O Senhor fez esse estudo no Projeto Brasil com indivíduos idosos que não praticavam atividade física regularmente. Pois eles faziam atividade física para sobreviver, pois tinham que trabalhar até muito mais tarde. Quais foram as descobertas que o Sr, fez no âmbito na Geriatria ou Gerontologia no Labofise? E qual foi a sua contribuição para a vida do idoso?

MR : Hoje, inclusive, estou escrevendo o segundo volume do livro, que falará sobre idosos. Estou tendo vários colaboradores, cada um escreve um artigo, como: Marcos Forte(vivo e no exército), Sônia Cavalcante, Carla Patrícia, Cláudio Gil.

ST : Qual foi sua principal conclusão naquela época sobre idosos?

MR : Naquela época os idosos já trabalhavam até mais tarde e aí surgiu a preocupação com a preparação física destes idosos, que precisavam suportar esse tipo de atividade. Eu sugeria às pessoas, que andassem, marchassem em trotes, fizessem algum tipo de jogging, cortar lenha, nadar. Elas já faziam isso no seu cotidiano para sobreviver.

ST : Você acha que seu trabalho com idosos foi precursor no Brasil?

MR : Eu acredito que sim. Mas na Suécia já havia esse tipo de preocupação.

ST: é interessante saber disso, que o senhor já tinha preocupação em fazer alguns trabalhos físicos com idosos, porque eu tinha um artigo de 1968, com Fernando Telles Ribeiro, que escreveu um artigo do comitê búlgaro falando sobre atividade física com idosos especificamente. Ele relatou que o próprio artigo achava incrível, pois já existia ganho de hipertrofia muscular em idosos que praticavam atividade física regular. Eu digo que hoje isso é banal, mas que em 1968 era interessantíssimo este tipo de descoberta.

MR: Faça atividade física até hoje, como: natação, hidroginástica. Tenho uma pequena camada de gordura e completo neste ano 90 anos. Apesar da idade, continuo praticando atividade física.

ST : Era fácil conseguir pessoas para fazer os testes nesta época?

MR : Não era fácil conseguir pessoas de idade.

MR : Minha filha não é médica, mas receita igual médica.

ST: (risos)

Comentário da filha: na época do labofise, ele juntou várias pessoas para trabalharem com ele, e até mesmo mandou-lhes fazer um curso no exterior para aprender mais e produzir mais.

MR : Paulo Sérgio foi um dos meus assistentes no período do labofise.

ST : O senhor tem algum dado, alguma coisa relevante deste período de 1956?

MR : Na minha casa tem muita coisa, mas é muito difícil de achar devido à idade, e de três em três meses passo um período com cada uma das minhas filhas.

O entrevistado aponta em seu livro considerações acerca de fisiologia, mostrando que ele dá indícios de trabalhos com idosos, onde havia um quadro que mostra estudos com idosos em 1956.

ST: Qual a data do livro que você está lendo?

MR: A data é recente, 2004. Mas que deve ter sido transcrito de 1956. Eram voluntários que giravam em torno de 55 anos até 70. Ele fez Cardiologia e depois Fisiologia.

ST: Então já haviam atividades com testes no Labofise em 1956 na UFRJ.

Então você já fazia atividade física com idosos em 1956? E ninguém sabia...

MR: É né, fazer o quê?

ST: O Sr. tem alguma coisa escrita sobre o projeto Brasil?

Ele aponta que no próprio livro tem um histórico logo no início.

ST: Quando o Sr. saiu do Labofise? E por quê?

MR: Em meados de 1980, pois me aposentei.. Tenho três especializações: radiologia, Fisiologia e... (neste momento não conseguiu falar e continua a folhear o livro). Fiz quatro livres docências uma na época do Carlos Chagas, outra com o Peregrino.

ST: As descobertas e trabalhos feitos no labofise influenciaram na concepção do idoso, principalmente no meio acadêmico neste período?

MR: Sim, pois trabalhou muito a questão da aptidão física, motora, qualidade de vida, tudo isso ligado aos idosos, que na época não tinham nenhum tipo de trabalho visando estas valências.

ST: Então o Sr. preconizava a idéia que praticar atividade física depois de mais velho era saudável?

MR: Sim. Até hoje digito, escrevo, sou uma velhice transviada. Tive trabalhos com Psicologia, capacidade, atividade motora, treinamento desportivo.

ST : Desses anos da sua participação no labofise para a posteridade o que diria sobre o que foi mais importante no tocante às descobertas para o idoso? O que o Sr. considera relevante para o campo de atividade física para idoso numa época em que não se falava isso?

MR : Evitar fadiga e supertreinamento, esclarecendo os limites dos idosos. Arteriosclerose, efeitos do treinamento, doenças coronarianas. Fiz testes para evitar a morte súbita. Meu sobrinho Destro Souza Aguiar, foi chefe da ortopedia, com quem comentava muito sobre esta questão, apesar de ser ortopedista .Disputava remo, o cara com quem competia tinha 37 cm de braço, quase a minha coxa. Não consegui vencer, mas ficou faltando 3 segundos para isso

ST : Você conheceu o Antônio Boa Ventura da USP?

MR : Sim.

ST : O senhor sabia que ele trabalhou com idosos?

MR: Não, não sabia não.

ST: O início das suas pesquisas foi com intuito de falar da condição física do homem brasileiro (homem adulto e idoso). Fazia atividades com idosos em esteiras, antropometria, para descobrir o limite dos idosos e evitar a fadiga e supertreinamento e a reboque disso, acabou estudando diabetes, arteriosclerose, doenças coronarianas e hipertensão. Muitas pessoas trabalhavam com ele, realizando os testes, tantas que não se sabe dizer quantas ao longo deste tempo. O trabalho era feito com todas as faixas etárias, não só com idosos. Seus estudos iniciaram na Suécia, ratificando que seus estudos foram inéditos neste período.

ST: Posso tirar uma foto com o senhor para posteridade.

MR : Vou tirar os óculos, pois vai dar reflexo.

ST : O senhor relaciona o SESC a algum trabalho com idoso?

MR : Sim . Eles sempre gostaram de velhos.

ST : A senhor sabia o que era feito no Sesc, E quando começou o trabalho?

MR : Era trabalho social, como eu não sei.

ST : O senhor tem alguma ligação a ACM? Tinha algum trabalho com idosos lá?

MR : Eu lutei judô lá, mas não lembro de nenhuma atividade com idoso no período em que eu estive lá. Eu sou quarto DAN do judô, e também fiz capoeira, ginástica olímpica, esgrima desde o colégio militar. Minha família é tradicionalmente militar.

ST: Quando o senhor acha que os idosos começaram a fazer atividade física no Brasil?

MR: difícil dizer.....acho que lá pelos anos 70 ,80...não era comum...

ST : O Senhor escreveu muita coisa sobre idosos e atividade física?

MR : Escrevi 181 artigos, dos quais mais a frente irei lhe mostrar. Tenho 280 artigos em congressos.

ST : O senhor tem algum trabalho especificamente de idosos em congresso, neste período do Labofise?

Neste momento ele pede ao rapaz que toma conta dele que pegue o currículo. O rapaz comenta que o currículo é muito grande, parece um livro.

MR : Perdi minha mesada, tudo, porque optei pela medicina, e na época, fui de encontro à família que desejava que eu fosse militar, seguindo a tradição.

Olha aqui meu currículo, eu iniciei meus estudos na Suécia em 1952 indo até 1956, quando criei o Labofise, na UFRJ.

ST: Vou ler altos os títulos para gravar , ta?

Título dos trabalhos publicados:

- Condrodistrofias (doenças correlacionadas com idoso), artrites e artroses – Revista Brasil Médico em 1949;
- Espondiartropatias (doenças correlacionadas com idoso), conceito, classificação e caracterização - Revista Brasileira de Medicina em 1953; p.3. R.J
- Sístole e Diástole após o exercício submáximo em 1957;
- Co-autor do boletim sobre Interval Training da série publicada pela divisão de Educação e Cultura em 1959;
- Trabalho de Arteriosclerose em colaboração com o grupo do Instituto de Cardiologia;

- Influência dos exercícios físicos sobre o volume cardíaco - Tese de docência à cadeira de fisiologia aplicada da Faculdade de Educação física e desportos em 1961;
- Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo em 1969;
- Viver bem, até os 100, em parceria com o professor Luís Santos, 1969; Ed. Fórum, RJ;
- Testes respiratórios em indivíduos de 08 a 65 anos - casos colhidos na rota do projeto Brasil, 1974;
- Aptidão Física – Programa fundamental para a saúde, para o desporto e para a vida. (Revista de Educação Física do Exército – Rio de Janeiro - 1976);
- Atividade para prolongar a vida, recuar a velhice ou prolongar a mocidade (revista Brasileira de gerontologia - junho de 1977, Rio de Janeiro);
- O curso inexorável da vida;
- Atividade Física do idoso - uma mesa redonda do Simpósio Internacional de Medicina Esportiva – publicado na revista Esporte ano3. vol.2. 1984;
- Como manter-se ativo na velhice- Ed. Cultura médica - 1976 Martha Scharll (Traduzido pelo profº Maurício Rocha em 1988);
- Treinamento Intervalado em idosos e cardíacos, com a colaboração da professora Irene Blanc - publicado na Revista Prática hospitalar e Urgência - 1989. ano4. vol.4 nº6;

ST : Você conheceu o Professor Lamartine da Costa?

MR : Sim, muito. Ele foi um dos precursores com trabalho de Interval training. Deve ter alguma coisa para te contar também

ST : Muito obrigado espero vê-lo novamente...

MR : De nada, o importante é ajudar